

JANETTE OKE

LAUREL OKE LOGAN

RETORNO ao
OESTE CANADENSE

第 2 卷

ONDE
A CONFIANÇA
RESIDE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JANETTE OKE
LAUREL OKE LOGAN

RETORNO ao
OESTE CANADENSE

2

ONDE
A CONFIANÇA
RESIDE

Onde a confiança reside

Retorno ao Oeste Canadense Livro 2

Janette Oke, Laurel Oke Logan



Famílias

A Família Thatcher

Beth - Elizabeth Thatcher

Mãe - Priscilla Thatcher

Pai - William Thatcher

Julie - irmã de Beth, quatro anos mais nova.

Margret Bryce - irmã casada de Beth, dois anos mais velha.

John Bryce - marido de Margret.

JW Bryce - filho de Margret, sobrinho de Beth.

A Família Montclair

Charles Montclair - sócio na empresa do pai de Beth e amigo da família

Edith Montclair - a mãe de Edward e a amiga mais próxima da mãe

Edward Montclair - amigo de infância e futuro pretendente de Beth

Victoria Montclair - irmã adolescente de Edward

Outros

Jarrick “Jack” Thornton - o par romântico de Beth *Onde Coragem Chamar*

Emma - a empregada da família Thatcher

Srta. Lucille Bernard - a babá de JW

Lise - a criada da família Montclairs

Monsieur Emile Laurent - guia francês e amigo do pai de Beth
Penny, Jannis e Nick - amigos a bordo do navio 6

Capítulo 1

Beth segurou a sedosa pétala de rosa e a puxou com cuidado, até libertá-la de seu receptáculo na flor ainda perfumada. Que pena! Se ao menos tivesse uma maneira de preservar o buquê inteiro. Mas durante grande parte da viagem, ela se ocupou em contemplar a cena de sua chegada na estação de Toronto, e essa parecia ser a melhor solução. Se descesse do trem carregando uma caixa de rosas desbotadas, a mãe seria na mesma hora alertada para o fato de haver muito mais a contar sobre o ano letivo em Coal Valley do que Beth divulgara anteriormente. Isso resultaria numa enxurrada de perguntas e suposições, mais do que ela estava preparada a responder. E Beth não conseguia pensar em melhor maneira de esconder o presente de despedida de Jarrick — enquanto ainda podia entesourá-lo em segredo.

Com um suspiro, Beth soltou outra pétala cor de vinho e com cuidado a colocou com as outras no lenço branco que tinha em seu colo. Ela, é claro, sabia que não precisava colecionar todas as pétalas, mas era triste ter de descartar até mesmo a menor e mais enroladinha entre elas. Beth trouxe o lenço rendado com sua essência deliciosa próximo ao rosto e inspirou profundamente... lembrando-se.

Ainda podia ver Jarrick na estação de Lethbridge, tocando o bolso onde guardara o endereço e o número de telefone de Beth em Toronto. Alto e de ombros largos, seu cabelo acobreado tinha reflexos loiros onde incidiam os raios do sol, o bigode bem aparado sobre o sorriso, que também expressava tristeza pela partida de Beth. Imaginar que logo receberia a primeira carta de Jarrick, quem sabe até ouviria a voz dele na outra extremidade da linha telefônica fez o rosto de Beth ficar corado. *Se ao menos houvesse uma razão para voltar para o oeste. Se ao menos recebesse uma carta em breve, me convidando para lecionar mais um ano em Coal Valley neste outono...*

Beth olhou pela janela de seu compartimento enquanto o trem desacelerava na estação de Toronto. Ela atou as extremidades do lenço e guardou o pequeno pacote perfumado em segurança na bolsa. Em

seguida, desembrolhou outro lenço que estava atado ao redor das rosas restantes, lenço que fora vez após vez umedecido durante a viagem para manter as flores frescas. Ela enxaguou e torceu o lenço na pia da cabine e o guardou em um canto da valise.

Beth sentiu seu pulso acelerar quando soou o apito do trem e a estação apareceu. Com um último olhar nostálgico para as hastes vazias na caixa das flores, Beth pegou a valise e seguiu o cabineiro que carregava mais duas malas para ela pelo corredor estreito.

Passando por outros passageiros, ela desceu os degraus amplos e desceu no firme pavimento. Apesar da expectativa, Beth se sentia exausta. *Chega de trens!* ela pensou com um suspiro. *Pelo menos nos próximos meses. É tão bom estar em casa. Por que viajar consome tanta energia, mesmo quando ficamos, em geral, sentados?*

Beth percorreu o olhar pela estação, para localizar o cabineiro. O que notou primeiro, porém, foi o pai acenando com o braço acima da multidão.

Mas foi a voz da Julie que ouviu.

— Bethie! Estamos aqui!

Beth riu ao ver a cabeça da irmã mais nova balançando de forma intermitente. Ela abriu caminho em meio ao grupo de viajantes diretamente para os braços da família.

— Você está em casa, querida. Bem-vinda de volta!

Beth foi cercada pelos braços de toda família, junto com risos e saudações animadas, e por fim conseguiu falar:

— Não consigo expressar como é bom ver todos vocês! Não há palavras...

— Estávamos tão ansiosos para ter você em casa — disse a mãe rapidamente, dando tapinhas no rosto de Beth com a mão coberta por luvas brancas. — Você parece bem. Você está bem, Beth? Mas parece estar mais magra. Tem comido direitinho?

A mãe se inclinou para examiná-la, que usava o mesmo traje de viagem de quando deixou Toronto no ano anterior.

— Estou bem, mamãe! Na verdade, nunca estive melhor.

Julie se aproximou, agarrando o braço de Beth.

— Tenho tantas coisas para contar! Você mal pode esperar até saber de tudo! É simplesmente glorioso.

Os olhos de Julie dançavam, tamanha sua satisfação, mas ela

foi naquele instante silenciada e cutucada pela mãe.

— Ora, Julie, tudo a seu tempo... tudo a seu tempo.

Virando-se, a mãe disse com rapidez:

— Querida, deixe Julie levar sua bolsa.

Algo no tom da mãe chamou a atenção de Beth, mas, naquele momento, Julie agarrou a valise, e Beth foi envolvida no longo e caloroso abraço do pai.

Enquanto todos falavam de uma vez, eles pegaram as outras malas de Beth, trazidas pelo carregador, o pai pagou o rapaz, e a alegre família dirigiu-se para a rua. Os baús do vagão de bagagem seriam entregues no devido tempo, disse o carregador.

A família entrou no *Rolls-Royce* do pai, e ele assentiu para o motorista. Beth contemplou as longas filas de tráfego em estradas conhecidas e bem pavimentadas, cheias de conversíveis turbulentos, caminhões de entrega e, de vez em quando, um luxuoso carro de turismo — todos desviando de forma aleatória para evitar um bonde que se aproximava ou um pedestre descuidado. *Que enorme contraste com Coal Valley!* Beth pensou maravilhada. *Eu devo ter esquecido...*

Por fim, eles saíram do centro da cidade, passaram por uma área residencial coberta de árvores e pararam no círculo de ladrilhos, que ficava em frente à adorável residência que Beth havia chamado de lar durante a maior parte de sua vida. Ela respirou satisfeita quando a mãe e a irmã saíram primeiro, Julie rindo e a mãe apressando-a com as costumeiras advertências. Beth ficou grata ao perceber que tudo estava como ela havia deixado dez meses antes. Seus olhos ergueram-se para a fachada da casa de pedra de três andares em estilo inglês. *Parece muito maior do que lembrava*, Beth observou quando saiu do carro.

Como se fosse cronometrado, Margret e seu marido apareceram na porta aberta. Beth subiu correndo os degraus da frente e foi direto para o abraço da irmã mais velha, e para o de John também. Mas seu olhar logo estava procurando alguém atrás deles. Margret, expressando um sorriso compreensivo, colocou uma mão no braço de Beth e fez um gesto com a cabeça em direção à larga porta da sala de estar. Beth colocou a mão na boca. Uma pequena figura robusta, com pernas roliças se afastava delas o mais rápido que podia. *Meu amado JW!*

— Margret, ele está tão grande! Oh, está tão crescido.

Uma mistura de alegria e tristeza encheu os olhos de Beth de

lágrimas. Limpando-as com rapidez, ela correu em direção ao precioso sobrinho e tentou pegá-lo em seus braços.

Mas o garotinho se virou e se soltou, refugiando-se atrás das pernas do pai. *Ele não se lembra de mim!* Aquela percepção a atingiu como um vento frio das Montanhas Rochosas. Margret passou o braço ao redor de Beth com uma risadinha.

— Dê a ele um tempinho. Logo, logo vai segui-la por todos os lados, até que esteja implorando por uma pausa.

Beth sorriu, mas ainda lamentava em silêncio. Então, foi ainda mais *abalada por outra realização*. Eu também não o conheço mais.

— Ele é tão divertido, Beth — Margret estava dizendo. — Você vai ver. Nós até ensinamos como dizer 'tia Beth' — mas temo que ainda soe mais com '*titi Bet*'.

— Ele está até *falando*?

— Sim, parece que mais e mais a cada dia! Ele está bem à frente dos outros da sua idade. — Margret fez uma pausa e deu uma risada. — Pelo menos, é o que nós achamos.

Julie havia surgido atrás de JW, e o garotinho de quase dois anos soltou uma gargalhada quando a viu.

— E você diz *titi Bet* tão perfeitamente quanto diz *titi Doolie*, não é, rapazinho?

As cócegas da tia Julie fizeram o garotinho sair correndo e gritando pelo corredor, e Julie saiu correndo atrás dele.

Margret deu uma suave apertadinha na cintura de Beth e a levou para a sala de jantar, explicando que o almoço estava esperando.

— Queremos saber tudo sobre sua vida no oeste, Beth. A mamãe compartilhou conosco a maioria de suas cartas, mas tenho a certeza de que há muito mais para contar.

Beth lembrou-se das pétalas guardadas em sua bolsa. *Mais do que você pode imaginar, Margret querida. Mais do que você pode imaginar.*



Beth abriu os olhos com cautela, olhando ao redor do aposento que outrora fora tão familiar. Parecia estranho acordar com

os braços sobre os cobertores, em vez de debaixo deles, como estava acostumada a fazer para se proteger nas noites frias de Coal Valley, na casa que era aquecida a lenha da Srta. Molly. Lembrou-se da sensação do carpete grosso ontem à noite, quando se dirigia para o amplo e convidativo banheiro. E aquele longo banho de imersão na banheira foi absolutamente delicioso — um enorme contraste com a banheira de ferro próxima a cozinha da Srta. Molly, que precisavam encher à mão com água aquecida no fogão.

Mas qualquer oportunidade de se reorientar com tranquilidade foi interrompida por uma rápida batida, e então a porta se abriu e surgiu o rosto animado de Julie dizendo:

— Hora de acordar, preguiçosa! — Beth não pôde deixar de rir. — Vamos lá, o café da manhã está servido e seus baús já chegaram.

Julie puxou-a e a colocou numa posição sentada e insistiu que Beth se apressasse, e logo saiu do quarto tão rápido quanto entrou.

Beth se vestiu e se juntou ao resto da família no andar debaixo. Beth não estava mais acostumada a ter os pratos do café da manhã no aparador sendo servidos em silêncio por um criado, enquanto eles comiam e conversavam ao redor da mesa. Mas em geral, a família teve misericórdia de Beth, deixando-a comer e beber seu chá sem bombardeá-la com muitas perguntas.

Após a refeição, assim que a bagagem de Beth fora levada até o quarto, a mãe insistiu em ajudá-la a desfazer as malas e organizar suas coisas. Margret as acompanhou e sentou-se no assento da janela, enquanto Julie passava por entre os baús, espiando, mexendo e comentando sobre o que a chamava sua atenção.

Beth, a mãe, e a criada, Emma, tiravam objetos de dentro da mala para guardar. *Imagine a cara da Srta. Molly se pudesse ver toda essa comoção só para desfazer as malas?*

— Oh meu Deus! — a mamãe parecia genuinamente alarmada. — O que é isso, pelo amor de Deus? — Ela ergueu uma simples blusa de chita.

Beth pegou a roupa da mão da mãe e a guardou de volta ao baú, junto com as outras roupas modestas, explicando sem demora:

— Era o que eu usava para dar aulas. Mandeí fazer algumas peças como essa. Foi mais fácil assim que os alunos se relacionassem comigo.

Beth percebeu o tom defensivo em sua voz e tentou dar um

sorriso convincente.

A própria ideia pareceu deixar a mãe sem palavras. Ela estava tirando de dentro da mala saias e blusas semelhantes, com os olhos arregalados, tamanha sua consternação. Mamãe ergueu várias peças de roupa e virou-se primeiro para Margret, depois para Julie.

Mas Margret apenas disse:

— Como você foi amável, Beth, ao pensar em ajudá-los a se sentirem à vontade. Não é de se admirar que suas aulas tenham sido um sucesso.

Julie riu muito animada.

— Não se preocupe, mamãe. Quando a visitei, descobri que ela estava bem adaptada àquela localidade. Mas Bethie — insistiu Julie, e por um momento Beth apreciou a habilidosa mudança de assunto da irmã —, você de fato não nos contou *tudo* sobre suas aventuras. Não há mais nada, ou melhor, *mais ninguém*, sobre quem devíamos saber?

Beth lançou um olhar aborrecido para Julie, e depois respondeu em tom formal:

— Não, Julie, acho que contei todos os detalhes sobre todas minhas experiências. E considerando as discussões no jantar da noite passada e a conversa no café da manhã, tenho certeza de que todos vocês já ouviram suficientes relatos, pelo menos por enquanto.

Julie se inclinou para o baú, perto o suficiente para sussurrar no ouvido de Beth:

— Mentirosa!

A curta visita de Julie a Coal Valley dava a ela vantagem sobre os outros da casa. Julie sabia a respeito de Jarrick, tinha conhecido o rapaz, e Beth não tinha como prever o que a irmã se atreveria a dizer a seguir. Beth ficou aliviada ao ver Julie dirigir-se em direção à cômoda com uma escova e uma caixa de grampos de cabelo.

Mas Julie não terminou com o joguinho. Antes que a mãe pudesse questioná-la sobre o comentário sugestivo, Julie declarou:

— Tudo bem, Bethie. — E dando de ombros num tom provocador, acrescentou num tom de dissimulada arrogância: — Parece que sou a única mulher entre nós ansiosa para ouvir *toda* a verdade *completamente* revelada.

Desta vez, foi a mãe que franziu a testa, direcionando as palavras para Julie, mas que era evidente, serviam para todas.

— Vou esperar um momento apropriado para novas conversas...

A voz da mãe sumiu.

— Mas podemos falar sobre o *nosso* segredo agora?

Julie insistiu, inclinando-se para mais perto.

Beth fechou a tampa do baú e se endireitou.

— Tudo bem, o que está acontecendo?

A mamãe suspirou, deu um aceno quase imperceptível, e com um grito de alegria Julie exclamou:

— Não guarde os baús ainda, irmã querida. Você vai precisar deles!

Priscilla dispensou Emma com um gesto, e fez sinal para que Beth se sentasse ao lado dela na cama. O coração da Beth disparou. *O que, em nome de Deus...?*

— Como você sabe, faz anos que queremos viajar. Mas como os negócios do papai exigem tantas viagens, nunca conseguimos sair a passeio. Mas ele concordou que agora todas vocês têm maturidade suficiente para que possamos viajar sozinhas. Organizamos um cruzeiro para visitar algumas das grandes cidades e outros pontos turísticos ao longo do St. Lawrence e também ao longo da costa leste do Canadá e dos Estados Unidos. — Margret estava acenando com um sorriso afirmativo. A mãe se apressou dizendo: — Os navios não são de todo transportes incômodos e inadequados que eram antigamente, agora são muito modernos e confortáveis, equipados com todas as conveniências. Ouvi dizer que tem até piscinas cobertas, podem imaginar? Muitos amigos nossos consideram um cruzeiro uma excelente maneira de viajar.

— Nova York! — Julie explodiu. — Imagina!

Beth sentiu o coração batendo forte e engoliu seco.

— E quando você está... para quando está planejada a partida?

Um momento de silêncio estranho pairava entre elas. As outras três trocaram olhares e voltaram a atenção para Beth.

Por fim, a mãe disse devagar:

— O plano é que nós — todos nós — partiremos para a cidade de Quebec na próxima segunda-feira. De fato, concordamos em viajar com a Sra. Montclair e sua filha, Victoria. Estamos planejando há várias semanas.

A voz da mãe ficou mais confiante a cada frase.

Beth estudou suas mãos, evitando os olhares que estavam fixos nela.

Elas estão esperando uma resposta, esperando entusiasmo, esperando que eu concorde. No entanto, Beth suspeitava que, se dissesse muito naquele momento, iria decepcionar todas elas.

— Eu recém cheguei em casa, mamãe. — Beth engoliu seco mais uma vez. — Pensei... Eu esperava ansiosamente... — Beth olhou para as expressões ao seu redor, e se esforçou para encontrar a resposta certa. — Eu preciso refletir a respeito da viagem. — Outra pausa. — Eu preciso de um tempo para pensar sobre isso.

Toda a expectativa havia se dissipado no mesmo instante. Margret se levantou e saiu do quarto com um tapinha no braço de Beth, Julie rapidamente a seguiu, e a mãe saiu por último. Ela parou hesitante na porta.

— Nós estávamos muito animadas para contar a você, Beth, em especial a Julie. Queria que você... — A mãe parou e suspirou. — Sua resposta foi no mínimo inesperada, já que muitas vezes você implorou para viajar. Jamais imaginei que haveria qualquer dúvida de que você ia concordar. — Ela balançou a cabeça. — E não sei onde você pode ficar, o que vai fazer, se não se juntar a nós. Papai também vai viajar a trabalho. A casa vai estar vazia. Por favor, *pense* com carinho, querida. Sentimos muitas saudades suas todo este tempo. As coisas não têm sido as mesmas sem você, e acho que não aguentaria deixá-la para trás.

A última declaração da mãe a seguiu até o corredor.

Beth olhou para os baús parcialmente esvaziados e se recusou a ceder às lágrimas. Mas quando estendeu as mãos trêmulas para continuar a tarefa, sentia o coração pesado em seu peito.



— Você teria um momentinho para dar uma caminhada comigo?

O sorriso de Beth para o pai era um pouco trêmulo quando ela olhou para ele da porta de seu escritório.

Ele deixou de lado o livro que estava lendo.

— Claro, minha querida.

William se levantou e vestiu o casaco, em seguida, seguiu a filha para fora.

Depois de envolver o xale no ombro, para se proteger da noite de junho excepcionalmente fria, Beth desceu os degraus largos com o pai e examinou as possibilidades. O sendeiro em frente à entrada, embora fosse longo, não era adequado, então Beth se virou em direção ao amplo gramado. Ela achava que pelo menos uma ou duas voltas na propriedade seriam necessários para expressar todos os pensamentos e sentimentos.

Com uma risada, o pai a acompanhou.

— Creio que esses sapatos nunca pisaram na grama. — Beth parou para olhar para os sapatos de couro de vitela do pai, costurados à mão. Beth acostumara-se a sair sempre que queria pensar. O pai tomou o braço dela, porém, e eles seguiram em frente juntos. — Minha querida — disse ele com uma risada —, não sou tão fresco assim! Só mencionei o fato de que nunca andei pela grama antes. Só nunca me ocorreu sair. Será que me tornei um daqueles terríveis esnobes?

Os olhos do pai arregalaram quando ele fingiu medo dessa ideia.

Beth riu, apesar de suas emoções.

— Jamais, papai. Não você.

Por algum tempo houve silêncio, enquanto Beth organizava seus pensamentos.

Eles cruzaram o gramado para uma longa fileira de arbustos de lilases franceses, que protegiam a propriedade da rua. Grandes cachos de flores desbotadas ainda se agarravam aos galhos, emitindo a familiar fragrância pungente que Beth sempre amou. Ela respirou profundamente, depois virou-se para o pai.

— Não tenho certeza de que quero ir nessa viagem — ela sussurrou.

— Sim, a mamãe me comentou.

Beth desviou o olhar por um momento, balançando a cabeça e estremecendo.

— O que mais ela comentou?

— Isso não é importante agora.

Eles caminharam um pouco mais adiante, pararam diante de

grandes íris roxas.

Balançando a cabeça, Beth exclamou:

— Eu acabei de chegar em casa! Não consigo nem explicar como isso é maravilhoso. Eu nem terminei de desfazer minhas malas ainda!

O próximo som que ela fez poderia ter sido um soluço ou uma risada.

— Sim, entendo. — O pai colocou a mão debaixo do braço de Beth. — Será que faria diferença se você tivesse uma semana ou duas antes da partida?

— Eu não sei. — Beth suspirou. — Talvez... mas é provável que não.

— O que é, então, que está incomodando você sobre esta pequena aventura?

Beth virou-se para começar a andar mais uma vez, e o pai a acompanhou.

— Bem — Beth admitiu —, em primeiro lugar, me preocupo se vou receber uma carta oferecendo uma vaga para voltar a lecionar. E se eles não ouvirem minha resposta com prontidão, pode ser que ofereçam a posição com outra pessoa.

— Então você acha que a viagem pode colocar em risco a possibilidade de um retorno à sua escola no oeste?

— Sim, poderia.

— Entendo. Parece que você decidiu assumir a vaga, se lhe for oferecida?

Beth sussurrou a resposta, levantando os olhos para encarar o olhar do pai.

— Decidi, pai. Eu amo aquele lugar. — Beth viu quando um lampejo de tristeza cruzou o olhar do pai, e virou a cabeça. Ele não disse nada. Outro longo silêncio passou enquanto eles continuavam a volta pelo gramado, e Beth lutava com seus pensamentos conflitantes. Ela por fim perguntou: — A correspondência pode ser encaminhada para onde estivermos?

— Sim, seria algo bem simples de resolver.

— E nós a receberíamos sempre que chegássemos a algum porto?

— É isso que normalmente acontece quando viajo. Você lembra quantas cartas você me escreveu ao longo dos anos? E eu recebi cada uma delas. — O pai fez uma pausa e então disse: — Não posso prometer que não haverá atrasos. Mas, ainda assim, um telegrama é sempre uma opção. Além disso, poderíamos orientar o Jacob aqui a abrir qualquer carta endereçada a você que pareça ser do conselho escolar, e pedir que ele mande um telegrama para o navio com as novidades assim que ela chegar.

Esse pensamento lhe despertou uma leve esperança.

— Isso seria muito útil.

— Pode ser que você *desfrute* da viagem, Beth. Já considerou essa possibilidade?

Beth sentiu que estava se convencendo.

— Onde *o senhor* vai estar, pai? Por que não vai viajar conosco?

— Ah, sim, então... Eu vou estar na América do Sul. Montclair e eu conseguimos novos contatos por lá que precisam de atenção imediata. Talvez tenhamos que alugar um avião quando estivermos no país, para visitar as fábricas onde as mercadorias são produzidas. Quem poderia imaginar uma coisa dessas? Eu posso até mesmo *voar*.

Ele estendeu os braços, simulando asas, e piscou para Beth.

As brincadeiras do pai fizeram Beth rir mais uma vez. Eles tinham chegado nas fileiras organizadas de árvores frutíferas na extremidade do jardim. Algumas árvores ainda exibiam as flores no final da primavera. Papai pegou uma das flores para colocar no cabelo de Beth.

Ele acrescentou com mais seriedade:

— A economia ao nosso redor está crescendo mais uma vez, depois de tantos anos difíceis, e talvez possamos vê-la crescer como nunca antes. E embora eu não esteja tão convencido quanto outros, que estão jogando a cautela para o ar, acredito em uma expansão constante de nossos empreendimentos comerciais — malhando o ferro enquanto está quente, por assim dizer. — Ele fez uma pausa pensativa. Eu sempre *gostei muito* de viajar, Beth, e suponho que seja por isso que me dou bem neste negócio. Mas eu lamento tantas vezes ter estado longe de casa. Passei muito tempo longe enquanto vocês estavam crescendo. No entanto, essa é a dura realidade da vida. Receio que exista um custo para *qualquer* realização, e muitas vezes a decisão de seguir em uma direção significa ser forçado a liberar o que deixamos

para trás, incluindo aqueles que consideramos com mais carinhosa afeição. — Beth sabia pela expressão no olhar do pai e pela voz embargada que ele não estava mais falando sobre seus negócios. — Gostaria de mantê-la sempre perto da gente, minha querida — disse ele em tom suave. — Mas eu jamais poderia lamentar o privilégio que você tem de tomar suas próprias decisões e escolher o seu próprio caminho. Na verdade — disse o pai com um sorriso brincalhão —, no ano passado, havia um caminho bastante fácil na sua frente. Você poderia ter se estabelecido com o jovem Edward Montclair, recebendo as bênçãos dos pais e vivido com conforto, tenho certeza.

— Oh, pai — Beth o interrompeu, enrubescendo ao ouvir as palavras jocosas. — Você sabe que ele não poderia ser nada além de um amigo.

— Para falar a verdade — disse ele, falando em tom sério mais uma vez —, duvido que o Edward fique no oeste por muito tempo. Mas você escolheu o contrário. Talvez haja um pouco de mim em você, afinal. — Ele pegou o braço de Beth e eles continuaram. — Você tem semelhança o bastante para que sua mãe me culpe por sua propensão à vida nômade e viver longe de nós. Não tenho dúvida de que você já encontrou dificuldades e ficou privada de muitas coisas a que estava acostumada, mas você parece ter se adaptado bem. Na verdade, parece ainda mais forte por causa dessas coisas. Estou muito orgulhoso de você, Beth.

Ela inclinou a cabeça contra o peito e colocou os braços em volta da cintura do pai.

— Obrigada, paizinho querido. A sua compreensão significa mais do que posso expressar em palavras.

Beth pôde ouvi-lo rir novamente, no fundo de seu peito.

— Por outro lado, às vezes, ao escolhermos tomar nosso rumo nos leva para mais perto de *novos* amigos e pessoas especiais. — Um suspiro ficou preso na garganta de Beth, e ela enterrou o rosto no terno do pai. *Julie! O que será que ela andou falando?* Mas quando eles prosseguiram, o pai disse: — Recebi a ligação telefônica mais estranha duas noites atrás — na noite anterior à sua chegada em casa. Era um homem, alguém que nunca conheci. Pode imaginar isso? — O pai riu, não tanto com humor, mais de forma significativa. — Acho que esse homem é alguém que vou precisar conhecer, alguém que eu gostaria muito de conhecer. De qualquer forma, ele pediu para falar com você, querida.

Ofegante, Beth perguntou:

— O quê... o que você disse?

— Disse a ele que você ainda não tinha chegado em Toronto, mas que ele poderia telefonar outra vez esta noite para saber se você tinha interesse em receber o telefonema dele.

— Pai!

— Eu fui *muito* cordial, Beth. Eu me apresentei, perguntei de onde ele a conhecia. Conversamos um pouco, nós dois. Foi muito... esclarecedor.

Embora as palavras do pai fossem despreocupadas, ele virou a cabeça e observou com cuidado o rosto da filha.

Beth, com o coração batendo rápido, tentou não imaginar nenhum detalhe do que os dois tinham discutido.

— Você vai contar à mamãe sobre ele? Receio que ela fique preocupada. Você está...?

— Não, querida. Não vou contar à sua mãe. Mas antes que ele ligue esta noite, creio que seja sensato que você mesma conte.

Beth engoliu seco e assentiu.

Capítulo 2

— Mãe, a senhora tem um momentinho?

Quando Beth reuniu coragem suficiente para aceitar a sugestão do pai, a mãe estava sentada em sua escrivaninha no solário. *Ela deve estar pensando que eu vim para discutir o cruzeiro. Oh, Pai Celestial, por favor me ajude a encontrar as palavras certas. Por favor, ajude minha mãe a entender.* A oração de Beth ajudou a acalmá-la. — Podemos nos sentar no sofá? Acho que seria muito mais confortável lá.

Com um suspiro, a mãe se levantou e se reposicionou no sofá de seda bordado que ficava de frente para as janelas altas, com vista para o jardim dos fundos. Beth se sentou ao lado da mãe, com as mãos inquietas se movendo no colo. Ela disse as primeiras palavras que lhe vieram à mente.

— Estou esperando o telefonema de alguém hoje à noite.

— Quem, querida?

Os olhos, cercados por apenas pequenas rugas, brilhavam de surpresa e prazer. Ela obviamente estava pensando que este era um dos amigos de Beth em Toronto... talvez um homem elegível.

— É alguém que conheci em Coal Valley — Beth se apressou em dizer. Ela viu as sobrancelhas da mãe se franzirem. Não havia como recuar agora. — É... será o telefonem de um homem.

A mãe pigarreou, piscou e conseguiu dizer:

— Prossiga.

— O nome dele é Jack Thornton, mas eu o chamo de Jarrick, seu nome de batismo. Suponho que no começo o chamava assim apenas para provocá-lo... mas ele não é comum o bastante para ser um 'Jack'. — A mãe não parecia estar impressionada. — Ele é um oficial da Real Polícia Montada Canadense.

— Você o conheceu através do Edward? — A questão parecia bastante incisiva.

— Não. Ele estava trabalhando na nossa localidade. Nos conhecemos... — Beth buscou em sua mente por um momento, esforçando-se para lembrar com exatidão quando ela tinha visto Jarrick pela primeira vez. — Fomos apresentados pelo pastor da igreja local, no primeiro domingo fui à igreja. Os dois vieram para a casa onde eu estava hospedada, como convidados da Srta. Molly — para o almoço de domingo.

Ela esperava que esta primeira reunião definisse uma cena apropriada na mente da mãe.

— E vocês tem mantido a corte desde então?

Beth balançou a cabeça rapidamente.

— Oh, não, nós de fato não temos mantido a corte. Ele nem sequer me visitou. Não de fato. Nós só tivemos interações em... em situações da vida cotidiana. Eu o vi em eventos comunitários, trabalhei ao lado dele algumas vezes. Julie também o conheceu quando estive na cidade. — Beth sabia que estava soando apressada e nervosa. Parou para respirar, pensou no dia em que os três tinham saído para explorar o campo ao redor de Coal Valley, ela e Jarrick e Julie. *Ele foi tão gracioso com seu tempo, atencioso e encantador*, Beth recordou. Mas não poderia expressar esses pensamentos em voz alta para a mãe. Em vez disso, acrescentou hesitante: — Tenho certeza de que o mencionei em minhas cartas.

— Não me recordo de ter lido esse nome.

É bem provável que seja verdade. Em seus esforços para proteger a mãe de algumas de suas aventuras mais alarmantes, Beth provavelmente havia omitido o Jarrick, exceto por referências indiretas.

— Bem, ele é um bom homem, mãe, um pouco mais velho que eu — ele tem quase trinta, eu acho. Mas não sei quando é o aniversário dele. — *O que mais devo — posso — dizer?* — Ele é de uma boa família em Manitoba; o pai dele é pastor na região. Ele tem uma irmã e alguns irmãos. Não sei muito mais do que isso sobre a família dele.

Parecia um resumo dolorosamente inadequado, que não se adequava ao interesse da mãe, que agora fora despertado.

— Há quanto tempo ele é oficial?

— Não sei. Não conversamos sobre isso.

— E ele pretende permanecer na área onde está ou ficará se mudando — como Wynn e sua tia Elizabeth fizeram? Edith Montclair

disse que Edward vai se estabelecer em Calgary, ele recém anunciou o noivado com uma mulher chamada Kate Duncan. Eles planejam se casar em breve.

As palavras foram enfáticas, pareceram aumentar de volume à medida que reverberaram dos ladrilhos pintados e ecoaram de forma acusadora de todos os cantos da sala de teto alto.

A resposta da Beth foi tranquila.

— Estou feliz pelo Edward. E eu de fato não sei onde o trabalho de Jarrick o levará. Nós ainda não... não conversamos a respeito disso.

— Hum. Sei.

Beth pensou nas palavras de Jarrick na despedida, apenas uma semana antes — que ela tinha as qualidades que ele queria em uma esposa, que se Deus a trouxesse de volta, esperava que ela considerasse dar permissão para ele cortejá-la.

— Ele... nós expressamos nosso interesse em... nos conhecermos melhor. Conversamos sobre não perder contato enquanto eu estivesse em casa durante o verão.

Embora as palavras fossem verdadeiras, tais eufemismos encobriam apenas um pouco da verdade. Beth sabia que seu vínculo com Jarrick era muito mais forte do que admitia que era.

Ela viu a mente da mãe elaborar a informação.

— Então é por isso que você não quer viajar. Quer estar aqui para receber os telefonemas desse rapaz?

— Não é só isso. Acabei de voltar para casa, mamãe. Eu... — Beth pensou, quando começou a argumentar, que seria melhor não confundir as duas questões. Ela mudou de direção. — De qualquer forma, mamãe, pretendo aceitar a ligação de Jarrick esta noite. Espero que isso não a deixe aborrecida. Ele já conversou com o papai sobre isso. Não estou certa de como ou quando vai ser possível vocês o conhecerem pessoalmente, mas espero que isso possa ser arranjado. Acho que a senhora o aprovaria. Acho que ia *gostar* dele. Ele é tão... tão *cavalheiro*. — Beth sentiu que a descrição era totalmente inadequada, mas talvez fosse uma que impressionasse a mãe. Ela olhou para as mãos inquietas enquanto continuava a falar. — Ele é gentil, articulado, sabe como lidar com crianças e é muito atencioso. E observei como ele trabalha duro para manter as pessoas seguras — para nos proteger. Ele se preocupa muito com seu trabalho...

— Sim, entendo.

Beth quase perguntou, *Você nunca se apaixonou, mãe?* mas se seguiu para não fazer uma pergunta tão audaciosa, talvez até desrespeitosa. No entanto, seus pensamentos continuaram em resposta à própria pergunta. *É isso que estou sentindo — essa emoção ao pensar nele? Estou apaixonada por ele?* De alguma forma, identificar esse rótulo fez Beth sentir-se desconfortável e eufórica.

Naquele momento, ouviram o tilintar do sino do jantar. Elas se levantaram juntas, e a mãe uniu o braço com o de Beth.

— Vou me esforçar para me manter com a mente aberta sobre tudo isso, minha querida. Espero que você não seja apressada ou precipitada em seus próprios julgamentos. Não há necessidade de apressar esse relacionamento.

Você não diria isso se estivéssemos falando do Edward!

Mas Beth permaneceu em silêncio e se permitiu ser levada para a ceia.



Não foi feita nenhuma referência alguma ao que Beth discutira com os pais durante a agradável refeição. O pai estava quieto, como era típico, fazendo comentários de vez em quando, mas permitindo em grande parte que John e as mulheres ao redor da mesa gerenciassem as próprias conversas, enquanto Emma servia os pratos. Os pais deviam estar satisfeitos por estarem todos juntos mais uma vez. E se não fosse pelas impacientes borboletas em seu estômago, Beth teria desfrutado muito da refeição.

Após a sobremesa, eles se levantaram juntos e se dirigiram para a sala de estar.

Margret pegou um babador que estava costurando, Julie continuou a trabalhar no esboço que estava fazendo do pai — o contorno do rosto e dos ombros começavam a tomar forma — enquanto os outros se sentaram com livros.

Beth nem fingiu virar as páginas do livro que tinha nas mãos.

— Pai — resmungou Julie —, você tem que parar de se mexer na cadeira! Não posso fazer o esboço corretamente se você continuar se movendo.

— Sinto muito, minha querida. Parece que estou um pouco distraído esta noite.

Os olhos de Beth se voltaram de forma involuntária para a porta do escritório. *A qualquer momento podemos ser interrompidos pelo telefone. O resto da família vai esperar que o pai feche a porta como de costume antes de responder. Será que ele vai fechar essa noite? Será que papai espera que eu o siga? Talvez o pai na verdade receba outra ligação, forçando o operador a dizer a Jarrick que a linha está ocupada e a tentar outra vez mais tarde...* E assim, muitos “e ses” giraram na mente de Beth. Ela se forçou a ficar calma e de fato começou a ler.

Quando o telefone tocou, Beth pulou e Julie riu, questionando em voz alta se a pobre irmã não ouvia um telefone há um tempo. O pai se levantou com tranquilidade e entrou no escritório, fechando a porta. Só a mãe lançou um olhar significativo para Beth.

Depois de um momento, o pai reapareceu.

— Beth, poderia vir aqui por favor?

Todos os olhos a observavam caminhar pela sala, que de repente parecia muito maior. O pai apontou em direção ao aparelho na mesa, ao lado da base e saiu ligeiro, fechando a porta atrás dele.

Beth afundou na cadeira de couro do pai, inclinou-se para a frente e dispôs os cotovelos na enorme mesa. Ela limpou a garganta e posicionou o aparelho ao lado da orelha.

— Alô?

— Olá, Beth. É o Jarrick. É tão bom finalmente ouvir sua voz.

Beth deu uma risadinha. Na verdade, apenas um curto período de tempo havia passado, mas ela se sentia da mesma maneira.

— É bom ouvia a sua também, Jarrick. Parece que passou tanto tempo desde que fui embora... quase como se eu tivesse sonhado com tudo. É uma sensação muito estranha estar em casa outra vez.

— Como foi sua viagem?

Parecia uma pergunta estranha, muito formal, se comparada ao entusiasmo que ela estava sentindo.

Esforçando-se para deixar a voz firme, respondeu:

— Foi tudo bem, sem dificuldades, embora tenha sido tão longa quanto a viagem de ida da primeira vez. — Foi uma tentativa de fazer uma brincadeira, mas Jarrick não deu nenhuma indicação de que tenha compreendido. — Eu estava muito ansiosa para vê-la chegar ao fim — Beth finalizou um pouco sem entusiasmo.

— E sua família, como eles estão?

— Oh, muito bem. Estão todos bem. — Ela sorriu e se reposicionou na mesa. — Então, soube que você conversou com o meu pai.

O comentário moveu a conversa para além da conversa fiada. Beth esperou sem fôlego pela resposta dele.

— Conversei — ele admitiu. — Eu sabia antes de telefonar que provavelmente falaria com ele. Não pensei que você seria a pessoa a atender o telefone. Então, pelo menos estava pronto para as perguntas... preparei minhas respostas da melhor forma que pude. Mas gostaria de não ter telefonado antes de você chegar. Foi bastante embaraçoso! E frustrante.

— Espero que ele não tenha sido muito duro com você. Meu pai sabe ser bastante protetor de suas meninas.

— Não, nem um pouco, nem um pouco, Beth. Para minha surpresa, ele foi calmo, cortês e prático. Estou certo de que ele não esperava meu telefonema. Mas seu pai lidou muito bem com a situação. — A risada de Jarrick foi um pouco nervosa. — Creio que agora ele deve ter telefonado para o Edward, já que ele é a única pessoa — além de você — que conhece tanto seu pai quanto eu. Eu esperava que ele examinasse minhas credenciais, por assim dizer.

Beth não tinha pensado nessa possibilidade. *Parece de fato algo que o pai poderia fazer. O que Edward teria para compartilhar sobre Jarrick? Pelo menos ele é um dos poucos que sabem do nosso interesse um pelo outro. Talvez estivesse inclinado a ser benevolente e gentil. Por certo não havia razão para ele dizer mais nada. Mas será que o pai teria conversado com Edward em tão pouco tempo?*

Jarrick estava dizendo:

— Você soube que o Edward já está noivo?

— Soube sim, minha mãe mencionou hoje. Eu sabia que ele tinha a intenção de pedir a Kate em casamento logo. Você a conheceu pessoalmente?

— Eu a vi apenas uma vez. Ela me pareceu ser muito simpática — bastante tímida, mas uma moça muito delicada. Dizem que se deve casar com alguém que seja o oposto, então eles devem combinar.

Beth concordou, sem deixar de se perguntar se ela e Jarrick também eram opostos.

Ele suspirou e disse rapidamente:

— Temo que não tenhamos muito tempo para conversar, Beth. Estou na estação em Lethbridge. Consegui tomar emprestado um escritório aqui, mas duvido que terei privacidade por muito mais tempo. Queria dizer o quanto senti sua falta. E... expressar mais uma vez o quanto gostaria de manter contato com você durante o verão. Não tive mais novidades a respeito da vaga para lecionar aqui no outono, mas...

— Jarrick — Beth o interrompeu —, sinto muito, mas tem algo que devo contar a você. — Ela não esperou por uma resposta. — Minha mãe e minhas irmãs estão planejando partir para a cidade de Quebec nesta segunda-feira, e o navio partirá na tarde de quarta-feira. Elas planejaram um cruzeiro e querem que eu vá junto.

— Que bom para você, Beth. Tenho certeza de que será uma experiência incrível. — Ele parou. — Você voltaria a tempo para a escola no outono?

— Sim, não será um longo cruzeiro, apenas seis semanas. Julie teria preferido uma expedição mundial — como se ela pudesse no mesmo instante embarcar em todas as viagens que passou anos ansiando fazer. Mas meu pai vetou essa ideia. Ainda assim, a viagem e a distância tornarão muito mais difícil para... nos comunicarmos. Duvido que eu consiga receber telefonemas a bordo do navio.

— Ainda podemos escrever?

— Sim, mas as cartas vão demorar mais para chegar. Eu as receberia quando chegasse ao próximo porto. — Beth esperou por qualquer indicação da reação de Jarrick, tocando o cordão trançado pendurado no receptor e abaixou a voz. — Eu ainda não decidi. Não me comprometi a ir junto.

— Oh, mas você deve ir! — A insistência dele foi surpreendente. — É uma grande oportunidade para você. Tenho certeza de que você vai se divertir muito com sua mãe e irmãs — e você merece umas boas férias relaxantes. Ninguém sabe disso mais do que eu.

— Você é muito gentil, mas...

— Não, você *deve* ir, Beth. Deve mesmo. — Ele parecia estar procurando as palavras adequadas. — Pode ser a última vez que você vai ter a oportunidade de viajar com elas. Quero dizer, bem... — Jarrick hesitou. — Não sei se posso ser tão ousado, mas como já me apresentei ao seu pai, e pode levar algum tempo antes de falarmos mais uma vez por telefone, parece necessário. — Ele pigarreou e Beth se aproximou do aparelho, fechando os olhos com força para evocar

uma imagem do rosto de Jarrick. As palavras dele vieram devagar. — Queria deixá-lo sem dúvida de que ele pode confiar nas minhas intenções em relação a você. É evidente que qualquer plano que fizermos para o futuro exige que nos conheçamos melhor — e tudo incluiria muita oração, bem como conselhos daqueles que nos conhecem. Mas queria deixar claro para o seu pai que a minha intenção final é... bem, é o casamento. — Outra pausa, e embora soasse agitado, ele persistiu. — Assegurei a ele que, embora meu emprego como oficial tenha, sem dúvida, uma forte influência no futuro, também me confere uma renda adequada e estável para que possa sustentar uma família. Eu sempre fui cuidadoso com o dinheiro, já tenho algum valor economizado. — Ele hesitou outra vez, em seguida, emendou, como se tivesse pensado melhor. — Isto é, não disse isso apenas para o benefício de seu pai. Quero que você também saiba que eu acredito que posso cuidar de você — ou não estaria investindo nesse relacionamento de forma nenhuma. Duvido que algum dia eu possa sustentar o padrão de vida da sua família, é claro. Mas acredito que poderíamos ter... ter uma vida confortável juntos. — Jarrick estava apressando as palavras, mas era evidente que esperava que Beth respondesse. — Espero não ter falado com muita ousadia, ou de forma muito precipitada.

Beth pôde ouvir a si mesma inspirando lentamente. *Ele deve ter ouvido também.* Por fim, ela sussurrou:

— Eu não sabia que você tinha falado de forma tão com meu pai.

— Senti que era necessário. Eu quis ser... ser honesto e franco. Em especial porque as possibilidades de um encontro frente a frente estão em um futuro distante. — Por um momento, o único som foi o crepitar na linha telefônica.

— Por favor, não deixe que isso a incomode, Beth. Só disse para dar a ele garantia. Talvez tenha falado demais ou tenha sido muito franco. Receio que eu seja assim às vezes. E eu provavelmente conhecia meus sentimentos — estava interessado em um relacionamento com você — por mais tempo do que você poderia saber. Se não fosse pela afirmação infundada do Edward eu não teria esperado até que você estivesse pronta para ir embora de Coal Valley para revelar tudo isso.

A mente de Beth girava com mais perguntas do que ela poderia absorver tão rápido. *Como o pai respondeu a tal declaração? O que disse ele ao Jarrick?* Ela se esforçou para compreender todas as palavras de Jarrick, lutando para processar todas as implicações. Perguntou a si mesma se ousava se permitir antecipar um futuro... *com*

o Jarrick. As coisas estão se movendo rápido demais. Ainda não me ofereceram o emprego. E se o trabalho for dado a outra pessoa? *Era tudo bastante atordoante, até mesmo assustador.*

— Beth?

— Podemos... podemos dar um passo de cada vez, por favor?

Ela se afastou da mesa e sentou-se na cadeira.

— Claro, é evidente que sim, Beth.

— Eu gosto muito de você, Jarrick, e admiro seu caráter. Sinto-me honrada pelas suas palavras e agradeço sua franqueza. De verdade. Mas ainda não posso dizer que estou certa de essa é a coisa certa para mim e para você. Preciso de tempo para ouvir o que Deus está dizendo. Quero ter muito cuidado com algo tão importante. Eu preciso orar, esperar por uma resposta, uma que vai além dos meus sentimentos. Isso é justo? Por favor, não fique chateado.

— Claro — ele concordou, mas sua voz tinha perdido a energia. — Será difícil na sua ausência, mas posso ser paciente, mesmo que não seja algo fácil para mim.

Beth o ouviu rir e pôde sentir o esforço dele para recuperar alguma confiança.

— Sei que o verão será um obstáculo, mas não vai durar muito, não mesmo. O verão nos dará tempo para orar sobre o futuro, para considerar todas as implicações. Mas, se Deus quiser, eu realmente gostaria de em breve estar de volta ao oeste, com você.

— Você tem certeza? — Jarrick perguntou.

— Desculpe, o que você quer dizer?

Desta vez, o tom jocoso na voz de Jarrick foi fácil de detectar.

— Deve ser um mundo muito diferente para você. Vestida dos pés à cabeça com roupas finas, comendo refeições elegantes, indo a lugares extravagantes. E agora um cruzeiro também — vivendo a vida de uma rica aristocrata. Nada como Coal Valley! Não temos nada nem perto disso para oferecer, eu acho.

— Que nada. — Sua resposta parecia bastante coquete. Beth não sabia se deveria ficar consternada ou contente, mas continuou de qualquer maneira. — Existem *outras* coisas a serem consideradas, Jarrick.

— Como o que?

— Você é uma excelente companhia. Acha que se eu voltar,

você pode me levar para o mesmo restaurante adorável para jantar — em uma noite em que não esteja preocupada com um menino doente?

— Está marcado — disse ele, soando aliviado. — *Quando* você voltar, vou levá-la naquele restaurante.

Capítulo 3

Quando foi anunciado no café da manhã uma saída para fazer compras, Beth estremeceu. Fazer compras com a mãe era difícil. Fazer compras com Margret e a mãe era cansativo. Mas fazer compras com Julie, Margret e a mãe seria quase insuportável. Beth se fortaleceu para poder suportar o dia.

— E temos apenas uma semana para comprar tudo o que precisamos — a mãe dizia. — Vamos terminar rápido aqui e sair.

O telefonema da noite passada não havia sido mencionado — pelo menos ainda não. A expressão questionadora do pai foi tudo o que Beth recebeu quando ele voltou ao escritório depois, a encontrou encolhida na cadeira de escritório e percebeu o receptor do telefone já descansando em seu lugar. Ela sorriu para o pai e assentiu.

Os questionamentos levantados durante a conversa com Jarrick já tinham se transformado em lágrimas, que ainda eram visíveis. O pai, é claro, tinha entendido que eram lágrimas de alegria.

— E seus planos para o verão?

Ela apenas assentiu com a cabeça.

— Vou informar às senhoras.

E o pai a deixou ao lado do telefone silencioso, seus pensamentos girando em alegre antecipação pelas cartas de Jarrick.

Beth não estava ciente de que informações exatamente o pai transmitira aos outros quando retornou à sala de estar. No entanto, tinha certeza de uma instrução que ele havia dado: nenhuma das irmãs devia incomodar Beth com perguntas sobre o telefonema. Foi a única explicação possível para o silêncio absoluto de Julie sobre o assunto. E quanto à mãe, o simples fato de saber que Beth havia concordado em viajar com elas parecia ter sido o suficiente para que ela também segurasse a língua.

Enquanto esperava que as irmãs e a mãe se reunissem para o

passeio às compras, Beth vestiu luvas brancas, que a mãe insistiu ainda eram necessárias. Beth pegou-se pensando mais uma vez, *por que será que um passeio para comprar roupas exige que a gente esteja vestido nos trinqes?* Embora ela soubesse qual era o sentimento da mãe a respeito de manter as aparências, isso ainda parecia uma estranha ironia, em particular depois da vida em Coal Valley, onde um teto sobre a cabeça e a comida na mesa eram muito mais importantes do que a última moda.

Quatro mulheres com chapéus de penas e amplas bolsas se apertaram no banco de trás do carro espaçoso do pai, tagarelando sobre todos os detalhes de suas necessidades de viagem. Julie recomendou que elas procurassem saias arejadas e blusas brancas de mangas bufantes — talvez até algo no estilo marinheiro, que estava tão em voga. Vestidos longos para jantares luxuosos, sapatos confortáveis para passeios turísticos e chapéus de todas as formas para se protegerem do sol também estavam na lista. E, por insistência de Julie, trajes de banho para a piscina e para a praia. Beth se perguntou se ela ousaria usar roupas tão parcas em público. No entanto, para sua surpresa, a mãe parecia concordar perfeitamente, desde que fossem apropriadas e modestas. Ela até declarou que compraria um para si mesma.

— Afinal — explicou Priscilla —, não sou nenhuma puritana, e tenho a intenção de aproveitar nossa aventura ao máximo.

Beth tinha certeza de que captara o sorriso discreto do motorista em seu pequeno espelho. Na verdade, Beth se divertiu da mesma maneira.

Mamãe era uma das mulheres mais modestas que conhecia. Ela ainda usava um espartilho, embora a maioria das mulheres de sua idade e todas as mais jovens há muito tempo já tivessem descartado a desagradável roupa íntima.

Quando pressionada sobre o assunto, ela alegou estar tão acostumada a usá-lo que se sentiria descarada e desprotegida sem ele. As filhas apenas sorriram escondidas pelas mãos. A mãe ainda era esbelta e pequena sem essas vestimentas.

Saindo para a rua comercial mais movimentada de Toronto, Beth agarrou o chapéu na brisa. Ela olhou em volta com certa perplexidade diante de toda a atividade, movendo-se rapidamente para não ser atropelada por um rapaz de bicicleta que carregava uma bolsa de correspondência de couro no ombro. Beth seguiu o pequeno grupo até a primeira loja. A mãe já estava procurando um vendedor para ajudá-las.

— Sra. Thatcher — exclamou uma jovem, apressando-se para cumprimentá-las e carregar os casacos. — Muito prazer em vê-la aqui com suas filhas. Como posso ajudá-las hoje?

A mãe passou à frente, listando os itens necessários. Beth suspirou.

Então ela sentiu o braço de Margret deslizar pelo dela. Inclinando-se para perto, ela sussurrou:

— Pai Celestial, por favor, dê à minha doce irmã a coragem para suportar todas as bênçãos!

Foi dito com um sorriso encorajador, mas a intenção era clara.

— Estou sendo terrível, não estou? — Beth admitiu.

— Nem um pouco. Talvez esteja apenas desejando algum outro momento e lugar além desses. — Margret deu um tapinha na mão de Beth. — Lembre-se, porém, que queríamos muito tê-la *aqui* conosco hoje. Nós a amamos, querida, embora esse amor possa ser demonstrado às vezes de maneiras estranhas e inconvenientes.

— Oh, Margret — Beth riu embaraçada enquanto as duas se moviam para alcançar as outras.



No final da tarde, elas voltaram com um carro cheio de pacotes, tendo passado o que Beth finalmente concordou que fora um belíssimo dia juntas na cidade. As caixas maiores seriam entregues na casa pela manhã. Os pacotes menores foram colocados na mesa de jantar enquanto Margret correu para o berçário para dar uma olhada em JW. Willian só pôde balançar a cabeça fingindo sentir agonia, enquanto Julie e a mãe lhe mostravam seus tesouros dispostos na mesa da sala de jantar. Beth percebeu que o verdadeiro prazer que ele sentia era ver sua família tão animada e feliz.

Depois do jantar, o pai as fez lembrar, haveria convidados.

Willian contratara um acompanhante de viagem, pois considerava apropriado que suas queridas mulheres tivessem o tipo de assistência que esse cavalheiro poderia fornecer. O guia conduziria os detalhes das viagens, mas mais importante, ele as manteria seguras e garantiria que todas as necessidades fossem atendidas. Os Montclairs se juntariam a eles para conhecerem o Monsieur Emile Laurent, que chegou precisamente às sete da noite.

— Emile, é tão bom vê-lo depois de tantos meses — o pai o recebeu de maneira amigável. — *Ça va?*

— Estou bem, meu amigo. *Et toi?*

— Muito bem. De fato, muito bem.

Papai o conduziu para onde estavam os outros na sala de estar.

— Por favor, gostaria de apresentar minha família. — Willian indicou com um gesto para cada uma enquanto falava. — Emile Laurent, esta é minha adorável esposa, Priscilla Thatcher. Nossa filha mais velha, a Sra. Margret Bryce e o marido dela, John. A filha do meio, Elizabeth Thatcher, mais conhecida como Beth, e nossa caçula, Julie Thatcher.

— Estou muito feliz em conhecer todos vocês — respondeu ele quase sem nenhum traço de sotaque e uma graciosa mesura em direção à Priscilla.

Ele era mais velho que o pai, alto, com uma estrutura magra e um pouco calvo, ondas branco-acinzentadas, de cabelos ainda espessos penteados para trás. Beth supôs, olhando além das rugas desgastadas e dos olhos azuis brilhantes do homem distinto, que ele já havia sido bastante galante. Era impossível saber com certeza, mas Beth o avaliou rapidamente como alguém que acharia agradável.

A família Montclair chegou antes que os Thatchers se sentassem novamente. A Sra. Montclair entrou primeiro na sala de estar, usando o leque para se manter fresca.

— Priscilla, muito obrigada por organizar nosso pequeno evento de *bon voyage* esta noite. Estou tomada pela emoção com a nossa viagem. Apenas mais quatro dias! Como vamos conseguir ficar prontas a tempo? Oh, e olha! É a Elizabeth, de volta para o seio da família, vinda direto do oeste selvagem. Você se divertiu muito, querida? — Mas ela já estava passando para o Monsieur Laurent. — E este deve ser o cavalheiro corajoso que concordou em nos escotar.

Edith Montclair estendeu a mão, com a palma para baixo, e o cavalheiro deu um passo à frente e inclinou-se sobre ela, murmurando com graciosidade. Ela tirou o pequeno óculos do rosto redondo, dobrou-os de forma imponente e sorriu ao redor.

— Emile, permita-me apresentar a Sra. Charles Montclair — Willian os apresentou. — E Edith, este é Monsieur Laurent.

A Sra. Montclair recuou um passo.

— O senhor é francês?

— Posso garantir, madame, que eu sou *canadense*. E falo francês e inglês desde criança.

Papai apressou-se para intervir.

— Emile será uma ajuda inestimável, Edith. Ele fez muitas viagens pelos quilômetros ao longo do St. Lawrence, muitos dos quais estão em Quebec. Viajou também através das Províncias Marítimas. Também está familiarizado com os lugares por onde vão viajar nos Estados Unidos. De fato, ele serviu por algum tempo como um dos embaixadores do Canadá, antes da Grande Guerra. Seria difícil encontrar um lugar no mundo que Emile não visitou.

A Sra. Montclair assentiu, parecendo tranqüilizada, e sentou-se no sofá ao lado de Priscilla, embora não tivesse cessado nem por um momento seu fluxo de comentários. O Sr. Montclair, parceiro de negócios do pai e amigo de longa data, em silêncio encontrou um assento. Beth se perguntou se este marido tinha descoberto a melhor parte da sabedoria, deixar os outros esclarecerem a esposa durante o encontro constrangedor.

Edith empoleirou os óculos no nariz mais uma vez e olhou para o Monsieur Laurent:

— Agora, por favor, diga-me como se pronuncia o seu nome, senhor. Eu nunca consegui pronunciar todos esses nomes franceses corretamente.

Willian se inclinou para a frente, mas o guia respondeu com prontidão:

— Eh-meel Loe-rah, Madame Montclair — respondeu ele com um sorriso e apenas um pouco de estilo francês ao pronunciar o nome.

— Soletre, por favor - ela insistiu, sem captar o astuto golpe de mestre dado pelo guia.

— E-m-i-l-e L-A-u-r-e-n-t.

— Bem, não é como os franceses? — ela riu e balançou a cabeça. — Você está pronunciando apenas metade das letras!

Priscilla já tinha ouvido o suficiente.

— Monsieur, o senhor gostaria de tomar chá — ou café? Vamos servir a sobremesa em breve.

Os óculos da Sra. Montclair foram removidos às pressas mais uma vez, dobrados e guardados.

— Priscilla sempre serve os melhores chás, *Sr. Lorant*. O senhor devia mesmo experimentar.

Ele assentiu para as duas mulheres.

— Obrigado, *Sra. Thatcher*. Gostaria de uma xícara de café, por favor.

Ele sentou-se mais uma vez, equilibrado e sem se deixar abalar.

Priscilla se dirigiu a cada um de seus convidados por sua vez.

— Edith? Charles? Victoria?

Só então Beth notou Victoria Montclair.

A irmã mais nova de Edward entrou atrás dos pais e sentou-se em silêncio em um assento perto do piano. Ela estava segurando um livro de música tirado da mesa que havia ali perto. Beth tentou sorrir de forma amistosa em direção à garota, mas não conseguiu lhe chamar a atenção.

Assim que mamãe começou a supervisionar o serviço de chá, toda a conversa foi direcionada para as iguarias que ela servia e a qualidade de seus chás e cafés. Beth se sentou perto de Victoria.

— Quantos anos você tem agora, Victoria? — Beth quis saber.
— Se bem me lembro, você acabou de fazer aniversário.

Sem tirar os olhos do livro da música, a menina respondeu categoricamente:

— Sim, tenho dezesseis anos.

— Que bom! — Beth a felicitou. — Lembro-me de quando tinha dezesseis anos. Havia tantas coisas empolgantes que eu podia fazer que não tinha autorização para fazer antes — ir a concertos na cidade com o papai, e ficar acordada até tarde nas festas da mamãe. Como você comemorou seu aniversário?

Victoria virou a página antes de responder.

— Este cruzeiro — foi tudo o que a moça respondeu.

Beth pigarreou.

— Muito bem. Uma celebração especial. Bem, feliz aniversário, mesmo que eu esteja um pouco atrasada. — Depois de tomar alguns goles de chá e dar uma mordida num bolinho, Beth tentou mais uma vez. — Você está animada com a viagem, Victoria?

A menina deu de ombros, levantando-se da cadeira e

sentando-se no banco do piano.

— Mamãe diz que vou me divertir, mas não tenho tanta certeza.

— A princípio, eu não tinha certeza de que ia viajar — disse Beth com um aceno de cabeça. — Mas acho que será uma boa mudança em relação aos dias comuns, e uma maneira adorável de viajar juntos.

Por alguns momentos, a garota simulou tocar os acordes da música que estava examinando no livro de piano. Seus dedos longos dançaram com habilidade sobre as teclas sem produzir nenhum som.

— Talvez seja algo bom — contanto que eu não fique enjoada.

Beth não tinha considerado essa possibilidade.

— Bem, vai levar alguns dias para que estejamos em mar aberto, não até deixarmos o St. Lawrence.

Por fim, Victoria virou-se para enfrentar Beth, declarando lamuriosa:

— Há muitas tempestades no Lago Ontário, e no St. Lawrence também. Navios afundam o tempo todo, Elizabeth.

Beth tentou sorrir.

— Tenho certeza de que ficaremos bem, querida.

Suponho que essa frase soou como minha mãe, ela pensou arrependida.

Beth ficou em silêncio, a adolescente taciturna ainda “tocando” a peça em silêncio absoluto.

As conversas em outros lugares pareciam ter se dividido em dois grupos: as mulheres se reuniram em torno da Sra. Montclair no sofá, e o papai, John, Sr. Montclair e o Monsieur Laurent no outro lado da sala. Beth sorriu ao contemplar um grupo tão estranho de companheiros de viagem. *Pode até ter potencial para um pouco de atrito*, ela meditou, olhando para a mãe de Victoria, que dominava a conversa entre as mulheres. Beth não pôde deixar de sentir pena do homem solitário entre os viajantes.

Ela notou que os homens começaram a trazer suas cadeiras em direção ao sofá, e o pai anunciou:

— Gostaríamos de passar algum tempo discutindo certos aspectos mais práticos da viagem. Este é um momento oportuno, senhoras? Beth e Victoria, por favor, podem se juntar a nós?

Beth colocou seu copo e prato de lado e esperou por Victoria.

— Claro — respondeu a Sra. Montclair. — Ora, nós estávamos apenas...

— Que maravilha, Edith. Muito obrigado por nos permitir interromper sua conversa. Apenas para revisar o itinerário — continuou ele rapidamente, olhando para uma folha de papel na mão —, seu trem parte na manhã de segunda-feira às oito e meia. Vocês vão trocar de trem em Montreal e depois vão partir mais uma vez para a cidade de Quebec. Esses trens são expressos, então vocês vão parar com frequência, mas ainda chegarão um pouco tarde. Vão passar duas noites no Le Château Frontenac — um lugar encantador e um dos hotéis canadenses construídos ao lado da ferrovia. Fiquei hospedado lá duas vezes, e foi esplêndido. Terça-feira será o dia de passear na Cidade Velha. Quarta-feira de manhã o começará o cruzeiro, saindo do porto. O ideal é vocês embarcarem logo após o café da manhã. Ele olhou em volta para o grupo, assentiu com a cabeça, e prosseguiu. — Então, a bordo, reservamos três suítes com dois quartos em cada uma, situados o mais próximas possível uma da outra. Vocês vão ficar muito confortáveis. Para as suítes dos Thatcher, Priscilla, Beth e Julie compartilharão a primeira. Margret e JW estarão do outro lado do corredor, com a babá e Emma hospedadas no segundo quarto.

Beth não tinha ouvido falar que Emma também ia viajar e ficou satisfeita. A criada era apenas alguns anos mais velha do que Beth, e as duas jovens se tornaram amigas, embora a mãe não tivesse certeza de que essa amizade era de fato adequada. Beth esperava que Emma tivesse pelo menos algum tempo livre para apreciar os pontos turísticos, mas a jovem criada provavelmente estaria lavando, passando e cuidando dos muitos pertences durante a maior parte da viagem.

O pai estava dizendo:

— As Montclairs também têm uma suíte juntas — pelo que entendi, mãe e filha vão partilhar um quarto e as empregadas no outro. Emile escolheu um aposento em um andar inferior...

— Tão bom para você, Priscilla! — interveio a Sra. Montclair. — Você vai ter um quarto sozinha. Eu teria feito o mesmo, mas Victoria se recusa a compartilhar com alguém além de mim. A menina poderia ficar tão confortável com a Lise, mas ela não aceita! Enquanto as palavras eram ditas com um pouco de orgulho, Beth pôde ver Victoria ficara aborrecida com o comentário.

— Como estava dizendo — persistiu Willian —, isso deve cobrir as atribuições dos quartos. Estão estabelecidas várias paradas

em hotéis ao longo do caminho. A principal preocupação de Emile é a segurança de vocês. — O pai olhou mais uma vez para todos no círculo, e Beth pensou que seu olhar demorou-se um pouco mais sobre Julie, que ainda precisava de atenção especial por causa de sua tendência a correr riscos. — Ele fará com que toda a bagagem seja carregada e transportada para os locais apropriados. Também irá acompanhá-las sempre que estiverem em algum passeio e vai lidar com todos os assuntos relativos aos pagamentos necessários. Essas serão as principais atribuições de Emile, mas ele está disposto a ajudar em qualquer coisa ao longo do caminho. — Monsieur Laurent concordou com a cabeça. — Então o pai acrescentou com gravidade: — Tenho certeza de que ninguém vai tirar proveito de sua bondade. O pai manteve os olhos no papel e Beth evitou olhar para a Sra. Montclair.

A cabeça de Beth cheia com todos os detalhes da viagem, os lugares que a tantos anos ela desejava conhecer: a Ilha de Prince Edward, o cenário de *Anne de Green Gables*, um de seus livros favoritos de infância; Nova Scotia, com seus belos faróis no topo de escarpas rochosas; a Baía de Fundy, com suas marés extraordinárias. Observando o rosto de Julie, Beth sabia que, para ela, o cruzeiro era de pouca importância, até que chegassem à cidade de Nova York.

Após o encontro com Monsieur Laurent e os Montclairs, o furor em sua casa pareceu aumentar. Outro dia de compras, depois um longo dia fazendo e refazendo as malas para guardar tudo em um número razoável de baús e valises. Beth se viu em várias ocasiões repetindo a oração de Margret — pedindo coragem para suportar todas essas bênçãos.

Vestida em seu robe, Beth desceu a longa escadaria e entrou no escritório do pai. Tinha acordado mais cedo e começado a pensar sobre quais livros devia levar na jornada.

Examinando a extensa coleção do pai, ela passou algum tempo formando uma pilha alta e organizada no canto da mesa.

— O que foi? Pensei ter ouvido um ladrão — brincou o pai. — Beth, o que está fazendo acordada a essa hora?

Ela riu e atravessou a sala para dar um abraço de bom dia no pai.

— Não conseguia mais dormir. Há tanta comoção para fazer as malas, e não sinto que tive tempo suficiente para planejar o que *realmente* preciso.

William balançou a cabeça.

— Você não está levando *todos* esses livros, está? Se levar não vai ter tempo para sair do quarto e ver nada!

— Oh, não, eu de fato não consigo decidir. O que *você* sugere, papai?

William seguiu a filha até a mesa e analisou os títulos.

— Parece que temos um tema aqui, hein?

Beth explicou rapidamente:

— Pensei que talvez algumas histórias sobre viagens fossem boa ideia.

— Ah, sim, uma boa ideia. Isso pode servir muito bem para você. O que você acha de *Dom Quixote*?

Ele apontou para o lugar onde o livro estava na estante.

— Tentei ler ele uma vez, e foi um pouco demais. Claro, eu era mais jovem na época.

— Então espere mais alguns anos, minha querida. Quando eu tiver envelhecido o suficiente para alcançar a idade de “combater os moinhos de vento”, descobrirá que você tem mais formas de se relacionar com a história.

— Oh, papai! O senhor nunca vai ficar assim.

Ele moveu vários livros, um de cada vez.

— Você pode tentar *Huckleberry Finn*, ou *Coração das Trevas*, *Odisseia* — esses você já leu? Sim, suponho que sim. — Enquanto o pai contemplava cada volume, Beth percebeu que ele ficava mais e mais pensativo. Por fim, William colocou um livro de capa azul nas mãos da filha. — É uma coisa engraçada sobre narrativas de viagens, Beth. Acho que você descobrirá que muitas vezes são as jornadas que o protagonista não deseja fazer que acabam contando as melhores histórias. O tipo que mais tem lições para nos ensinar. — Ele sorriu um pouco melancólico. — Gostaria de ter acertado as coisas para ir com vocês nesta viagem.

Beth estendeu a mão para tocar o braço do pai.

— Eu sei, pai. Eu, em especial, vou sentir sua falta. Acabei de voltar... — mas Beth não conseguiu falar mais.

O pai sorriu e assentiu, afirmando que compreendia. Ele parecia que ia sair, mas então parou.

— Se você me permite dizer, Beth querida, por favor, não se

esqueça que o verão será muito curto. E talvez você nos deixe outra vez. Eu gostaria que você... isto é, eu *sugiro* que você use seus dias com sabedoria. A expressão de William ficou mais profunda, sobranceiras acinzentadas franzidas, contemplando as palavras que dizia. — Sei que a mamãe pode ser... como podemos dizer? Difícil às vezes, mas só se você não compreender como ela pensa. Você poderia passar algum tempo com ela e se esforçar para conhecê-la melhor, querida? Afastar-se da imagem que você passou a aceitar como sua mãe? Ela é uma mulher extraordinária, na verdade. Preste atenção nos muitos dons que ela possui. Sei que você pode vir a apreciá-la — a maneira como ela ama, sua fé inabalável — se apenas tentar.

Beth olhou para baixo. *Será que estava deixando transparecer minhas frustrações de forma tão óbvia?*

— Claro, papai. Farei o meu melhor.

Capítulo 4

A manhã de segunda-feira, brilhante e clara, acabou sendo um excelente momento para iniciarem sua aventura. A maior parte da bagagem havia sido mandada na frente para a estação de trem, mas agora a família estava carregando as últimas malas no carro do pai e um táxi — ambos seriam necessários para levar todos eles.

— Quando você acha que o seu navio passará pelo nosso, papai? — Julie perguntou com um brilho nos olhos.

— Ora, Julie — ele respondeu pensativo —, o Sr. Montclair e eu vamos embarcar no trem na sexta-feira, mas nosso navio não vai partir da cidade de Quebec até a tarde de sábado. Creio que o navio passará pelo de vocês em algum momento, um dia depois que terminarem de observar baleias no Fiorde de Saguenay.

Julie segurou o braço do pai.

— Isso não será emocionante? Mas vamos sentir tanto sua falta, pai. É uma pena que tenha que sair em outra viagem. O senhor já esteve em Caracas antes?

— Não, querida — ele riu. — Nunca estive em nenhum lugar da América do Sul. Mas não vamos ficar observando baleias ou passeando pelos pontos turísticos.

Julie prosseguiu:

— Mas você disse que vai nos encontrar na Flórida, não é? Na sua viagem de volta para casa?

O pai colocou a bolsa de Julie no porta-malas do automóvel, bateu à porta e voltou-se para ela.

— Sim, planejamos encontrá-las na Flórida. Isto é, faremos o possível para estarmos lá. Mas muitas coisas podem acontecer no meio do caminho. Então, sou grato por saber que vocês estarão nas mãos da Providência nesse meio tempo... e do nosso bom amigo Emile. — O pai abraçou Julie e fez sinal para que as outras se juntassem a eles.

Gostaria de orarmos juntos antes de vocês saírem.

Ele trouxe mamãe para perto dele com o braço livre, e John e Margret com JW se aproximaram. Com um sorriso caloroso, Beth estendeu a mão para unir o braço ao de Emma. Apenas a babá, Srta. Lucille Bernard, ficou sozinha, embora Beth tenha indicado para que ela entrasse no círculo também. O pai fez uma breve oração, expressando sua gratidão a Deus por manter a mão sobre todos os entes queridos enquanto estavam distantes uns dos outros. Todas murmuraram “Amém” depois do pai.

Com beijos e palavras apressadas de despedida, os viajantes entraram nos automóveis que esperavam. Beth lançou um olhar para o pai enquanto ele estava ao lado de John, ambos acenando. Sua garganta estava apertada, e ela desejou com todo seu ser que pudesse ter passado mais tempo com ele.

Mas mesmo que eu não estivesse saindo de viagem, papai estaria viajando de qualquer maneira, lembrou-se.



Beth se viu na frente do primeiro degrau do trem que estava esperando — não fazia nem uma semana que ela tinha chegado nesta mesma estação. Pelo menos essa seria uma viagem de apenas um dia nos trilhos. E o melhor de tudo, ela não estaria sozinha. De fato, Julie, que tinha grandes ideias de documentar cada etapa da jornada com sua nova câmera Brownie, já havia pedido a ajuda de um cabineiro para tirar uma foto das mulheres Thatcher e JW em seu compartimento de viagem — “para a posteridade”.

Em seu pequeno compartimento, Beth sentou-se ao lado da mãe e em frente às irmãs, esperando a partida do trem. JW, empolgado com tudo o que estava observando, subia e se contorcia de um colo para o outro, explorando toda o pequeno aposento com a curiosidade de um garotinho com quase dois. Emma e a babá de JW estavam em seu próprio compartimento.

Beth tirou um livro infantil ilustrado da bolsa de Margret.

— Aqui, querido — ela chamou JW. — Sente-se com a titia e vou ler para você.

Seus braços estenderam-se para Beth, e ela o aconchegou em seu colo, abrindo o livro. Havia tempo para ler apenas um pouco de cada página antes que o garotinho estivesse virando para a próxima página. Mas o que Beth mais queria era uma desculpa para segurá-lo

— e dar descanso a Margret.

Julie inclinou-se.

— Margret, estou surpresa que a babá tenha permitido que você ficasse com ele pela manhã — brincou ela. — Ela dificilmente o deixa fora de sua vista.

Margret se permitiu um sorriso fraco, mas a mãe prontamente interveio:

— Lucille Bernard é uma babá profissional bem-educada e respeitada. Temos sorte em tê-la. Só queria ter encontrado alguém tão boa quanto ela quando estava criando vocês, meninas.

Julie encarou o olhar de Beth antes de fingir uma resposta inocente.

— Por que, mamãe? Nós não saímos tão bem como a senhora esperava?

A mãe descartou o disparate de Julie.

— Ela emprega as mais recentes e melhores práticas no cuidado de crianças. Você faria muito bem em cooperar com ela, Margret. Quem sabe quantas pessoas importantes ela ajudou a criar.

Julie sugeriu:

— Henry Oitavo, talvez.

— Julie Camille Thatcher, já basta.

Beth voltou sua atenção para a criança em seu colo e leu um pouco mais em tom dramático, apontando para as imagens de patos para manter JW interessado.

— Patinhos, titi Bet. Patinhos.

Margret suspirou. A frustração estava escrita no rosto da irmã, sentada em frente a Beth. A babá o quer com ela às dez horas da manhã, pois insistiu que ele fosse tirar a soneca como de costume.

— E é assim que deve ser, Margret.

— Mas, mãe, ele vai ter muita dificuldade para cochilar no trem. E ela não vai balançá-lo para dormir — o máximo que fará é dar um tapinha nas costas dele. Receio que ele não adormeça hoje, sem ter um berço, deitado no sofá ao lado dela. Você não acha que eu poderia... apenas uma vez?

A mãe estendeu a mão e deu um tapinha no joelho de Margret.

— Querida, a Srta. Bernard sabe o que está fazendo. Deixe que ela faça o trabalho dela.

Margret lançou um olhar miserável em direção a Beth. E naquele instante, Beth compreendeu que as duas estavam discutindo esse assunto há algum tempo. Ela apertou os braços ao redor de JW e decidiu prover qualquer apoio e incentivo que pudesse para Margret.

Beth ouviu os sinais da partida do trem e esperou o jato de vapor que sabia que viria a seguir. Quando o trem sibilou pela janela e a cabine se lançou para a frente, JW correu para o colo de Margret. Em pouco tempo, o garotinho se acalmou para o passeio, sentado confortavelmente com a mãe e bebendo água de um pequeno copo de prata. Beth percebeu que os olhos de JW pareciam sonolentos, mas ele parecia perfeitamente satisfeito, aninhado onde estava.

Enquanto as milhas passavam, Beth também se acomodou e desfrutou do prazer de conversar com as irmãs e mãe. Havia muito que precisava recuperar, e Beth ficou encantada ao saber que as pinturas de Julie receberam um mural numa galeria de arte local — três pinturas de natureza-morta já foram vendidas, e também que o marido de Margret, John, um corretor da bolsa que tinha numa empresa bem conhecida, havia sido recentemente promovido.

Margret soava bastante surpresa com o sucesso que John conquistou no crescente mercado de investimentos com tanta rapidez.

— Às vezes ele me diz quanto valem as nossas ações e eu mal posso acreditar! Parece tão irreal. Sinto vontade de rir quando o ouço falar sobre ações com o papai. Os dois veem as coisas de maneira muito diferente — ela acrescentou em tom divertido.

— Papai querido — Julie riu. — Você precisava ouvir os dois, Bethie. John fica insistindo que o papai devia investir mais — que ele não teria que trabalhar tão duro se estivesse ganhando os lucros que são obtidos por meio de investimentos. Mas o papai, coitadinho, não consegue entender a era moderna.

— Julie! Já basta dessa conversa — disse a mãe. — Eu não vou admitir nenhuma palavra de crítica ao seu pai.

— Sinto muito, mamãe.

Mas o brilho nos olhos de Julie demonstrava um sentimento diferente.

Beth ouviu a conversa sobre seu círculo de amizades comuns e os eventos sociais que ela havia perdido. Era agradável e satisfatório apenas estar com a mãe e as irmãs novamente.

Então Julie arruinou a calma.

— Estava pensando, Beth, agora que o papai não está aqui para nos ouvir... — Ela avançou e lançou olhares buscando apoio. — Não deveríamos estar discutindo o assunto que todas gostaríamos de saber? — Margret assentiu de forma encorajadora, e Beth estremeceu quando Julie disse: — Conte-nos tudo sobre o seu Mountie, irmãzona.

Beth olhou de soslaio para a mãe, que estava ao lado dela. Ela não encontrou forma de escapar.

— Bem, eu... não sei muito bem o que dizer.

— Conte-nos tudo - disse Julie com um sorriso.

— Oh, meu Deus! — *Por onde começar?* — Eu o conheci num domingo, depois da igreja. Ele não estava no posto em Coal Valley, mas essa era uma das comunidades pelas quais ele era responsável. Então o trabalho dele o trouxe muitas vezes para a nossa localidade. Pude conhecê-lo muito bem nos meses em que estive lá.

— O que ele estava fazendo? — Margret perguntou, mudando JW para outra posição e oferecendo-lhe um novo brinquedo, que foi no mesmo instante jogado no chão. Sem se agitar, Margret acrescentou: — Sempre me perguntei o que eles — os Policiais Montados — de fato *fazem*.

Beth confessou:

— Eu na verdade não sei muito. Ele ia e vinha — e parecia conhecer a todos. Ele disse uma vez que não havia exatamente uma prisão em seu posto, mas tenho certeza de que o Jarrick estava envolvido com o estabelecimento da lei de alguma forma. E sei que houve certo trabalho de investigação no final do meu ano lá, embora não saiba bem dizer o que ele fazia em outras ocasiões.

Isso pareceu apenas deixar Margret ainda mais intrigada.

— Que *tipo* de trabalho de investigação?

Beth precisaria falar com cautela. Não era bom entrar em detalhes sobre Davie Grant e suas más ações e contrabandos, ou como o pequeno Wilton Coolidge havia bebido, de forma inconsciente, certa quantidade da bebida nociva e levado às pressas para o hospital que ficava a tantos quilômetros de distância. Talvez fosse melhor que elas não soubessem que Beth tinha encontrado com o Sr. Grant quando estava sozinha na floresta e foi ameaçada se não deixasse a cidade no final do ano letivo. Beth jamais se esqueceria o olhar de ódio e raiva no rosto dele quando, por fim, os policiais o levaram algemado para nunca mais retornar à pequena comunidade.

Beth respondeu, no tom mais pragmático que conseguiu:

— Jarrick estava trabalhando para prender um criminoso em particular. Na verdade, Edward também foi chamado para ajudar. Disseram-me que o talento de Edward para este trabalho é bastante natural.

A mãe assentiu ao ouvir o nome conhecido.

— Que tipo de criminoso, Beth? — Margret quase sussurrou.

— Nada vil e terrível, foi um contrabandista que operava de nossa localidade.

É quase uma mentira dizer isso de forma tão despreocupada. Beth desejava ter tido mais tempo para planejar o que ia dizer.

— Eu sabia! — a mãe interferiu. — Eu *sabia* que aquela taverna onde você dava aulas era apenas uma fachada para bebedice. Devia ter enviado seu pai para trazê-la para casa assim que soube que era para ser o local das aulas.

Bem, a conversa saiu do controle rapidamente.

— Eu estou bem, mamãe. O homem foi preso. E nunca vi nenhum vestígio de álcool no salão de bilhar, não vi ninguém infringindo as leis de proibição. O ponto principal da história é que Jarrick e os outros oficiais envolvidos investigaram e puseram fim à atividade criminosa.

— Sim, pela graça de Deus você voltou para nós...

— Exatamente — concordou Beth, pegando a mão da mãe e apertando-a. — Pela graça de Deus, e sob a proteção dEle eu não estive em perigo nem por um instante. — Ela se recostou mais uma vez e se adiantou para outro assunto, dirigindo-se à Margret. — Jarrick viajava com frequência. Ele entrava e saía de Lethbridge, muitas vezes fazendo entregas em nossa área quando voltava. Ele era um grande amigo do nosso pastor local — se pudéssemos chamá-lo de pastor local, já que ele vai de comunidade para comunidade todas as semanas. Os dois já compartilharam alojamentos em Calgary. Então acho que às vezes, em especial aos domingos, Jarrick vinha pra visitar o Philip — isto é, Pastor Davidson.

— Hum.

A mãe não estava disposta a desistir de ver problemas com a localização da sala de aula.

— Continue — Margret insistiu. — Como vocês perceberam que estavam interessados um no outro?

A questão fez com que Beth lançasse outro olhar de soslaio para a mãe. Mas ela decidiu responder Margret apesar *da inquietação da mãe. A mente de Beth depressa analisou o que poderia dizer.* Devia mencionar o papel de Edward? Será que era fofoca? Mas o que resta se esses detalhes forem ignorados — a bagagem perdida, o retorno do violino, os comentários enganosos que ele fez a Jarrick? Por outro lado, se tudo isso for omitido, haverá uma história para contar?

— Bem, por muito tempo Jarrick acreditou que eu já tinha um acordo — que já estava comprometida com outra pessoa.

Os olhos de Margret estavam tão grandes quanto xícaras de chá.

— Ele achou? Comprometida com quem?

Nem mesmo Julie não tinha ouvido essa parte da história. Ela se inclinou para a frente, fazendo gesto para Beth continuar.

— Eu prefiro não falar mais sobre isso — Beth foi rápido em agregar. — Basta dizer que Jarrick estava respeitando o que ele entendia ser o caso. E não foi até...

Julie empertigou-se no assento num salto.

— Edward! Foi o Edward! A menos que você vá dizer que foi o Philip, mas o Jarrick conhecia ele muito bem para pensar isso. Só pode ter sido o nosso Edward. Não há mais ninguém. — Julie inspirou depressa. Ela sussurrou bem alto: — O Edward disse ao Jarrick que já estava comprometido com você? Essa é boa!

O coração de Beth estava batendo forte, e ela sabia que seu rosto estava corado por causa da vergonha. Beth olhou para o chão e depois para a mãe. *Será que mamãe também presumiu que Edward havia pedido Beth em casamento? Mais do que isso, será que papai compartilhou com a mãe a conversa telefônica que teve com Jarrick? Será que ela já sabia que Jarrick havia começado a me cortejar oficialmente?*

A única resposta da mãe veio com um aceno cuidadoso.

— Prossiga, Beth.

Era impossível decifrar a expressão impassível que Beth viu no rosto da mãe.

Depois de limpar a garganta, Beth continuou:

— Só foi depois que Jarrick soube que eu *não* estava comprometida que ele decidiu expressar seus sentimentos. Na verdade, não foi até ele me levar para a estação de trem a caminho de casa. — Beth optou por guardar consigo pelo menos uma parte de seu

segredo por enquanto. — A única outra coisa que vou falar sobre o Jarrick é que observei a conduta dele por quase um ano, e o considero um homem muito bom. Que ele é o tipo de pessoa... bem, com quem conseguiria me ver casando. Estou orando com fervor, pedindo pela sabedoria, pela clara direção de Deus... um passo de cada vez.

Foi um resumo bastante sensato de algo muito pessoal — de emoções que se tornaram muito profundas.

— Bem — disse a mãe, parecendo satisfeita, aliviada —, então não é algo muito sério.

Era evidente que o papai não havia compartilhado o pedido de Jarrick para cortejá-la.

— Não é muito sério? — Julie exclamou. — Devia ter visto a maneira como ele olhava para ela! E como ele é bonito — principalmente quando está vestido de uniforme!

Beth inspirou, tirou da bolsa o lenço atado, que segurava o monte de pétalas de rosa perfumadas, e o abriu com cuidado.

— Recebi estas flores dele — disse Beth num suspiro. — Encontrei uma caixa de rosas na minha cabine depois de embarcar no trem. De alguma forma, ele conseguiu fazer arranjos para que as flores estivessem esperando por mim.

Margret sussurrou com admiração:

— Que romântico!

Uma batida firme soou pelo compartimento. Julie abriu a porta para a senhorita Lucille Bernard, o rosto estreito e os lábios finos pressionados quando ela anunciou:

— Sra. Bryce, agora são 9h55.

Margret se levantou um pouco sem equilíbrio para entregar o filho já dormindo para a babá.

A mulher de cabelos grisalhos franziu a testa.

— Há quanto tempo ele está dormindo?

— Eu não tenho certeza. Estávamos... conversando.

— Humph. Isso não é um bom presságio para um dia feliz.

A Srta. Bernard se afastou e desapareceu sem dizer mais nada. Margret sentou-se de volta no assento.

— É para o bem dele, Margret — garantiu a mãe. — Você vai ver. Ele vai ficar ainda melhor no final.

Observando o rosto desanimado de Margret, Beth guardou as pétalas de rosa, e desejou que tivesse a chance de compartilhar mais de seu significado. Ela sugeriu com tranquilidade:

— Está quase hora do chá da manhã. Não seria bom encontrarmos as Montclairs e ver se elas gostariam de se juntar a nós no vagão-restaurante?

Capítulo 5

— Como, em nome de Deus, alguém consegue beber chá enquanto este trem está fazendo este estardalhaço? — Julie resmungou enquanto enxugava a boca, fazendo Margret rir.

— Segurando a xícara com firmeza e tendo um guardanapo na mão — aconselhou Beth, juntando-se às irmãs em sua brincadeira. Apenas Victoria, que compartilhava sua mesa, permaneceu retraída e distraída — olhando pela janela enquanto mordiscava sanduíches.

Beth procurou um tópico de conversa que pudesse capturar o interesse de sua jovem companheira.

— Estava pensando, Victoria, você trouxe seu violino? Pensei em trazer o meu, mas decidi que era melhor não trazê-lo — por causa da umidade e tudo mais.

A moça encarou Beth.

— Ah, sim, eu trouxe — mas só trouxe o antigo. Eu não poderia ter vindo se não tivesse permissão de, pelo menos, trazer meu violino!

— Entendo como você se sente, querida. Receio que eu vá sentir muita falta de tocar o meu. É relaxante e... ora, animador, de alguma forma.

— Para mim, é como estar em casa, mesmo quando não estou.

Aqui, por fim, havia sentimentos de Victoria que Beth poderia compartilhar.

— Eu tive tanta dificuldade em separar tempo para praticar. Mas tenho certeza *you* tem sido muito fiel.

— Oh, sim. — A menina concordou vigorosamente com a cabeça. — A mamãe reclama que eu pratico demais. Mas não é de fato praticar... par mim é *tocar*. E eu adoro tocar. Por que devo me importa que não haja ninguém para ouvir?

Margret sorriu calorosamente.

— Bem, nós íamos adorar ouvir você tocar algum dia, Victoria. Isso seria muito bom.

— Se quiserem. — A jovem deu de ombros e voltou a olhar pela janela. Mas de repente ela olhou para Beth. — Elizabeth, você pode tocar o *meu* violino sempre que quiser. Eu gostaria de compartilhá-lo com você.

— Obrigada, é muita gentileza. Eu ia gostar muito.

E assim, de repente, Victoria desviou o olhar mais uma vez.

Julie olhou impressionada, numa resposta dramática, olhando para Beth e para Margret, questionando-se sobre a jovem estranha. Beth passou um momento observando Victoria em silêncio. A mocinha era um estudo em disparidade. Ela era indiscutivelmente atraente — cachos escuros ao redor dos ombros sem qualquer adorno. Suas características delicadas, tez perfeita e coloração marcante a diferenciavam. E, no entanto, ela parecia ignorar sua aparência por completo.

No entanto, mesmo esse apelo natural era usado com descuido por Victoria, que não se entregava às graças sociais comuns. Ela era encontrada sentada num canto de pernas cruzadas na maior parte das reuniões sociais — a saia de um belo vestido novo, escolhido pela mãe, amontoado e amarrotado debaixo dela. Quando Beth a observou na casa dos Montclairs, Victoria em geral estava esparramada em um tapete, ao lado de um cachorro que raramente saía do lado dela.

Além disso, se Victoria reclamasse de qualquer necessidade para a mãe, a Sra. Montclair ia parar qualquer outra coisa para atender à filha. Tinha sido assim em todo o tempo que Beth conhecia a família. Priscilla considerava a menina mimada e difícil. Margret costumava defendê-la, dizendo que havia “mais do que aparentava”. No entanto, todos ficaram bastante surpresos que a mocinha não tivesse deixado de lado suas peculiaridades, conforme alcançava a adolescência. De qualquer forma, a oferta do querido violino de Victoria — estendida de forma tão liberal e sem pensamento egoísta — fez que Beth parasse para pensar o que sabia sobre a irmã mais nova de Edward. *Talvez seja possível entender melhor a Victoria. Ser uma influência. Incentivar as interações dela com o grupo.*

— Olá? Beth? Ainda está aqui conosco?

— Sinto muito, Julie, receio que estava pensando... — Beth balançou um pouco a cabeça e retomou a conversa.

— Vou voltar para a cabine — Margret por fim anunciou, colocando o guardanapo no prato vazio. — Talvez meu querido J

esteja acordado agora. Eu gostaria de caminhar com ele por um tempo. Vocês querem me acompanhar?

— Claro — Beth e Julie responderam em uníssono. Até mesmo Victoria se levantou para se juntar a elas.

As moças atravessaram os vagões até chegarem aos aposentos designados. Margret bateu suavemente na porta da cabine onde JW estava cochilando.

Beth olhou para as mãos vazias e tocou no ombro de Julie.

— Vou ter que voltar até vagão-restaurante. Acho que esqueci minha bolsa lá.

— Você deve se apressar, Bethie querida. Nunca se sabe quem poderia querê-la — uma bolsa tão... tão velha e interessante.

Estava claro que esse não era um elogio, era apenas a maneira de Julie zombar da irmã menos elegante.

Apressando-se de volta, Beth se aproximou do vagão-restaurante, parando assim que entrou na porta. Mesmo de onde estava podia ver que não havia mais nada na mesa — tudo havia sido recolhido.

— Senhorita — chamou uma voz. O homem estava segurando a bolsa conhecida. — Está procurando por isso?

— Oh, obrigada. Receio tê-la deixado aqui.

O garçom sorridente fez uma leve mesura.

— De nada, senhorita. Tenha um bom dia.

A mãe e a Sra. Montclair estavam levantando de seus lugares. Beth decidiu esperar por elas. Ela se esgueirou em um corredor curto na lateral, dando licença para dois passageiros passarem. Beth conseguiu ouvir a mãe e a Sra. Montclair conforme se aproximavam.

— Eu disse, Priscilla, você tem sido muito permissiva ao criar a Beth. Escreva o que eu digo, ela vai acabar se casando com alguém muito abaixo de seu nível, criando montes de crianças, pobres como ratos de igreja.

Beth se apertou mais no canto, sem conseguir se mexer devido ao choque enquanto as senhoras passavam. Elas pararam do lado de fora da porta. Beth só conseguia ver a parte de trás do vestido da mãe e seu cabelo preso com cuidado.

— Receio que você esteja certa, Edith — veio a voz baixa da mãe. — Mas não estou certa do que fazer. Ela pode ser tão teimosa e

pouco cooperativa. Foi exatamente o que eu disse para ela, mas minha filha não ouve. E agora temos um homem, a respeito de quem não sabemos nada, que acabou demonstrando interesse por ela. Estou profundamente preocupada. Será que é o dinheiro que ele quer? Será que é a influência do William? Não temos como saber. E estou ciente de que a visão idealizada que Beth tem sobre o mundo a impedirá de tomar uma decisão racional.

— Bem, é uma pena que ela não tenha aceitado o meu Edward. Deus sabe o quanto ele tentou, não podia ter tentado mais.

Beth podia ver a cabeça da mãe balançando por causa da consternação.

— Sim, sempre tentei ajudá-la a ver as boas qualidades do Edward, mas temo que ela não valorize minha opinião — sobre nada. Afinal, a tia Elizabeth também se casou com um Policial Montado, e que vida traiçoeira e nômade esse casamento produziu. Eu *não* quero essa vida para minha filha, que é tão frágil! Ela não foi feita para tais provas — a saúde de Beth não foi feita para suportar essas coisas.

Beth podia sentir as mãos abrindo e fechando na lateral de seu corpo. Ela fechou os olhos e ansiou que as mulheres não olhassem na direção onde ela estava antes de continuarem, a conversa delas ficando mais distante.

— Assim que chegarmos em Quebec, querida — disse a Sra. Montclair —, vou telefonar para o meu Edward e pedir a ele qualquer informação que possa compartilhar conosco. Tenho certeza de que ele vai esclarecer a situação.

— Obrigada, Edith. Considero essa uma grande gentileza...

E as duas prosseguiram e Beth não conseguiu mais ouvi-las.

Aquela conversa foi um golpe esmagador para Beth. Ela não tinha percebido como a mãe ainda considerava fraca sua capacidade para tomar decisões ou sua resistência física. *Se a senhora tivesse me visto, mãe. Se apenas se permitisse acreditar no que leu nas minhas cartas. Eu consegui me sair muito bem — por quase um ano. Eu não preciso ser mimada. Não sou uma criança.*

Beth tentou manter um semblante animado quando chegou ao compartimento compartilhado, mas não conseguiu se juntar a Margret, Julie e Victoria enquanto vagavam pelo trem para entreter o garotinho. Parecia que a mãe tinha ido para o compartimento da Sra. Montclair, para continuar com a conversa. Beth retirou-se para sua cabine, que estava vazia agora, caminhando de um lado para o outro desolada por algum tempo, antes de buscar na bolsa um livro para ler.

Por fim, ela escolheu o romance que o pai havia recomendado, pois ainda estava determinada a colocar sua atenção na leitura em vez de chorar.

— Pai querido — ela sussurrou para o assento vazio ao lado dela, desejando que ele estivesse lá — o senhor está certo. Não entendo a mamãe. Isso não parece amor. E receio não ter tido um bom começo no cumprimento da promessa que fiz a você.

O fato de Beth ter recusado o almoço não surpreendeu ninguém. Ela sempre comeu pouco, e viajar em geral parecia aumentar sua falta de apetite. O trem gemeu até uma parada no terminal de Montreal, e Beth se arrastou junto com os outros, mantendo a cabeça baixa e tentando não parecer tão abatida quanto se sentia. No segundo trem, Beth se encolheu no assento junto à parede externa, com a cabeça apoiada em um suéter que enrolou e colocou no canto e foi dormir. Ninguém parecia notar o estado de espírito que ao qual Beth havia sucumbido.



— O que você está lendo com tanta avidez?

A pergunta de Margret penetrou a solidão de Beth. Margret estava se preparando para dormir no quarto que compartilhava com Beth depois que JW adormeceu do outro lado do corredor com a babá. O grupo havia chegado à noite no iminente Château Frontenac, do qual o pai havia falado com tanta admiração. A silhueta nebulosa do hotel elevava-se sobre elas quando entraram, mas Beth estava totalmente indiferente, mantendo-se fechada em si mesma e evitando qualquer contato visual que pudesse suscitar perguntas. Agora que eles se instalaram em seus quartos, Beth recuou mais uma vez atrás de seu livro.

— É *Redburn*, do Melville — ela respondeu.

— Não me lembro desse título. O que mais esse Melville escreveu? Creio que deveria saber.

Beth suspirou.

— *Moby-Dick*.

— Oh, sim, esse eu li. É um livro bem longo. Não tenho certeza se entendi tudo que li — continuou Margret, puxando os prendedores do cabelo e sacudindo-o. — Esse livro é sobre o que?

— Um jovem indo para o mar. A família dele perdeu a

fortuna. Mas ele não sabe nada sobre navegação, então foi muito difícil para ele.

Margret se virou e riu.

— Bem, espero que não haja um naufrágio, querida. Creio que isso não seja um bom presságio para nós.

Beth não respondeu.

Enquanto Margret escorregava sob seu edredom e desligava o pequeno abajur Tiffany em sua mesa de cabeceira, ela disse em meio a um bocejo:

— Não fique acordada até tarde, Beth. Amanhã vamos passear.

— Eu cochilei hoje. Vou ficar bem.

Já passava da meia-noite quando Beth fechou a capa azul, sentindo como se tivesse acabado de passar algum tempo com o pai, apenas os dois compartilhando a história. Ela apressou-se para vestir a camisola e deslizou com cuidado para a cama. No entanto, na escuridão e no silêncio, as lágrimas reprimidas começaram a fluir sem controle. *Por que é tão difícil conquistar a aprovação da mamãe? Por que sempre me desmerece dessa forma? Eu sou mesmo teimosa e não cooperativa? Será que tenho mesmo uma visão idealizada do mundo, tornando impossível fazer decisões racionais? O que estou deixando de entender sobre nosso relacionamento? Será que nunca haverá paz e confiança entre a mamãe e eu?* E assim por diante foram suas perguntas silenciosas na escuridão.



Beth começou o dia seguinte com a Bíblia, na esperança de melhorar seu estado de espírito. Decidiu que não podia se ressentir das preocupações da mãe sobre um homem a quem não conhecia, ou a necessidade que ela tinha de confiar em um amigo. Beth honraria a mãe, embora tivesse se sentido muito magoada por causa da exígua consideração que havia sido dada às suas habilidades e julgamento.

Ela escolheu o mais simples dos vestidos novos e calçou o novo sapato confortável. Deixe que Julie reclame sobre o traje de Beth não ser elegante — pelo menos ela estaria confortável. Enquanto organizava a bolsa para o dia, Beth tirou o pacote de pétalas de rosa e colocou-o em um canto da mala onde não seria esmagado. Incapaz de abandonar por completo a lembrança, ela retirou uma pétala murcha e embrulhou-a no lenço. De alguma forma, Beth sentia como se

Jarrick estivesse junto com ela durante o dia, pelo menos em espírito.

Beth se apressou pelo corredor até o quarto de das Montclairs, onde as outras estavam reunidas.

— Aprese-se, Edith — ela ouviu a mãe insistindo ao abrir a porta. — Ele disse que vamos sair daqui a dez minutos. E receio que ele vá sem...

— Oh, não, ele não vai, Priscilla. Um homem trabalhando para nós *não* faria tais exigências para mim. Eu não vou aceitar isso.

A mulher estava sentada na frente da penteadeira, experimentando o chapéu em vários ângulos.

— É que ele fez todos os arranjos, Edith. Parece-me prudente que nós o atendamos...

— Bobagem! Estas são as minhas *férias*. Esperei pacientemente durante anos por isso. E não vou entregar o controle desse momento a um estranho — e para um francês ainda por cima.

Beth não sabia se deveria entrar no caos ou não.

Margret, carregando JW em seus braços, e Julie estavam esperando ao lado da porta. Victoria estava encolhida em uma cadeira, demonstrando estar indiferente a todo o escândalo.

Priscilla insistiu:

— Mas, Edith, o café da manhã que ele organizou para nós — o monsieur encontrou um terraço com uma bela vista do St. Lawrence. Não acha que ia gostar?

A Sra. Montclair virou-se.

— O *Sr. Lorant* deve saber desde o princípio que eu não vou deixá-lo me intimidar. Estarei pronta quando estiver bem e pronta.

Priscilla, parecendo um pouco pálida, caminhou em direção à porta, aconselhando com suavidade:

— Meninas, por favor, vão ao saguão para se encontrarem com o Monsieur Laurent? Se não estivermos lá embaixo no momento em que ele precisar sair, vocês estão livres para irem sem nós. Vou tentar apressar a Edith. No entanto, se chegar a esse ponto, por favor, peça que ele deixe o endereço na recepção, e vamos ir em seguida de táxi.

Julie girou em seu calcanhar e marchou pelo corredor. Margret lançou um olhar para Victoria, que parecia achar melhor abandonar a mãe em favor da promessa do café da manhã, e as

seguiu. A última vez que ouviram foi:

— Ora, onde deixei meus óculos? — em tom de frustração.

Monsieur Laurent permitiu muito pouco mais tempo de espera antes de balançar a cabeça e sair com as moças sem as duas matriarcas. Ele as conduziu com habilidade pelo labirinto de corredores largos e elegantes do hotel, até chegarem a um amplo conjunto de portas. Saindo para o sol brilhante, Beth ficou surpresa ao encontrar-se em um mundo diferente do que vislumbrara na escuridão ontem à noite. Ela seguiu o guia através de uma ampla passarela pavimentada, até chegarem a um longo corredor.

Olhando além, Beth ficou maravilhada ao ver uma queda repentina sobre um penhasco e uma vista magnífica da cidade baixa e do rio. Olhando de um lado para o outro, Beth se perdeu na vista espetacular.

Com um gesto dramático, o guia turístico chamou a atenção das jovens para o que havia atrás delas.

— *Regardez vous.*

Muito acima apareceu a estrutura extensa e imponente do hotel Le Château Frontenac. O edifício de tijolo e pedra calcária, com as fileiras alinhadas de janelas, erguia-se andar após andar, inclinado aqui e ali em cantos e torres surpreendentes. As paredes se estendiam até o telhado íngreme e a torre central se destacava no céu azul. Era verdadeiramente magnífico — talvez o edifício mais bonito que Beth já tinha visto.

— É incrível! — Margret suspirou. Julie estava ocupada tirando fotos com a câmera, e Monsieur Laurent ficou feliz em tirar muitos retratos do grupo delas tendo o hotel como pano de fundo.

— Oh, papai vai adorar ver essas fotos! — Julie exclamou entusiasmada.

— Vocês estão prontas para conhecer mais da nossa cidade? *Oui?* Então sigam-me — instruiu Monsieur Laurent. — É um dia lindo. Vamos caminhar até uma pastelaria favorita para o nosso desjejum. Não é muito longe, e creio que vão gostar do passeio.

O caminho provou ser um pouco longo, mas sempre em declive, por isso foi de fato uma caminhada agradável — mesmo para Margret, que estava carregando JW, embora Beth compartilhasse a tarefa com alegria no meio do caminho. Zigueagueando ao longo das ruas estreitas e cruzamentos largos, passando por belos jardins, o grupo logo encontrou-se cercado por paredes de pedra e lojas lotadas,

e Julie continuava apontando a câmera para qualquer coisa que lhe capturasse a atenção.

O guia as encorajava.

— Vamos continuar caminhando, senhoras. Sim, estaremos lá em breve.

— Mas, Julie, você não estará em nenhuma das fotos — observou Margret. — Não quer que eu tire a próxima?

Julie riu.

— Você tem razão, querida. Ia ser bom provar que eu também estava no passeio!

— Vamos ter muito tempo — Beth persuadiu com um pouco mais de firmeza do que o homem paciente. — Se apresse, Julie, não queremos ficar para trás.

— Monsieur — Beth o chamou —, sinto como se de alguma forma tivesse saído do hotel direto para a Europa esta manhã, ou pelo menos como imagino que seja a Europa. A cidade de Quebec é muito... bem, muito mais ‘estrangeira’ do que eu imaginava.

Ele respondeu com um sorriso encantador e um leve mesura, expressando em seus olhos o orgulho de sua cidade natal.

— Sim, entendo o que quer dizer, mademoiselle. É uma cidade muito antiga, fundada em 1608, e o coração de *la Nouvelle-France*. Ainda podemos apreciar aqui grande parte do Velho Mundo.

E logo, como prometido, as damas se viram sentadas em um pátio lotado, com vista para o rio. Os deliciosos doces valeram a caminhada, todos concordaram, incluindo JW, que mostrava sinais da guloseima nas bochechas.

— Sra. Bryce — disse o Monsieur Laurent a Margret —, eu terminei de comer. Permita-me segurar o pequeno para que a senhora possa desfrutar de seu café da manhã. Monsieur estendeu a mão para JW enquanto falava, e o garotinho ansiosamente estendeu os bracinhos.

— Receio que ele esteja coberto de migalhas, monsieur — Margret hesitou.

— Oh, não tem problema nenhum. Já segurei muitos bebês na minha vida.

Inclinando-se para trás em sua cadeira, ele fez JW saltar nos joelhos, cantando os versos de uma cantiga em francês. O rosto do

Monsieur Laurent se movia, formando uma série de expressões exageradas, fazendo que a criança risse satisfeito.

Julie comentou:

— O senhor deve ter filhos, monsieur.

Uma sombra fugaz cruzou o rosto do homem antes que ele pudesse responder com calma:

— Sim, tive dois meninos. Mas perdemos os dois na guerra.

— Lamento muitíssimo — respondeu Margret.

— *Merci*.

Beth sentiu o coração contrito ao saber sobre a perda do Monsieur e gostaria de saber mais, mas a mãe e a Sra. Montclair chegaram de táxi justo naquele instante.

— Sejam bem-vindas. Espero que estejam desfrutando dessa agradável manhã.

— Bom dia, monsieur. — O sorriso da mamãe parecia um pouco forçado. — Estou confiante de que vai melhorar.

— Temos um carro vindo nos buscar em dez minutos — o homem disse com cordialidade. — Vamos dar uma volta antes do almoço, e depois fazer compras à tarde. Está bem para vocês?

— Dez minutos — repetiu a Sra. Montclair. — É difícil alguém comer em tão pouco tempo!

— Oui, madame.

O sorriso de Laurent nunca desaparecia.

Encantada com a atitude dele com a Sra. Montclair, Beth sorriu calorosamente para o Monsieur.

— Aqui, monsieur, deixe-me pegar o JW para que o senhor possa reunir suas coisas.

Mas o menino se afastou das mãos de Beth e se escondeu contra o peito do guia.

— Creio que ele tenha se decidido, Srta. Thatcher — disse ele com uma risada.

O coração da Beth se desanimou. O sobrinho havia escolhido um estranho em vez dela, que era a tia. Beth esperava que isso não fosse um sinal de como seriam as coisas.

Capítulo 6

As visitas a pontos turísticos acabaram sendo uma batalha constante entre a Sra. Montclair e o Monsieur Laurent. A Sra. Montclair encontrava uma lojinha ou quiosque nas proximidades, mas o guia fazia que seguissem em frente, insistindo que as compras aconteceriam à tarde. De vez em quando, a Sra. Montclair ignorava as instruções do guia e desaparecia, aparecendo mais tarde com outra sacola nas mãos, parecendo satisfeita consigo mesma por ter ludibriado o Monsieur Laurent.

Quando voltaram para o hotel para almoçar, Beth se jogou atravessada na cama, cansada de caminhar e das constantes interrupções da mãe de Edward e da câmara de Julie. Os sapatos novos provavelmente ficariam confortáveis quando laceassem, mas hoje lhe deixaram bolhas nos calcanhares. Ela desejava tirar uma soneca em vez de outra refeição, mas levantou-se com um suspiro, trocou de sapatos e seguiu os outros para uma das belas salas de jantar do hotel.

Após o almoço, o grupo embarcou em táxis e foram até uma grande área comercial, que tinha uma loja pitoresca após a outra e vendedores ambulantes — um local muito melhor do que os locais turísticos da manhã. Mais uma vez, com apenas um brilho nos olhos, Monsieur Laurent as direcionou às lojas com os melhores valores. A Sra. Montclair parecia menos presunçosa, pois percebeu que naquele lugar havia uma seleção muito melhor de mercadorias a preços mais baixos do que as compras que fizeram pela manhã.

Monsieur Laurent estava sempre por perto, ajudando a barganhar pelo melhor valor e responder às muitas perguntas, interpretando em especial a sinalização e a moeda francesas. Na rua, Beth ficou impressionada ao ver uma exibição de pinturas que capturaram não apenas a aparência da encantadora cidade francesa, mas também algo do clima e do caráter do lugar.

— Quanto custa? — ela apontou para o quadro favorito e tentou pronunciar da melhor maneira: — *C'est combien?*

Infelizmente, Beth não imaginou que não entenderia a informação dada como resposta rápida. Monsieur sorriu e repetiu o preço em inglês.

É um valor adequado. Na verdade, é até barato — embora a pintura seja volumosa para embalar. Beth parou para pesar a ideia com cuidado. Mas, pode ser que uma pintura seja melhor para ensinar as crianças sobre esta cidade do que uma fotografia pequena e apenas em preto e branco. Isso daria uma impressão bonita e mais precisa de Quebec.

— *Oui* — disse Beth enquanto buscava o valor na bolsa.

Mas Monsieur Laurent já estava entregando o valor correto para o artista enquanto murmurava para Beth:

— Seu pai me instruiu a lidar com todas as transações financeiras durante a viagem.

O pintor envolveu a pintura no papel marrom e abriu um largo sorriso.

— Aproveite, mademoiselle.

Monsieur pegou o pacote.

Beth parou, olhando mais uma vez para a exibição de arte. *Em vez de quinquilharias e bugigangas, uma pintura transmitiria com precisão as outras áreas do Canadá para meus alunos.* Imediatamente Beth abriu um sorriso. *E a Julie podia fazer as pinturas!*

— Monsieur, pergunte a ele, por favor: será que ele tem alguma tela em branco?

— Srta. Thatcher? A senhorita quer as telas em branco? Quer dizer, sem pintura?

— Sim, para que minha irmã possa pintar cenas de nossa jornada.

Sem entender muito bem, o Monsieur Laurent fez a pergunta ao artista surpreso. Eles discutiram o pedido incomum por alguns minutos antes de chegarem a um acordo a respeito do preço.

— Não é um acordo muito bom, senhorita. Ele está cobrando uma quantia considerável por já ter preparado as telas.

— Está tudo bem. Por favor, diga a ele que minha irmã vai pintar para mim ao longo do caminho.

— Eu já disse, Srta. Thatcher. Mas ele ainda vai para casa contar aos amigos sobre a turista tola que preferiu comprar suas pinturas em branco.

Beth corou quando Monsieur Laurent adicionou mais moedas àquelas que já estavam na mão do homem. Ele sorriu, fazendo um gesto exagerado com os ombros.

— Bethie, viu essa bolsa? — Julie exclamou. — Não é elegante?

— É muito bonita. Você não tem uma do mesmo tamanho?

— Sim, querida, mas é uma cor diferente. Elas são *completamente* diferente. Você não acha que essa ficaria bem com a minha blusa plissada verde e branca?

— Ora bolas, Julie, não sei por que você se incomoda em me perguntar. É evidente que você sabe sobre isso melhor do que eu.

Esse comentário foi recebido com uma risada animada.

— É claro que você está certa, irmã querida. Acho que estou só puxando papo — Julie disse rindo. — O que você comprou? Uma pintura?

— Várias, na verdade. Monsieur está só acertando a entrega. Mas... bem, os quadros ainda não estão pintados.

Julie a encarou confusa.

— Eu quero que você faça as pinturas... ao longo do caminho. Então vou poder mostrar aos meus alunos como é o leste do Canadá e ensiná-los sobre outras partes do nosso país.

Julie deu de ombros e voltou a atenção para a bolsa.

— Creio que vou ter tempo. O que mais vamos ter para fazer no mar?

Mas a atenção de Beth foi atraída para alguém que estava atrás delas.

— Não olhe diretamente, Julie — ela sussurrou —, mas você notou aquele rapaz que continua olhando em nossa direção? Não, não olhe para ele!

As irmãs riram de nervoso, e Julie depressa escondeu-se atrás de um expositor de chapéus de abas largas, com a expressão do rosto uma mistura de diversão e alarme.

— Ele ainda está olhando? Ele já saiu? — ela disse, rindo alto, de forma embaraçosa.

Beth pôs uma mão na boca da Julie.

— Sim, ele está vindo pra cá e está olhando pra nós.

Julie arregalou os olhos e olhou em volta de um chapéu.

— *Bonjour* — exclamou o estranho quando se aproximou. — Você fala inglês? — ele perguntou com ousadia. — Poderia me ajudar, por favor? Eu preciso muito da opinião de uma mulher, e você parece saber uma coisa ou outra sobre lenços.

— Você é inglês? — Julie perguntou.

— Sou americano. — Em seguida, trocando as malas de mão, ele estendeu a outra em direção a Beth. — Meu nome é Nick — Nick Petrakis. Prometi à minha mãe que levaria um lenço novo para ela, mas *não faço a menor ideia* de como diferenciar um bom lenço em contraste com um de segunda categoria. Será que vocês poderiam dar uma ajuda para um cara como eu?

Beth pegou a mão oferecida com um aceno.

— Claro.

A mão da Julie já estava estendida.

— Olá, Nick. Sou a Julie, e esta é a minha irmã Beth.

— Bem, vocês duas são apenas um par de belezuras.

Aquele elogio bajulador fez Beth recuar, mas teve o efeito oposto na irmã.

— Eu ficaria feliz em dar uma mão. — Julie passou pela irmã, encarando-o com olhar coquete. — Como sempre digo, creio que tenho um bom olho para a moda. Só preciso saber a cor dos olhos de sua mãe?

— Como é? O que a cor dos olhos dela tem a ver com um lenço?

Beth sentia-se desconfortável com a maneira galanteadora que eles estavam interagindo. Nick se inclinou para mais perto, uma mão apoiada acima da cabeça de Julie no cabide de chapéus.

— Tudo — insistiu Julie, inclinando o rosto de uma maneira tímida.

— Bem, então, os olhos dela são castanhos. Castanhos escuros, como os meus. — O rapaz se inclinou um pouco mais perto. — Isso ajuda, Julie?

De repente, Julie virou-se em direção à mesa segurando um monte de lenços.

— Bem, gosto deste. Ou não, esse é melhor. O vermelho vai

bem com os olhos castanhos... o adorno amarelo vai complementá-los também.

Julie começou a vasculhar ainda mais a pilha.

Nick voltou sua atenção para Beth.

— Estou saindo de navio amanhã, sabe, então tenho que terminar minhas compras hoje.

Beth deu um passo desastrado para trás.

— Nós... nós também vamos partir amanhã.

— Não me diga. Não diga que vocês está navegando no *Royal Phoenix*, estão? Essa não seria uma estranha coincidência?

O rapaz parecia estar desconfortavelmente perto.

— Eu não sei o nome do navio.

Beth achava difícil encará-lo.

— Então só posso esperar — disse Nick com um sorriso e uma piscadela daqueles olhos castanhos.

O rapaz se juntou a Julie, e contemplaram os lenços que ela tinha apoiados sobre o braço. Beth franziu a testa, sentindo o pulso acelerado. O rapaz parecia bastante inofensivo — e ainda assim, era assustadoramente ousado. *Talvez seja assim com os americanos*. Beth tentou se lembrar se já tinha sido apresentada a algum americano antes. *Com certeza houve ocasiões. O papai tem muitos contatos comerciais americanos, embora nunca um homem tão jovem como este*.

Ele era mais baixo que a maioria, mas era atlético e musculoso. A camisa que ele usava ficava justa no peito e nos braços. O rapaz fazia Beth pensar em uma mola enrolada — toda a energia apenas esperando para ser liberada. Beth corou, mesmo sem querer.

— Ah, esse é perfeito. Ela vai adorar! O tal de Nick pegou a mão de Julie e beijou-a lentamente. — Como posso agradecer, boneca? Eu *de fato espero* vê-las outra vez.

Virando-se para acenar para Beth, o rapaz foi pagar pela compra.

Julie se aproximou, olhando para onde Nick tinha ido.

— Bethie, você viu os olhos dele?

Naquele momento, a mãe chegou com Margret.

— Vocês estão quase acabando, meninas? Margret e eu

gostaríamos de chamar um táxi. Estamos quase exaustas. Onde está o nosso guia?

O Monsieur tinha conseguido dois veículos em alguns minutos. Durante todo o caminho de volta para o hotel, sempre que os olhos de Beth se encontravam com os de Julie, a irmã cobria sua boca para abafar as risadas.



As docas eram uma gloriosa confusão de pessoas, carrinhos e preparativos para a partida. Os viajantes embarcaram o mais cedo possível pela manhã, atravessaram os corredores estreitos até as suítes, depois se reuniram no convés para terem uma boa vista do cais enquanto o navio partia.

Olhando em direção à cidade quando começaram a se afastar, Beth percebeu que com facilidade poderia ter desfrutado de vários outros dias no charme do Velho Mundo da cidade de Quebec.

Por outro lado, também estava ansiosa para relaxar numa espreguiçadeira na companhia de um livro, e ter uma pausa agradável da agitação de loja em loja, na esperança de não haver mais dificuldades entre seu pequeno grupo.

Beth encostou-se na balaustrada de madeira polida e deixou o sol brilhante e a brisa refrescante fluírem sobre seu rosto. Era o clima perfeito e a época perfeita do ano. Beth pegou o lenço guardado onde colocara mais uma pétala das rosas de Jarrick enquanto se vestia naquela manhã. Sentia-se absolutamente tomada por alegria e satisfação, tão grata por ter concordado em vir no cruzeiro. *Jarrick estava certo encorajando-me a vir junto com minha família.*

Ela logo estava desfrutando da encantadora costa — florestas verdes, fazendas dispersas, pitorescas aldeias de pescadores e, de vez em quando, uma belíssima mansão, com gramados que se estendiam até a beira da água.

No entanto, à medida que navegavam mais para o leste ao longo do sempre crescente St. Lawrence, Beth começou a sentir um crescente mal-estar. Ela não tinha pensado mais no enjoo, apesar dos avisos anteriores de Victoria. Logo, Beth não pôde mais negar que se sentia mal e retirou-se para a cabine, puxou as cortinas e murchou na espreguiçadeira, esperando alívio. A mãe se agitou e se preocupou. Emma trouxe chá de gengibre, aspirina e compressas frias.

Mas Beth mal conseguiu deixar de ceder à náusea.

Julie entrava e saía com frequência, às vezes acendendo a luz ou fechando a porta muito alto. Uma longa pausa de silêncio só veio depois que a mãe e a irmã colocaram vestidos e saíram juntas. *Que pena perder o primeiro jantar a bordo. E como era humilhante parecer confirmar a recente avaliação da mãe sobre minha fragilidade.*

Beth espremeu água fria de um pano na bacia equilibrada em seu colo e colocou-o na testa mais uma vez, tentando fazer isso sem mudar a cabeça de lugar contra o sofá estofado. Se tivesse cuidado de não se mover muito rápido, esperava que o silêncio e a escuridão da sala logo aliviassem sua terrível dor de cabeça.

Em algum momento da noite, uma batida abafada na porta da cabine marcou a entrada da irmã.

— Bethie? — Pelo menos Julie lembrara-se de manter a voz baixa desta vez. — Bethie, está acordada?

Beth respondeu entre os dentes cerrados:

— Sim, entre.

Ela pôde sentir a luz penetrante da abertura da porta, mesmo através do pano molhado e olhos fechados.

— Bethie? Gostaria de apresentar uma pessoa.

Incompreensível, embora certamente crível, que Julie esperasse me apresentar a alguém num momento como esse. Beth suspirou e tirou o pano da cabeça, apertando os olhos para a forma de Julie e a de uma segunda jovem logo atrás dela.

— Esta é Jannis. Acabamos de nos conhecer. — Beth fechou os olhos outra vez e sussurrou uma saudação à estranha que não era bem-vinda. Ela sentiu a mão de Julie perto dela. — Contei que você estava se sentindo mal, e ela quer ajudar.

Sem esperar por mais apresentações, a garota interveio:

— Eu tenho um comprimido para você. Sei que vai ajudar. Fez maravilhas pelo enjoo da minha irmã. — Depois de uma pausa, ela disse: — Tome aqui.

Beth sentiu um pequeno comprimido sendo colocado em sua mão e ouviu o som da água sendo servida.

— O que é isso? — perguntou Beth, esforçando-se para se levantar em um cotovelo.

A desconhecida riu.

— Oh, eu não sei. Apenas algo para acalmar o estômago e

parar a dor de cabeça. Aposto que você vai sentir melhor num piscar de olhos. Funcionou assim para a Penny. E como! — Então ela acrescentou, após pensar um pouco. — Essa é a minha irmã... Penny.

Sem outra palavra, as moças saíram pela porta e foram para o corredor.

Depois do que pareceu pouco tempo, Beth estava se sentindo muito melhor. Ela levantou a cabeça com cautela. O comprimido com certeza pareceu funcionar. Quase como se estivesse em um mundo de sonhos, Beth se levantou e se lavou, trocou a roupa pegajosa e amassada e arrumou o cabelo diante do enorme espelho dourado. *Era um alívio sentir-se saudável outra vez.* Por um momento, ela se perguntou o que havia no remédio, mas logo deixou esse pensamento de lado. *Seja o que for, fez o seu trabalho.* Beth saiu para o corredor, com a intenção de encontrar Julie e sua nova amiga para agradecê-las. Então ela viu as duas jovens virarem uma esquina em sua direção.

— Bem, que tal isso! — a nova conhecida exclamou no corredor. — Você está adorável!

— Eu me sinto bem — Beth garantiu às duas.

Julie perguntou:

— Você consegue comer alguma coisa?

— Ora, sim, estou morrendo de fome. Imagine isso! Estou mesmo com fome.

— A sala de jantar está fechada — disse Julie. — Mas isso não é problema. Há muitos outros lugares para comer.

Beth estendeu a mão para tocar o braço de Jannis.

— Eu quero agradecer. Sinto-me muitíssimo melhor. É quase um milagre.

A jovem apenas sorriu calorosamente em troca. Beth não tinha visto com clareza o rosto da moça antes, à luz fraca do quarto.

Ela era bastante atraente, com cabelos loiros curtos, num penteado elegantes e um belo rosto juvenil — e tinha um comportamento descontraído e encantador.

Beth gostou dela no mesmo instante.

— Foi assim que funcionou para Penny também — Jannis garantiu à Beth. — Preciso dizer que ela ficou da mesma forma emocionada.

— Mal posso esperar para conhecê-la.

— Bem, então, vamos mexer, garotas. A Penny está à nossa espera no salão.

Beth fez uma pausa.

— Podemos... oh, Julie, devemos ir ao *salão*?

— Eu já estive lá — disse Julie com uma risada. — A mamãe verificou tudo, eles não servem nada de mais, com a proibição e tudo. É apenas um bom lugar para sentar... como o vagão-restaurante no trem. Mas haverá apresentações lá mais tarde, comédias, música e tal! — Julie se pôs entre as moças, unindo os braços com elas. — Vamos nos divertir muitíssimo, senhoras. Este é o começo de muitos dias felizes no cruzeiro, tenho muita certeza.

Beth foi apresentada a Penny em sua mesa no canto do salão, um piano tocando suavemente ao fundo. As irmãs eram uma dupla animada, borbulhando em entusiasmo por estarem em seu “primeiro cruzeiro juntas”, elas disseram. Comparado à irmã mais nova, Penny parecia um pouco insípida — olhos pesados, rosto largo e boca caída. Na verdade, elas não se pareciam em nada.

Jannis explicou:

— Não me importo de contar a você, Beth, nossa tia teve dificuldade em nos deixar vir. Como estava contando à Julie mais cedo, ela também ia vir neste cruzeiro, mas quebrou a perna, e o palerma do médico disse que ela devia ficar de repouso — não pode andar nem ao redor da casa. Então, não é necessário dizer que ele não quis deixar ela vir. Ela é bem velhinha, sabe. Quantos anos ela tem, Pen, cinquenta ou mais?

— Oh, talvez seja até mais velha — confirmou a irmã de Jannis com um gesto vigoroso.

Beth não conseguia se lembrar de ouvir ninguém tagarelar de forma tão incessante quanto as novas amigas. As perguntas de Julie inspiraram ainda mais explicações.

— De onde vocês são? — Beth perguntou.

— Buffalo, fica em Nova York. E é a nossa primeira vez no Canadá. Pode acreditar, vivendo tão perto daqui? Fazia tanto tempo que queríamos vir aqui. A Julie disse que vocês são de Toronto, Beth, mas que você acaba de voltar do oeste. Como foi que aconteceu isso? Você gostou de morar lá — uma mocinha delicada como você? Jamais teria imaginado.

Beth sentiu-se um pouco sobrecarregada com a conversa rápida, ainda mais porque sua cabeça ainda estava um pouco confusa

e lenta.

— Eu *realmente* gostei de morar lá, foi maravilhoso. Espero voltar em breve.

— É sério? E desistir da vida de grã-fina? Não diga isso!

Julie parecia sentir a necessidade de explicar.

— Penny e Jannis não estão hospedadas nos camarotes. Eles têm um quarto em um dos conveses inferiores, desses que tem apenas uma escotilha. Mas disse para não se preocuparem com isso. Elas podem vir nos visitar, usar nossa varanda emprestada. Temos muito espaço.

— Muito *espaço* no seu *espaço* — Jannis disse rindo. — Você é tão inteligente, Julie.

Julie por fim entendeu a brincadeira e se juntou às risadas sobre o jogo de palavras.

— Bem, não faz sentido ficarmos aqui tagarelando — disse Penny. — Puxa vida, vamos nos levantar e *fazer* alguma coisa.

— Sim, vamos — concordou Jannis.

Quando eles saíram do salão, Julie se aproximou de Beth.

— Elas são “melindrosas” — *melindrosas* de verdade, Bethie! Sei que não dá para dizer pelo que elas estão vestindo agora, mas devia tê-las visto vestidas para o jantar. Tão modernas, tão chiques. — Julie suspirou. — Elas não podem compartilhar nossa sala de jantar, mas todo o restante do barco está aberto a todos. Nós vamos nos divertir muito!

Capítulo 7

Pela manhã, a dor de cabeça de Beth e o enjoo no estômago voltaram. O fato de ter ficado acordada até mais tarde do que estava acostumada não ajudou seu estado. Pela primeira vez tinha assistido um filme mudo acompanhado por um pianista, assistiu parte de uma performance de comédia com a apresentação de truques de mágica bobos, e caminhou ao longo do convés ao luar com as novas amigas. Tinha sido uma “noite espetacular”, como Jannis dissera, mas agora era de manhã, e ela se sentia doente outra vez.

Depois que a mãe e Margret saíram para o café da manhã, Julie entrou de novo no quarto com outro comprimido de Jannis.

— Tome — ela insistiu. — Você quer aproveitar a viagem, não quer? Isto vai ajudar.

Por certo não havia dúvida de que o medicamento funcionara bem ontem. Depois de haver sofrido com as misturas e poções da mãe ao longo dos anos, Beth considerava razoável tomar isso também. Tão rápido quanto no dia anterior, ela estava de pé novamente.

Conseguiu se alimentar de forma satisfatória no desjejum. Depois, ela e Julie foram procurar Penny e Jannis. Foi fácil encontrá-las, pois suas risadas brilhantes e brincadeiras extrovertidas chamavam muita atenção. As quatro moças perambularam pelo convés de passeio, procurando algum tipo de atividade. Durante a noite, o navio havia navegado para o Fiorde Saguenay, promovendo a melhor oportunidade para avistamentos de baleias. Mas, além das balaustradas, uma névoa etérea de neblina envolvia em mistério a paisagem acidentada, enquanto altas sempre-vivas se atravessavam como sentinelas ao longo das margens rochosas. As quatro moças garantiram umas às outras que o sol quente logo consumiria a névoa e concordaram em tentar mais tarde os avistamentos de baleias.

Elas passaram pela piscina coberta, cujo projeto parecia um pouco com uma terma romana, mas optaram por não entrar na piscina, já que muitos outros passageiros estavam nadando. As moças

chegaram nas quadras de tênis pintadas no piso de madeira, num extremo distante do convés de recreação, com redes altas esticadas ao redor para confinar bolas transviadas. No momento, não havia mais ninguém por perto.

— Você já jogou? — Penny perguntou à Beth.

— Não, nunca nem mesmo assisti a um jogo.

Julie se adiantou afobada.

— Vou tentar jogar. Quem quer se juntar a mim?

— Com esses sapatos?

Beth duvidava que Julie seria capaz de jogar usando os saltos baixos e vestido justo.

— Não faz mal tentar.

Ela jogou o chapéu cloche em direção a Beth e entrou na quadra.

Jannis seguiu o exemplo, pegando uma segunda raquete.

— Pelo menos eu vi como se jogava, quando visitei um amigo numa faculdade.

As amigas bateram a bola pela rede por algum tempo, fazendo todos os esforços para manter o jogo lento e sob controle, mas atirando a bola na rede ou fora dos limites algumas vezes. Penny e Beth riram de suas fracas tentativas e perseguiram a bola quando ela saltava em seu caminho.

Julie estava bufando com o esforço.

— Eu consigo jogar. Sei que consigo. Só me dê a chance de me acostumar.

Jannis parecia muito mais adaptada para a atividade, seu cabelo loiro girando em círculos ao redor da cabeça quando ela se virava de um lado para o outro.

— Mantenha o braço reto — Jannis exclamou para Julie. — Foi assim que eu vi eles jogando. Parece que seus braços são macarrão — ela disse brincando. — Estique-se, firme os braços.

— Estou tentando!

— Aqui, pegue essa bola — desafiou Jannis.

Mas Jannis deu um mau jeito no pé, e caiu com força na quadra improvisada, com as pernas estendidas. Antes que Beth e

Penny pudessem correr para o lado dela, um rapaz havia entrado, vindo das sombras, e a estava ajudando.

— Senhorita, você está bem? Machucou o tornozelo? Eu estava caminhando por aqui, e, caramba, você estava jogando tão bem.

— Obrigada — Jannis rejeitou a ajuda rindo. — Estou bem, apenas envergonhada.

O rapaz a puxou com cuidado e colocou-a de pé.

— Nick? — Julie exclamou, boquiaberta e impressionada do outro lado da rede. — Você é o Nick, não é?

O rapaz de cabelo escuro virou-se.

— Ei, olha só, essa é minha pequena consultora de moda! E aqui está você, a bordo do *meu* navio. Sorte a minha! — Ele sorriu para cada uma das moças. — E aqui está sua bela irmã também. Não vai me apresentar para suas amigas?

— Eu sou a Jannis, a donzela em perigo. — Ela apertou a mão de Nick animada. — Muito prazer em conhecê-lo. E esta é a minha irmã, Penny.

— Encantado — Nick respondeu simulando uma mesura. — Agora, não me diga o nomes de vocês. Vocês duas são... Beth? É isso?

— E June, não é?

— Julie!

— Oh, é claro... me lembrei agora. Não leve para o lado pessoal. Sou péssimo para lembrar nomes. Ei, vocês querem um pouco de competição de *verdade*?

Ele piscou para Jannis.

— Prometo pegar leve com você.

Jannis olhou para Julie, e elas rapidamente prepararam um plano sem que uma palavra fosse trocada.

— Você pode jogar contra as *duas*.

A partida não durou muito. Os esforços combinados de Julie e Jannis não eram páreo para a habilidade do rapaz, que com certeza jogava com frequência. Ele com certeza fez tudo o que podia para mandar a bola para onde as moças poderiam acertá-la com facilidade — mas não acertavam.

A lateral do corpo de Beth doía, de tanto aplaudir e rir.

Outros passageiros estavam começando a se reunir ali e, finalmente, o orgulho de Julie deve ter chegado ao seu limite.

— Eu me rendo! — ela exclamou, acenando com a raquete. — Já basta... por hoje. Talvez possamos tentar mais tarde, quando eu pegar emprestado os confortáveis sapatos de “velha senhora” da Bethie.

— Ah — disse Nick —, vai culpar os sapatos, é? Sei.

Naquele momento, outro homem se aproximou.

— Ei, amigo, que tal um jogo... você e eu?

Beth viu a rápida mudança na expressão de Nick.

— Certo, *amigo*. Vamos ver quem vai servir.

Jannis passou a bola para ele com um gesto cerimonioso, e ele pegou uma segunda bola de uma mesa ali perto. Desta vez, a bola viajava com muito mais velocidade. As quatro moças sentaram-se numa mesa onde podiam assistir à partida. Logo um garçom vestido de branco parou na mesa delas para perguntar se gostariam de alguma coisa para beber.

— Gostaria de refrigerante de morango, por favor — disse Julie. — O que vocês vão querer, senhoras?

O garçom anotou os pedidos, e Julie deu a ele o número do quarto da mãe.

Quando ele voltou, Jannis ergueu o copo para fazer um brinde.

— Isso não é um vidão! — disse a moça entusiasmada. — Quer dizer, pode acreditar? Aqui estamos nós, jogando tênis, bebendo refrigerante e olhando para essa bela paisagem — e, meninas, *não estou* me referindo às margens do rio. — Com os olhos, ela apontou em direção à quadra de tênis. — O que mais uma garota poderia querer?

Beth corou e pensou em Jarrick e tocou o lenço que guardava a pétala escondida. Ela não queria participar em nem mesmo um indício de comportamento ou atitude do qual pudesse se arrepender mais tarde. Levantando-se de repente, ela disse:

— Julie, devemos encontrar a mamãe e a Margret. Elas devem estar se perguntando onde estamos.

— Duvido — respondeu Julie com as palmas para cima. — Quando saímos esta manhã, ela apenas nos disse para nos divertirmos.

Jannis soltou uma gargalhada espalhafatosa.

— Bem, vocês com certeza se divertiram, irmã.

Por alguma razão indefinível, Beth achou a observação irritante.

— De qualquer maneira, por favor, nos deem licença. Devemos pelo menos checar.

Julie se levantou devagar.

— Tudo bem, então, Bethie. Perdoe-nos, senhoras... a *estraga prazeres* quer me tirar de toda essa diversão.

— Mantenha o queixo erguido, querida — exclamou Penny. — Vamos buscá-la mais tarde. — Ela sorriu para Beth, depois para a Julie. — Vai nos encontrar em algum lugar por aí. Ora, é claro que vai! Não temos mais para onde ir!

As risadas exageradas as seguiram quando as irmãs partiram.



Demorou para encontrarem a mamãe e a Margret, sentadas com a Sra. Montclair, Victoria e o Monsieur Laurent em um belíssimo átrio. Elas tomaram emprestado um binóculos para observar as baleias, enquanto JW brincava feliz em um canto.

— Ora, ora, olha quem está aqui. Estamos nos divertindo, não estamos?

Priscilla parecia muito satisfeita e contente.

— Sim — Julie respondeu pelas duas. — Poderíamos ter ficado mais tempo, mas Bethie queria saber onde vocês estavam. Vocês me parecem bem — ela disse em tom de reclamação.

— Bem, obrigada por sua consideração pelo nosso bem-estar.

A mãe fez um gesto lânguido com a mão para as filhas.

— Estamos tendo uma manhã adorável. Já vimos várias baleias — uma delas tinha um filhote, duas eram brancas. Venham se juntar a nós, queridas. Estamos nos revezando com os binóculos.

Mamãe acenou para Emma.

— Vamos tirar uma foto. Emma, poderia tirar, por favor, agora que estamos todas juntas? Venham, queridas, reúnam-se aqui — o Monsieur Laurent pode ficar de pé atrás. Traga o bebê, Srta.

Bernard. Edith, Victoria, gostaríamos que vocês se juntassem a nós. Emma, você consegue capturar o cenário ao fundo? Juntem-se todas.

Depois de algumas risadas e mais instruções, foram tiradas várias fotos do grupo.

Beth sentiu um curioso alívio por estar em segurança de volta com a família. Talvez não esteja acostumada com a vibração quase áspera, a natureza descontraída e casual das novas amigas ou a novidade do ambiente. Mas parecia haver algo sobre Penny e Jannis que a fazia se sentir desconfortável. Fosse o que fosse, Beth rapidamente deixou o assunto de lado, fascinada pelo magnífico fiorde e suas baleias.

— Procurem os anéis de bolhas — instruiu o Monsieur —, que podem indicar baleias que estão prestes a emergir. Viram lá, na superfície à esquerda. Quem está com o binóculos agora? Conseguem ver as bolhas? — Ele começou a fazer gestos mais enérgicos. — Ali... bem ali.

Seguiram-se uma série de interjeições, quando três baleias surgiram juntas.

— Algum dia — anunciou Victoria —, eu gostaria de capitanear um navio como este... não, um menor. E sair à procura de baleias no oceano. Isso é o que eu faria, apenas segui-las pelo mar.

Aquele comentário incomum foi recebido com risadas por toda parte, mas Victoria parecia ter falado sério. Margret explicou:

— Sinto muito, querida. Uma mulher jamais poderia ser capitã de um navio, não seria permitido.

— Bobagem — disse a Sra. Montclair com firmeza. — Não há razão por que ela não poderia. Não há nada particularmente *viril* sobre conduzir um navio.

Priscilla lançou um olhar cauteloso ao redor do grupo. — O que você diz, Monsieur Laurent? Acha que uma mulher daria uma boa capitã?

Ele respondeu sem pressa.

— Conheço mulheres que com certeza seriam capazes. Na verdade, vivi em lugares onde não é incomum uma mulher trabalhar ao lado do marido em um bote de pesca ou em uma pequena barçaça.

— Mas não em um grande navio como este! — exclamou a mamãe. — O senhor por certo não vai sugerir que ela possa comandar um navio tão grande como este, vai, Monsieur Laurent?

— O que poderia impedi-la de fazer isso, Sra. Thatcher?

Mamãe parecia estar buscando uma resposta.

— Bem, não é necessário algum tipo de permissão? Tenho dificuldade em pensar que uma mulher receberia uma licença. Mas mais do que isso, quem seria a tripulação? Não consigo imaginar nem por um minuto que os homens — e certamente não marinheiros brutos — receberiam ordens de uma dama.

O homem deu de ombros e assentiu.

— Talvez isso seja verdade por enquanto. Mas nos próximos anos... quem sabe?

— Ora, *Sr. Lorant*, estou contente em descobrir que finalmente concordamos! — A Sra. Montclair estava eufórica. — Eu sempre disse à minha Victoria que ela pode fazer qualquer coisa que decida fazer. Afinal, temos direito ao voto agora — até que enfim. Imagino que a maioria das formas absurdas pelas quais as mulheres são excluídas de posições de autoridade e liderança acabarão por serem resolvidas também.

— Pode ser que seja assim, Sra. Montclair — respondeu ele —, mas se me permitir, quero acrescentar um pensamento. É verdade que as mulheres receberam o direito de votar nas eleições federais e na maioria das províncias também, mas elas não são formalmente definidas como “pessoas” pelo governo do Canadá. Elas não podem concorrer a cargos, estudar direito ou participar em grande número de funções — pelo menos não em todo o país — agregou. — Era evidente que o Monsieur Laurent estava atizando a Sra. Montclair, e Beth se perguntou qual era a motivação que ele tinha. — O que a senhora me diz sobre isso?

— Que disparate! — esbravejou a Sra. Montclair, caindo com facilidade no aparente esquema do guia. — Na Inglaterra, de onde veio minha família e onde nosso nome ainda mantém uma considerável influência, essa maneira de pensar há muito tempo tomou o caminho da Idade das Trevas. E se pudermos acreditar no que dizem os jornais, tal também será o caso aqui em pouco tempo — com ou sem o consentimento dos *homens canadenses*. Padrões como a Rainha Victoria — a quem homenageei com o nome da minha filha — e a Rainha Elizabeth, a grande, deram bons exemplos de mulheres britânicas no poder. E com a influência histórica delas, veremos em breve que os britânicos insistirão em manter o ritmo com essa evidente sabedoria.

— Quer dizer, Edith, que você apoia a intervenção do poder

da Grã-Bretanha em questões canadenses? — Priscila parecia genuinamente chocada.

— O que for preciso para ver a justiça alcançada — retrucou a Sra. Montclair.

Beth não tinha certeza se apreciava a capacidade de Monsieur Laurent de colocar fogo na fogueira.

— Ah, Sra. Montclair — continuou o Monsieur com um sorriso —, vejo que a senhora se orgulha de sua herança inglesa. Que ironia é essa, então, que seu nome tenha origem francesa. — Ele se apressou antes que ela pudesse gabar-se de uma resposta. — Então, vejo que a senhora sente que os fins justificam os meios. É um enigma interessante, porém, que se subjugue um país a fim de conceder liberdades adicionais a um subgrupo dentro dele. A senhora não vê o paradoxo em tal “ganho” político, Sra. Montclair?

— O Certo é o certo, *Sr. Lorant!* Não faz sentido tornar o assunto mais complexo do que isso.

Victoria se meteu na conversa de repente, como se não tivesse ouvido nada da conversa.

— Sim, serei a capitã do meu próprio navio. Esperem e verão. Vou pedir um ao papai.

O comentário estranho funcionou para silenciar o restante do grupo. O olhar da Sra. Montclair demonstrou sua vergonha, mas ela se recusou a rechaçar a filha.



À tarde, Beth alternou seu tempo entre ler o romance marítimo sentada na espreguiçadeira e brincar com JW. No entanto, prontamente na hora da soneca, JW foi arrebatado pela Srta. Bernard. Margret ficou chateada, mas não disse nada.

Julie montou seu cavalete de mesa e se apressou a pintar o primeiro esboço para Beth, traduzindo o Fiorde Saguenay com maestria e quase sem esforço. Foi agradável apenas descansar por ali e aproveitar o momento tranquilo de criação — na cena que tinham diante de si e na pintura. As cores espalhadas pela tela branca formaram o fundo. Foram deixadas espaços onde as baleias na superfície tomariam forma ou onde as árvores seriam adicionadas mais tarde. Julie certamente podia enxergar sombras e tons no céu e na água que Beth deixava passar.

A Sra. Montclair deu de presente para Victoria um novo binóculos, e ela agora estava alegre, examinando as águas ao redor do navio. Os outros continuaram a compartilhar o par que tinham emprestado. Foi uma adorável atividade de lazer.

Logo em seguida, Julie decidiu sair sozinha em busca de Jannis e Penny. Beth ficou pensando se elas também tentariam encontrar o rapaz, Nick, e decidiu que depois iria procurar pelo trio — para garantir que Julie escolhesse as atividades com bom senso. Por enquanto, pelo menos, Beth pensou que era sensato não incomodar a mãe com sua apreensão. Na verdade, sentia-se relaxada demais no momento para até mesmo trazer à tona algumas perguntas que queria fazer na esperança de conversar com a mãe.



— Olá!

A voz de Julie exclamou antes que alguém percebesse sua aproximação.

Beth olhou para cima e arfou.

— O... o que você está usando?

Jannis respondeu:

— Não é lindo? Não adorou o novo traje da Julie?

Jannis e Penny sorriram enquanto Julie girava em círculo, rodando a saia plissada curta, e era evidente como estava satisfeita consigo mesma.

A mãe olhou Julie de cima a baixo.

— Julie Camille, o que é isso, em nome de Deus?

— É para jogar tênis, mamãe. Jogamos muitas partidas hoje, e estou ficando muito boa nisso. Esse traje vai me ajudar a ganhar! O que você acha?

Do topo da cabeça até as solas dos sapatos, Julie estava vestindo roupas novas. Sapatos de caminhada de couro branco, meia de seda, saia na altura do joelho, uma blusa leve sem mangas e um colete de cintura baixa em verde pálido abotoado na frente. Ao redor dos cachos escuros, Julie enrolou um lenço de seda listrado em todos os tons de verde.

Priscilla estava incrédula.

— De onde você tirou tudo isso?

— Ah, tem uma loja no navio, tem muitos modelos. Não é perfeito?

Margret estava com uma expressão confusa no rosto.

— Como você *pagou* por isso, querida?

— Eu assinei a conta para o nosso quarto.

De alguma forma, Julie conseguiu dar essa informação como se estivessem magoando seus sentimentos, como se isso fosse uma prática estabelecida que não deveria ser questionada.

Beth notou que Jannis estava usando sapatos idênticos, mas decidiu não falar nada.

Julie quase choramingou:

— Tem algo de errado?

Beth tinha sua própria lista de problemas. A mãe manteve sua resposta controlada.

— Vamos conversar sobre isso mais tarde, Julie. Por agora, acho que seria melhor se todos nos retirássemos para o quarto para trocar de roupa para o jantar.

Penny e Jannis se despediram. Beth reuniu os poucos itens e acompanhou a mãe e as irmãs na lenta procissão pelos corredores. De vez em quando, Julie repetia a pergunta: *O que há de errado?* Mas a mãe seguia em frente em silêncio, com os lábios apertados. No último momento, Beth ponderou e decidiu que seria melhor se retirar para o quarto de Margret e esperar até que qualquer discussão que a mãe decidisse ter com Julie tivesse terminado. Ainda havia muito tempo para se vestir para o jantar, e JW logo devia acordar da soneca.

Margret dobrou, em seguida, dobrou mais um vez um pequeno cobertor, enquanto Beth se reclinava no sofá.

— Beth — disse Margret devagar, pensativa, como se ainda estivesse formando a ideia em sua mente —, você conhece bem as novas amigas? Essas moças que estavam com a Julie hoje?

— Não muito bem. Elas são de Buffalo. Julie diz que elas são melindrosas.

— Hum. — Margret parecia estar buscando a melhor forma de falar. — Tenha cuidado. Não tenho uma razão específica, apenas uma impressão. Às vezes estou errada — e é claro que gostaria muito de estar. No entanto, sinto que devo aconselhá-la a ter cuidado no que

diz respeito a essas duas moças.

Beth franziu a testa, balançou a cabeça.

— Julie não vai tomar cuidado. Não é da natureza dela ter cautela.

— Julie é... bem, ela é passional. Ela entra de cabeça nas coisas. Mas sei que no coração ela só quer ser uma boa amiga, não duvido dos motivos dela. No entanto, não posso acreditar que essas novas garotas sejam assim.

Beth cercou Margret com um abraço apertado e sentiu as lágrimas começarem a se formar, pois apreciava com que intensidade Margret as protegia, como sempre havia cuidado das duas irmãs mais novas. Certamente aquelas eram emoções tolas e, no entanto, o que mais sentia era um profundo amor e respeito pela irmã mais velha. Apenas dois anos as separaram em idade, com seis entre Margret e Julie. No entanto, Margret sempre desempenhou um papel maternal para as duas.

Beth recuou um momento, observando o rosto familiar.

— Você é tão linda, Margret.

Margret deu uma risada austera.

— Não tente ser lisonjeira, Beth.

— O que quer dizer com isso? Estou falando muito sério.

Margret apertou os lábios e se afastou.

— Todo mundo sabe que vocês duas ficaram com a beleza na família.

Seria risível se não fosse pela expressão séria de Margret, pensou Beth.

— Como você pode dizer isso, bobinha? Todo mundo diz que somos tão parecidas.

A irmã voltou a mexer no cobertor outra vez.

— Sim, porque todas temos cabelos grossos e escuros, e o formato do rosto semelhante. Mas vocês duas têm *cachos* — eu só tenho frisado. Vocês têm os olhos brilhantes e os meus são tão simples, quase não tenho cílios. Vocês duas têm a maçã do rosto proeminente e o queixo marcante. Não tenho feições delicadas. E de fato não importa — estou acostumada com isso. Mas não vamos fingir que sou bonita.

Por um momento Beth ficou estupefata, observando a irmã muito surpresa. *Margret disse algumas verdades aqui. O cabelo dela é espesso, sempre empilhado num coque em cima da cabeça, num estilo muito parecido com o da mãe. Mas é macio e emoldura o rosto dela com gentileza de alguma forma. Margret é a imagem da modesta e decência — até mesmo da bondade. E, sim, o queixo de Margret é menos pronunciado, mas lhe confere uma doçura, uma suavidade no semblante.* Beth nunca suspeitou de nenhum dos sentimentos que a irmã acabara de expressar.

— De verdade, eu não vejo você dessa maneira, não sei nem como responder.

— Você está acostumada com minha aparência. Margret deu por finalizada a conversa. Está tudo bem, já me conformei com as coisas como são há muito tempo, e o John parece perfeitamente satisfeito com minha aparência. — Falar o nome do marido trouxe um sorriso trêmulo aos lábios de Margret. — Mas eu jamais poderia ser a alma da festa como vocês duas. Pense bem — estamos a dois dias no mar e vocês já são o centro das atenções. Meu Deus, Julie foi e se vestiu para jogar tênis, como se tivesse jogado por toda a vida. Andando com aquele pessoal moderno... Só sinto, não sei, Beth, eu me sinto tão terrivelmente sem graça. E também não sou tão brilhante quanto você. Se comparada a você, Beth, sou apenas uma maçante, estúpida...

— Margret, você sabe que isso não é verdade — Beth interrompeu a irmã com firmeza. De maneira nenhuma! Ora, eu sempre achei que você é, sem dúvidas, a *melhor* entre nós três, muito superior a mim ou a Julie. Nós somos *encrenqueiras*, aquelas que perturbaram a forma como as coisas deviam ser. Eu Insisti em ir para a faculdade e depois fui para o outro lado do país. A Julie... bem, a Julie...

— Não faça fofoca, querida. Deixe-a defender a si mesma.

— Você viu?! — Beth quase correu pelo quarto, para onde Margret havia recuado. — O que faríamos sem você? Quem nós seríamos?

— Vocês *tem* uma mãe, uma que é muito boa.

Beth estava sendo quase vencida pela frustração.

— Olha, Margret — disse Beth, agarrando a irmã pelos braços —, sei que você é linda, não apenas seu espírito e seu coração amoroso, mas seu rosto e tudo o que você é. Disse isso porque fiquei impressionada com esse pensamento, como você é radiante e bonita.

Lamento que não acredite, mas você não pode influenciar minha opinião. Sei a verdade, só posso dizer isso.

Tímida, Margret sussurrou:

— Agora você está falando como o John.

— Bem, espero que sim! E tem mais, eu *preciso* de você na minha vida. — Desta vez, Margret encheu os olhos de lágrimas. — Irmã querida, estive fora por quase um ano. Acredite quando digo que sei o que é sentir sua falta e sofri por causa disso.

Margret estava cedendo. Beth ofereceu o abraço novamente e desta vez foi recíproco.

— É uma bobagem — disse Margret enquanto enxugava os olhos. — Não sei por que tenho tido esses pensamentos. Suponho que estar longe de casa me deixou terrivelmente mal-humorada. Faz alguns dias que não me sinto bem. E toda essa tensão com o bebê parece às vezes ser mais do que eu posso suportar. — Ela baixou o olhar mais uma vez. Na verdade, acho que só quero ir para casa.

Beth riu.

— Oh, eu com certeza conheço esse sentimento! Tive essa vontade com tanta frequência enquanto estive morando longe. Mas garanto uma coisa, Margret. Confie em mim, porque desta vez, *eu sou* a experiente. O tempo vai passar voando, e então, vamos todas desejar que pudéssemos fazer essa viagem outra vez — embora talvez fosse uma boa ideia trazer o John da próxima vez.

— Sim, isso faria tudo ficar diferente para mim. Mas, Beth, você também não está com saudade de alguém?

Por fim, Margret encontrou o sorriso.

Beth enrubesceu.

— Claro.

— Então vamos. Vá se vestir para o jantar. — Margret se endireitou e puxou os ombros para trás. — Faremos o melhor, você e eu. Vamos aproveitar as nossas bênçãos em vez de ficarmos irritadas com elas.

— Sim, vamos.

— E juntas vamos ficar de olho na Julie, nossa querida socialite.

— Bem, por certo que vamos tentar.

Capítulo 8

A refeição noturna no barco foi uma experiência esplêndida.

Embora o apetite tivesse melhorado muito, bem como a saúde no último dia, Beth não conseguiu acompanhar os pratos elaborados servidos, um após o outro — coquetel de camarão em cálices altos, caldo de creme de tomate gelatinoso servidos em bolachas salgadas finas, salada Waldorf, cogumelos com delicado recheio de caranguejo ao lado de caudas de lagosta amanteigadas e cozidas no vapor, medalhões de cordeiro macios e batatas assadas au jus, com uma porção de ponta de aspargos gratinadas e uma sobremesa de mousse de framboesa com chantilly fresco, regada com molho de chocolate.

— É o suficiente para alimentar uma tripulação inteira — Margret disse num suspiro, enquanto a lagosta que tinha no prato — quase intocada — era levada para ser trocada pelo próximo prato.

Monsieur Laurent achou graça.

— Pode ter certeza, Sra. Bryce, que não é nada parecido com o que será servido aos funcionários.

Julie, ao que parece, estava de mau humor. Quando o prato principal foi servido, ela resmungou:

— Gostaria que a Jannis e a Penny pudessem jantar conosco. Não consigo imaginar o que elas estão comendo na lastimável salinha de jantar — bem provável que seja o mesmo que a tripulação.

A mãe agitou a colher na xícara de chá enquanto mexia rapidamente.

— Suponho que devem estar comendo aquilo que pagaram para comer.

— Ora, isso não é justo. Por que nós temos tanto, enquanto outros têm tão pouco?

Beth piscou muitas vezes. *Como poderiam responder essa pergunta? Será que as amigas de Julie, que também estão desfrutando os*

prazeres de um cruzeiro, são de fato dignas da piedade da minha irmã por não experimentarem também as... as extravagâncias que o pai conseguia prover para a nossa família?

Primeiro veio um longo suspiro, e então a mãe respondeu em tom uniforme:

— Estou muito feliz em ouvir você expressar essa preocupação, Julie querida. Tenho certeza de que podemos transformar sua benevolência em atos assim que voltarmos para casa. Há sempre espaço para mais uma nas nossas reuniões de caridade de senhoras na igreja. Acredito que os pobres em nossa região se beneficiarão muito de sua profunda preocupação por eles.

— A senhora sabe o que quero dizer, mãe.

— Sim, Julie. Receio que sim.

Priscilla lançou um olhar de advertência para a filha. Julie cedeu e começou a picar o cordeiro em seu prato.

— Esta refeição está excelente — anunciou a Sra. Montclair — embora não tão boa quanto a de ontem à noite. Uma pena que você não estava bem para saborear, Elizabeth. O filé de robalo estava excelente, e eu amo salada de ervilha. Fui informada de que amanhã vão servir pato. Devo dizer que preferia nem comer essa refeição. Pato nunca foi meu prato favorito...

— Mãe — Victoria a interrompeu —, a senhora vai comer o resto das batatas?

O garfo da mocinha já pairava sobre o prato da mãe. A Sra. Montclair pareceu não notar e continuou falando enquanto um por um dos pedaços eram saboreados pela filha.

— Tive uma conversa com outros passageiros depois do almoço — a Sra. Montclair prosseguiu com seu solilóquio. — Muitos também viajaram em outras linhas, e disseram que o nosso navio se compara bastante favoravelmente com os cruzeiros da Navios CP^[1] — as Imperatrizes. O nosso não é tão grande, com certeza, mas é bem provido. Qual sua opinião, Sr. Lorient? É certo o senhor já viajou em algum navio da Canadian Pacific.

— Ora, sim, já viajei. Fui para o Oriente e para a Europa a bordo de um navio dessa empresa. Achei que eram bastante satisfatórios.

— Sabem o que dizem — acrescentou a Sra. Montclair em uma voz cantada — ‘veja este mundo antes que chegue o próximo’.

A Sra. Montclair riu como se ela mesma tivesse inventado o bordão.

— Sim, eu vi isso no folheto — ele respondeu. — Pergunto-me, madame, como é que a senhora não escolheu um cruzeiro pela CP?

— É evidente que essa teria sido minha primeira escolha. Mas, bem, o senhor conhece meu marido, Charles — tão absolutamente parcimonioso. Estávamos interessadas em um cruzeiro ao redor do mundo, mas ele logo deixou essa ideia de lado, posso garanti-lo. E, no entanto, não fui dissuadida. Tenho a absoluta confiança de que, em breve, Victoria e eu faremos uma viagem mais longa, e talvez, se nos organizarmos, meu filho Edward e a esposa possam se juntar a nós.

A mulher olhou de forma significa para Beth.

— Não será adorável, Edith — disse Priscilla. — Eles já decidiram a data para o casamento?

— Ah, ele não é de perder tempo. Creio será muito em breve — quem sabe até neste outono.

Beth voltou-se para o guia.

— O que nos trará o amanhã, monsieur?

— Vamos desembarcar em Tadoussac pela manhã — respondeu ele, sem dúvida tão satisfeito quanto Beth em mudar de assunto.

— Tadoussac? Não sei se já ouvi falar desse lugar. É uma cidade?

— Sim, Srta. Thatcher, um dos portos mais antigos do St. Lawrence, fortemente envolvido com o turismo hoje em dia. Muitos *Québécois* abastados construíram casas de verão na região, embora a cidade não tenha crescido muito.

— Mas haverá compras? — perguntou a Sra. Montclair, virando a cabeça de forma abrupta.

— Ora, sim. Há muitos itens para serem comprados. Mas para aqueles que vêm para explorar esta parte do Canadá há também trilhas encantadoras, um belo hotel e uma capela de madeira muito antiga, construída nos anos 1700. Além do mais, devo dizer que muitas vezes podemos observar baleias até mesmo de terra firme.

A ideia de uma excursão, ou mesmo apenas uma caminhada, em terra firme pareceu maravilhosa para Beth. Então ela teve uma inspiração repentina.

— Podemos levar a Emma junto conosco, mamãe? Estou certa de que ela gostaria de esticar as pernas e poderia tirar fotos nossas, para que o papai pudesse apreciar esta excursão também quando voltarmos para casa.

— É uma ideia muito boa, querida. Sim, vou pedir à Emma para nos acompanhar. E o que faremos com o nosso garotinho, Margret? Vamos levá-lo também?

Margret empertigou-se.

— É claro. Gostaria de tê-lo conosco sempre que for possível.

— Vai perguntar se a Srta. Bernard acha que é pertinente?

Desta vez, foi a vez de Margret forçar um tom cuidadoso.

— Sim, vou informar a Srta. Bernard das minhas intenções.

A Sra. Montclair interveio:

— Tenha cuidado, Margret querida. Você não vai querer perder sua babá por pura teimosia. Seria muito difícil substituí-la.

Margret ficou pálida.

Beth deu um sorriso desconfortável para o Monsieur Laurent. No entanto, ele não parecia perturbado pelas correntes turbulentas em exibição durante o jantar. *Talvez o temperamento equilibrado do Monsieur seja uma das razões por que ele já foi embaixador*, ponderou Beth. Quanta sabedoria o pai demonstrara ao selecionar um diplomata. Esse grupo com certeza parecia precisar de um.



— Julie, você vai adicionar um pouco de cor ao esboço hoje à noite?

As moças estavam trocando os vestidos por roupas mais confortáveis.

— Acho que não agora. Talvez de manhã.

— Mas e se você esquecer como era, as cores e iluminação e...

— Não vou esquecer. — Julie afastou as preocupações de Beth com um toque na testa. — Está tudo aqui.

— Julie!

— Não se preocupe. De alguma forma eu me lembro. Além

disso, combinei de ir ao salão com a Margret. Ela disse que viria desta vez. Mas volto logo.

E sem mais explicações ela se foi.

Beth pegou uma jaqueta quente, uma manta e seu livro, e foi até o convés para ler. Apenas um ou dois passageiros passaram. Beth tinha certeza de que um refúgio longe dos outros era bem o que ela precisava — e o livro era uma desculpa aceitável. Era o lugar perfeito para ler, em especial o romance indicado pelo pai sobre o jovem marinheiro.

— O que você está lendo, Beth? — uma voz masculina quebrou o silêncio.

Beth estava tão absorta na história do livro que a pergunta a pegou desprevenida. Ela olhou para a escuridão, pouco além do círculo de luz do convés onde havia colocado a cadeira.

— É *Redburn*, escrito por Melville.

Beth protegeu e apertou os olhos para ver quem estava ali, e ainda sabia o nome dela.

Nick apareceu no lugar onde estava claro com as mãos nos bolsos. Ele ainda estava vestindo um terno mais formal, embora a gravata borboleta balançasse solta.

— Lembra-se de mim?

Beth pigarreou.

— É claro. Vimos você jogar tênis mais cedo.

— Posso me sentar?

Ele já estava puxando uma segunda espreguiçadeira e sentou-se na borda frontal da cadeira, com os braços apoiados nos joelhos.

Beth fechou o livro e, por modéstia, tirou os pés do apoio.

— Pensei que tinha dito que não era muito bom para lembrar de nomes.

— Oh, sim, isso é verdade. Mas *já* nos encontramos duas vezes.

— Hum — Beth murmurou.

— Também gosto de ler — o rapaz comentou. — Mas não tive coragem de enfrentar muitos livros do Melville. Ele é um pouco moralista e prolixo, na minha opinião. Eu li *Moby-Dick*, claro — pelo menos algumas partes —, e já foi muito para mim.

Outro leitor, mesmo que seja esse rapaz estranhamente ousado.

— Então, que autor você prefere?

Ele riu.

— Bem, acho que meus gostos são bem caretas, o que era esperado de um cara como eu — Jack London, Jules Verne, H. G. Wells. Nada de surpreendente. Eu gosto *mesmo* é de aventura, não gosto de muitos outros gêneros. O que está acontecendo na história?

Beth olhou para o livro que estava no seu colo.

— Redburn, o personagem principal que é americano, chegou a Liverpool. E embora ele sempre tenha visto a Europa como superior em todos os sentidos, acaba descobrindo muita pobreza e sofrimento.

— E ele está surpreso com isso?

Um sorriso.

— Bem, até agora ele está observando tudo.

— Ora, isso soa como o velho Herman. E, claro, essa parte pode continuar por muitos capítulos — e escrito em grande detalhe.

— Eu não me importo. — Beth balançou a cabeça. — Gosto de histórias mais tranquilas, mais meditativas. Alguns autores modernos não reduzem a velocidade, para que o leitor contemple o que está acontecendo — é tudo ação. E então é sempre muito rápido para mim.

— Então Melville é seu tipo.

Houve uma pausa longa e desconfortável. O rapaz se levantou devagar, e Beth olhou para ele.

— Queria saber um pouco mais sobre você, Beth —disse ele —, mas para dizer a verdade, não me sinto bem perguntando enquanto estamos sozinhos aqui. Posso convidá-la para tomar um refrigerante amanhã, quando estivermos todos na cidade? Talvez você e sua irmã?

Beth experimentou uma sensação estranha. *Como devo responder a esse rapaz, Senhor?*

— Vou estar em Tadoussac amanhã com minha família. Seria bom compartilhar o chá com você — ou um refrigerante, se preferir — mas...

— Sim?

— Não quero parecer presunçosa, Nick. No entanto, creio que preciso dizer que já estou comprometida com um rapaz.

— Claro — ele comentou sorrindo, mas com um toque de decepção. — Já devia ter adivinhado. — Ele começou a se afastar e depois voltou. — De qualquer maneira, eu gostaria de conhecer todas vocês — se estiver tudo bem. Vamos viajar juntos por um tempo, e seria bom ter alguns amigos a bordo.

— É claro! — Beth ofereceu um sorriso amigável.

— Boa noite, Beth. Até amanhã.

— Boa noite, Nick.

Ele parece um bom rapaz. Ainda assim, ele parece um pouco como um camaleão — muito menos ousado em sua abordagem nesse momento do que fora no início do dia ou quando se conheceram na loja de lenços. Talvez ele pudesse ser um bom pretendente para Julie. De forma quase inconsciente, Beth buscou a pétala do dia guardada entre as dobras do lenço, que já começara a desfazer-se. Beth a ergueu para que pudesse sentir perfume suave da fragrância.

— Jarrick — ela sussurrou — queria que você estivesse aqui.

Não seria a última vez que ela ansiava pela presença dele.



— Se ela nos atrasar esta manhã, meninas, vamos embora sem ela.

Mamãe não estava disposta a ceder no que dizia respeito à Sra. Montclair. As viajantes estavam numa longa fila de passageiros esperando para serem transportados para o continente. Um pequeno bote havia sido trazido para a lateral do navio e os passageiros faziam a transferência para ele por uma grande porta no casco. Beth e Julie concordaram com a cabeça ao ouvirem a declaração feita pela mãe.

— O Monsieur Laurent pegou um traslado mais cedo para garantir uma reserva para o nosso almoço — continuou Priscilla. — Ele pretende nos encontrar nas docas, então se perdermos esse bote...

— Vamos conseguir pegar esse, mãe — Margret lhe garantiu. — E as Montclairs podem nos alcançar quando quiserem. De qualquer maneira, a única coisa que pensam em fazer é comprar.

— Oh, a Victoria não — Julie comentou. — Ela está pronta para escalar todas essas rochas. Estava praticamente andando de um lado para o outro de tão ansiosa depois do café da manhã.

No último instante, a Sra. Montclair apareceu apressada,

abrindo caminho na fila para se juntar às Thatchers. Victoria seguia a mãe com o novo binóculos pendurado no pescoço.

A Srta. Bernard optou por não se juntar a elas no passeio.

Beth ficou se questionando se poderia ser uma tentativa de demonstrar sua insatisfação com a decisão de Margret de levar JW no passeio. *O que essa babá esperava?* Beth pensou quando tomou seu lugar no pequeno bote. *Afinal, a família está de férias e JW não é mais um bebezinho. Um garotinho ativo pode aproveitar o ar livre com a mãe e o resto da família.*

A travessia para a costa foi ventosa e turbulenta. Beth agarrou o chapéu com uma mão e o estômago com a outra. Ela suspirou com gratidão quando o barco deslizou ao lado da doca. Monsieur Laurent, fiel à sua palavra, estava esperando entre os passageiros. Assim que JW viu o novo amigo, bateu as palminhas e estendeu os braços.

O homem o pegou, jogando-o no ar.

— Bonjour, *mon petit ami*. Pode dizer “Monsieur” esta manhã? Monsieur?

— *Mixur* — disse JW rindo. — *Mixur*.

— Bom garoto!

Ele tirou o chapéu de palha da cabeça e colocou o menino sobre os ombros. Estando muito acima da multidão, JW segurou nos punhados de cabelos grisalhos do Monsieur, parecendo emocionado por estar tão alto e com outra figura paternal. Eles partiram para a pequena cidade.

A estrada de cascalho tinha sulcos profundos e lamacentos. Beth escolhia os passos com cuidado, segurando com firmeza no braço de Emma. Eles riram juntos de suas tentativas desajeitadas de escalar uma pequena ascensão escorregadia. Felizmente, eles logo chegaram às passarelas de madeira da cidade.

O Monsieur Laurent ficou para trás, para acompanhar os passos de Beth e a encarou com olhar cheio de mistério.

— Srta. Thatcher — disse ele em voz baixa —, tenho algo para você. Acredito que seja algo que você está esperando. Seu pai me instruiu a verificar se há correspondência sempre que paramos, sabe, e isso estava esperando por nós esta manhã, endereçado a você.

Monsieur retirou do bolso um envelope branco com o nome e o endereço de Beth escrito com cuidado na caligrafia de um homem.

O coração de Beth já estava acelerado quando pegou a carta.

Ela lançou um olhar saudoso ao redor, depois olhou para a carta — a primeira. O que mais queria era fugir para desfrutar do que Jarrick pudesse estar dizendo.

— Srta. Beth — continuou o homem em tom suave —, planejamos explorar alguns lugares esta manhã. Há um belíssimo promontório não muito longe daqui. Vamos lá primeiro e levar algum tempo para observar tudo. Creio que seria o local ideal para você escapar...

— Obrigada, monsieur! Obrigada.

Beth guardou a carta na bolsa em segurança.

Ele caminhou para a frente de seu grupo, anunciando:

— Se quiserem, senhoras, vamos deixar os outros ver o hotel e as lojas primeiro. Podemos evitar as multidões se começarmos com nossa caminhada. Por aqui, pessoal. Por favor.

Ele as conduziu através da multidão de turistas por uma pequena subida e em direção a uma trilha para a floresta. Os pensamentos de Beth foram mantidos cativos do envelope guardado na bolsa. Ela suportou com paciência as fotografias obrigatórias tiradas no afloramento rochoso. Por fim, Beth viu sua chance, com um aceno de Monsieur Laurent confirmando o momento. Beth seguiu na trilha e encontrou uma grande rocha onde poderia sentar-se, e então abriu a carta, com o coração repleto enquanto lia a primeira linha. Na caligrafia de Jarrick, parecia muito mais do que uma simples saudação.

Minha querida Beth,

Ouvir sua voz hoje à noite ao telefone foi como música para meus ouvidos.

Beth não pôde deixar de sorrir, satisfeita por ele ter escrito logo depois que eles se falaram pelo telefone.

Embora tenha passado pouco mais de uma semana desde que você foi embora, sinto sua ausência todos os dias, de muitas maneiras. Esta noite vou ficar com amigos em Lethbridge, o mesmo casal com quem você ficou quando trouxemos o pequeno Willie para a cidade. Eles não pareceram surpresos quando contei que ia cortejar um relacionamento com você durante o verão. Na verdade, várias pessoas aqui me mencionaram que idiota eu seria se perdesse o contato com você. Em especial a Srta. Molly. E creio que concordo com eles!

De qualquer forma, passei pelo nosso restaurante hoje cedo e, bem, prossigo admitindo que vou passar lá assim que abrir amanhã para

fazer uma reserva para o outono. Para ser sincero, não me importo se disserem que estou sendo ridículo. Gostei da ideia de já planejar nosso primeiro encontro de verdade, quando você o mencionou durante nosso telefonema hoje à noite.

Beth apertou a mão fria contra a bochecha. *Que gesto romântico!* Ela tentou imaginar Jarrick, sério e um pouco intimidante em seu uniforme, insistindo que a recepcionista pelo menos anotasse suas intenções. Beth fechou os olhos enquanto ela desfrutava da cena.

E então, veio o questionamento inoportuno: *E se uma vida com Jarrick não for de fato a vontade de Deus?* Beth afastou o questionamento.

Eu vi o Phillip, que manda suas bênçãos... ele está muito ocupado com uma nova congregação... planejando um jantar em breve com Edward... vai contar novidades sobre a Kate... temos notícias tristes de Coal Valley — a Sra. Grant tentou suicídio... todos estão arrasados por causa da situação dela... ela está se recuperando no hospital, mas é provável que ela não volte.

Beth ficou horrorizada ao ler essas palavras. Pobre, encurvada, velha Sra. Grant — ferida pelo escândalo que o marido havia criado, cercada por aqueles que estavam dispostos a fazer amizade com ela, e ainda vivendo na mais absoluta solidão. Beth virou a carta, onde Jarrick prosseguiu do outro lado da folha.

... conversa sobre o que fazer com o edifício dos Grants... A Srta. Molly no mesmo instante sugeriu uma escola... não há planos definidos... o bem das crianças... boas notícias!... as pensões foram prorrogadas... nenhuma família vai precisar se mudar por enquanto... o terreno vazio foi arado e está pronto para ser cultivado um jardim comunitário... os mineiros foram incluídos no projeto... os homens são aceitos e vistos com frequência na cidade.

Beth ficou emocionada com um relato tão maravilhoso das mudanças e melhorias ocorridas em sua amada aldeia e dos muitos rostos lhe que vieram à mente.

Como estou chegando ao final da página devo terminar a carta. Não sei onde você vai estar quando receber esta carta.

Suponho que ainda esteja em algum lugar no St. Lawrence. Oro para que você passe momentos maravilhosos e memoráveis com sua mãe e irmãs. Gostaria de poder estar aí para conhecê-las. Imagino que elas sejam mulheres belas e adoráveis, assim como você, Beth. Bem, talvez quase tão adoráveis.

Com todo carinho,

Beth colocou a carta no colo e inclinou a cabeça para que pudesse olhar para o céu claro, através do aglomerado de compridas sempre-vivas, respirou devagar e fechou os olhos mais uma vez. Ela preferiria ficar sozinha aqui com a carta de Jarrick. Ou, melhor ainda, voltar para o momento em que ele escreveu a carta, sentar-se ao lado dele e observar o rosto dele enquanto escrevia as palavras com tanto cuidado. Por fim, Beth pegou o lenço com a pétala rosa da cinta, colocou-a no envelope e começou a ler a carta mais uma vez.

Capítulo 9

— Gostaria de tomar o próximo bote de volta para o navio — anunciou a Sra. Montclair quando terminaram o almoço.

O Monsieur tinha encontrado um local encantador, com uma mesa redonda sombreada por um grande guarda-sol.

— Vi tudo que queria ver aqui na cidade, e a visão da paisagem do campo também é muito agradável a bordo.

— Eu quero ficar — respondeu Victoria.

A Sra. Montclair a encarou sobre a borda dos óculos.

— Então caberia a você perguntar às Thatchers se estão dispostas a deixar que você fique com na companhia delas.

Victoria deu uma olhada para Beth e depois Margret.

— Há mais alguma coisa para ser vista, monsieur?

Priscilla parecia pronta para seguir a Sra. Montclair de volta ao navio.

Ele estava contando o dinheiro para pagar a refeição.

— *Mais oui*, existem várias outras trilhas e uma casa de chá muito bonitinha — respondeu ele. A praia também é um local bastante confortável para observar os animais aquáticos.

Beth ainda não estava ansiosa para voltar ao navio e essa talvez fosse uma boa chance de construir um relacionamento com Victoria.

— Eu fico com você, Victoria. Estou contente em poder andar pelas trilhas, onde quer que você queira ir.

Margret suspirou.

— Eu tenho que levar o JW de volta para ele tirar uma soneca. Sem dúvida, a Srta. Bernard está esperando por ele, e sinto que eu também me sentiria bem depois de uma soneca. JW, vamos voltar para o grande barco...

— Uh-uh. Não, não! — O garotinho balançou a cabeça para enfatizar sua decisão e foi em busca do guia. — Mixur — ele implorou. — Mixur.

O homem ficou de pé.

— Terei prazer em levá-lo para o bote, Sra. Bryce, pois não tenho outras tarefas urgentes.

— Ora, obrigada. Isso seria uma grande ajuda.

— Também vou acompanhá-la, Margret. Uma soneca soa bastante convidativa — disse a mãe. — Emma, creio que precisaremos da sua ajuda. Por favor, leve alguns desses pacotes. Julie, vamos levar o que comprou de volta para o quarto, e você pode ficar com Beth e Victoria. Monsieur Laurent, o senhor poderia deixar algum dinheiro para as meninas tomarem um lanche mais tarde?

— Obrigada, mamãe.

Julie deu um beijo na bochecha da mãe, e Beth ficou satisfeita, pois parecia que tinham feito as pazes depois das dificuldades no dia anterior. O guia tirou algumas moedas do bolso e as colocou na mão de Julie.

A Sra. Montclair agarrou a filha pelo braço.

— Agora, Victoria, olhe para mim, por favor. Quero que você coopere com a Elizabeth e a Julie. E insisto que use o chapéu. Não queremos que sua pele esteja seca e bronzeada quando voltarmos para casa. — Ela balançou o braço um pouco para enfatizar. — Estou falando sério, querida. Vai agradecer mais tarde porque insisti que me desse ouvido. Você nunca encontrará um marido se parecer velha antes do tempo.

Victoria já estava apontando a costa.

— Quero voltar para o lugar onde vimos as aves marinhas. Acho que poderia identificar mais espécies se tivesse mais tempo. Estou começando a identificar o canto deles.

Sem esperar por uma resposta, Victoria começou a caminhar.

Beth e Julie passaram as próximas horas acompanhando Victoria. Nesse cenário natural, a mocinha parecia ter ganhado vida — fascinada pelo esplendor, desenhando de vez em quando num caderno de bolso que carregava na cinta. Os sapatos e meias de Victoria sofreram o impacto das explorações, ficando úmidos e manchados.

No entanto, aqui estava outra paixão que Beth compartilhava com essa garota, além do violino. Ela estava, de fato, bastante

satisfeita em acompanhar a mocinha, embora Julie reclamasse um pouco.

— Meu Deus, será que não podemos ficar um pouco mais em cada lugar? Queria poder parar e desenhar um pouco. Diga, Bethie, por que você não trouxe uma tela?

— Você ia querer isso? Aqui?

— É claro, seria mais fácil. Mas não importa, vou apenas fazer o esboço. Tenho um caderno na bolsa.

— Você deveria ter me dito. Sabe que eu gostaria de vê-la trabalhar nas telas.

— Bem, como eu ia saber que estaríamos perambulando atrás da Victoria durante toda a tarde? — Julie estava erguendo a voz. — Esperava estar de volta ao navio com meus materiais. Não é mesmo?

— Tudo bem, Julie. Temos muito tempo. Mas devemos tentar nos manter atualizadas à medida que avançamos para fazer as pinturas.

— É muito fácil falar, Bethie. — Julie revirou os olhos demonstrando sua frustração, e disse: — Você vai ficar me importunando sobre isso a viagem *toda*? Tem outras coisas que quero fazer também, sabe. Se quiser que eu pinte as ilustrações, você vai ter que assumir a responsabilidade. E lembre-se de que, assim que virarmos em direção ao sul, para a costa leste, pode ser que eu nem tenha tempo.

— Não vai ter tempo? Mas você prometeu. O que vai fazer em vez disso?

— Observar a paisagem, fazer compras — *me divertir*.

Beth fez uma pausa, a princípio chocada com as palavras bruscas de Julie. *É de fato um grande favor que estou pedindo. Não consultei a Julie sobre fazer as pinturas para mim antes de comprar as telas.* Beth falou em tom gentil.

— Deveria ter conversado com você antes de presumir que você faria o trabalho, Julie, e eu lamento muito. Poderia me perdoar? — Ao ver o aceno, o sorriso e o pequeno gesto dos ombros de Julie, Beth continuou: — E se fizermos esse acordo: peço que você pinte apenas as partes canadenses de nossa viagem. Na verdade, eu não preciso dos portos americanos para cumprir meus objetivos de ensino. Você estaria disposta a trabalhar nessas poucas pinturas? É um presente para mim, e eu ficaria muito grata.

Julie riu e balançou a cabeça.

— Creio que poderia me comprometer com isso. Mas se eu ficar famosa, você deve prometer que não vai vendê-los. Não quero ficar conhecida por pinturas de paisagens — não é essa a visão que tenho para minha carreira.

As irmãs sorriram uma para a outra, aliviadas ao perceberem que as coisas estavam de volta ao normal entre elas. Beth disse:

— Mas é claro. De qualquer forma, prometo não vendê-los *enquanto você estiver viva*.

— O quê? O que você disse? — Julie arregalou os olhos e Beth apenas sorriu. Finalmente ela tinha conseguido assustar a irmã, em vez do contrário.

No meio da tarde, as três jovens estavam prontas para beber alguma coisa e uma sombra para descansar. Julie as levou de volta perto da costa para encontrar um vendedor e algumas cadeiras.

— Ei, vocês! — uma voz gritou do outro lado da praia lotada.

— É a Jannis! — Havia puro deleite expressado na voz de Julie enquanto ela se afastava de Beth e Victoria. — Olá, Jannis! O que estão fazendo, meninas?

— Olá para você também! — As duas riram da brincadeira. — Bem, viemos aqui, onde todas essas pessoas estão observando baleias, mas em vez disso, estamos observando as pessoas. Posso afirmar, tem sido muito divertido!

Inclinando-se uma contra a outra para sussurrar, Julie e Jannis passaram pela multidão em direção a uma mesa, onde Penny esperava sob um largo guarda-chuva. Victoria e Beth as seguiram.

— Onde você esteve, boneca? Você parece estar exausta. — Penny olhou para Julie dos pés à cabeça. — Seu cabelo está uma bagunça. E, oh, Julie, seus sapatos!

— Eu sei, eu sei. — Ela empurrou a mão sob o chapéu, tentando endireitar os fios que foram bagunçados pelo vento. — Estávamos caminhando pela floresta.

Julie indicou Victoria com a cabeça, e Jannis e Penny assentiram de forma significativa.

— Bem, você está aqui agora. Então vamos sentar um pouco.

As jovens sentaram-se na mesa e pediram refrigerantes e um prato de chouquettes. Victoria estava pronta para desfrutar do lanche.

Tirou o binóculos de volta do pescoço e o colocou com cuidado sobre a mesa, colocou os pés para cima da cadeira, debaixo dela e enfiou o rosto no caderno, fazendo novas anotações periódicas.

— Belo binóculos — Jannis interrompeu a meditação da moça.
— Posso ver?

— Se quiser — respondeu Victoria. — Mas os melhores pássaros estão perto das falésias.

— Oh, querida, não estou observando pássaros — apenas um bando de *gatos*.

Penny e Julie riram da brincadeira. Jannis levantou o binóculos, o colocou nos olhos e observou a multidão.

— Caramba, consigo ver tudo com esse negócio. Consigo até ler o livro daquele cara lá daqui onde estou. Tenho de arrumar um desses para mim.

Penny agarrou à correia do aparelho.

— Deixe-me ver.

— Por favor, tenha cuidado — objetou Victoria. — É um instrumento delicado.

— Não estou fazendo nada demais, querida. Estamos apenas dando uma olhada nas coisas.

Jannis levantou o binóculos, para tirar fora do alcance de Penny.

Victoria se levantou com a mão firme sobre a mesa.

— Devolva-me o binóculos! Por favor!

Penny largou a correia, mas Jannis só afastou o binóculos ainda mais.

— Só um minuto. Estou quase terminando.

Trocando um olhar com Julie, que apenas observava sem fazer nada, Beth inclinou-se na cadeira e limpou a garganta.

— Jannis, o binóculos é da Victoria. Se ela está pedindo de volta, por favor, entregue para ela.

— Quem foi que morreu e deixou você no comando? — Jannis respondeu de forma grosseira para Beth.

Mas Penny interveio.

— Vamos, Jan. Se a menina quer de volta, o binóculos

pertence a ela mesmo.

As irmãs se entreolharam por um breve momento, claramente ocorrendo uma comunicação silenciosa entre elas. Então Jannis deu de ombros e colocou o binóculos de volta na mesa.

— Seja como quiser, senhorinha — disse ela em tom irritadiço. — Eu emprestaria se fosse meu.

Victoria o pendurou de volta no pescoço e retomou sua atividade como se nada tivesse acontecido. Fez-se um clima de silêncio ao redor da mesa.

— Desculpe-me, Beth — por fim admitiu Jannis. — Sei que devia ter entregado o aparelho de volta. É que nunca segurei um binóculos assim, e queria enxergar melhor o navio aqui. Mas não devia ter criado caso com isso.

A expressão irritada de antes foi substituída por completo por uma de lisonjeira doçura.

Beth lembrou-se da aparência persuasiva de Julie, que fora aperfeiçoada desde que era uma garotinha. Ela não pôde deixar de abrandar.

— Bem, Victoria não parece chateada, então por certo não há razão para que eu esteja.

— Somos amigas de novo? — Jannis perguntou com um sorriso alegre.

— Ora, mas é claro.



Quando enfim as moças voltaram ao navio, havia pouco tempo para se trocarem para o jantar. Beth correu pelos corredores, Julie e Victoria vinham logo atrás. Afinal, tinha sido uma tarde bastante agradável. Beth por um instante se perguntou por que Nick não havia aparecido para o chá. Ela decidiu não dizer nada a Julie, mas, em vez disso, esperar e ver o que poderia acontecer. Agora estava feliz por não ter dito nada.

Beth, na verdade, ficou tentada a pedir licença e deixar de jantar, para ter uma noite tranquila e escrever a carta de volta para Jarrick. Em vez disso, seguiu obediente o restante da família para a sala de jantar e se juntou à conversa da melhor maneira possível. Quando voltou ao quarto, Beth trocou a roupa mais formal, reuniu o

que precisava, incluindo a carta de Jarrick, e escapou pelos longos corredores.

O convés não ia funcionar esta noite. Beth precisava de uma mesa e preferia não ser perturbada. Passou depressa pelo barulho que saía do salão, escolhendo um canto tranquilo em uma pequena casa de chá. Pediu uma xícara e bebericou o chá por um tempo, para organizar seus pensamentos. Beth pegou a caneta e mergulhou a ponta em um pequeno pote de tinta, batendo-a distraidamente contra a borda do pote por um tempo.

Meu querido Jarrick, começou a escrever e sua mão tremia um pouco enquanto escrevia as palavras. Pareciam palavras tão pessoais — tão íntimas. Mas Jarrick já havia usado a mesma saudação, então prosseguiu:

Passamos momentos adoráveis hoje em Tadoussac, Quebec. Foi maravilhoso observar as baleias próximas ao fiorde e a vida selvagem abundante em terra. Na verdade, foi uma bênção para mim colocar os pés outra vez em terra firme. Admito que tive um pouco de enjoo durante a jornada, então fiquei grata por cada passo que dei hoje em terra firme.

A lugar era absolutamente deslumbrante, no exato lugar onde o Fiorde Saguenay se encontra com o Rio St. Lawrence. E a cidade era encantadora, tão atenciosa para todos nós. No entanto, foi a sensação de estar num local histórico que mais gostei, a própria idade do local. Mais antiga que o comércio de peles, os “voyageurs^[2]” e os primeiros missionários que construíram a pequena capela de madeira que eles tem por lá. Mais antiga que as pessoas que habitavam as florestas, muito antes da chegada dos europeus. Eu me diverti imaginando geração após geração de baleias se reunindo nas águas ali perto para estudar como as estranhas criaturas terrestres, que caminhavam de pé, sobre duas pernas, estavam se virando ao longo dos anos. Como se os gigantes marinhos tivessem se aproximado para observar a humanidade — o oposto do que fizemos hoje! Devo dizer que gostei muito de tudo.

Julie concordou em pintar algumas paisagens para compartilhar com as crianças enquanto ensino geografia canadense. Comprei também um conjunto de baleias esculpidas em madeira, uma mãe e um filhote, que quero usar ao contar aos meus alunos sobre as criaturas majestosas.

Espero poder encontrar palavras para descrever a graça e a elegância — apesar do tamanho — de uma baleia saindo da água.

Então foi nesse cenário que li sua carta, enquanto estava sentada em uma grande rocha na floresta. Admito que, em parte, busquei esse lugar para encontrar privacidade e distanciar-me um pouco da minha família, mas esse acabou sendo o local ideal. Foi quase como se estivesse de volta

em algum lugar de Coal Valley, embora não houvesse a visão das Montanhas Rochosas. Quase pude imaginar nós dois juntos ali.

Duas senhoras a encararam da porta antes de continuar seu caminho. Depois de dar um sorriso para as senhoras, Beth mergulhou a caneta mais uma vez no frasco de tinta.

Fiquei tão feliz em saber que nenhuma das mães de Coal Valley terá que se afastar num futuro próximo, que uma horta comunitária será plantada e que já se fala de uma escola no outono. Este tem sido o alvo das minhas constantes orações. Mas fiquei em choque ao ler o triste relato a respeito da Sra. Grant. Oro com sinceridade para que ela encontre paz de espírito e uma melhor situação de vida. Você tem mais notícias do julgamento do Sr. Grant? Espero que a justiça aconteça no caso dele, e que nosso Pai Celestial seja o verdadeiro Juiz. E, no entanto, nosso Salvador está disposto a ainda ser para ele um Advogado de verdade, se o Sr. Grant apenas se arrepender.

Beth parou, batendo na borda do frasco mais uma vez enquanto organizava seus pensamentos.

Tem sido uma alegria viajar com minha família e nossas amigas, as Montclairs, embora haja uma miríade de pequenas queixas que surgem de vez em quando. Suponho que isso seja inevitável, enquanto compartilhamos quartos apertados e muitas horas de “união”.

O ponto positivo é que também fizemos alguns novos amigos a bordo. Duas irmãs, próximas a nós em idade, também estão viajando. Para Julie que, como você bem sabe, desfruta de um ritmo de atividade muito mais animado do que nós, isso tem sido muito divertido. Minha irmã já se tornou uma entusiasta do tênis (há uma quadra a bordo), e ela já conhece todos os outros cantos do navio, tenho certeza. Há um pequeno grupo de jovens viajando também, embora a maior parte dos passageiros seja da geração da minha mãe ou mais velha.

Beth hesitou, pensando se deveria mencionar o nome do Nick, então decidiu que não seria bom esconder isso do Jarrick se estivesse contemplando uma vida com ele. Acrescentou:

Conhecemos um rapaz americano chamado Nick na cidade de Quebec e ficamos surpresas ao encontrá-lo também em nosso navio. Descobri que ele e eu compartilhamos o interesse pela leitura, mas estou certa de que ele não passa tempo fazendo isso enquanto está a bordo.

Beth já estava chegando ao final do segundo lado da página. Como sentiu que era desnecessário começar outra folha, ela ia encerrar a carta. Beth guardou o que pensava ser o melhor para o fim.

Eu gostei da ideia de você voltar ao nosso restaurante para fazer

uma reserva. Espero que a ideia tenha sido bem recebida. A própria imagem formada em minha mente é uma fonte de prazer para mim, com certeza, tanto que já comecei a planejar o que vou vestir naquela noite. E, no mesmo sentimento, decidi contar a você que todos os dias carrego uma das pétalas de suas rosas, que guardo em um lenço. Elas servem como uma espécie de contagem regressiva até que eu o veja novamente.

Maias uma vez Beth debateu consigo mesma. *Jarrick encerrou sua carta “Com muito carinho”. Qual seria uma resposta adequada a isso?*

Quando estivesse no papel com tinta, ela não teria como mudá-lo.

Cordialmente, Beth, ela escreveu. Era menos do que ela queria oferecer — palavras que já escrevera na maioria das cartas para amigos.

Mas a modéstia exigia certo comedimento por enquanto, ela decidiu enquanto esperava que a tinta secasse.

Um homem, talvez, pode correr o risco de ser mais ousado, mas uma moça deve guardar suas palavras com cuidado, Beth concluiu, e então dobrou a carta com gentileza.

Capítulo 10

Beth foi para o convés a tempo de ver o sol erguendo-se sobre o rio, o brilho que se espalhava dava lugar a um único raio brilhante, seguido por uma faixa estreita de amarelo brilhante. Ela tomou um lugar próxima à proa e observou o navio tomando seu caminho ao cortar cada pequena onda, e sentia-se grata por seu corpo agora ter se acostumado ao movimento do mar.

Quando Beth viu outros passageiros aparecendo, entregou a carta ao escritório de bordo correto e foi informada de que a carta iria para a mala de correio naquela manhã para ser transportada para a costa. Satisfeita, foi para o costumeiro espaço no convés, onde a família havia alugado espreguiçadeiras numeradas. Enquanto esperava, inclinou-se contra a balaustrada úmida e inspirou o ar fresco da manhã.

Elas iam passar este dia inteiro a bordo, enquanto o navio seguia sua lenta jornada para o leste. *Julie com certeza terá tempo para pintar hoje.* Beth observou coisas que gostaria de ver incluídas na paisagem — uma vila de pescadores e moinhos de madeira, uma estrada aparecendo aqui e ali entre as árvores na terra, pequenos barcos e grandes navios deslizando à distância. Esperava também ver mais vida selvagem — talvez com a ajuda do binóculos de Victoria.

O pai dissera que o navio deles cruzaria com o delas em algum momento durante o dia. Beth olhou ao redor com cuidado, pois desejava saber a que horas era provável que isso acontecesse.

— Olá, senhorita madrugadora.

Beth se virou para ver a Sra. Montclair se juntando a ela na balaustrada.

— Bom dia. Espero que a senhora tenha dormido bem — Beth respondeu com cordialidade.

— Bem, sim... ou teria dormido se não fosse a Victoria e seu violino sempre tocando. Ela acorda cedo como você, estou vendo. Vou

lhe dizer, Elizabeth, agradeça que as paredes não sejam finas, que o zumbido dos motores abafe um pouco os ruídos que ela produz.

Beth assentiu de maneira agradável e sorriu. Parecia não fazer sentido protestar contra a descrição irrefletida. Lembrou-se como seria adorável em breve tocar o violino de Victoria.

— Será que temos tempo de dar uma ou duas voltas ao redor do convés superior antes do café da manhã? — Margret perguntou quando saiu para o sol com JW. Beth estendeu os braços para o menino sorridente, e ele aconchegou a cabeça em seu ombro.

— Oh, Margret, isso é tão bom — ela sussurrou, e as irmãs trocaram sorrisos compreensivos.

Quando a mãe se juntou a elas, subiram as escadas ali próximas, emergindo em procissão para o convés superior. O sol nascente já prometia um dia esplêndido e quente.

Priscilla lançou um olhar sobre o ombro.

— O que faremos nessa manhã tão maravilhosa?

Logo veio a sugestão de Julie.

— Vai haver jogos no convés mais tarde, perto das quadras de tênis.

— Eu não jogo tênis — afirmou Victoria.

— Oh, só disse que esse era o lugar *onde* vão jogar. Ouvi dizer que os jogos foram projetados para dar a todos uma atividade prazerosa. Tenho certeza de que todas nós vamos encontrar algo para desfrutar ou mesmo apenas assistir.

— Claro, querida — disse a mãe. — Mas estas são férias em *família*. Não podemos encontrar algo que todas possamos desfrutar juntas?

— Ainda não nadamos. Tenho certeza de que JW iria amar a água — propôs Margret.

Beth concordou.

— Isso parece divertido.

Mas a mãe deu uma resposta evasiva.

— Eu não sei se gostaria de nadar aqui no navio. É uma situação diferente na praia... Mas temo que me sentiria muito desconfortável hoje, com todas aquelas espreguiçadeiras dispostas em direção à piscina, com os passageiros assistindo.

— Mas nós recém estivemos *numa* praia, mãe! — O semblante de Julie disse mais do que as palavras. — Deveríamos ter ido nadar *nessa ocasião*.

Sugeriu a Sra. Montclair:

— Li que deve haver música solo no teatro esta manhã. Nós todas gostamos de música. As músicas serão clássicos famosos que com certeza conheceremos. Parece fascinante, não é, Victoria?

— Oh, sim, mãe.

Julie murmurou:

— Bem, esse é o fim então. Um solista ultrapassado com canções antigas e fora de moda.

Beth tentou encorajá-la com gentileza.

— Nós não temos que fazer *tudo* juntas. Afinal, somos adultas. Tudo bem se tomarmos nossas próprias decisões no que diz respeito aos nossos interesses pessoais. Mas vamos dançar conforme a música primeiro. Queremos que a mamãe aproveite plenamente a viagem, é claro. Mas depois é provável que ela vá querer apenas sentar-se no convés por um tempo — e então poderemos zanzar por aí. Julie, você pode ir para os jogos, e Margret, você e eu podemos levar o JW para um mergulho rápido antes do cochilo dele. É provável que ele não vá querer ficar muito tempo de qualquer maneira.

— Sim, isso me parece bem — Margret concordou. — E assim que o bebê dormir podemos ir assistir os jogos — torcer pela nossa Julie.

Até Julie parecia ter considerado essa uma solução satisfatória. Confirmando a suposição de Beth, após o concerto, a mãe e a Sra. Montclair se contentaram em encontrar um local ensolarado para reclinar e ler por um tempo sob o guarda-sol.



— São todos os amigos da Julie?

Margret olhou de olhos arregalados para o grupo de jovens. O barulho e o riso as alcançaram muito antes de chegarem ao convés de recreação.

E ali estava a irmã Julie, no centro de tudo, rindo com evidente deleite ao receber atenção e jogando uma bola para um rapaz que estava tentando pegá-la embaixo do queixo e as mãos

aparentemente amarradas para atrás.

— De qualquer maneira, Margret, com certeza não parece que ela se importe — disse Beth, sem saber se devia ficar alarmada ou satisfeita por Julie ter encontrado a diversão que estava procurando. — E ela conhece o homem com quem está fazendo dupla.

— Vire-se, Nick! — o grupo gritava. — Pegue nas costas!

Pelo que parecia, desde que Nick não usasse as mãos e não fosse trocada nenhuma palavra entre os dois companheiros de equipe, a vitória seria alcançada ao pegarem e segurarem a bola de qualquer maneira possível. Uma segunda dupla já havia mudado de tática e estava tentando fazer com que a bola pousasse entre as omoplatas de quem recebia, sem rolar. Os espectadores animavam em cada tentativa. Beth riu e agarrou o braço de Margret, também envolvida na competição.

E então Julie fez um movimento dramático. Nick deve ter entendido a linguagem de sinais inventada por Julie, e caiu numa posição sentada no convés, uma manobra estranha com as mãos ainda amarradas. Mas com um único lance Julie jogou a bola direto no colo dele, Nick ergueu os joelhos rapidamente para prender a bola e mantê-la ali.

Ao redor deles irromperam aplausos e vozes começaram a entoar o nome de Julie em uníssono. Parece que a irmã havia arquitetado a estratégia vencedora. Beth e Margret se juntaram aos aplausos enquanto o rosto de Julie praticamente brilhava em evidente satisfação.

Nick se esforçou para levantar-se, o que causou mais risos. Depois que ele foi desamarrado, ficou ao lado de Julie e aceitou um pequeno troféu de plástico. Com um floreio, ele passou para Julie, que o manteve no alto depois de fazer uma reverência teatral. Beth observou com admiração a graça e o carisma que Julie exibia enquanto carregava o prêmio em direção a um pano vermelho disposto numa mesa e o colocava com a coleção. O pano azul ao lado deles tinha apenas três troféus. Então parecia que a equipe de Julie estava vencendo a competição.

Acima do barulho, Beth disse no ouvido de Margret:

— Acho que talvez eles sejam *todos* amigos da Julie.

Margret balançou a cabeça maravilhada.

As irmãs acenaram para chamar a atenção de Julie. Por fim, Julie viu as irmãs e correu.

— Nós ganhamos!

— Nós vimos você. Foi brilhante. Que coisa boa.

Julie ainda estava ofegante.

— Eu disse que eram jogos bobos. Mas estamos nos divertindo tanto. Venham, vamos participar. Vocês podem ficar na nossa equipe.

— Ah, vamos apenas encontrar um lugar para sentar e assistir. Mas você pode continuar — conquistou mais alguns troféus!

Em um momento, Nick apareceu ao lado de Julie acariciando o ombro dela com a mão e deixando-a repousar ali.

— Olá, Beth. Sua irmã não é a melhor de todas? Ei, desculpe ter dado o bolo em vocês naquela última cidadezinha. Surgiu um assunto de última hora para tratar. — Antes que Beth pudesse responder, ele sorriu para Margret e disse: — E quem é essa, posso saber?

Beth recuou.

— Esta é a nossa irmã mais velha, Margret.

— Prazer em conhecê-lo. Vocês, garotas, com certeza são muito parecidas — todas as três uma belezura. — Beth percebeu que Margret corou e olhou para baixo. — Vocês duas vão se juntar a nós?

— Oh, não. — Margret enrubescou mais profundamente. — Julie é a extrovertida da família. Nós só vamos assistir.

— Vocês que sabem — disse ele, depois abriu outro sorriso e apertou o ombro de Julie. — Vamos, boneca. Vamos ver o que vem a seguir.

Quando eles se afastaram, Beth notou Nick colocar a mão nas costas de Julie, guiando-a por onde passavam. Ela franziu a testa, desconfortável com a casual familiaridade.

Margret sussurrou:

— Ele parece legal.

— Hum-hum — Beth murmurou, ainda incerta.

Uma corrida de carrinho de mão foi a próxima brincadeira. Dois homens de cada equipe cruzaram o convés ao som de muitas risadas, um andando com as mãos no chão e os pés colocados na dobra do braço do outro. Ocorreram várias quedas, para maior diversão dos espectadores. A primeira equipe — a equipe de Julie — cruzou a linha de chegada primeiro para receber ainda mais aplausos.

O novo troféu foi entregue e o diretor pediu a atenção de todos para explicar o próximo evento.

Margret se inclinou perto de Beth.

— Sinto muito, mas não consigo manter os olhos abertos. Você se importaria muito se voltássemos para o quarto? Acho que gostaria de tirar uma soneca rápida enquanto o JW ainda está dormindo. Se é que já não acordou. — Vendo que Beth hesitava, acrescentou: — Você não precisa voltar comigo, querida. Pode ficar se quiser. Sim, por que não fica?

— Não, eu vou junto. Não quero ficar aqui sozinha.

Beth seguiu Margret pelos corredores com relutância, tendo a mente ainda perturbada com o que tinha visto entre Julie e Nick. Perguntou-se se talvez eles não estivessem passando mais tempo juntos do que percebera — se estavam se tornando um pouco familiares demais.

Julie, não seja imprudente, ela implorou em silêncio e depois transformou essas palavras numa oração.



Julie era a personificação da alegria no jantar, sentada em seu lugar como uma celebridade, com o vestido azul royal tornando-a ainda mais majestosa. Sua inteligência vibrante e personalidade efervescente estavam agora sendo exibida para todos — brincando e elogiando todos ao seu redor, incluindo vários jovens que paravam na mesa para celebrar a vitória de sua equipe.

— Devo dizer, Julie, parece que você teve uma tarde bastante agradável — comentou a Sra. Montclair com um olhar significativo. — Você não é o centro das atenções?

Monsieur Laurent assentiu.

— Creio que seja exatamente onde nossa jovem amiga se sente mais confortável.

— De fato, *Sr. Lorant*. Ela gosta de estar sob os holofotes. — A Sra. Montclair lançou um olhar decepcionado para Victoria. — Você poderia pegar algumas dicas com ela, minha querida. Veja como a Julie se envolve com as pessoas ao seu redor, a maneira como ela sorri e interage. Se ao menos você fosse mais como a Julie...

— A propósito, Julie, você teve a chance de trabalhar nas

pinturas hoje? — Beth estava desesperada para tirar a atenção da Sra. Montclair de Victoria.

Julie lançou um olhar fulminante para Beth do outro lado da mesa.

— Como é?

Todos pareciam intrigados com a interrupção inesperada de Beth, que em geral era tão serena.

— É só que estamos no mar agora — continuou Beth, suavizando a voz. — E... bem, esperava que tivéssemos tempo para trabalharmos um pouco mais.

— Você quer dizer *eu teria* que trabalhar mais... não é mesmo?

— Vou ajudar de qualquer maneira que puder, Julie.

— Você? Como *você* poderia ajudar?

Beth hesitou, consternada com a discussão pública que havia iniciado sem perceber.

— Não existe alguma maneira? Talvez eu pudesse fazer alguns esboços...

— Não é tão fácil quanto parece, Bethie. — Julie revirou os olhos. — Eu vou ajudá-la quando puder, querida, mas não vou deixar esse seu projeto bobo arruinar minhas férias. Pretendo me divertir — apesar de sua aparente incapacidade de fazer o mesmo.

A mãe balançou a cabeça.

— Meninas, por favor. Este não é o momento nem o lugar.

— Sinto muito.

O rosto de Beth corou por ter causado uma cena. Ela lançou um rápido olhar para Victoria. A menina parecia alheia a tudo, pegando outro bolinho da cesta no centro da mesa, com os olhos concentrados no pequeno caderno. *Ela não deve ter ouvido nem mesmo os comentários feitos pela mãe dela. Foi uma distração insensata e impensada.*

Beth deu um suspiro profundo.

Capítulo 11

— Margret não está se sentindo bem esta manhã — informou Priscilla assim que Beth e Julie saíram do quarto.

— Oh, meu Deus. O que ela tem?

— Ela se sente nauseada... talvez tenha sido algo que comeu ontem à noite. De qualquer maneira, Emma veio agorinha nos informar que Margret não se juntará a nós no café da manhã.

Beth franziu a testa.

— Ela precisa de ajuda com JW?

— Não, a Srta. Bernard vai tomar conta dele até voltarmos do café da manhã. Vamos ver mais uma vez como a Margret está antes de irmos à costa, para o culto na igreja, mas creio que não vamos levar JW junto com a gente. A Srta. Bernard vai cuidar dele durante o culto. Duvido que Margret esteja se sentindo bem para se juntar a nós.

Beth se esquecera de que já era domingo.

— Que horas será o culto?

— O culto em inglês para os turistas não começará até a uma hora da tarde, então temos muito tempo antes disso. O Monsieur Laurent vai ficar sozinho hoje. Ele nos deixou dinheiro para cobrir nossas necessidades para o dia.

Domingo — um dia tranquilo passado quase todo a bordo. A pequena cidade francesa na Península Gaspé e um culto na igreja. Beth tinha certeza de que a mãe não iria tolerar muitas atividades, mesmo que o navio estivesse oferecendo jogos, shows e filmes mudos.

Julie não ia gostar disso. Beth logo decidiu que não ia perguntar mais sobre as pinturas.

— Posso ir ver a Margret? — Julie perguntou.

— Não, querida. Vamos deixá-la em paz até depois do café da manhã. Só então vamos ver como ela está.

Julie saiu apressada sozinha após a refeição, enquanto Beth e a mãe ficaram conversando por algum tempo com as Montclairs. Quando voltaram para as suítes, Margret respondeu à porta quando elas bateram. Ela vestia um roupão de malha rosa macio. Ela ainda não tinha penteado os cabelos, que estavam soltos pelos ombros em densas ondas.

O rosto de Margret parecia bastante pálido e estava com os olhos vermelhos. Mamãe acariciou a bochecha de Margret.

— Pelo menos não está com febre — disse Priscilla.

— Pobrezinha — comentou Beth num suspiro.

— Sinto-me um pouco melhor. Acho que vai passar. Meu Deus, estava muito enjoada. Acho melhor ficar perto do quarto hoje.

Beth agarrou a mão da irmã com ternura.

— Você acha que o enjoo foi por causa do balanço do barco?

Mas Priscilla não fez caso da pergunta e ergueu JW, que estava no chão brincando com blocos, no colo.

— Não depois de tantos dias. É provável que seja apenas algo que ela comeu. — Ela aconchegou o menino contra o peito e o beijou no topo da cabeça. — Bom dia, querido.

— *Bojur, fofó* — JW disse rindo. — *Bojur*.

— O que ele está dizendo? — perguntou a mamãe.

Beth riu.

— Tenho certeza de que está tentando dizer '*Bonjour*, vovó' — graças ao Monsieur Laurent, é claro.

Priscilla abriu um amplo sorriso para o netinho que se contorcia em seus braços.

— Bonjour, meu querido garotinho.

— Podemos trazer alguma coisa para você, Margret?

— Não, obrigada, Beth. A Emma já me trouxe uma xícara de chá, e acho melhor não exagerar. Tenho certeza de que logo me sentirei melhor. — Ela hesitou por um momento. — Mãe, a senhora estaria disposta a levar JW para uma caminhadinha? A Srta. Bernard está tomando café da manhã e seria bom para ele esticar as pernas.

Beth abriu a boca para se voluntariar, mas foi interrompida por um rápido balanço da cabeça de Margret. Beth esperou até que a mãe tivesse saído com o neto.

Margret fechou a porta devagar.

— Quero falar com você, Beth.

— Sim?

— A Julie já passou por aqui antes de vocês. — Margret se aproximou com uma expressão preocupada, baixando a voz. — Ela me ofereceu um comprimido, e disse que conseguiu com a Jannis.

Beth ignorou a aparente preocupação.

— Sim, é provavelmente o mesmo remédio que ela me ofereceu quando eu estava me sentindo mal.

— E você *tomou*? — Margret arregalou os olhos.

— Eu não vi problema em tomar.

— Oh, Beth, no que você estava pensando? — Margret começou a andar de um lado para o outro, mordendo o lábio. — Você sabe o que havia no comprimido?

— Não, não de fato. Mas com certeza funcionou para mim, nas duas vezes.

— Você tomou duas vezes? Um comprimido oferecido por uma pessoa estranha?

— Oh, Margret, você faz parecer tão obscuro e perverso. Era apenas remédio para enjoo, elas disseram. E elas não são de fato estranhas, são apenas duas garotas de Buffalo viajando de férias. Tenho certeza de que nunca fariam nada para me prejudicar — ou qualquer outra pessoa, diga-se de passagem.

— Minha querida irmã, você não sabe *quais* pode ser as intenções delas, se são prejudiciais ou somente tolices. Você nunca deveria ter confiado nelas — não sem ter muito mais informações!

Beth afastou-se.

— Você está exagerando, Margret. Não é tão monumental como você está falando. E a prova é que eu me *beneficiei* ao tomar o comprimido. De qualquer maneira, vou perguntar a elas que tipo de remédio é esse. Tenho a certeza de que elas vão dizer. — Beth sentou-se em uma cadeira ali próxima. — O que você acha que elas iam ganhar com isso? O que iam ganhar me fazendo ficar *bem*? Como isso poderia ser qualquer coisa além de útil?

Margret sentou-se no assento ao lado.

— Não sei. Realmente não sei por quê. Mas eu já lhe disse que

não confio nelas, e agora você também acredita nelas.

— Para sermos justas, Margret, isso aconteceu antes de você me avisar.

— E você acha que estou errada?

Beth hesitou, lembrando-se das últimas interações com as moças.

— Não, não acho que esteja errada — não por completo. Também tive certas inquietações a respeito delas algumas vezes, e me preocupa também a avaliação que Julie faz dessas moças. Receio que ela pague por comida e outros itens para as garotas.

— Então deve ser você a irmã a usar sabedoria, e não tomar qualquer outra coisa que essas moças têm para oferecer. Se eu estiver errada, não há mal nenhum ao ser muito cautelosa. Mas e se eu tiver razão... quem sabe?

Beth sorriu e esfregou na testa.

— Você está certa, é claro, Margret. Você é tão boa para mim — para todas nós. Sei que é uma preocupação genuína. Você é uma mãe tão maravilhosa que não pode deixar de educar até mesmo a mim.

Um olhar de comoção estava registrado no semblante gentil.

— Margret? — questionou Beth. — O que foi?

No mesmo instante, Margret vestiu uma máscara, e insistiu que não era nada.

Com uma afetação deliberadamente descuidada, Margret se levantou ligeiro e foi até o espelho, pegando a escova.

— Nada. Estou contente por você ter concordado. — Sem olhar para Beth, Margret começou a prender o cabelo. — Na verdade, estou me sentindo muito melhor. Vou estar pronta em breve. Tenho a certeza de que vou estar bem para ir com vocês para a cidade.



O bote passou pelas ondas em direção à cidadela, passando perto de dois arcos expansivos de pedra natural que estava suspensos sobre as águas turbulentas. Havia um farol com listras pintadas, tão reto quanto uma sentinela em um penhasco vizinho, observando as ondas correrem contra a costa irregular.

Depois do almoço, onde desfrutaram de frutos do mar muito frescos em um restaurante pitoresco, seguido por um adorável culto na igreja, as Thatchers e as Montclairs passearam pela cidade. Mas todas as lojas estavam fechadas no domingo, e a Sra. Montclair logo anunciou que seria melhor voltar para o navio, pois não havia mais nada a fazer.

As mulheres se reuniram em seu local favorito no convés, lendo e conversando enquanto o navio estava ancorado. Como Beth já esperava, Julie estava inquieta. No entanto, ela deve ter se resignado a montar seu cavalete com os primórdios de seu trabalho do Fiorde Saguenay. Julie começou a misturar lentamente várias cores em sua paleta. Beth deu um suspiro de alívio e se acomodou na cadeira ao lado de Victoria. *Pelo menos a Julie está aqui à vista, e talvez eu consiga levar para meus alunos uma ou duas pinturas feitas por ela.*

Victoria respondia, com o binóculos na mão, ao entusiasmo de todos os passageiros ao assistirem à passagem distante das baleias ou um bando de aves marinhas. A visão de um solitário alce de pernas compridas, caminhando entre os densos juncos, trouxe a jovem para a balaustrada, para vê-lo entrar em um amplo pântano que deságua no St. Lawrence.

Beth preferiu ignorar todas as expressões de surpresa e tratar de ler o restante de seu livro. Esperava em breve terminar *Redburn*.

No entanto, estava se tornando demasiado sinistro e sombrio — o jovem marinheiro encontrava cada vez mais pobreza e desumanidade na Inglaterra. Isso a fez pensar em Coal Valley, embora o que estava descrito no livro fosse muito além do que seus amigos do oeste haviam sofrido. Por fim, como não conseguia ler mais, deixou o livro de lado.

Quando Jannis e Penny passaram caminhando por ali, interromperam a conversa que estavam tendo com a mãe. Julie implorou com os olhos para se juntar às amigas, mas, com calma, a mãe rejeitou o apelo silencioso.

— Vocês podem se sentar conosco por um tempo, meninas — sugeriu mamãe. — Gostaríamos de ter a oportunidade de conhecer as novas amigas da nossa Julie.

— Ah, poxa vida! Isso com certeza seria bom, Sra. Thatcher. Mas já dissemos ao pessoal que nos encontraríamos na piscina. Poxa, vamos ter que conversar noutra hora.

Julie insistiu que as moças ficassem pelo menos um pouquinho, pressionando-as a sentar-se no assento vago de Victoria e

no apoio para os pés. Ela lançou várias perguntas sobre como passaram o dia, o que mais planejaram. Mas depois de alguns minutos, as jovens pareciam determinadas a escapar, deixando Julie com uma expressão melancólica. Ela se acomodou em sua própria cadeira e retomou a pintura, embora agora parecesse um pouco distraída.

O Monsieur Laurent apareceu no convés, assobiando uma melodia alegre.

— Bonjour, *mes amies*. Espero que tenham tido um dia agradável — ele disse com animação. Beth teve a impressão de que todos estavam tão felizes quanto ela pela distração. JW ergueu os bracinhos para o idoso cavalheiro e foi jogado no ar enquanto todos sorriram ao ouvir suas risadas encantadas. — Bonjour, mon petit ami. *Comment vas-tu?*

— Que canção o senhor estava assobiando, monsieur, quando estava chegando? — perguntou Priscilla.

— Ah, é uma musiquinha francesa sobre um velho oficial de justiça que era tolo. Devia ensiná-la ao nosso pequenino.

Tomando um assento próximo e colocando JW em seu joelho, Monsieur começou a cantar suavemente. Embora cavalheiro não estivesse dando atenção ao restante das amigas reunidas, todos os olhares estavam fixados nele.

— “Cadet Rousselle a trois maisons, Cadet Rousselle a trois maisons. Qui n'ont ni poutres, Ni chevrons, Qui n'ont ni poutres, Ni chevrons...”

Beth sabia muito pouco francês e o Monsieur Laurent estava cantando rápido demais para que ela conseguisse captar alguma das palavras. JW, no entanto, estava fascinado. Isso não deixou Beth surpresa, já que o rosto envelhecido do Monsieur Laurent animava cada frase.

Logo JW estava cantando, imitando da melhor maneira que podia as palavras mais fáceis.

— “Ah! Ah! Ah! Oui, vraiment, Ah! Ah! Ah! Oui, vraiment!”

Beth pensou consigo mesma, *eles fazem uma dupla inesperadamente adorável*.

Quando se levantaram para se preparar para o jantar, a Sra. Montclair acompanhou os passos de Priscilla. Beth ouviu a ouviu advertir a mãe com severidade:

— Priscilla, ele vai arruinar aquele garotinho. Não deixe que

ele ensine francês enquanto o bebê ainda é tão pequeno. Isso só vai confundi-lo e ele nunca vai aprender inglês.

— Oh, Edith — respondeu a mãe —, creio que o menino ouvir francês não fará mais do que fortalecer a mente em crescimento do JW.

— Como queira. Mas não vai dizer mais tarde que não avisei.

Pelo que parecia, cada dia trazia mais tumulto entre elas, tanto grandes quanto pequenos. *Não podemos apenas aproveitar estes dias de lazer e companheirismo?*

Victoria estava deslizando sua chave para a fechadura da porta da cabine ao lado de Beth quando soltou um suspiro.

— Meu binóculos! Deixei-o na minha cadeira.

— Então é melhor você se apressar antes que alguém o pegue — repreendeu a mãe da moça.

Beth se ofereceu para acompanhá-la. Sem nem se importar em responder, Victoria correu de volta pelos corredores estreitos. Elas procuraram com atenção ao redor das cadeiras.

— Sei que estava aqui. Estava com ele quando fui até a balaustrada. Só o larguei para fazer os esboços no meu caderno. Não consigo imaginar para onde podem ter ido. — Victoria suspirou outra vez. — Você acha que alguém pegou?

— Não sei — respondeu Beth com franqueza. — Talvez um dos tripulantes tenha levado para os achados e perdidos. Eu vi os funcionários endireitarem as cadeiras e recolherem os objetos dos passageiros. Quando o escritório abrir pela manhã, vou mostrar onde podemos verificar.

— Oh, obrigada, Elizabeth, muito, muito mesmo — disse Victoria, agarrando o braço de Beth com uma expressão preocupada em seu rosto.

Bem, pensou Beth, essa é a máxima expressão de gratidão que já vi de nossa Victoria. Queria poder ajudá-la a se interessar dessa maneira pelo resto de nós. Talvez se puder ajudá-la a encontrar o binóculos...

Mas a decepção da moça com a perda foi ainda maior quando, na manhã seguinte, elas souberam que o binóculos não havia sido encontrado.

Capítulo 12

Em algum momento durante a noite, o navio recolheu a âncora e estava na rota para a ilha Anticosti. Margret recusou o café da manhã outra vez, mencionando uma reincidência de suas queixas de estômago, embora tenha se juntado à família logo depois para a caminhada matinal no convés. Julie havia desaparecido, e Beth passou um tempo tentando transferir para uma tela em branco seu próprio esboço do farol disposto acima dos arcos.

Afinal, o projeto não era apenas de Julie. Por que não começar pelo menos uma pintura para ela?

O próximo cataclisma social ocorreu não muito tempo depois.

Julie apareceu na suíte, logo depois de passar três horas no deck recreativo. Suas bochechas estavam rosadas por causa de quaisquer que tenham sido seus recentes esforços, e sua animação era evidente até em seus passos. Ela estava vestida com o uniforme de tênis branco, com um suéter amarelo desta vez, e um lenço de franjas amarelo claro em volta da cabeça completava o visual.

Beth a encarou com desconfiança.

— Você se parece com o gato que acabou de engolir o canário.

— Obrigada, Bethie — Julie respondeu com uma risadinha.

Beth respondeu um pouco ríspida:

— Minha querida, isso *não* foi um elogio. O que você está aprontando?

Julie passou, tirou o suéter e o jogou sobre o encosto do sofá.

— Ora, Bethie, o que quer dizer?

— Julie Camille — a mamãe exclamou da porta aberta do quarto dela —, por favor, prepare-se para o almoço.

— Sim, mãe.

Mas ainda havia um tom de frivolidade e diversão na voz de Julie.

Beth a seguiu para o quarto que compartilhavam para lavar e arrumar seu próprio cabelo. *Está claro que Julie tem um segredo e tirando o máximo proveito disso.*

— O que você não quer contar? — Beth disse com severidade.

Com os olhos brilhando, Julie fechou a porta. Então ela puxou o lenço lentamente da cabeça e deu um volta.

— O que foi que você fez? — Beth exigiu saber.

— Você não amou? A Jannis cortou para mim.

As longas madeixas escuras de Julie haviam desaparecido. Agora havia apenas uma fileira de cachos mal cortados pendurados ao redor da cabeça. É um ‘channel’ — disse Julie entusiasmada. — É o último grito da moda. Você não gostou, Bethie querida?

— Oh, isso vai *causar* um grito, pode ter certeza disso. — Engolindo seco, Beth tentou retomar sua compostura. — Julie, você sabe muito bem que a mamãe não teria permitido você fazer isso. Como você pôde fazer uma coisa dessas pelas costas dela?

— Você mesma disse: somos adultas. Somos livres para tomar nossas próprias decisões, no que diz respeito aos nossos interesses pessoais. Como meu cabelo poderia ser algo além do meu *interesse pessoal*?

— Quando foi que eu disse uma coisa dessas? — Beth exigiu saber.

— Quando estávamos decidindo o que fazer no outro dia. Você disse que íamos com a mamãe para a cantoria, para fazê-la feliz — e que depois faríamos o que quiséssemos. Você e a Margret foram nadar, e eu fiquei jogando, considerando que estávamos livres para fazer nossas próprias escolhas como adultas. Foi isso que você disse, Bethie! Ouvi isso claro como o dia.

Beth ainda estava olhando para o cabelo absurdamente curto.

— O que quer que eu tenha dito, com certeza não quis dizer *isso*.

Lágrimas começaram a se formar nos olhos de Julie.

— Mas o *cabelo é meu*. Por que não poderia usá-lo do jeito que eu gosto?

Beth se virou, adicionando água à bacia e mergulhando uma

toalha de rosto.

— Não sei o que dizer, Julie. — Beth sentia sua cabeça girando. — A mamãe vai ficar muito chateada.

— Você acha que ela vai ficar aborrecida conosco?

— Oh, não, irmã querida. Isso não é sobre *nós* — Beth murmurou, torcendo a toalha com mais força do que era necessário. — Isso é apenas sobre *você* e sua decisão tola. Não tem nada a ver comigo.

Julie bufou atrás de Beth, em um lampejo de raiva.

— Quis dizer a Jannis e eu. Não existe mais um “nós” entre eu e você, porque faz dias que você não passa tempo comigo!

— O quê? Eu... mas nós... — Beth jogou a toalha em cima do gancho e saiu em direção à porta. — Não vou estar com você quando contar à mamãe. Você pode fazer isso com Jannis... se achar que vai ser útil de alguma maneira.

Quando a mãe descobriu o corte de cabelo de Julie, mandou as outras prosseguirem para o almoço. De todo o coração, Beth sentiu pena da mulher que tinha um fardo tão difícil — uma filha que com alegria se deixou ser levada a fazer o que uma conhecida casual havia sugerido. E então se lembrou das pílulas que aceitou da mesma fonte.

Seu coração amoleceu. *É provável que Julie também não estivesse pensando com clareza quando confiou em suas novas amigas. Mas as preocupações de Margret com certeza estavam se mostrando corretas.*

E foi só então que Beth parou para pensar. *O que o papai iria dizer?*

Ele sempre elogiou os longos cachos de Julie—muito parecidos com os cabelos da mamãe. A imagem mental da decepção dele fez soar uma nota triste no coração de Beth.



Julie e Priscilla não compareceram ao almoço. Quando Beth e Margret voltaram para a suíte, Emma, com os olhos arregalados, informou que mãe e filha haviam feito uma visita apressada no salão de beleza a bordo, para “consertar” o cabelo de Julie.

— O cabelo dela vai crescer de novo — comentou Margret com um suspiro —, mas a confiança quebrada pode levar mais tempo

para ser restaurada.

Mamãe deve estar muito consternada agora. O papai também, muito em breve. Parece que Julie havia escolhido passar por cima da família, aliando-se às novas amigas. Beth ansiava por uma longa caminhada pela floresta, para organizar todas as emoções que se contorciam em sua mente. Então se lembrou de uma sugestão que fora feita antes.

Correu de volta para o corredor e bateu na porta vizinha.

— Victoria, posso aceitar sua graciosa oferta e emprestar seu violino? Creio que seria particularmente agradável agora.

— Claro — a garota concordou na mesma hora. — Vou pegar no meu quarto.

No sol quente que brilhava na varanda de sua cabine, Beth colocou as cordas em sintonia. De forma deliberada, ignorou o fato haver passageiros ali perto, embora não pudesse vê-los.

O timbre comovente do instrumento expressava com perfeição seus pensamentos turbulentos. As notas do conhecido hino *Sou Feliz Com Jesus* pairavam na brisa, e Beth se perguntou se estava mesmo feliz. Havia tanta beleza na ideia de *família*, e, no entanto, uma corrente de tristeza ou mesmo angústia parecia estar sempre envolvida na palavra também. A proximidade em que se encontravam agora só aumentava o impacto de cada palavra e ação. Lágrimas se formaram nos olhos de Beth enquanto ela os fechava e fechava-se para o mundo.

— Pai Celestial — ela sussurrou —, ajude-nos a amar uns aos outros de forma adequada, não importa o que aconteça. Elas são tão preciosas para mim e, no entanto, nem sempre demonstro isso de forma correta. Por que parece ficar mais difícil quando deveríamos estar mais próximas? Fiquei tanto tempo sentindo falta delas. Parece que agora deveria ser fácil estarmos juntas novamente.

As doces melodias fluíram de uma música para outra. Logo Beth lembrou outro hino favorito, com palavras que fluíam por sua mente enquanto ela tocava. *“Bendito seja o laço que liga nossos corações em amor cristão; a comunhão de mentes afins é como aquela lá de cima.”* Beth orou pela graça para viver de acordo com uma visão tão exaltada de unidade.

Beth ficou observando através da grande janela em forma de portinhola esperando o retorno de Julie com a mãe, e entrou assim que as viu adentrarem a suíte, na esperança de, de alguma forma, demonstrar uma atitude mais positiva em relação à Julie, mesmo que não conseguisse usar as palavras. Elas ficaram embaraçadas por um

momento, incertas sobre o que dizer uma à outra.

O corte de cabelo tinha sido melhorado. Não estava mais cortado de forma tão brusca — o corte agora estava mais suave, liberando mais das ondas naturais ao redor do rosto de irmã.

— Queria que ficasse como o da Jan — disse ela, com o rosto franzido depois que a mãe foi para o quarto dela. — Mas o cabelo dela é liso, e me disseram que não ia ficar bem para mim. — Ela franziu a testa, mas acrescentou com teimosia: — Vou dormir com uma meia calça na cabeça. Se eu for dormir com o cabelo molhado, talvez esteja mais liso pela manhã.

Beth estendeu a mão para desfazer um dos cachos.

— Está elegante do jeito que está, querida Julie. Seu rosto bonito faria qualquer penteado ficar adorável. No entanto, talvez o truque da meia a faça ficar contente. Vai ter que experimentar e ver.

— É engraçado — lamentou Julie. — Penny disse que ama meus cachos, mas eu gosto do cabelo da Jan, que é liso. Ela não pode fazer com que o dela forme os cachos — nem com todos os rolos que ela tentou. Gostaria que pudéssemos trocar, pelo menos por um tempo.

— Você não tem motivos para cobiçar o cabelo de outra pessoa — Priscilla repreendeu da porta, embora seu tom não fosse mordaz. — Precisamos ser gratas pela forma como Deus nos criou, ou nunca ficaremos satisfeitas.

— Aí está. — Beth deu um sorriso para a irmã, e as duas por fim se olharam com franqueza. — Seja grata, querida. Eu sempre soube que você era especial, e agora, acho que podemos dizer que você é... bem, até mesmo *mais que especial!*

Julie revirou os olhos, mas Beth ficou satisfeita por ver no olhar um vislumbre de humor. Beth estendeu os braços para um abraço apertado e ficou grata por tê-lo recebido de volta.



— Ora, ora, olha quem está aqui!

Assustada, Beth virou-se em direção ao som da voz. Julie e Jannis riram, reconhecendo imediatamente. As quatro moças estavam esperando na fila pelo transporte para o evento turístico.

Penny falou por todas elas.

— Nick, não sabíamos que você estava tomando este bote.

— Claro — ele disse sorrindo com confiança. — Queria ver essa pescaria — ou fábrica de conservas — para onde quer que estejamos indo. Mas onde está o resto do seu clã? São muito grã-finas para este lugar?

Julie fez sinal para que o rapaz se alinhasse com elas na fila para o próximo bote para a Ilha Anticosti. Ele não precisou ser convidado duas vezes.

— Uau, Jules. — Ele olhou para o cabelo de Julie. — O que aconteceu com você?

— Foi a Jannis que cortou. Não gostou?

O rapaz estendeu a mão e puxou um dos cachos até ficar liso, e então o soltou, e o cacho voltou para sua posição.

— Gostei! E como! — ele respondeu com uma piscadela. — Você está absolutamente deslumbrante.

— Obrigada — Julie respondeu, e ficou embaraçada. — Mamãe e a Sra. Montclair não estavam interessadas em ir hoje. Muito agitado para o gosto delas, foi o que disseram. E a Victoria não ia se não pudesse sair para a floresta. Um grupo de homens vai sair para pescar e Victoria estava desesperada para ir junto e observar a vida selvagem, mas a mãe dela ficou firme e disse que não apoiaria *essa* ideia. Penny e Jannis se juntaram a Julie rindo da ideia. E Margret — bem, acho que ela teria vindo, mas não estava se sentindo muito bem esta manhã.

— Olha só, vocês estão se vestido bem demais para moças que estão indo visitar o local onde os peixes são limpos e cortados. Olhe só para vocês — continuou ele em tom lisonjeiro. — Estão todas emperiquitadas, como se estivessem indo para um cotilhão em vez de uma fábrica fedorenta.

— O que você esperava — brincou Jannis —, macacão e botas de borracha?

Beth olhou para sua saia azul claro e blusa branca com babados, e esperava que Nick estivesse equivocado, que elas não tivessem agido com tolice ao escolher os trajas para o dia.

O bote entrou no espaçoso porto e se aproximou do vilarejo de Port-Menier. Beth não ficou surpresa que os passageiros mais elegantes decidiram não participar desta excursão. Mas era uma reminiscência do Coal Valley — uma pequena cidade industrial cercada por um cenário mais que encantador. *Será que as semelhanças*

podem ser capturadas numa pintura, com barcos de pesca em vez das Montanhas Rochosas? Será que a Julie vai mesmo se preocupar em terminar a pintura, se eu de alguma forma conseguir fazer um esboço adequado? Beth desembarcou do bote com a ajuda de Nick.

Em longos sobretudos feitos de algodão branco para cobrir suas roupas, Beth achou os odores de peixe na fábrica de conservas muito fortes, mas a ruidosa maquinaria era fascinante. Ela comprou várias latas de frutos do mar frescos e as guardou em sua bolsa. *Meus alunos não ficarão animados ao provarem lagosta?*

— Vamos para a cidade — Nick exclamou. — Tem que ter algo aqui além de peixe, mesmo que seja apenas um restaurante onde possamos conseguir um bom cafezinho.

Beth hesitou. Ela não estava certa do cronograma apertado e não queria perder a última viagem de volta ao navio. E ainda não tinha certeza das intenções de Nick.

— A que horas está planejando voltar? — ela perguntou.

— Ora, eu não tenho um *plano*. Vamos apenas nos divertir — vamos vendo conforme estamos indo. O que dizem, meninas?

As outras moças não perderam tempo em aceitar irem atrás de Nick.

— Deixe-nos no seu melhor boteco — Jannis instruiu o motorista do ônibus empoeirado. — Queremos conhecer os outros pontos turísticos aqui.

Beth lançou um olhar para Julie, cujos olhos estavam implorando que ela concedesse. As duas irmãs voltaram para seus assentos. *É muito difícil negar alguma coisa para Julie, em especial depois da recente declaração que ela fez sobre se sentir negligenciada. Talvez o motorista saiba quantos botes ainda vão voltar para o navio...*

Por fim, eles não foram os únicos passageiros que decidiram permanecer um pouco mais na cidade. Beth deu um suspiro de alívio quando vários outros casais do cruzeiro também se dirigiam para o pequeno restaurante.

Nick pediu cinco xícaras de café e um prato de peixe e batatas fritas para compartilhar, esforçando-se para pronunciar as poucas palavras em francês que conhecia. A garçonete assentiu de forma abrupta e saiu apressada.

Penny revirou os olhos.

— Meu Deus, ela é um pouco sensível. Pensava que eles

estivessem gratos pelos turistas, mesmo que não sejamos franceses o suficiente.

Julie riu.

— Eles devem se cansar dos pedidos feitos por gestos, como se não pudéssemos nos preocupar em aprender um pouco de francês. Você pensaria que nunca estivemos em lugar nenhum.

— Nós não estivemos em nenhum outro lugar — disse Jannis encolhendo os ombros. — Este é o lugar mais distante para onde já viajamos. Pode imaginar isso?

— E você, Nick? Já viajou para muitos lugares? — Julie perguntou.

— Não, imagina. Fui para o sul para Nova Orleans com amigos num verão, enquanto ainda estava na faculdade. Aprendi um pouco de francês lá, mas parece que não funciona muito bem aqui.

Beth perguntou:

— Onde você estudou?

O rapaz pareceu de fato surpreso com a pergunta.

— Uh, Universidade da Pensilvânia. Estudei economia por alguns anos... mas não me formei.

— Isso mesmo, não se formou — Jannis deixou escapar. — Ele foi expulso antes do último ano, o idiota.

— Oh, meu Deus. Me perdoe.

Beth não tinha certeza se deveria prosseguir com a conversa.

Julie, no entanto, não vacilou.

— O que você aprontou para ter sido expulso, Nick?

Ele suspirou.

— Não foi culpa minha. Uma pequena desavença entre mim* e outro cara que saiu fora de controle. Eles não quiseram ouvir da minha explicação — apenas nos chutaram. Foi uma pena, eu estava indo muito bem. Pensei que ia conseguir um emprego no mercado de ações ou algo assim. Em vez disso, voltei a dirigir um ônibus por cinco centavos a viagem. Um trabalho agradável, não é?

Nick contou a história num tom indiferente, mas Beth tinha certeza de que escondia seus verdadeiros sentimentos.

— Como é que você conseguiu viajar num *cruzeiro* então? —

Julie pressionou ainda mais.

Ele abriu um sorriso lento e suas palavras foram evasivas.

— Estou estudando outras perspectivas, dando meus primeiros passos, acho que se pode dizer, até arranjar algo melhor. Odiaria revelar qualquer segredo, se sabe o que quero dizer. Mas não há como eu ficar preso em um beco sem saída para sempre. Eu não.

Beth o encarou sem palavras. *O que quer ele dizer? Será que está tentando achar um emprego no navio de cruzeiro? Um rapaz com curso superior em economia incompleto? E a família dele? Será que o abandonaram?* Nada daquilo fazia sentido para Beth.

Quando terminaram a refeição e beberam o café, a garçonete deixou a conta na mesa. Julie pegou a conta e se atrapalhou buscando algumas moedas na bolsa.

Penny se afastou da mesa, suspirando contente.

— Obrigada, brotinho — disse ela com um sorrisinho para Julie, que estava colocando o dinheiro em cima da mesa.

— De nada.

Julie sorriu de volta com ternura.

Beth olhou de soslaio para a irmã, mas Julie apenas deu de ombros. Quando se levantaram para sair, Julie explicou em voz baixa:

— Ela me chama assim às vezes. Acho que é algum tipo de elogio, mas, na verdade, eu não sei o que significa. Por outro lado, muitas vezes não sei o que significam as palavras que elas dizem. Não é divertido?

— Hum. Não gosto da forma como ela falou.

— Oh, Bethie. Você é superprotetora, igualzinha a mamãe!

As palavras a magoaram. *É assim que Julie me vê? É isso que eu sou?*

Beth naquele momento decidiu não censurar tanto a irmã Julie, e estar mais aberta à novas pessoas e novas experiências.

Capítulo 13

— Venha patinar com a gente — Julie convidou quando Beth estava pegando o chapéu de abas largas do gancho ao lado da porta do quarto e o livro para ler no convés. — Aluguei quatro pares de patins, na esperança de que você se juntasse a nós.

Beth levou um instante para compreender.

— O que você disse? Você vai *patinar* a bordo do navio?

— Sim! No convés de recreação. Não parece divertido?

— Mas nós nunca patinamos. E o navio já *está* patinando, por assim dizer.

— Mas nós já patinamos no gelo. É quase a mesma coisa. Vamos, Bethie. Aventure-se.

— Bem, vou tentar pelo menos. Parece divertido. Mas não posso prometer que vou patinar muito bem, não me saio bem nem no gelo, sabe.

— Ora, vamos ver o que você vai vestir! — Julie correu para encontrar algo no armário de Beth, voltando com uma saia grossa de lã e uma camisa leve na mão. — Confie em mim — disse ela —, você vai querer que a saia seja um pouco mais longa e que não pegue muito vento.

Essa explicação não acalmou os temores de Beth.

O convés já estava lotado no momento em que chegaram. Todas as cadeiras e mesas foram trazidas para o centro para que a pista pudesse ficar o mais ampla possível. Vários participantes já estavam dando voltas com patins. Beth considerou que era um espaço muito pequeno para patinação. No entanto, estava aqui para passar o tempo com a irmã e, portanto, faria o seu melhor. Beth se sentou e encaixou a base do patins debaixo do sapato, apertou o ajuste e afivelou as tiras com força.

— Julie, vou precisar da sua ajuda para ficar de pé.

— Estou aqui. Segure-se.

Usando a parte de trás de uma cadeira e segurando o ombro de Julie, Beth se levantou e sentiu as rodas começarem a rolar embaixo dos pés.

— Não tão rápido!

A risada de Julie foi a resposta.

Juntas, deslizaram para longe das cadeiras e moveram-se até o fluxo de patinadores. Jannis e Penny aproximaram-se delas com uma onda.

— Oh, não me solte, Julie! Deixe-me acostumar com a sensação.

Logo Beth estava confortável o suficiente para soltar o braço da irmã e rir junto com as outras três garotas. Assim que se sentiu mais segura com seus movimentos e conseguiu relaxar um pouco, Beth percebeu que estava gostando muito de patinar.

Julie conseguia girar em círculos lentos e também patinar para trás. Ela e Jannis agarravam as mãos e giravam juntas, aproximando-se e girando mais rápido até que perdiam o controle e se afastavam numa onda de risos.

— Eu preciso descansar um pouco — admitiu Beth por fim.

Ela foi até a mesa mais próxima, pegou uma das cadeiras e sentou-se, ainda ofegante. Julie passou por ali.

— Peça refrigerantes para nós — exclamou Julie. — Daí vamos sentar com você.

Beth fez o pedido, dando o número do quarto da mãe, certa de que Julie ia pagar para as duas amigas. Então ela assistiu o grupo enérgico dando voltas ao seu redor. Logo percebeu que Julie se encaixava perfeitamente entre elas, com sua natureza extrovertida e roupas modernas. Na verdade, o cabelo curto parecia ter sido a última peça do quebra-cabeça.

De fato, agora Beth era a estranha. Observando a área, ela percebeu que era a única das moças que ainda usava o cabelo preso. O penteado que usava combinava apenas com as poucas senhoras mais velhas que observavam a atividade. Algumas garotas ali presentes mantinham as mechas longas, mas seus cabelos fluíam livremente pelas costas, soprando na brisa — que parecia neste cenário parecer viva e vibrante. Beth começou a entender e simpatizar com a determinação de Julie em se adaptar. Podia sentir o fascínio por ser

tão despreocupada e moderna.

— Este lugar está ocupado?

Beth reconheceu a voz no mesmo momento.

— Boa tarde, Nick. Por favor, sinta-se à vontade.

Ela apontou para a cadeira vazia.

— É bom ver que você se juntou à diversão hoje. Estava começando a pensar que você poderia ser um pouco esquisitona.

Ele piscou para Beth.

Beth enrijeceu, lembrando-se da mão dele nas costas de Julie. Ela se recusou a permitir esse tipo de familiaridade vinda desse rapaz.

— Suponho que eu *seja* mesmo às vezes. Mas não sou contra a diversão — nada disso.

— Já terminou seu livro?

— Não, eu dei uma pausa. As cenas ficaram um pouco tristes demais para mim, realistas de uma forma que era... bem, um pouco terrível.

Nick se inclinou para a frente sobre a mesa.

— Como assim?

— A pobreza, por exemplo.

— Dê-me um ‘por exemplo’.

Ele estava sorrindo de brincadeira, e ainda parecia estar provocando ela.

— Muito bem. Tem uma parte onde uma mulher e duas meninas estão morrendo de fome. Redburn as encontra em um beco. Mas quando ele tenta chamar um policial ou pedir comida para elas, ninguém vai ajudar.

— Sim, isso é uma grande confusão, isso mesmo.

Nick deu de ombros.

— Mas fica pior. — A lembrança fez Beth franzir a testa. — Redburn voltou com um pouco de pão e água que havia roubado. Mas depois ele lamenta que tenha se incomodado... percebe que tudo o que fez foi *prolongar* a morte delas. Ele até considera que seria um ato de misericórdia ter matado as duas no ato.

Beth agarrou as mãos com firmeza ao recordar a memória

sombria.

— Está falando sério? O cara estava pensando em acabar com elas?

— E então Redburn percebe que se as matasse, a sociedade — aquelas mesmas pessoas que se recusaram a ajudar enquanto ele corria pelas ruas implorando por comida — essa sociedade gastaria qualquer quantia necessária para processá-lo por esse crime, dinheiro que eles não se preocuparam em gastar para *resgatar* as pobres almas em primeiro lugar.

— Meu Deus! Creio que haja alguma verdade nisso, mas concordo que é uma ideia bastante terrível.

Beth balançou a cabeça e suspirou.

— Eu entendo que a cena é fictícia, mas suponho que haja certa parcela de realidade. Fico enjoada só de pensar nisso.

Uma sombra cruzou o rosto de Nick. Ele confessou:

— Vi coisas tão distorcidas quanto isso — quando você sabe que algo não está certo, mas não sabe como fazer para as coisas funcionarem de forma mais justa.

— Você viu?

— Claro, aposto que todo mundo já viu. Acho que a gente só pode é dançar conforme a música que a vida toca, e pegar o seu antes que outra pessoa chegue lá primeiro.

— Oh não, Nick. — Beth sentou-se para a frente e o encarou. — Podemos fazer muito mais do que isso. Podemos corrigir pelo menos alguns dos erros, trabalhar para mudar as coisas para os pobres e desvalidos. É nossa obrigação fazer isso.

— Ora, *você*? — Mas a sombra levantou-se tão rápido quanto tinha descido. *Deve estar me provocando outra vez.* — Você em sua torre de marfim... acha mesmo que há algo que possa fazer sobre tudo isso? Quando é que você sequer viu pessoas pobres?

— Oh, mas eu vi — respondeu Beth com calma. — Trabalhei em uma cidade de mineração de carvão no oeste do Canadá como professora no ano passado. Não posso dizer que realmente mudei muita coisa... mas temos de tentar. Somos responsáveis perante Deus para pelo menos dar nosso melhor.

Ele se reclinou com a expressão um pouco austera.

— Mesmo se fizer alguma coisa — mesmo que possa conseguir

algumas pessoas para ajudar também —, você não pode parar todo o mal. As pessoas ainda vão sofrer. Como Deus poderia fazer que isso seja *nossa culpa*?

Beth hesitou.

— Não estou dizendo que o sofrimento é culpa nossa. Acredito que sofremos porque o pecado tomou conta do mundo e com o pecado vem o egoísmo, a crueldade e a maldade. Mas eu também creio que haverá um dia de acerto de contas, Nick, quando Deus apresentará tudo o que fizemos e julgará nossas ações. Suponho que não seja muito popular falar sobre isso. Todos nós gostamos de ouvir falar sobre um Deus que ama, perdoa e dá a recompensa. Mas Ele não seria santo e justo se não lidasse com todos esses erros. Eu não gostaria de um dia estar diante de Deus sem ter feito tudo ao meu alcance para estender a misericórdia dEle às pessoas ao meu redor sempre que pudesse.

Nick balançou a cabeça, para afastar as palavras pesadas ditas por Beth.

— Eu não vejo dessa forma. Se houver *mesmo* um Deus, Ele é quem detém todo o poder. Deixe que *Ele mesmo* conserte as coisas.

Naquele momento o garçom serviu quatro copos de refrigerante diante deles e saiu apressado. Beth tentou retomar a conversa, mas Julie e as amigas se aproximaram deles com a mesma rapidez.

— Nick, seu mão de vaca! É melhor não ficar bebericando as nossas bebidas.

Jannis deu um tapa nas costas dele e sentou-se no assento ao lado do rapaz.

— Podem beber tudo sem mim. Tenho alguns lugares para ir.
— Nick se levantou abruptamente, exibindo um sorriso largo. — Nos vemos por aí, senhoras.

— Sim, sai fora — Penny exigiu com uma piscadela.

O rapaz saiu apressado, não sem antes acenar para Beth. Ela desejava que eles não tivessem sido interrompidos e esperava ter outra oportunidade de conversar com o rapaz. Nick parecia bastante perturbado. Beth percebeu que não sabia quase nada sobre aquele homem. Em sua preocupação com a influência que Nick exercia Julie, esquecera-se do fato de que ele também podia ser alguém que precisava de um amigo.

As meninas beberam o refrigerante, conversando sobre as

próximas atividades e as paradas que ainda fariam no cruzeiro. Com os copos vazios, as outras moças voltaram a patinar, mas Beth decidiu que estava satisfeita por aquele dia e tirou os patins.

Quando ergueu a cabeça, observou Margret passando pelo fluxo de patinadores, e JW rindo e se contorcendo em seus braços.

— Ufa... — Margret balançou a cabeça e sentou-se na cadeira.
— Não estava certa de que conseguiríamos chegar aqui em segurança
— esquivando-nos das multidões e lutando com esse pequeno.

Beth pegou o sobrinho no colo e o sentou na mesa à sua frente. O menino lutou para não ser controlado pela tia, até que Beth lhe ofereceu um dos patins, que logo se tornou um carro, batendo e rolando pela mesa. Ele fazia ruídos com a boca, da melhor maneira que conseguia imitar o som do motor.

Margret se inclinou sobre a mesa e observou os patinadores passando.

— Julie está se saindo muito bem na patinação, não é?

— Sim — Beth concordou. — Ela e as outras meninas se deram bem com a patinação como... como cavalos com as corridas.

— E você? — Margret brincou.

— Mais como uma tartaruga no gelo!

As irmãs riram juntas, observando os patinadores brincando ao seu redor.

Julie viu os recém-chegados e, para deleite de JW, veio patinando em direção a eles.

— Olá, amiguinho. O que cê tá fazendo?

JW bateu o carro improvisado na mesa e estendeu a mão para Julie.

— Titi Doolie... eu ir? Eu ir?

— Margret, posso levá-lo?

Margret perguntou meio evasiva:

— Você acha que é seguro? Você já caiu alguma vez?

— Não caí nem uma vez o dia todo! Mas vou ser extremamente cuidadosa — vou patinar devagar.

— Bem, creio que sim. Sei que ele vai adorar dar uma volta.

Julie pegou JW nos braços e se afastou devagar para longe da

mesa, fora do caminho dos patinadores mais rápidos. Beth podia ouvir o riso do garotinho ecoando pelo convés.

— Eu não esperava vê-la aqui. Estou contente que você tenha se juntado a nós, Margret.

— Oh, bem, eu não aguentava mais ficar sentada com a mamãe. Se ouvisse mais uma palavra sobre a Srta. Lucille Bernard, iria gritar.

— É tão ruim assim, querida?

— Oh, Beth, é ainda pior. Receio que estejamos em constante tensão — nós três — sobre horários de cochilo e horários de alimentação. E, na verdade, são duas contra uma — até mesmo três contra uma, se contar a Sra. Montclair. Então, quanto vale a minha opinião? Sou apenas a mãe dele, afinal. E eu só quero desfrutar a companhia do JW enquanto ele é pequeno. Ele está crescendo tão rápido. — Margret lançou um nostálgico olhar para o grupo de meninas ao redor do JW. — Ele está se transformando em um menino bem diante dos meus olhos. Para onde foi o meu bebê?

Beth não pôde deixar de rir.

— Seu bebê! Quando parti no verão passado ainda estávamos embalando ele para dormir — nem me fale sobre crescer muito rápido!

— E, no entanto, é assim que me parece também.

Julie, Penny e Jannis tomaram assentos ao redor delas. Naquele momento, JW estava andando nas costas de Julie, chutando com os calcanhares e segurando o pescoço da tia.

— Lamentou ter levado ele? — Margret perguntou com um sorriso.

— Oh, não, ele é muito divertido.

— É isso aí, e ele atrai uma multidão — Jannis comentou. — Todos os caras estavam se oferecendo para carregá-lo, mas Julie não o largava. Ficou com o JW só pra ela.

— Fico feliz em saber disso, não queria ver ele no colo de estranhos.

— Nem mesmo para uma pausa? — Penny parecia incrédula. — Bebês dão muito trabalho! Minha prima deixa quem quiser segurar o bebê dela.

Balançando a cabeça, Margret recebeu JW de volta de Julie.

O garotinho ainda estava se contorcendo e batendo palmas.

— *Titi Doolie, maix — maix.*

— Sim, eles dão muito trabalho, mas também são um importante tesouro. E ele é sempre *minha* responsabilidade.

Jannis riu.

— Não sei. Trocaria um bebê pela atenção de um daqueles caras ali sem pestanejar.

— Então você com certeza pode entender por que ele nunca será colocado sob sua responsabilidade.

As palavras de Margret soaram extraordinariamente secas. Beth olhou para ela confusa. A irmã parecia de repente estar meio estranha. *Talvez fosse o conflito em relação aos cuidados de JW?*

Margret juntou a bolsa e apoiou JW no quadril. Forçando um sorriso agradável, despediu-se e se afastou apressada.

— Barbaridade, mas sua irmã é um amorzinho, não é? — Penny murmurou com sarcasmo.

Julie fulminou a amiga com um olhar, em defesa de sua irmã.

— Ela está bem. Deixa-a em paz. E, como Margret disse, você nunca vai segurá-lo.

— Ah, que bobagem! Quem liga para isso de qualquer maneira? Ele é como qualquer outro bebê — apenas uma confusão de baba e mal cheiro. Os bebês não prestam pra nada.

Jogando o cabelo, Jannis se afastou, deixando os patins na mesa para Julie devolver. Penny deu de ombros e seguiu atrás da irmã.

Beth e Julie pegaram os patins e os devolveram em relativo silêncio. Beth se perguntou se tais explosões eram comuns entre o trio de jovens amigas. Sabia que Julie podia ser teimosa, mas raramente era argumentativa. Embora não fosse nenhuma surpresa que Julie ficasse eriçada ao defender o precioso sobrinho. E a irmã.



A Ilha de Prince Edward apareceu no horizonte em um longo trecho de costa. Beth, Julie, Penny e Jannis se inclinaram sobre a balaustrada e viram a ilha tomar forma diante delas, a recente briga já perdoada e esquecida. À medida que o navio se aproximava, a costa

acidentada cor de ferrugem gradualmente se mostrava em mais detalhes.

— Isso é magnífico! — Foi como Jannis pronunciou a visão diante delas. — Ouvi dizer que a ilha era muito bonita, e agora vejo o porquê. Os penhascos avermelhados, a grama verde brilhante. E ainda por cima, aquelas lindas casas brancas empoleiradas como delicados passarinhos em cima de tudo.

Beth sorriu ao ouvir a poética escolha de palavras da moça e perguntou:

— Você já leu *Anne Of Green Gables*?

— Sim, já li. Achei uma história fofa, mas não gostei muito, considerando que ‘Anne com um e’ era órfã e tudo. Creio que tenha dado tudo certo para ela no final, mas, isso é apenas uma história. Na vida real, perder os pais não traz um final feliz.

Beth encolheu-se. Esquecera-se de que Jannis havia mencionado uma tia, mas não a mãe ou o pai. Perguntou-se o que havia acontecido com eles.

— Há quanto tempo você mora com sua tia?

— Nossa quem?

— Sua tia, essa que quebrou a perna e não pôde vir?

— Oh, a tia Mary. — Jannis trocou olhares com a irmã. — Faz alguns anos, eu acho. Ela está bem. Uma velhota engraçada, mas ela cuida muito bem da gente.

— Sim, a tia Mary — repetiu Penny. — Ela é bem gente boa, em geral.

Beth deixou o assunto morrer.

— Sei o que vamos fazer — sugeriu Julie. — Vamos pegar sorvetes e sentar onde podemos ver os marinheiros rebocando nosso navio até as docas.

Beth balançou a cabeça.

— Ainda temos um longo caminho a percorrer antes de atracarmos no porto.

— Muito bem! — Julie disse rindo. — Então vamos só pegar sorvetes!

As jovens se afastaram em direção ao átrio. Então, depois de uma hora de relaxamento e espera, Beth sugeriu que seria bom se ela

e Julie se encontrassem com a família.

— Elas não são as melhores? — Julie exclamou enquanto voltavam para a cabine. — Eu amo essas garotas.

— Elas são muito divertidas, com certeza.

Beth ficou surpresa com que rapidez Julie pôde ignorar a recente conversa sobre JW.

— Eu ainda gostaria de poder fazer as refeições com elas. Passamos tanto tempo em diferentes partes do navio, e duvido que a comida delas seja quase tão boa quanto a nossa. Jannis me pergunta sobre nossos jantares às vezes, e eu tento fazer não parecer muito bom.

— Oh, Julie, essas coisas são todas extras, apenas enfeites em torno de férias encantadoras. Você não precisa ter pena delas por não compartilharem tudo. Meu Deus, acho que você já está pagando pela maioria das regalias a bordo — ou melhor, papai está pagando.

— Eu sei, e isso me ajuda a me sentir um pouco melhor. Mas Jannis me contou mais sobre a família delas, e lamento pelas duas.

— Como assim?

— Oh, elas não tiveram uma vida fácil. Os pais morreram quando elas eram muito pequenas. Depois, foram morar com um tio. Mas ele era um velho excêntrico — não as tratava muito bem, então, por fim, as meninas foram morar com uma prima.

— Pensei que era uma tia que não pôde vir na viagem.

Julie deu de ombros.

— Creio que sim. Acho que esqueci desse detalhe.

— Mas você disse uma prima.

— Sim, algo assim. Posso ter ouvido mal. Talvez vivam com uma tia e uma prima. Estávamos jogando mahjong quando ela me contou — acrescentou Julie. — Não prestei atenção aos detalhes.

— Eu lamento muito saber disso. Deve ter sido muito difícil para elas.

— E Penny me contou um pouco sobre a mãe delas, que também não era nada legal.

Beth franziu a testa.

— Como assim?

— Bem, não ouvi toda a história, apenas algumas partes, daí a Penny ficou com vergonha de terminar, eu acho.

— Mas, por alguma estranha razão a mãe de fato a chamou de ‘Penitência’ — esse é o nome de verdade da Penny, como está na certidão de nascimento. Teve algo a ver com uma velha senhora da igreja, que disse à mãe delas que Deus a estava punindo ao lhe dar um bebê enquanto ela ainda era solteira. Acho que a mulher escolheu o nome para ofender a igreja ou algo assim, como uma espécie de vingança. Mas as meninas lembram da mãe dizendo com frequência que Penny era o castigo de Deus pelas coisas que ela fizera antes mesmo da menina nascer.

— Oh, Julie, não podia imaginar! Pensar em uma mãe dizendo uma coisa tão terrível! Quantos anos a Penny tinha quando perdeu os pais?

— Não tenho certeza, não cheguei a perguntar. Penny por certo tinha idade suficiente para se lembrar bem da mãe. Mas tento não fazer muitas perguntas, pois sei que elas ficam desconfortáveis em falar sobre isso. — Elas chegaram ao último corredor. Julie deu um profundo suspiro. — Tentei dizer a ela que Deus não é assim, que as crianças *nunca* são uma punição, são sempre bênçãos de Deus e muito amados por Ele. Mas acho que não fez muito sentido o que eu disse — pelo menos, não pareceu que Penny tenha entendido. De qualquer forma, acho que é parte da razão pela qual quero ser amiga delas. Gostaria de achar alguma maneira de mostrar a elas que Deus as ama de verdade.

A história comoveu o coração de Beth.

— Estou feliz que tenha feito amizade com elas, Julie. Vou orar para que você encontre as palavras certas.

Beth sentiu um pouco de remorso ao ver a singela compaixão demonstrada pela irmã. Ela optara por manter as meninas à distância, desconfiada e indiferente. Decidiu então se esforçar mais para incluí-las em sua boa vontade. Talvez ela até deixasse de lado suas dúvidas a respeito dos comprimidos. Não houve resultados negativos, afinal.



Apesar dos planos de assistir o navio atracar, Beth e Julie estavam muito ocupadas nos preparativos para desembarcar mais uma vez para conversar com as amigas. O pai reservou quartos em um bom hotel para os dois dias que passeariam pela província da ilha. Beth

estava ansiosa para dormir numa cama que não balançasse com o movimento das ondas. Ainda assim, a mudança de residência exigia que elas fizessem as malas para passarem os dois dias e duas noites em terra, e a mãe insistiu que as moças trancassem qualquer coisa valiosa no cofre do armário.

Uma a uma, as malas foram carregadas em um carrinho, até que a mãe dispensou o carregador com um aceno de cabeça, colocando uma generosa gorjeta na mão enluvada do rapaz. Ele fez uma medida e empurrou o carrinho para o corredor.

— Ora, seria tão bom se Edith e Victoria também terminassem de fazer as malas.

Por fim, as senhoras estavam acomodadas em um canto do acolhedor restaurante do hotel para uma leve refeição noturna, enquanto o Monsieur Laurent cuidava para que os quartos de hotel estivessem devidamente preparados e as malas entregues.

— Viajar é exaustivo — comentou a Sra. Montclair bebericando o chá fumegante. — Posso afirmar que se não fosse por todas as pessoas que disseram que a Ilha de Prince Edward era extraordinária e bonita, eu teria ficado tentada a permanecer a bordo e apenas relaxar. Acho que o navio está quase vazio agora.

Mamãe brincou com paciência:

— Você não quis de fato dizer isso, Edith.

— Ora, Priscilla, é isso mesmo. Espere e verá. Uma dessas vezes vou surpreender todas vocês e fazer exatamente isso. Vou deixar a agitação para vocês e dar uma boa descansada — sozinha.

— A senhora não gosta de fato de ficar sozinha, mãe — respondeu Victoria. — Está sempre dizendo isso.

Julie sorriu.

— Bem, a senhora não ia gostar de perder Nova York de qualquer maneira.

— Por que não? Não sou tão jovem como vocês, portanto, não sinto a necessidade de suportar todo o desconforto de cada uma das cidades em nosso caminho. Se decidir na hora, posso garantir, vou mesmo estar disposta a perder a cidade de Nova York também. Além disso, vi fotografias do horizonte. Essa é a única visão que desejo mesmo ver por mim mesma.

— Sra. Montclair — disse Julie brincando —, não acredito que a senhora se esqueceu das *compras*.

Por um momento a mulher congelou, com a xícara erguida na metade do caminho até seus lábios. Então Edith baixou a xícara outra vez, abriu um sorriso amplo e se juntou ao riso de Julie. Com bom humor, apontou os óculos em direção a Julie, ela anunciou:

— Ah, minha querida, você *de fato* me conhece bem. Devo confessar que *só isso* certamente me induziria a desembarcar em terra seca.

— Suas amigas estão hospedados em um hotel aqui em Charlottetown? — Margret perguntou a Julie.

— Não, elas não podem pagar, então vão embarcar no navio esta noite.

Mamãe observou:

— Creio que muitos dos nossos companheiros de viagem estão fazendo o mesmo. E com os trens da ilha, não é tão difícil ver o que se deseja e ainda dormir a bordo. Na verdade, com toda a confusão para fazer as malas e se mudar não parece de fato uma conveniência adicional.

— Suponho que sim — suspirou Julie.

Beth, no entanto, considerava que dormir em terra mais uma vez parecia excelente.

Capítulo 14

O Monsieur Laurent apareceu no pequeno bistrô do hotel, onde as damas esperavam e apressou-se em direção à mesa.

— Há um passeio noturno de carruagem pela cidade saindo em uma hora. Isso lhes dará tempo para se instalarem em seus quartos, se assim quiserem. — As damas começaram a se levantar, deixando os guardanapos sobre a mesa. — Srta. Thatcher — disse ele, inclinando-se para se dirigir a Beth —, talvez a senhorita prefira ficar aqui na sala de jantar por um momento.

Ele então deslizou um pacote sobre a mesa em direção à moça.

Cartas!

— Oh, sim. Mamãe, creio que vou esperar por vocês aqui. Não preciso de nada do quarto.

Priscilla olhou os envelopes e assentiu de forma significativa.

— Entendo. Bem, claro, querida. Voltaremos antes do início do passeio.

Beth esperou até que todas tivessem partido antes de abrir o pacote. Havia duas cartas unidas por uma fita — uma agradável surpresa. Usando as datas de cancelamento do selo, ela organizou os envelopes na ordem em que Jarrick as enviou. Um garçom parou na mesa para servir-lhe mais chá, e Beth segurou a antecipação, optando por pedir sobremesa antes de abrir os envelopes com a faca de manteiga.

Ela logo descobriu que Jarrick ainda não havia recebido sua carta, mas tinha enviado outra sem esperar pela resposta.

Beth estava tão grata por ele ter feito isso.

Minha querida Beth,

Sua jornada começa esta manhã. Estou tão entusiasmado por você, sua mãe e irmãs. Creio que este será um momento que você vai se

lembrar sempre. Um período cheio de conversas íntimas e belas memórias para entesourar por toda a vida. Oro para que Deus lhe conceda segurança e que Ele as livre de obstáculos e imprevistos.

Nos últimos dias, pensei muito em nossa conversa telefônica e em suas implicações. Quero lhe assegurar que estou orando diariamente para que eu tenha a sabedoria de usar essas longas semanas de espera como um tempo de preparação. Se Deus quiser, quero me tornar um homem melhor antes do seu retorno. Que eu possa de forma cuidadosa comparar meu coração e minhas ações com os anseios de Deus para mim, a fim de saber em quais aspectos ainda preciso desenvolver. Para este fim, ontem, na igreja aqui em Blairmore, procurei um senhor por quem, há muito tempo, tenho o mais profundo respeito. Combinei de nos encontrarmos para um café uma vez por semana, a fim de aprender com ele o que puder sobre o que faz um bom homem e um bom marido.

Beth corou, apesar do fato estar sozinha. Ela pegou o lenço e apertou a pétala de rosa seca para trazer um pouco de sua fragrância. As palavras a envolveram com tanta emoção e alegria que Beth mal conseguia continuar lendo. *Talvez a mamãe possa ser uma fonte de influência semelhante para mim.* Beth decidiu que ia criar oportunidades para fazer perguntas importantes e pedir conselhos pessoais, embora, para ser sincera, achasse mais fácil pedir conselhos à Srta. Molly.

Lester Carothers é um ancião da igreja... casado a quarenta e alguns anos... tem quatro filhos e uma filha... hospitaleiro e generoso... irrepreensível... A Sra. Carothers já foi professora... parece uma esposa feliz e contente... estou certo de que o relacionamento será de grande benefício.

Ainda não há notícias sobre o trabalho como professora... partilhei uma boa refeição com Molly e Frank... os dois se tornaram um belo par...

Beth suspirou contente com aquela ideia. Gostava de pensar em Frank e Molly passando tempo juntos. Sentia que, embora fossem muito diferentes um do outro — um mineiro italiano idoso e uma viúva hospitaleira e envelhecida — eles eram completamente compatíveis.

A mina está produzindo bem outra vez... início perfeito para o verão... as montanhas são tão bonitas, vestidas com uma névoa de folhas verdes frescas aqui e ali entre as sempre-vivas... anúncio de noivado... Esther Blane e Bardo Mussante, um dos mineiros... um bom amigo do Philip... talvez um casamento de conveniência, mas eles parecem bastante confortáveis juntos.

— Espero que ele cuide bem das crianças — sussurrou Beth.

Tentou se lembrar de Bardo, mas se deu conta de que não conseguia formular uma imagem. No entanto, era fácil lembrar o rostinho de Anna Kate e seus dois irmãos pouco mais velhos... e suas roupas surradas. Ela esperava que eles fossem bem cuidados em breve, com o novo pai.

O garçom colocou uma fatia de cheesecake na mesa, e Beth voltou para sua leitura.

Não há outras novidades... mal posso esperar para saber sobre sua viagem... encontrando consolo no fato de que compartilhamos o mesmo céu e a mesma lua à noite. Quando vejo a lua acima, imagino que você não está tão longe. (Mas não diga a Philip que eu disse algo tão lamentavelmente sonhador, pois ele jamais me deixaria em paz por causa disso.)

Com muito carinho,

Jarrick

Beth dobrou a carta outra vez e a colocou de volta dentro do envelope. Pensou em deixar para ler a outra carta no dia seguinte, mas achou muito difícil esperar. Esta era mais curta, escrita em apenas um lado do papel.

Querida Beth,

É quarta-feira aqui. Uma semana desde que conversamos ao telefone. E desta vez tenho notícias, mas preciso que você esteja confortavelmente sentada. Notícia boa — a melhor, na verdade!

A Molly e o Frank fugiram!

Beth sentou-se muito ereta em choque, olhando para as palavras, lendo uma e outra vez para ter certeza de que seus olhos não a estavam enganando. Será que era verdade?

Jarrick prosseguiu:

Talvez devido ao anúncio do noivado de Esther e Bardo, talvez até para promover a boa vontade dos habitantes da cidade para tal ideia, eles escaparam para Lethbridge e voltaram na mais absoluta felicidade conjugal. Estou certo de eles estavam pensando em tomar tal decisão há algum tempo. Claro, não queriam que ninguém se preocupasse com eles, de modo que optaram por “fugir juntos”.

A mão de Beth tremeu quando a levantou para o rosto. *Que adorável e romântico!* No entanto, ao mesmo tempo, lamentou o fato de ter perdido o casamento deles. Teria sido tão bom estar lá para parabenizar o casal feliz. *Que alegria imaginar tudo isso!* Beth decidiu

escrever uma carta assim que as irmãs e mãe fossem dormir — dirigida à Sra. Molly Russo.

— Oh, Molly! Estou tão feliz por você — ela sussurrou.

O Frank mudou-se para a casa da Molly. Teddy Boy e Marnie terão um pai. Ou melhor, uma figura paternal, já que Molly não é mãe deles de verdade, e seja mais como uma avó para eles. Mas o que importa? Todos eles estão melhores por fazerem parte de uma família. E estou grato por ver aquelas crianças seguras e amadas.

Creio que ofereceram a cabana do Frank para Heidi Coolidge e os filhos. Isso deve ajudá-la a sair da despesa de aluguel da empresa. E estão comentando agora que Abigail Stanton pretende comprar o prédio dos Grants, para abrir um pequeno restaurante e casa de chá. Ela já prometeu um emprego para Heidi se conseguir colocar o lugar para funcionar em breve.

Oh Deus, Beth pensou, foram muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo.

Bem, minha Beth, estava decidido a não escrever para você mais de uma vez por semana, mas a notícia era importante demais para não contar. E sabia que você ia gostar de saber o mais rápido possível.

Creio que você tenha dito que seu navio ia partir hoje. Então, sem mais alarde, ofereço-lhe adieu e espero receber uma carta sua a qualquer dia.

Carinhosamente,

Jarrick

P. S. É embaraçoso dizer que quase esqueci qual foi minha segunda intenção para escrever a você. Falei com seu pai outra vez. Ele me contou que você vai passar o dia em Charlottetown na terça-feira da próxima semana. Pretendo estar em Lethbridge. Não estou certo de que será possível, mas gostaria de tentar entrar em contato com você por telefone nesse dia.

Pretendo fazer uma chamada para o balcão do seu hotel na terça-feira ao meio-dia (no seu fuso-horário), supondo que eu consiga descobrir com precisão a diferença de fuso horário. Por favor, não se preocupe se não for possível estar lá naquele momento. Eu só não consegui pensar em nenhuma outra maneira de tentar entrar em contato com você. JT

Beth mal conseguia se conter. Tantas boas notícias, todas embaladas em uma curta missiva — e um telefonema de Jarrick para completar — e terça-feira ia ser amanhã! *Como foi sábio da parte dele deixar muitos dias entre o envio da carta e nossa chamada telefônica.* Beth

não tinha certeza de qual seria o plano para o dia seguinte, mas decidiu naquele mesmo instante que estaria esperando no saguão do hotel, a partir das onze horas, caso ele errasse o fuso por uma hora.

— Obrigada, Paizinho do céu — ela sussurrou. — A carta dele chegou bem a tempo.



Beth ouviu muito pouco do discurso do guia turístico de Charlottetown. Espremida entre Victoria e Julie no assento estreito de carro aberto, Beth não conseguia pensar em nada além do que o telefonema de Jarrick. Ela ainda não havia mencionado nada para os outros, preferindo pensar em como abordaria a situação.

— E aqui temos a Province House. — O jovem guia apontou para a impressionante estrutura de pedra. A maioria de vocês deve saber que este local ficou mais conhecido por sediar a Conferência de Charlottetown, em 1864, onde as Províncias Marítimas se juntaram ao que era então conhecido como Província do Canadá, para discutir a formação de uma Confederação das restantes províncias Britânicas na América do Norte. O que podem não ter ouvido é que também havia um *circo* na cidade, que atraiu muito mais atenção do público em geral. — Ele deu uma piscadela. — Alguns podem até dizer que nossa cidade havia recebido *dois* circos ao mesmo tempo.

A brincadeira cordial do guia continuou enquanto Beth pensava em como transmitir para a família a notícia do telefonema de Jarrick. Ela suspirou, e pensou que seria bom prestar mais atenção. Detestava a ideia de perder alguma história ou os encantadores pontos turísticos da antiga rua.

— Titi Bet? — JW puxou a manga da tia e apontou para a frente do veículo. — Cavalinhos! Viu?

— Sim, querido.

Beth sorriu para o menino, mas ele foi de volta para o colo da mãe antes que ela pudesse conversar por um momento.

Mais tarde, quando elas desceram da carruagem e entraram no amplo mezanino do hotel, Julie se aproximou da irmã e murmurou:

— Onde *você* esteve, Bethie?

— Perdão, não entendi.

— Ora, irmã querida, *você* está claramente perdida nos seus

pensamentos. Não é do seu feitio deixar de absorver cada pedacinho história e fazer mil perguntas implorando por mais conhecimento. Hoje você quase não disse nada.

Beth abriu um sorriso sem graça.

— Acho que minha mente está preocupada hoje.

Aqui estava uma chance incrível de estar com minha família, mas acabei sonhando acordada. Beth lembrou-se do pedido de Margret para que ela estivesse *presente* com elas, além do incentivo do papai para usar o verão com sabedoria.

— Percebi a ‘preocupação’, como você está dizendo — comentou Julie. — Mas não contou o que é assim tão mais interessante para você.

— Vou contar mais tarde — sussurrou Beth.

Julie pegou o cotovelo de Beth e se aproximou em uma intimidade simulada.

— Oba, oba! Isso só pode significar que é algo que vale a pena saber.

Beth balançou a cabeça.

— Não seja tão melodramática, Julie.

Monsieur Laurent queria que todos se encontrassem na sala de jantar do hotel após o passeio. Ele estava esperando para cumprimentá-las no saguão e direcionou-as para a mesa adequada. A Sra. Montclair, que havia escapado do passeio, já estava sentada e lendo um jornal.

— Como foi o passeio de carruagem? — ela perguntou quando se juntaram a ela.

— Foi bom — declarou Victoria. — Os cavalos eram muito espertos, mas não tão inteligentes quanto meu pônei. — Só o ato de mencionar o amado animal já lhe trouxe uma carranca. — Sinto falta da Clover, faz tanto tempo que não cavalgo.

— Ora, Victoria, não comece com isso de novo. Você sabe que David a exercita enquanto você está viajando. Ela vai ficar bem — e você também.

Beth ficou surpresa com a súbita oscilação de humor. A mocinha estava bem apenas alguns momentos antes e agora largada na cadeira ao lado da mãe.

— Coma alguma coisa — comandou a Sra. Montclair. — Vai

se sentir melhor.

— Vamos começar — o Monsieur Laurent inseriu na conversa.
— Temos várias decisões a tomar em relação à agenda de amanhã...

Beth prendeu a respiração, orando em pensamento para que Deus resolvesse os detalhes para sua conversa com Jarrick. No final, foi decidido que a manhã seria passada fazendo compras na cidade, com uma viagem de trem à tarde para outras partes da ilha. Beth tentou não influenciar a decisão para acolher seus próprios desejos, mas suspirou aliviada com o resultado. Só perderia as compras.



— O operador está tentando conectá-la agora. Por favor, aguarde.

Era a terceira tentativa de conectar a chamada com Lethbridge.

— Olá? Jarrick? Está aí? — Beth pressionava o aparelho contra a orelha, mas ouvia apenas o crepitar na linha. — Jarrick? — Sem resposta. — Operador?

Uma voz melodiosa respondeu:

— Sinto muito, senhora. Receio que sigamos perdendo sua conexão. Vamos tentar outra vez em alguns minutos.

— Posso enviar uma mensagem para a pessoa do outro lado?

— Desculpe-me, senhora. Não há como enviar uma mensagem se eles não conseguirem conectar uma linha. Só posso aconselhá-la a esperar alguns minutos enquanto o operador reconecta a chamada na outra extremidade.

— Obrigada — ela disse, olhando pelo saguão para onde Margret esperava com JW. Beth colocou o receptor no lugar e deu sorriso fraco para a recepcionista do hotel. — Receio que eles não vão conseguir conectar de novo.

— Que pena, querida — disse ela. — Mas não vá muito longe. Tenho certeza de que vão tentar novamente em um instantinho. Esses telefones podem ser umas coisinhas complicadas, mas aposto que vão resolver o problema em breve.

— Sim, obrigada. Vou esperar bem aqui.

— Não precisa, moça. Vou mandar um valete para encontrá-la

se eles ligarem de volta. Tenho certeza de que vai funcionar no final. Não desista.

— Obrigada. Isso seria uma grande gentileza.

Margret se levantou e se apressou, com JW seguindo logo atrás. Ela optou por não fazer compras durante a manhã, reclamando mais uma vez de náusea. Assim, as duas irmãs ficaram no hotel e distraíram JW, permanecendo pelo saguão quando a hora marcada se aproximava. Margret tinha comprado um navio de brinquedo com rodas para o menino, e ele ficara deitado de barriga para baixo, empurrando-o pelo chão de azulejos, fazendo ruídos que sem dúvida lhe soavam como os feitos pelo navio em que viajavam. A Srta. Bernard com certeza o teria silenciado, por ser um espaço público, mas Beth ficou muito feliz em observá-lo brincando.

Margret tocou no braço de Beth.

— Acho que seu telefonema não funcionou novamente. Sinto muito, querida. Sei que ficou desapontada.

— Você poderia tentar ligar para o John — Beth ofereceu, sentindo-se abatida. — Pelo menos uma de nós deve conseguir falar com o nosso... deve conseguir a falar com... — Beth não conseguiu encontrar uma única palavra para terminar a frase. Não sabia ao certo como se referir a Jarrick.

Margret se aproximou da irmã, observando o rosto de Beth.

— É muito gentil de sua parte pensar em mim, mas o John e eu combinamos para falar esta noite, depois do jantar. Mas sei como você se sente. Estou tão ansiosa para ouvir a voz de John que mal consigo pensar em mais nada. — Os olhos de Margret embaçaram quando disse as palavras. — Sinto como se já tivessem passado anos desde que conseguimos conversar, e consegui telefonar para ele em Tadoussac.

JW tinha seguido Margret pelos azulejos quadriculados. Ele observou a conversa das irmãs, o rosto de Beth contraído de tristeza, com os olhos mareados. O garotinho ergueu os braços. Beth o ergueu nos braços.

— Titi Bet *choando*?

As mãozinhas acariciavam o rosto da tia com carinho. Beth depositou um beijo na bochecha do pequeno.

— Sim, titia Beth está chorando. E mamãe também, um pouco. Mas está tudo bem.

— *Abaxo?* — Ele circulou o pescoço de Beth com os braços gorduchos. — *Amo oxê.*

— Oh, querido, também amo você.

— Vamos pegar uma mesa na sala de jantar — sugeriu Margret. — Vou informar a moça da recepção onde estaremos para que o valete possa encontrá-la com facilidade. Vamos tomar uma xícara de chá.

— Sim, tem razão.

Beth esforçava-se para manter a compostura, mal se dando conta das muitas outras pessoas movendo-se pela sala. Quando Margret voltou, elas cruzaram juntas pelo saguão até o pitoresco bistrô do hotel.

Logo as irmãs foram levadas a uma mesa de canto, uma cadeira alta de madeira puxada para perto para que JW pudesse pegar os biscoitos de ostra que Margret espalhara na bandeja.

— Tenho certeza de que ele está tão ansioso quanto você — é bem possível que esteja ainda mais que você. Os homens querem consertar as coisas, estar no controle. Ele provavelmente está andando de um lado para o outro, tentando fazer algo funcionar.

Beth imaginou Jarrick na estação, cercado por todos os outros oficiais. Ela esperava que não ele não estivesse sendo importunado.

— Sinto que não haja nenhuma privacidade. Sempre há pessoas observando, e é um esforço tão complicado. Sinto como se o mundo inteiro soubesse que estamos tentando falar um com o outro. Por certo alguém poderia encontrar uma maneira melhor.

— Sim, isso seria bom, querida. Mas lembre-se, ele está do outro lado do Canadá.

— Oh, eu sei — Beth suspirou. — Estou apenas sendo irracional.

Margret dispôs a xícara de chá de volta no pires.

— Eu gostaria muito de conhecê-lo. Quando você acha que isso será possível?

Beth balançou a cabeça.

— Não sei. Não sei dizer nem quando *eu vou* vê-lo outra vez. Tudo está tão incerto agora — tantas perguntas sem resposta. — Beth esfregou o guardanapo nos cantos dos olhos e respirou devagar. — Você ia gostar dele, Margret — disse ela com um sorriso vacilante.

— Claro que sim. Você é boa para julgar o caráter.

— Gostaria de ter uma foto dele para mostrar a você. Mas de fato não houve tempo.

Margret colocou mais alguns biscoitos na bandeja do bebê. JW pegou-os avidamente e colocou-os na boca.

— Talvez você possa pedir que ele mande uma foto em uma de suas cartas. Ele pode ter uma fotografia que possa lhe mandar.

— Talvez. Vou pedir.

Um movimento ali perto chamou sua atenção. Beth empertigou-se. Mas era apenas o garçom, aproximando-se com o chá. Quando as xícaras estavam servidas na mesa, ela se compôs mais uma vez. *Talvez eu deva só mudar de assunto.*

— Como está se sentindo agora, Margret? Um pouco melhor?

Uma expressão taciturna caiu sobre o rosto de sua irmã.

— Eu me sinto muito melhor. Estou bem, mas...

Beth a observou. Margret escolheu não erguer o olhar, em vez disso, ficou mexendo com os talheres na mesa à sua frente.

— O que foi? Em que está pensando?

Margret pigarreou.

— Tenho quase medo de dizer.

Beth estendeu a mão sobre a mesa.

— Você não está com alguma doença, está?

— Não — Margret respondeu com um sorriso hesitante. — Bem, talvez, mas não o que você pensa.

— O que é?

Margret ergueu o olhar apenas o suficiente para encontrar o de Beth. Seu rosto estava corado.

— Eu acho que posso estar... grávida.

Beth ficou boquiaberta. Margret riu.

— Não é nenhuma surpresa, é? Não é como se John e eu não estivéssemos planejando outro filho em breve. — Ela olhou para JW com ternura. — E meu garotinho precisa de uma irmãzinha — ou um irmãozinho. Ele está pronto. Não acha?

— Oh, Margret! Isso é maravilhoso!

— Mas, você precisa entender que não tenho certeza — Margret disse para se esquivar, apertando a mão de Beth. — E esse é o meu problema. Como posso consultar um médico aqui, tão longe de casa?

— Se é isso que quer — declarou Beth —, tenho certeza de que poderíamos encontrar alguém. E ficaremos dois dias aqui em Charlottetown. Você provavelmente pode marcar uma consulta para esta tarde ou amanhã.

Margret ergueu um dedo em advertência.

— Pretendo falar com John sobre isso esta noite — isto é, presumindo que *eu* vou conseguir conectar uma linha. Não há razão para agir precipitadamente. Vou ver o que ele quer que eu faça. Mas, sim, deve ser possível consultar um médico aqui. É só que... Oh, é como você disse antes — um esforço tão complicado, atraindo tantas pessoas para o nosso assunto pessoal. Estou pensando em esperar e ver.

— Oh, Margret... outro bebê! — Beth saiu de sua cadeira e atraiu a irmã para um abraço desengonçado. — Que bênção!

— Sim — ela sussurrou de volta, inclinando a cabeça no ombro de Beth. — Estou tão feliz.

Foi um grande incentivo para Beth ser escolhida como confidente de Margret, para partilharem juntas dessa maravilhosa possibilidade.

Capítulo 15

Até o momento em que as outras retornaram de suas compras à tarde, nenhum valete tinha aparecido para chamar Beth para atender o telefone. Ela gradualmente aceitou o fato de que não haveria uma conversa com Jarrick naquele dia. Margret, que foi uma benéfica distração, junto com o filhinho, sugeriu que não havia necessidade de contar à família sobre a grande decepção de Beth, que concordou com um aceno e um suspiro.

— Encontramos a melhor chapelaria — Julie exclamou enquanto se aproximava apressada. — Comprei um lindo cloche de lã para combinar com meu terno marrom. A mamãe comprou um encantador de contas brancas, com as penas mais fofas do mundo! E acho que a Sra. Montclair deve ter comprado pelo menos meia dúzia de chapéus novos. Espere até vê-los. Vai morrer.

— Julie — a mãe repreendeu de leve —, por favor, modere suas palavras.

— Sim, mãe. — Julie deu de ombros. — Meninas, vocês vão ficar *verdes* de inveja. Soa melhor?

Priscilla apenas balançou a cabeça.

Beth observou o grupo.

— Onde vocês colocaram todas as coisas?

— Oh, o Monsieur Laurent providenciou para que eles fossem entregues no navio. Exceto por este. — Julie ergueu uma caixa de chapéu. — Pensei que poderia usá-lo para o show esta noite.

— Vai haver um show? — Margret perguntou.

— Ora, sim. Encontramos um teatro-restaurant em Cavendish. A peça é *The Enchanted Cottage*. Parece que é muito bom. Então, vamos sair no início da tarde para passar um pouco de tempo na praia primeiro.

— Como está se sentindo, Margret querida? Um pouco

melhor?

A mamãe foi até a filha, com os braços estendidos.

— Sim, muito melhor.

— Bem, temos que nos apressar para que possamos pegar o trem.

As sobranceiras de Margret se juntaram.

— Sinto muito, mãe, mas combinei de conversar com John esta noite por telefone. Receio ter de perder outra vez.

— Oh, não. Precisa mesmo?

Margret assentiu.

— Sim, e na verdade estou bastante decidida.

A mãe fez uma pausa e olhou para Margret, mas Julie chamou sua atenção, e ambas se voltaram para o elevador.

Enquanto as outras seguiam, Margret se aproximou de Beth.

— Talvez você devesse ficar comigo — sussurrou. — E se o Jarrick tentar ligar outra vez?

Beth balançou a cabeça com tristeza.

— Então suponho que você vai ter que falar com ele no meu lugar. Não posso ficar desta vez contando apenas com a possibilidade de ele ligar. Sei que é o que ele diria se estivesse aqui.

— Eu entendo. Mas também posso entender sua frustração e tristeza.

— Obrigada, Margret. — Beth tocou o braço da irmã. — E estou feliz que você entenda.

Pouco tempo depois, as damas estavam instaladas no trem e se dirigiam para o outro lado da pequena província. Beth gostou das cenas rurais por onde passavam e em especial das surpreendentes vistas do oceano.

Pensou em uma descrição do que pediria para Julie pintar, se apenas seu pedido fosse bem recebido. As cores dramáticas, os quintais arrumados, o esconde-esconde das baías oceânicas...

Logo a conversa telefônica perdida e até mesmo a novidade de Margret haviam sido deixadas em segundo plano.

Passando por outros grupos de banhistas, elas carregaram as bolsas e as cadeiras dobráveis que pegaram emprestadas até a beira da água. Beth olhou em volta um pouco incomodada, pois ainda se sentia desconfortável em seu novo maiô. O babado no joelho chicoteava de um lado para o outro no forte vento, e o chapéu de pano ameaçava lançar voo pelo céu. Beth abaixou-se para puxar as meias para cima e estremeceu quando a areia começou a se acumular dentro de suas sapatilhas de praia. *Se isso for necessário para desfrutar de um mergulho no oceano, parece confusão demais.* Beth cobriu os olhos para olhar para o horizonte. *E, no entanto, o vasto oceano, o vento salgado, a praia — tudo era tão pitoresco e convidativo.*

Julie já estava liderando o ataque.

— Olhe as ondas! Não fazia ideia de que eram tão grandes. Vamos, Victoria. Vou bater uma corrida com você!

Victoria foi saltando logo atrás. Na metade do caminho até água, ela parou para rolar as meias até os tornozelos, pareceu considerar por um momento descartá-las por inteiro, e então se apressou atrás de Julie. Com um grito, a adolescente jogou o chapéu na areia atrás dela.

— Aquela menina — murmurou a Sra. Montclair. — Ela ainda vai me deixar doida.

Beth observou as duas jovens por um tempo, depois se acomodou numa cadeira, maravilhada com a forma como o cabelo curto de Julie dançava na brisa, apreciando a energia com que a irmã atacava as ondas que caíam, e ansiosa sempre que as duas nadadoras desapareciam por qualquer período de tempo entre as ondas.

— Muito bem, senhoras — Beth disse enfim, em tom de brincadeira para a mãe e Sra. Montclair —, vamos nos juntar a elas na água. Pode ser que não tenhamos outra chance, e esta será uma grande anedota quando voltarmos para casa.

Beth fez um gesto para que se levantassem e as três, rindo e de braços dados, seguiram para a água. Elas gritaram em uníssono enquanto as ondas frias e espumantes tocavam seus pés e tornozelos.

Julie e Victoria logo as notaram, gritando e persuadindo-as para que se aventurassem a ir mais longe. A Sra. Montclair afastou a ideia com firmeza.

— Não, não, aqui já é o suficiente — ela exclamou de volta.

Mas a mulher estava sorrindo, obviamente aproveitando a nova experiência. Beth e mãe avançaram alguns passos, e Julie veio correndo para animá-las.

— Oh, mamãe, não é divertido? — ela exclamou entusiasmada, agarrando a mãe pelo braço.

Mas a mãe se afastou rindo.

— Você, minha querida, parece Jonas na praia — disse ela, observando o cabelo pingando da filha caçula e a roupa de banho encharcada.

As ondas pareciam frias, e criavam o perfeito contraste com o sol quente nos braços de Beth. Logo ela estava com a água até os joelhos, a areia sob os pés cedendo ao redor deles, uma experiência totalmente nova. A vista panorâmica além das fileiras de ondas que se aproximavam parecia ser eterna.

Isso é glorioso, ela pensou ao ouvir Julie e Victoria gritando enquanto outra onda as empurrava em direção à costa. Mas no momento em que Beth juntou coragem para enfrentar uma das ondas, a mãe estava chamando e gesticulando para que elas viessem para a beira.

Elas foram uma de cada vez para os vestiários que ali estavam. Vestir a roupa normal de novo foi uma luta — parecia haver grãos de areia presos entre cada camada de roupa. Beth desejava um bom banho de banheira.

Enquanto abria o tecido rígido e saía da tenda, Beth advertiu:

— Não pise fora do tapete, Victoria querida. Se colocar os pés na areia, ela estará decidida e determinada a se espalhar por todas as outras coisas que você possui.

Victoria apenas riu e entrou na tenda com as roupas empacotadas em seus braços.

Só então Beth ouviu Julie gritar:

— Nick! Olá, Nick!

Todas se viraram para ver onde o dedo apontava.

— Tenho certeza de que o vi ali, perto da sorveteria. Você também o viu, Bethie? — Beth balançou a cabeça. — Não? Acho que ele foi embora — disse Julie. — Ou talvez fosse outra pessoa. Mas pensei tê-lo visto.

Julie ficou claramente desapontada.

— Você está apenas imaginando coisas — brincou Beth. — Não somos tão animadas quanto a turma com quem você está acostumada a andar nos últimos dias.

— Com certeza não — Julie disse rindo.

Mamãe pigarreou.

— Posso saber, querida, quem é esse tal de Nick?

Beth e Julie trocaram olhares.

— É apenas um rapaz que Beth e eu conhecemos. Mas nem era ele.

— Hum. Você não tinha falado dele antes. Talvez possa me mostrar quem ele é, gostaria de conhecer esse seu jovem amigo.

— Oh, mamãe...



— Vou pedir uma coisa, mãe, mas não quero que você fique aflita.

Margret manteve a voz baixa o suficiente para que as outras que estavam tomando café da manhã à mesa não pudessem ouvir. Beth, que estava sentada ao lado de Margret, inclinou-se para a frente para ouvir e ver a mãe e Margret.

Priscilla colocou o rolo de volta no prato.

— O que é, querida?

Margret sussurrou:

— Eu gostaria de ir ao médico — e já se apressou dizendo: — Detesto causar qualquer transtorno, mas falei com John ontem à noite, e ele prefere que consulte um médico hoje, se for possível.

— Você ainda está se sentindo enjoada?

Priscilla tocou a mão de Margret, observando o rosto da filha. Beth observou a leitura habilidosa, com olhar experiente, que a mãe fazia da filha em busca de sinais.

Margret sorriu sem graça.

— Na verdade, hoje não me sinto tão mal. Mas seria sensato confirmar ou refutar... uma ideia que tenho.

Uma pausa significativa, e a mãe sentou-se na cadeira com um

sorrisinho.

— Não pude deixar de me perguntar, minha querida. Já experimentei certas... bem, indicações quatro vezes, sabe.

Margret devolveu um sorriso tímido.

— Então você também pensou...?

— Sim, passou pela minha cabeça, Margret querida. E devemos levá-la ao médico o mais rápido possível. Vou tratar disso agora mesmo.

Ela ficou de pé, desculpou-se com um sorriso para o grupo, depois saiu apressada do bistrô em direção à recepção. A Sra. Montclair olhou em volta perplexa.

— O que aconteceu com a Priscilla? Está doente outra vez, Margret? Posso ajudar?

— Não, obrigada. Estou bem — realmente bem.

Margret, que era modesta, se apartou da atenção indesejada e fingiu limpar a boca de JW.

— Misericórdia! Nunca vi sua mãe se mover tão depressa.

A Sra. Montclair balançou a cabeça, mas por misericórdia deixou o assunto morrer.

No final, o sigilo foi praticamente inútil. Julie com certeza não era o tipo de pessoa que “deixava o assunto morrer”, e no momento em que voltaram para o quarto, o fato de que Margret estava esperando por uma consulta ao médico já tinha se espalhado em sussurros animados. Margret foi devidamente paparicada, recebeu uma chuva de conselhos todos os lados enquanto todas elas se aglomeravam na suíte das Thatcher.

— Levante os pés, querida — ordenou a Sra. Montclair. — Não vai querer que suas pernas fiquem inchadas.

A mãe acrescentou:

— Espero que não tenham usado muito sal nos ovos e presumo que você comeu esta manhã. Ainda estou convencida de que o sal foi o culpado da última vez. Vai saber observar isso agora.

Até mesmo Julie contribuiu com seu pitaco.

— Posso pegar uma compressa fria. Sempre ajuda quando meus tornozelos estão inchados.

— Estou bem — insistiu Margret. — Nenhuma parte do meu

corpo está inchada. Por favor.

Mas a excursão matinal daquele dia foi cancelada. Através do concierge, mamãe havia descoberto um consultório médico nas proximidades, e logo Margret e a mãe estavam a caminho de táxi. Monsieur Laurent não fez nenhum comentário, mas seus olhos possuíam um brilho de cumplicidade. Beth, Julie e Victoria decidiram dar um passeio pelas lojinhas próximas ao hotel, sem lembrar que não tinham dinheiro para fazer compras. Mas foi bom apenas admirar as vitrines e esticar as pernas ao ar livre. Eles haviam levado JW antes que a babá pudesse recordá-las da hora da soneca do menino. Quando ele viu um cachorrinho em uma vitrine de pet shop, elas tiveram dificuldades para persuadi-lo a retornar ao hotel.

Elas descobriram que Priscilla e Margret ainda não haviam chegado. Beth tentou ler, mas achou difícil focar a mente na história. Victoria estava esboçando outra vez em seu caderno, e Julie apenas desabou em uma poltrona acolchoada, com os pés apoiados na cama de forma bastante indelicada. *Suponho que não conseguiria fazer Julie pintar para mim agora mais do que consigo focar na leitura*, pensou Beth com ironia.

Finalmente, houve um som na porta, e a mãe entrou primeiro, seguida por Margret, que estava com as bochechas rosadas. Num pulo, Beth estava ao lado da irmã, com uma pergunta silenciosa enquanto olhava profundamente nos olhos de Margret.

Margret acenou com a cabeça em silêncio.

— Sim, o médico tem certeza de que estou.

O quarto irrompeu em um frenesi de abraços e risos.

— E prevejo que será uma *menina* desta vez — exclamou Julie.

Mais risos e previsões contrárias a essa encheram o ar.

— O médico me avisou, porém — Margret admitiu quando por fim as coisas se acalmaram —, que eu preciso de um quantidade razoável de repouso, descansar o suficiente.

— Oh, nós vamos cuidar de você. — Julie se inclinou para acariciar o abdômen ainda reto de Margret. — Nós cuidaremos de vocês dois. Não se preocupe nem um pouco, *menininha*.

E a alegria começou mais uma vez.

Sem muito entusiasmo, o restante da tarde incluiu uma última excursão ao campo. Beth observou as cores brilhantes da pitoresca ilha passando pelas janelas do trem. Ela fez questão mudar de um assento para outro para conversar com cada uma das pessoas da família por sua vez — nada de conversas particularmente profundas, mas agradáveis.

— Eu gostaria de voltar aqui outra vez — anunciou Victoria com o braço pendurado pela janela aberta, a mão abrindo e fechando no fluxo de ar que passava. — Quero mais tempo no oceano.

— Sim, vamos — a Sra. Montclair concordou animada. — Creio que seu pai ia achar muito prazeroso. Acho que ia gostar até mesmo da praia.

Beth pegou a câmera emprestada de Julie, tirando várias fotografias de cenas, na esperança de reter as imagens da ilha. *Talvez Julie esteja disposta a consultá-las quando estivermos em casa.*

De volta ao saguão do hotel, elas encontraram a bagagem arrumada mais uma vez pelas criadas e pronta para seu retorno ao navio.

Monsieur Laurent estava olhando para seu relógio de bolso.

— Não posso segurar os táxis por muito mais tempo. Como de costume, a Sra. Montclair ainda não estava à vista.

De repente, Beth ouviu seu nome ser chamado.

— Recado para a Srta. Elizabeth Thatcher. Recado para a Srta. Elizabeth Thatcher.

— Eu sou Elizabeth Thatcher.

Ela levantou a mão e acenou para um rapazinho uniformizado que estava agora abrindo caminho em direção a ela com um sorriso.

— Senhorita Thatcher. — Ele se curvou ligeiramente. — Há um telefonema para a senhorita na mesa da recepcionista.

Beth arregalou os olhos. Ela deu uma olhada em Margret e correu pelo amplo saguão.

— Eu sou Elizabeth Thatcher — ela repetiu ao recepcionista. — Há uma chamada para mim?

— Ora, sim, Senhorita Thatcher — ele disse —, o último telefone no final da mesa.

Beth levantou o receptor com uma mão trêmula. *Podia ser qualquer pessoa. Não há razão para presumir...*

— Alô?

— Beth! Nem acredito que consegui falar com você. É o Jarrick. Estou tão feliz...

— Oh, Jarrick, pensei que tinha perdido sua ligação.

Beth sentiu o coração estremecer ao ouvir ao som da voz de Jarrick.

Ele riu.

— Na verdade, perdeu mesmo. Tentei telefonar hoje mais cedo também. Mas acho que você tinha saído para passear. Como você está? Como está a viagem até agora? Estão se divertindo?

— Tem sido... maravilhoso. — A palavra que usou para descrever estava longe de ser adequada, mas Beth prosseguiu. — Estamos na Ilha de Prince Edward agora... mas você já sabia disso — o comentário a fez rir.

— Sim, presumi que estivesse — ele brincou. — Sempre quis conhecer a ilha. O Philip tem uma tia em Nova Scotia, e com frequência nós conversávamos sobre viajar para o leste juntos. Mas nunca encontramos um bom momento para ir.

— Oh, como gostaria que você estivesse aqui agora — Beth se ouviu dizendo e sentiu as bochechas aquecerem. — Vale a pena. Espero que você possa vir algum dia. — Beth parou, esforçando-se para buscar um tópico de mais importância. — Você recebeu alguma das minhas cartas? Escrevi mais de uma.

— Não, não recebi. E tenho vindo ao correio todos os dias, como pode imaginar.

Ela podia ouvir o afeto na voz de Jarrick.

— Oh, elas devem começar a chegar em breve. Estou surpresa, considerando que já recebi três das suas.

— Talvez amanhã — disse ele esperançoso.

— Fomos à praia ontem e até entrei na água! Fizemos alguns passeios de trem. Há muito mais a fazer aqui — não vimos nenhum dos estaleiros de construção naval, que eu teria gostado de visitar. Era para termos ido hoje pela manhã, mas algo aconteceu. — Por um momento Beth considerou compartilhar a novidade de Margret, mas decidiu que não era apropriado. — Estamos indo agora de volta ao nosso navio. Ele parte esta noite.

— E para onde estão indo a seguir?

As palavras de Jarrick soaram quase melancólicas.

— Para Nova Scotia. Faremos uma parada em Cape Breton, viajaremos para o nordeste ao redor da ilha, depois voltaremos para o sul em direção a Halifax. Oh, Jarrick, escrevi para você ontem à noite. Postei a carta esta manhã.

Ele pigarreou.

— Não me conte o que diz, Beth. Quero que seja uma surpresa.

Ela sorriu.

— Receio que seja muito nostálgica. Foi um dia um tanto decepcionante — um dia cheio de emoções.

— Lamento ouvir isso.

Os olhos de Beth ergueram-se em direção ao teto. Ela sabia que sua expressão era tudo menos velada, mas parecia não conseguir restringir seus sentimentos, a estranha mistura de prazer e descontentamento que falar com Jarrick — que estava tão longe — gerou.

— Foram em geral coisas boas, suponho, exceto pela ligação telefônica perdida. Vou admitir que lançou uma sombra muito espessa sobre o meu humor o dia todo.

— Eu entendo, acredite em mim, entendo mesmo.

O tom da voz de Jarrick era quase mais do que podia suportar, e Beth rapidamente piscou para afastar as lágrimas.

A Sra. Montclair estava saindo do elevador. Beth virou-se para onde as outras estavam esperando, agora todas reunidas e prontas para sair. O Monsieur Laurent a observava com atenção.

— Receio não poder falar mais, Jarrick. Todos estão esperando, e estamos atrasadas para pegar o táxi. Desculpe-me. Queria...

— Tudo bem, Elizabeth. Vou me esforçar mais para organizar as coisas da próxima vez. Desculpa ter estragado ontem.

— Oh, não foi culpa sua, tenho certeza. A linha só não se conectou.

— Bem, não devia ter lhe dado um horário definido. Devia ter... Eu não sei. Mas vou tentar algo melhor para a próxima vez. Onde e quando será o próximo bom momento para telefonar?

Beth podia ver Monsieur checando seu relógio de bolso outra vez.

— Não tenho certeza. Halifax, eu suponho. Mas não sei que dia...

— Seu pai me deu as duas primeiras paradas principais. Você pode me enviar um horário, Beth? Sei que vai levar uma semana para chegar, mas eu com certeza gostaria de saber onde você está ao longo do caminho.

Beth enrubesceu.

— É claro. Devia ter pensado nisso antes. — Mamãe acenou, e Beth disse: — Sinto muito, Jarrick. Receio que tenha mesmo de ir.

— Beth? — ele se apressou. — Por favor... eu queria contar algo primeiro. Dois homens do conselho escolar provincial estiveram em Coal Valley na segunda-feira. Eles estavam fazendo um balanço da pequena cidade, para ver a possibilidade da abertura de uma escola lá.

— O quê? Ora, isso é maravilhoso!

— Sabia que você ia gostar de saber. O seu nome surgiu em quase todas as conversas que eles tiveram com as pessoas da cidade. A Srta. Molly estava rindo disso quando me contou de todos que estavam se gabando de ter sugerido que você fosse contatada para o cargo.

Beth inspirou lentamente.

— Estou muito grata. Essa é a melhor notícia de todas!

— Sim, também acho. Só queria que você soubesse. — Uma pausa. — Sinto sua falta, Beth.

Beth prendeu a respiração.

— Esse lugar não é o mesmo sem você — ele finalizou.

— Eu também sinto sua falta — sussurrou Beth. — Seu coração estava dolorido e exultante ao mesmo tempo. — Não vai demorar muito. Logo, logo nos veremos outra vez.

— Eu sei disso... mas não logo o suficiente.

Beth podia sentir o pulso ainda acelerado enquanto se espremeu no táxi ao lado de Julie. Uma conversa era muito melhor do que uma carta. Uma e outra vez ela repetiu as palavras de Jarrick em sua mente, deleitando-se com a emoção calorosa que ouvira na voz dele. Com a mão, ela buscou na cintura onde, naquela mesma manhã, havia guardado outra pétala seca dentro de um lenço.

Capítulo 16

— Mamãe, eu gostaria de enviar um telegrama — disse Beth com calma quando iam para o café da manhã a bordo na manhã seguinte. — Não me importo de pagar por ele, mas gostaria de enviá-lo esta tarde — ou seja, se conseguir descobrir como mandar.

— A respeito de que, Beth?

Ela não se deixou hesitar e disse com franqueza:

— Prometi ao Jarrick que enviaria a programação de paradas nos portos, para que possamos encontrar outra hora para falar por telefone.

— Oh, querida, não acha que isso pode parecer um pouco ousado — muito presunçoso, e até mesmo um pouco de carência?

Beth fez uma pausa.

— Não, de fato não acho não. Ele e eu conversamos e concordamos que seria muito útil. Para ser franca, não sei por que não tinha pensado nisso antes. E já dei a minha palavra ao Jarrick.

A mãe ainda parecia incerta, mas por fim disse:

— Ora, você sem dúvida poderá descobrir informações sobre o envio de telegramas com o Monsieur Laurent.

Depois do café da manhã, a Sra. Montclair perguntou em sua maneira animada:

— Para onde estamos indo hoje, *Sr. Lorant*?

Ele pigarreou.

— Veremos uma paisagem perfeitamente adorável: a Ilha de Cape Breton. A ilha de fato tem algumas das paisagens mais agradáveis em todas as Províncias Marítimas. Vamos visitar um farol costeiro e, Victoria — acrescentou, voltando-se para a garota —, podemos esperar cruzar com todo tipo de vida selvagem hoje. Tenho certeza de que você ficará muito satisfeita.

A mocinha sentou-se empertigada, parecendo determinada.

— Mãe, eu *preciso* ter um binóculos. Não vou conseguir ver *nada* se não tiver.

A expressão dramática fez Beth esconder um sorriso atrás do guardanapo.

— Sim, querida. Acho que é hora de desistir do outro, considerando-o uma causa perdida. — A Sra. Montclair balançou a cabeça e estendeu a mão debaixo da mesa para esfregar o joelho. — Suponho então, *Sr. Lorant*, que haverá muita caminhada? Minha bursite está atacada de novo. Receio ter de manter repouso por um ou dois dias.

— Ah, Edith, não vai ver nem o farol? Tenho certeza de que você ia gostar.

Essas discussões na mesa tornaram-se semelhantes de um dia para o outro, e Beth encontrou sua mente vagando.

Quando é que Jarrick e eu vamos conseguir conversar outra vez? Ela não pôde deixar de refletir sobre a conversa de ontem mais uma vez. Espero que em Halifax...



A Ilha de Cape Breton foi avistada, sua longa costa como dobras de um cobertor verde profundo adornado em marrom, onde tocava a borda da água. Beth ficou tomando sol na varanda da cabine, o vento levando seu vestido. Elas ainda estavam longe do ponto de partida do bote quando a mãe trouxe Beth e Julie de lado.

— Agora, minhas queridas, eu disse ontem que gostaria de conhecer esse jovem — Nick, não é mesmo? Gostaria de conhecer todos seus amigos. Quase não falamos com aquelas meninas. O que vocês acham de convidar os três para almoçar conosco hoje? Monsieur diz que a pousada na ilha serve um almoço muito bom.

— Oh, sim, mamãe, é uma ideia maravilhosa! — Julie ficou encantada. — Estou certa de que eles gostariam de conhecer a senhora também.

— Tudo bem, então. Julie, você pode, por favor, encontrá-los antes de embarcamos para fazer o convite?

— É claro. Provavelmente estão à beira da piscina. Vou agora mesmo.

Julie saiu quase saltitando pela porta da suíte, e a mãe ficou balançando a cabeça com um longo suspiro.

Beth virou-se para seguir Julie para o corredor. A cópia do cronograma das paradas nos portos foi entregue pelo Monsieur Laurent, e era bem provável que o escritório estivesse aberto agora para que ela pudesse enviar o telegrama. *Ele vai ficar surpreso... e satisfeito!*

— Um momento, Beth — disse a mãe, interrompendo seus pensamentos. — Gostaria de falar com você a sós, por favor.

— O que é, mamãe?

A mãe apontou para uma cadeira próxima e sentou-se na outra ao lado dela. Ela fez uma pausa.

— Sinto que talvez eu deva saber mais sobre a situação de seu relacionamento com esse homem, esse oficial da guarda. Não sabia que vocês haviam ficado tão próximos em um espaço tão curto de tempo. Você disse que ele falou pela primeira vez sobre manter contato pouco antes de você deixar sua pequena cidade mineira.

— Sim. Mas, entenda, mamãe, a essa altura já nos conhecíamos muito bem.

— Entendo. Quando falamos enquanto ainda estávamos em casa, você sabia pouco sobre a formação e a família dele.

— Sim, suponho que seja verdade.

— Há uma série de questões que me pergunto se você já considerou.

Beth podia sentir seu rosto ficando quente. *Se a mamãe pudesse conhecê-lo...* Ela tinha certeza de que acabaria com essas preocupações.

— Por favor, entenda, querida — continuou a mãe —, estou falando motivada apenas por minha profunda preocupação com o seu bem-estar. O casamento dura muito, muito tempo. Estar ligada a alguém... bem, inadequado teria efeitos trágicos, em cada aspecto da vida. É algo a ser contemplado com sobriedade, com muito cuidado e muita oração.

— É claro, mamãe. Eu entendo e creio sinceramente que assim seja. — Beth observou como a mãe sem perceber girou a aliança de casamento ao redor do dedo. — Por exemplo, Beth querida, você sabe se ele já esteve comprometido — se ele já cortejou alguma outra moça antes?

— Eu acredito que ele... não, para ser sincera, nunca

conversamos sobre isso.

O rosto de Beth ficou ainda mais quente com sua incapacidade de responder.

— E os pais dele? Eles têm um bom casamento, uma boa vida familiar?

— O pai dele é pastor.

Beth estava tão feliz que pudesse dar fornecer essa informação positiva.

— Minha querida — disse a mãe com gentileza —, isso não é nenhuma garantia.

Beth ficou rígida.

— Mas se você o conhecesse, mãe, tenho certeza de que não...

— Você nos conhece melhor que isso, Beth. Sabe que se nós já *tivéssemos* conhecido esse rapaz, seu pai e eu teríamos feito todas as mesmas perguntas, teríamos as mesmas preocupações. As pessoas podem facilmente nos enganar por seu comportamento encantador. De fato, não estou presumindo que ele tenha sido dissimulado, mas eu não o estimaria com olhar tão confiantes quanto você parece estar fazendo. Pelo menos não ainda.

Beth ficou arrasada, e quis perguntar se a mãe confiava em Edward Montclair, se sentia que conhecia *ele* bem o suficiente para aceitá-lo como um pretendente apropriada para a filha. Edward, que vinha de boa família, mas que era tão cheio de si mesmo e de sua própria importância...

Beth olhou para as mãos torcidas no colo e permaneceu em silêncio.

— Não é que eu queira roubar sua alegria, Beth. Quero vê-la bem estabelecida, no casamento mais feliz e enriquecedor possível, embora saiba que cada casal sempre terá dificuldades e provações para superar. Mas essa capacidade de superar requer uma certa compatibilidade, um vínculo “até que a morte nos separe” e uma fé inabalável. Estas coisas são determinadas através do tempo significativo, por meio de perguntas que devem ser feitas antes que o coração esteja totalmente comprometido. Você entende?

A jovem se debateu com a lealdade e respeito que sua mãe merecia e o constrangimento que sentia por ser questionada assim — e, acima de tudo, por não ser capaz de responder de forma positiva. Recordou aqueles comentários que ela ouviu da mãe e da Sra.

Montclair no trem no início da jornada, articulando dúvidas sobre Jarrick, a saúde de Beth e profissão que escolhera.

A mãe pressionou ainda mais.

— Você disse que ele cresceu na pradaria, mas ele sempre viveu lá? Ou passou algum tempo sozinho em outro lugar depois de adulto?

— Não sei — sussurrou Beth. — Faça questão de perguntar a ele.

— E você disse que acha que ele tem trinta anos ou mais.

— Sim.

— Então é possível que ele tenha servido na Europa?

Beth congelou. Ela nunca tinha sequer contemplado a questão.

Edward e os outros meninos com quem crescera eram jovens demais para servirem na Grande Guerra. *Todos eles ajudaram com o esforço de guerra dentro de sua comunidade.* Será que Jarrick participou de alguma batalha real? O que será que ele pode ter visto?

Ela disse por fim:

— É possível que ele tenha servido. Mas o Jarrick nunca mencionou nada a respeito disso.

Beth odiava admitir até para si mesma que não sabia a resposta.

— Queremos que você esteja bem-informada, Beth — e que nós mesmos o conheçamos bem.

Beth ergueu o olhar para o rosto da mãe.

— Eu entendo, mamãe. De verdade. Eu entendo a importância de... de seguir em frente com os olhos bem abertos. — Ela assentiu devagar. — Tenho certeza de que Jarrick estará mais do que disposto a responder a quaisquer perguntas que você tenha sobre ele, ou que eu tenha. Tenho certeza de que ele é um livro aberto. — Ela hesitou. — Mas ele não é um funcionário, mamãe. É um relacionamento, não uma entrevista de emprego.

— É claro, querida. — A mãe se levantou. — É muito mais importante do que um emprego. Isto é para toda a vida.

Agarrando-se à balaustrada, mais uma vez Beth desceu para o bote. Ela conseguiu sorrir para os companheiros de viagem, mas achou difícil encarar a mãe. Nutria uma estranha sensação de confusão, e se ressentia das perguntas sem resposta sobre Jarrick que agora giravam em sua mente. Se ao menos pudesse falar com ele em breve. Beth estava certa de que ele cooperaria com quaisquer perguntas que fizesse, mas era muito desconfortável perceber como ela sabia pouco sobre ele. *Será que ele cortejou mesmo uma mulher no passado? Afinal, ele é mais velho do que eu... mas não sei nem mesmo a idade dele com certeza!*

Beth alisou o vestido e tentou manter o rosto voltado para a balaustrada e a água adiante, para que as irmãs — ou qualquer outra pessoa — não percebessem o conflito em seu semblante. A proa empinava, depois baixava nas ondas, visando o farol obelisco branco que se aproxima mais e mais a cada golpe na água. A ilha em que se encontrava era apenas um pequeno e estéril pedaço de terreno rochoso.

Será que a razão por que Jarrick a fazia sentir-se tão especial era porque tinha aprendido sobre o romance antes? Beth sentiu o coração apertar, tamanha sua dor. Por outro lado, ele disse que se encontraria com um cavaleiro da igreja para aprender a ser um bom marido. Isso não contava a seu favor? A menos que isso indicasse algum segredo oculto que pudesse colocar obstáculos no caminho deles.

Os pensamentos de Beth voltaram à pergunta da mãe sobre o serviço no exército. *Se ele serviu mesmo na Europa, que cicatrizes e memórias ele pode ter? Será que ainda lançavam sombra sobre sua vida?* Beth respirou fundo, tentou tranquilizar os pensamentos acelerados.

A Sra. Montclair, Srta. Bernard e JW ficaram para trás, e felizmente perderam a laboriosa subida até o pináculo do farol. A vista era de tirar o fôlego, desde que Beth resistisse ao desejo de olhar direto para baixo da altura vertiginosa. A terra firme era uma joia esmeralda destacada contra o céu azul, e vários navios estavam visíveis à distância.

A visão fez Beth pensar no pai. Como queria que ele pudesse ter se juntado a elas aqui, para passarem apenas aquele dia. Teria sido uma bênção conversar com ele sobre seus pensamentos sombrios. Ela suspirou e se moveu ainda mais ao redor da cúpula, cobrindo os olhos para concentrar sua atenção em mais uma excepcional experiência no cruzeiro. Ia garantir que Emma tirasse várias fotos do farol para mostrar aos alunos, caso Julie não concluísse a tarefa.

Elas esperaram mais do que imaginaram para que Penny, Jannis e Nick se juntassem a elas para almoçar na pousada rústica. Beth passou esse tempo rabiscando uma imagem do farol na parte de trás de uma brochura. Julie sorriu graciosa enquanto olhava para o desenho, mas não fez comentários.

Quando por fim os outros chegaram, Beth observou que Nick estava bem-preparado e vestindo uma jaqueta e gravata. Ela não tinha certeza se isso era simplesmente por causa da mãe, mas reconheceu que era a decisão certa, se ele queria causar uma boa impressão.

— Muito prazer em conhecê-la, Sra. Thatcher. Sou Nickolas Petrakis. — Ele estendeu a mão para trocar um aperto de mãos com Priscilla. — Muito obrigado pelo convite. Sempre apreciei uma boa refeição, em especial com uma companhia tão excelente. — O sorriso de Nick era amplo e carismático.

— É um prazer conhecê-lo também. Estamos contentes que vocês puderam vir. — A mamãe apontou para as cadeiras próximas a ela, e o trio sentou-se nos lugares que ela designou. Nick estava ao lado dela à esquerda. — Espero que esteja gostado da viagem até agora.

— Oh, sim. Tem sido muito empolgante. E conheci algumas das melhores pessoas. — Ele sorriu para Julie, que deu uma risadinha em resposta.

— Disseram-me que vocês, meninas, são do estado de Nova York.

Priscilla virou-se para as irmãs, sentadas logo depois de Nick.

— Sim, senhora — respondeu Jannis educadamente, muito mais moderada do que o habitual. — Somos de Buffalo, em Nova York.

A mãe assentiu.

— Como é que vocês acabaram tendo que viajar sozinhas?

Penny se retesou um pouco.

— Nós devíamos estar juntas de nossa tia — a tia Mary —, mas então... então ela não pôde vir, e viemos de qualquer maneira, já que não queríamos perder toda essa diversão... por causa de nossa pobre tia — ela terminou com pressa.

Julie anunciou:

— Ela quebrou a perna e o médico não deixou que ela viesse.

— Nem devia deixar — concordou Priscilla. — Temos caminhado bastante, mesmo com muletas, isso a atrasaria semanas em sua recuperação, tenho certeza. E vocês já tiveram notícias de sua tia? — prosseguiu a mamãe, para a consternação de Beth.

Por que ela as estava pressionando assim?

— Sim, senhora. Está se recuperando agora, está muito bem.

— Estou feliz em saber. Suponho que receberam uma carta dela numa das nossas paragens?

As moças responderam rapidamente em uníssono, mas nomearam dois portos diferentes. Elas se entreolharam e riram nervosas.

— Na verdade, foi Halifax — afirmou Penny. — Jannis está apenas confusa. Ela está tão ocupada que...

Mas a mãe já havia voltado sua atenção para Nick.

— De onde você vem, Sr. Petrakis?

— Sou de uma pequena cidade perto de Filadélfia. E eu nunca estive muito longe de casa antes dessa viagem. Então tem sido ótimo sair e ver um pouco dos pontos turísticos.

— Julie me contou que você frequentou a universidade.

— Sim, senhora. — O rapaz colocou o guardanapo sobre o colo enquanto o garçom servia copos de água fria e cestos de bolinhos ao redor da mesa. Ele sorriu com facilidade. Parecia que Nick não estava nem um pouco incomodado com as perguntas da mãe. Beth sentiu empatia por ele, lembrando-se de sua própria sessão pouco antes. *Queria que fosse o Jarrick enfrentando as perguntas da mamãe agora.* — Estudei economia por um tempo — disse ele, repetindo o que disse a Beth — mas lamento dizer que não me formei. Mas pretendo tirar um bom proveito do anos que estudei. Estou planejando entrar no mundo dos negócios com um amigo.

Julie se meteu outra vez.

— Eu disse a ele, mãe, que devia falar com o papai, que poderia ser muito útil, tenho certeza, para dar uma chance para o Nick nos negócios.

A mãe sorriu com polidez.

No geral, parecia que Nick havia passado no teste do almoço com a mãe. Até Beth ficou impressionada com suas maneiras e respostas diretas. Ela não tinha tanta certeza sobre a visão da mãe a respeito das irmãs. Mas Julie sorriu como um gato Cheshire durante toda a refeição, mantendo a discrição, embora tenha feito uma interrupção ou duas. Quando se levantavam para deixar o restaurante, o Monsieur Laurent sugeriu que os três convidados partilhassem da caminhada pelas trilhas.

— Oh, sinto muito — disse Nick, balançando a cabeça com pesar. — Tenho que pôr o assunto em dia com alguns dos caras. Planejamos sair em grupo.

— Nós também — Jannis assentiu rapidamente. — Já fizemos outros planos. Mas foi muita gentileza a senhora estender esse convite a nós.

Julie não fez nenhum esforço para esconder seu desapontamento, mas seguiu Beth até o carro que esperava.

— Ele não foi tão charmoso quanto qualquer homem que já conhecemos? — Julie disse em um sussurro alto enquanto subiam.

— Ele foi muito educado — pareceu até exagerado.

— O que quer dizer, Bethie?

Beth achou difícil colocar seus sentimentos em palavras que Julie pudesse receber.

— Ele não pareceu *real*, querida. Parecia que era tudo para mostrar.

Beth viu o rosto de Julie escurecer em uma carranca.

— Todos nós fazemos isso! Estamos sempre dispendo nossas melhores maneiras em momentos importantes. Você não pode lançar isso contra ele. Você não entende.

Julie cruzou os braços e olhou fixamente para a frente.

Beth não pôde deixar de se arrepender de seus comentários. *É possível que tenha sido apenas meu próprio desapontamento depois da conversa com a mamãe que me fez reagir de forma negativa ao Nick. É injusto e cruel sobrecarregar Julie com minhas próprias dúvidas e preocupações.* Beth decidiu consertar as coisas com a irmã o mais rápido possível.

O cenário em Cape Breton era tudo o que Monsieur Laurent prometera. O carro de turismo deslizou pelas colinas em direção ao Bras D'Or Lake, e ele contou a história de alguns inventores

conhecidos da região. Beth ficou fascinada ao saber que Guglielmo Marconi enviara o primeiro sinal de rádio das costas rochosas do Canadá marítimo até a Inglaterra — trazendo o velho mundo quase que milagrosamente para mais perto do novo. Além disso, Alexander Graham Bell, o inventor do telefone e muitas outras coisas, optou por construir sua propriedade nas margens deste lago. Monsieur afirmou que a bela região fazia Bell recordar de seu lar ancestral na Escócia.

E vendo o local pessoalmente, Beth sentiu que poderia entender por completo a escolha de Bell. A caminhada em direção à costa foi exatamente a terapia de que ela precisava. O cheiro rico de terra e sempre-vivas, o sol em seus ombros e o som do vento através da ampla extensão água brilhante — tudo isso serviu como um bálsamo para seu espírito perturbado.

Ela estava escrevendo e reescrevendo uma carta para Jarrick em pensamento, fazendo todas as perguntas que a mãe havia feito. Então ela imaginou as respostas — primeiro de uma maneira, depois de outra — o que sabia que era infrutífero e bobo. Mas o pensamento mais preocupante de todos era: como se sentiria se alguma das respostas não fosse o que ela esperava ouvir? Será que seus sentimentos por ele mudariam?

Por fim, descansando em uma almofada de musgo esticada sobre um tronco caído, Beth olhou para a praia de seixos e orou para se libertar de todos os questionamentos preocupantes.

— Deus querido, creio que posso confiar no Jarrick. Creio que o conheça *realmente* bem o suficiente para isso. Mas mesmo que ele prove ser alguém diferente daquele a quem passei a... apreciar e valorizar, o Senhor é minha forte defesa, e sei que o Senhor vai definir um limite o redor das minhas emoções, meus desejos. Por favor, ajude-me a ajustar a visão que tenho da minha vida, do meu futuro, para estar de acordo com a Sua — Sua vontade sempre vem primeiro, não a minha. Obrigada, Paizinho.

Era quase como se pudesse ver seus pensamentos perturbados se afastando com o vento, carregados acima do lago para as colinas do além.

Beth ouviu passos atrás dela, e se virou rapidamente, surpresa ao ver a mãe escolhendo o caminho com cuidado sobre as pedras irregulares. Beth levantou-se e correu para junto dela, com a mão estendida para pegar o braço da mãe.

— Mamãe! Pensei que você estava caminhando com os outros pela praia.

— Eu estava, querida. Mas você parecia tão sozinha. Fiquei me perguntando se havia algo incomodando você. Tem alguma coisa, Beth?

Sim, suas perguntas sobre Jarrick têm me incomodado — suas dúvidas sobre ele.

— Só estive orando a respeito de... de tudo. O que falamos esta manhã sobre Jarrick. — Mas antes que a mãe pudesse responder, Beth acrescentou: — Conte-me sobre seu namoro, mamãe. Por favor. Sei que você e o papai se conheceram na igreja, mas tenho certeza de que há muito mais na história do que já ouvi antes.

Depois de passar a mão num lugar no tronco e dispondo um lenço, a mãe abaixou-se devagar, sentando-se muito rígida no banco desconhecido. Beth juntou-se a ela.

— Você não vai querer ouvir sobre isso — disse a mãe com um aceno desdenhoso da mão. — Parece uma outra vida agora, foi há tanto tempo.

— Oh, mas eu quero. Quero mesmo.

Por um momento, ela se perguntou se a mãe responderia. Priscilla estava balançando a cabeça e tentando empurrar fios de cabelo perdidos de volta para o lugar sob o chapéu. Mas, por fim, ela disse em tom de voz baixo:

— Éramos muito jovens — ou melhor, da minha perspectiva agora, parecia que éramos muito jovens. Na verdade, eu era quase uma velha solteirona naquela época, tinha vinte e quatro anos.

— Você soube na hora que ele era *o escolhido*? — Beth perguntou.

— O escolhido? Que ideia! — a mãe disse com uma risada. — Ele foi uma escolha sensata, ou foi o que pensei na época. Meus pais, no entanto, não estavam totalmente convencidos. Ele ainda não tinha provado a si mesmo, não havia subido muito acima de seus escassos primórdios. Mas ele era inteligente e um bom ouvinte. E ele se lembrava das coisas — como o doce favorito de sua avó, e o tipo de isca de pesca que seu avô mais gostava. Ele era um verdadeiro cavalheiro por natureza e, à sua maneira tranquila, os conquistou.

— Que tipo de coisas vocês fizeram juntos... antes de se casarem?

— Oh, minha querida, nós *nunca* fomos permitidos ficar sozinhos! Não era de forma nenhuma apropriado em nossa ordem social. Podíamos nos sentar juntos na sala, enquanto as portas

permanecessem bem abertas — ela espantou uma mosca —, e se meu pai estivesse por perto. E podíamos caminhar juntos pela estrada principal da cidade, com pelo menos um dos meus irmãos atrás, embora nunca a muitos passos de distância.

Beth balançou a cabeça e riu em voz alta.

— Eles não confiavam *nele*? Estamos falando sobre o *papai*!

A mãe se juntou ao riso. Mas ela voltou a ficar séria quando disse:

— A confiança deve ser conquistada, e isso ainda é verdade hoje, querida. Esperar qualquer coisa menos que isso era considerado má criação, como deixar uma raposa entrar dentro do galinheiro, por assim dizer. Não sou tão rigorosa como os seus avós. Isso já é alguma coisa, não é?

Beth apenas assentiu e elas ficaram em silêncio, enquanto o vento sussurrava ao seu redor. Por fim, a mãe falou de novo.

— Fazia muitos anos que eu não pensava naquele tempo, sobre como éramos naquela época — seu pai e eu. A Margret chegou no nosso segundo ano de casamento, e então toda a minha atenção parecia estar focada nela. Seu pai estava longe grande parte do tempo, nos primeiros anos, em que ele estava trabalhando duro para construir o negócio. Eu não tinha ninguém com quem compartilhar meus dias e minhas noites. Eu estava feliz, é claro, mas também muito solitária — tinha que organizar uma casa, sem qualquer experiência em contratar uma equipe, criar um filho, esperando um segundo... que acabou sendo você. — Ela pegou a mão de Beth. — Você pode não pensar assim agora, mas eu entendo o que é estar casada com um aventureiro, administrar um lar sozinha. Eu não escolheria isso para você se dependesse de mim. Mas você deve tomar sua própria decisão. Eu só posso guiá-la com conselhos sobre a forma como vejo as coisas.

— Eu agradeço, mamãe. Entendo que você quer o melhor para mim. Entendo mesmo.

Sua vontade, Pai querido, Beth orou em silêncio enquanto estavam sentadas juntas. Nem a vontade da minha mãe nem a minha. Apenas a Sua vontade.

Capítulo 17

Sem precisar mais estímulos de Beth, Julie produziu três pinturas acabadas durante um dia tranquilo no mar. O fiorde com as baleias surgindo na superfície, uma pequena vila de pescadores escondida entre as árvores, com uma fileira de barcos balançando amarrados ao cais, e a intrincada costa esculpida no oceano que Beth havia esboçado. Ela ficou emocionada com cada pintura, admirada de que a irmã havia capturado não apenas as formas e cores corretas, mas a sensação de cada localidade. E mesmo com os detalhes adoráveis, Beth descobriu que ela mais apreciava a água — os muitos tons de azuis e verdes nas ondas, o senso de movimento —, como se pudesse ouvir o rugido das ondas e cheirar o esguicho salgado. Ela estava fascinada.

— São magníficas! — Margret elogiou a irmã.

— Como você... ? Era exatamente assim!

Julie sorriu e aceitou os comentários elogiosos antes de sair correndo para ficar com as amigas, com certeza desfrutando as porções de alto mar das viagens pelos portos de escala. Beth tentou não se perguntar se a irmã preferia as novas amigas a despeito da família e esperava que fosse apenas o ritmo atraente das atividades a bordo.

Elas estavam na área de convés familiar, onde JW espalhava seus brinquedos favoritos, agora pequenos barcos e uma banheira de água. Ele jogava os brinquedos na água alegremente ao lado da cadeira da mamãe, às vezes trazendo um brinquedo pingando para compartilhar com a “Titi Bet”. Margret saiu para descansar no andar de baixo. Eles recaíram mais uma vez no ritmo confortável da vida no mar.

— Mãe, acredito que vou dar uma caminhada.

— Claro, querida. Certifique-se de levar seu chapéu. Sabe quando vai voltar?

— Não vou demorar — prometeu Beth.

A semente de uma ideia estava se formando. Ela tentou colocá-la de lado, considerando-a absurda, mas permaneceu. *Por que não enviar outro telegrama para Jarrick? Eu poderia sugerir um momento para conversarmos outra vez.*

Beth caminhou para o escritório do navio mais uma vez, o estalido de seus calcanhares ecoando no corredor enquanto se aproximava de seu destino. Quando estendeu a mão para a maçaneta da porta, Beth hesitou, em seguida, passou em direção ao convés mais adiante. Ela se inclinou contra a balaustrada e reuniu seus pensamentos. *O que eu diria — exatamente? Quem será que leria o telegrama além do Jarrick? Devo enviá-lo para a postagem do RPMC em Lethbridge, ou poderia ser enviado para ele pessoalmente?*

Uma forte brisa do oceano puxou o cabelo de Beth, com mais fios se soltando a cada minuto. Sabia que se ficasse muito mais tempo, ia parecer ainda mais estranha do que sentia.

Resoluta, ela entrou e passou as mãos sobre os cachos indisciplinados. Empertigando-se, Beth se moveu em direção ao escritório.

— Eu gostaria de um formulário para enviar um telegrama, por favor.

O rapaz sentado do outro lado da mesa entregou para ela uma folha de papel.

— Preencha exatamente como a senhorita pretende que seja lido. Cobramos por palavra, então é melhor ser o mais breve possível.

— Sim, obrigada. Já enviei um antes — Beth assegurou-lhe.

Indo para a outra extremidade do balcão, Beth inclinou-se e lançou-se em seu projeto. *O que a mamãe diria se soubesse? E pior, a Sra. Montclair iria repreendê-la por ser tão ousada!* Beth endureceu-se contra as palestras mentais. *É o Jarrick. Não vai se importar. Ele vai entender; ele vai querer saber.*

Com cuidado, ela escreveu as palavras a lápis, apagando apenas uma ou duas vezes para editar tudo.

*Perguntas da mãe — ESPAÇO — preciso conversar — ESPAÇO —
melhor hora para ligar para Halifax domingo à tarde — ESPAÇO —
Barthum House — ESPAÇO.*

Beth colocou o lápis no balcão ao lado do formulário. Ela não conseguia pensar em outra maneira de indicar o que queria que ele soubesse. Com fervor esperava que qualquer um, que não fosse Jarrick, que visse o telegrama teria tão pouca informação, que não

faria suposições a partir daquelas palavras.

Ela entregou o formulário de volta para o homem detrás da mesa. O rapaz deu uma lida rápida e sorriu.

— Soletre o nome mais uma vez para mim, senhorita.

— J-A-C-K T-H-O-R-N-T-O-N — ela respondeu, lembrando-se a tempo que ninguém mais se referia a ele como Jarrick.

— E quer que seja enviado para o posto da RPMC em Blairmore, Alberta?

— Sim — ela murmurou.

— Uh-huh.

Ele sorriu outra vez, mas não fez mais comentários.

Beth contou o dinheiro. Era mais do que ela esperava, já que Monsieur Laurent a instruiu a mandar a cobrança do telegrama anterior para seu quarto.

Apressando-se pelo corredor estreito, Beth esperava que tivesse feito a coisa certa. A expressão no rosto do jovem havia ficado gravado em sua mente. Parecia que o rapaz tinha visto através do que ela esperava ser a natureza não especificada da mensagem.

Capítulo 18

Quando Beth acordou na manhã seguinte para ver um céu nublado e condensado, o navio já estava ancorado no porto de Halifax. Se Jarrick tivesse recebido o telegrama ontem, este poderia muito bem ser o dia em que ele ligaria. O pensamento causou um arrepio de empolgação, bem como de apreensão, por todo seu corpo. Como ele reagiria?

— Bethie, está acordada? — a voz sonolenta de Julie murmurou do outro lado do pequeno quarto.

Beth se virou para o lado contrário à janela e lançou uma olhada interrogativa para a irmã. Julie ainda não havia emergido de debaixo de sua confusão de cobertas.

— Sim, querida. Estou acordada. E você também deveria estar, ou a mamãe vai vir bater na porta.

As cobertas se mexeram, mas Julie não apareceu.

— Estamos em Halifax. O navio deve ter ancorado durante a noite.

— Vamos fazer outro passeio? Espero que não.

Beth sorriu.

— Não, irmã querida, hoje é domingo. Vamos à igreja.

Julie gemeu.

— Não seja assim. Sei que você quer ficar com suas amigas. Mas por que não as convida para ir junto?

Uma mão estendeu a mão e tirou as cobertas do rosto dela.

— Você acha que o Monsieur Laurent as deixaria andar conosco?

— Bem, a mamãe provavelmente deixaria. Tenho a certeza de que ela estaria a favor de que as moças nos acompanhassem.

Julie deslizou os pés de debaixo das cobertas e se levantou devagar.

— É uma boa ideia. Vou perguntar a elas depois do café da manhã.

Pela primeira vez em vários dias, Margret apareceu no café da manhã. Estava vestida para o culto e parecia determinada a não permitir que mais náuseas a segurassem.

— Eu forrei o interior da minha bolsa — ela sussurrou para Beth. — Por precaução.

— Oh, meu Deus, eu certamente espero que você não precise usá-la! — Beth agarrou-se à mão de Margret.

— Felizmente, quando chegarmos à igreja, vou me sentir melhor. Não quero perder o culto por medo de passar constrangimento.

Então, uma abatida Julie voltou. Seu convite fora recusado. As viajantes dirigiram-se para os táxis.

— É estranho — comentou Beth enquanto olhava para a cena que passava. — As árvores são todas tão pequenas aqui. Monsieur, as árvores não crescem bem nesta parte da Nova Escócia?

Ele se virou para responder, uma expressão séria em seu rosto.

— Oh, não, senhorita, não foi esse o caso. Mas congratulo a senhorita pela atenção. O que notou sobre as árvores é devido a uma enorme explosão no porto de Halifax durante a guerra.

— Derrubou todas as árvores?

Beth estava na adolescência quando ouviu falar da calamidade. Ela não podia imaginar um evento como esse.

Monsieur Laurent assentiu.

— Nivelou quase tudo nesta parte da cidade, estourando janelas por quilômetros em todas as direções. A onda de choque da explosão foi sentida até mesmo a longa distância, como em Cape Breton e Prince Edward Island. A maior parte do que vocês viram próximo ao porto são novas construções. E embora a cidade esteja trabalhando duro para se reconstruir, a triste verdade é que os terrenos baldios por onde estamos passando agora já tiveram negócios prósperos.

Toda essa área foi devastada! Essas pobres pessoas! Beth lamentou em silêncio.

Priscilla comentou:

— Oh, Deus, não consigo nem imaginar. Foi causado por uma colisão de navios, não foi, Monsieur Laurent?

— Sim. Um deles estava fortemente carregado com explosivos, destinados à guerra. A colisão dos dois navios causou um incêndio a bordo, que se espalhou rapidamente, detonando a carga imediatamente.

— Lembro-me de ler sobre isso no jornal — respondeu Priscilla.

— Sim, madame. Infelizmente, houve milhares de mortos e feridos. Meu filho Henri passou pelo porto não muito tempo depois. Ele mal podia expressar em palavras a devastação que viu. Mas muito progresso foi feito desde então — muito mais do que quando estive aqui pela última vez. — Ele virou o rosto, coma a voz um pouco embargada. — Mas Deus é bom, Ele pode restaurar. É o que Ele faz com maestria. O verde novo cresce por enquanto... e um dia, Ele vai restaurar até mesmo entes queridos que foram tirados deste mundo.

— Amém — Beth sussurrou.

A pequena igreja que as famílias visitavam tinha janelas de vidro transparente, embora a fotografia exibida no saguão mostrasse o adorável vitral que existira. Havia uma caixa debaixo da fotografia, para recolher doações para substituir o que havia sido destruído.

A devoção fiel dessas pessoas era mais cativante para o coração de Beth do que a mensagem do púlpito. Quando Beth saiu atrás da família, ela depositou o dinheiro que tinha na caixa de coleta. Percebeu que a mãe e a Sra. Montclair tinham feito o mesmo. Até mesmo Monsieur Laurent fez questão de contribuir com algo.

— Bethie, sente-se. — Julie já havia reclamado várias vezes, embora Beth não tivesse ideia de porque seu movimento parecia importar tanto. — Você está me deixando tonta.

Havia pouco para Beth fazer além de andar de um lado para o outro no quarto do hotel. A leitura tornou-se impossível enquanto esperava. Dava para ouvir o violino de Victoria no quarto ao lado. Embora ela tocasse muito bem, Beth se perguntou se talvez o som fosse o que estava sobrecarregando a paciência da irmã.

— Quer jogar mahjong, Julie?

— Não.

— E o xadrez? Vi um conjunto na sala de estar.

— Não, você sabe que nunca consigo vencê-la.

— Você poderia vencer se não desistisse no meio do caminho.

— Beth balançou a cabeça. — Damas então? O que acha?

Julie levantou a cabeça da pequena tela que tinha a sua frente.

— Se eu puder ter um pouco de paz e sossego, por favor. Gostaria de terminar este farol. Não é isso que você tem me incomodado para fazer? Como você pode me aborrecer agora enquanto estou trabalhando?

Ela balançou a cabeça, mas parecia apenas levemente irritada. Era evidente como Julie gostava de pintar.

Beth sentou-se na cama. Já passara das duas horas.

Ela já visitara a recepção muitas vezes, e sabia que eles estavam começando a ficar incomodados. Beth deitou-se em cima da colcha e olhou para o teto. Por fim, Beth desistiu de permanecer no quarto, e desceu mais uma vez sozinha para o saguão, sentando-se perto da janela. Pouco depois das quatro horas, ela ouviu a voz do valete.

— Senhorita Elizabeth Thatcher, há uma chamada para a senhora na recepção.

Beth desceu do assento, quase derrubando o jovem que se aproximava dela. Ele apontou para a saleta ao lado do saguão, na qual um telefone esperava em uma mesinha com uma cadeira de madeira ao lado. Beth fechou a porta estreita e sentou-se, grata pela inesperada privacidade.

Levantando o receptor, ela falou ofegante:

— Jarrick?

— Sim, Beth, é o Jarrick. Recebi seu telegrama. Aconteceu alguma coisa?

— Não, não há nada de errado. É só... eu estive... isto é, temos discutido as coisas, e... — O discurso planejado com cuidado já havia evaporado de sua mente. — Tem sido tão difícil alcançar você. Não conseguimos conversar em Charlottetown. E então minha mãe... bem, ela começou a fazer perguntas que eu não conseguia responder. Queria tanto falar com você.

A fé de Beth em seu próprio julgamento estava vacilante.

— Sim, entendo.

— Espero que você não se importe. Sabia que uma carta levaria muito tempo.

— Mas, Beth, é só que... fiquei preocupado quando li o seu telegrama. Pensei que talvez houvesse um problema.

Beth enrolou o cabo do telefone em volta do dedo.

— Oh, eu sinto muito. Não era minha intenção preocupá-lo. Só pensei em acelerar um pouco o processo — por causa da minha mãe. E por minha causa também.

— Eu estava longe do nosso posto aqui. Informaram-me sobre o seu telegrama quando entrei por rádio. Então voltei para Lethbridge esta manhã para falar com você.

Beth sentiu-se fraca.

— Oh, Jarrick, sinto muito. Eu não tinha ideia de que isso causaria problemas para você. Lamento muito, muito mesmo! Nem sei o que dizer.

As palavras foram sufocadas por seu arrependimento e humilhação. *Então a mãe estava certa, afinal! Isto é um erro.*

O som de Jarrick limpando a garganta cruzou as centenas de quilômetros da linha telefônica até ressoar no ouvido de Beth. As palavras dele vieram com suavidade.

— Está tudo bem, Beth. Estou apenas aliviado por não haver nada de errado. E, bem, valeu a pena a viagem apenas para ouvir sua voz mais uma vez. Fiquei desapontado também por nossa última conversa ter acabado cedo demais. Havia muito mais que eu queria dizer.

— Você me perdoa?

— Ora, não há nada para perdoar. — Uma pausa terrível persistiu entre eles antes de Jarrick assumir o comando. — Como é Halifax?

Beth tentou rir, mas pareceu bastante superficial.

— É grande e bonita. Vimos muitas evidências da explosão, mas a cidade parece estar se recuperando rapidamente... — Então ela parou, repetindo mais uma vez: — Jarrick, de verdade, eu sinto muito.

— Por favor, não fale mais sobre isso. Sei que você seria a última pessoa na terra a incomodar alguém de forma deliberada. Você é considerada até demais, Beth. Por favor, vamos esquecer tudo isso agora e aproveitar o tempo que temos para conversar. Quem sabe

quando vamos ter a oportunidade de novo?

— Obrigada. Você é muito gentil.

Eles conversaram de forma desajeitada por alguns momentos sobre os lugares que as turistas haviam visitado recentemente, e Jarrick explicou parte do trabalho que o mantinha tão ocupado. Beth franziu o cenho quando ele descreveu com que frequência foi obrigado a viajar por todo seu grande posto. Por fim, ele pareceu se lembrar da urgência da mensagem de Beth.

— Você disse que sua mãe tinha perguntas. Só posso supor que eram sobre mim. O que é que ela gostaria de saber?

— Não é tão importante agora — disse Beth.

— Se não agora, então quando?

Respirando fundo, Beth tomou coragem. Ela fez uma enorme bagunça, e foi muito diferente da maneira como imaginou a conversa.

— Bem, para começar, suponho que deveria saber quantos anos você tem.

Ele riu.

— Sim, eu acho que deveria. Tenho 29 anos. Meu aniversário é em dezembro.

— Eu estava em Coal Valley em dezembro passado — argumentou Beth. — Não me lembro de ninguém mencionar isso.

— Eu não estava por perto no dia 3, e não estava procurando chamar muita atenção de qualquer maneira.

— Três de dezembro. — Beth fez uma nota mental. — E se você tiver quase trinta...

— Muito obrigado! — ele interrompeu em tom irônico. — Não há necessidade de você atirar em mim no processo.

Beth riu.

— Tudo bem, então, se você só tem vinte e nove, minha mãe questionou se você tinha servido na guerra.

Houve uma pausa. Quando ele falou de novo, sua voz ficou séria.

— Bem, eu queria me alistar. Foi um grande problema entre eu e meu pai. Ele me pressionou muito para não ir, a menos que fosse convocado. Por fim, ele me disse para orar e pedir que Deus tomasse a decisão por nós dois. Vi um dos meus irmãos e muitos dos meus

amigos serem chamados e, garanto-lhe, senti que eu era um fiasco por não ter me juntado a eles. Meu chamado só chegou perto do fim da guerra. Só completei um treinamento básico, e então foi alcançado o armistício. Minha mãe ficou muito feliz. Mas sempre senti que não era justo, senti como se não tivesse cumprido o meu dever.

Beth percebeu que a mãe tinha razão. A informação adicionava uma camada totalmente nova à imagem que ela havia formado de Jarrick em sua mente. Ela também estava grata por ele ter sido poupado, mas orgulhosa dele por querer ajudar a proteger seu país.

— Você não precisa se sentir assim — ela o tranquilizou com voz suave. — Você honrou os desejos de seu pai, essa era a coisa certa a fazer. E além disso — ela acrescentou —, você está servindo seu país agora.

— Eu com certeza espero que sim.

Uma pergunta ocorreu a Beth.

— Então, o que seu pai pensou quando você escolheu se tornar um Mountie?

— Ele não ficou muito satisfeito no início, ainda mais quando descobriu que eu provavelmente seria enviado para o oeste. Ele estava trabalhando para fazer a fazenda prosperar enquanto pastoreava também. Meu pai queria muito que os filhos crescidos ficassem próximos, compartilhassem o trabalho e os benefícios.

— Oh, meu Deus. Eu sei bem como é isso. Os pais que têm seu próprio plano em mente. Acredite-me eu sei.

Por algum tempo, compartilharam perguntas sobre suas vidas antes de Coal Valley. Jarrick ficou muito surpreso ao saber dos problemas de saúde que Beth tivera na infância, e ela teve o prazer de obter mais informações que poderiam ajudar a tranquilizar a mãe — em especial que ele nunca havia cortejado uma mulher, pois estivera focado demais em sua carreira.

— Parece que você tem uma família muito unida — Beth ficou maravilhada. — Suas histórias me lembram das reuniões na casa do meu avô, embora não pudéssemos nos reunir com tanta frequência quanto sua família. As lembranças desses tempos são tão especiais para mim.

— Não quero dar a impressão de que minha família é perfeita, Beth, ou que sempre nos demos bem. Acho que nos concentramos no que escolhemos e minimizamos o que decidimos ignorar de forma

proposital. Por exemplo, eu poderia ter contado algumas coisas não tão agradáveis que alguns dos membros da minha família provavelmente teriam começado. Minha prima que apenas diz em voz alta o que ela está sentindo, não importa quem possa estar ouvindo. Meu tio que é muito duro com seus filhos e às vezes com os sobrinhos também. Meu irmão mais velho que é muito competitivo, e poderia prosseguir. Acho que todos nós temos algo em nosso caráter que pode nos tornar difíceis de suportar às vezes. E nossas famílias sempre têm um assento na primeira fila para todas as nossas peculiaridades e fraquezas.

— E você? — ela tentou provocá-lo. — O que o torna difícil de suportar?

— Bem, isso foi direto. — Beth podia ouvir o som de um estremecimento em sua voz. — Meu Deus, eu ia detestar que você expusesse tudo para sua mãe em tantas palavras, mas, é claro que tenho meus defeitos.

— Oh, Jarrick, não estou perguntando pela minha mãe. Eu não tenho intenção de relatar algo assim para ela — e, para ser franca, você nem precisa responder, se não quiser. Talvez seja uma pergunta muito difícil.

Uma pausa.

— Não, eu acho que é justo. E você pode ter certeza de que Lester Carothers — esse é o cavalheiro com quem tenho me encontrado da Igreja — ele não deixa de perguntar. Por um lado, eu tendo a concentrar toda a minha energia em apenas uma coisa. E talvez isso possa parecer algo não tão ruim. Mas pergunte ao Philip o que acontece com todo o resto quando eu fico muito envolvido no trabalho. Ele vai dizer que posso deixar que outras coisas caiam no esquecimento. E às vezes sou muito duro com pessoas próximas a mim — é provável que tenha puxado isso do meu pai. Costumo esperar que os outros sejam tão inflexíveis quanto eu.

— Sim, posso ver como isso pode ser difícil.

Ela sorriu para si mesma. Nesse momento, em que estava sentindo tanta falta dele, essas coisas dificilmente pareciam ser obstáculos.

Ele suspirou.

— Não só isso, mas há um incidente bastante infeliz no meu passado que deixou uma sombra pairando sobre a minha cidade natal para mim. É bem possível que quando você vier visitar, alguém ache que é engraçado trazer isso à tona de novo.

O coração de Beth saltou ao ouvir as palavras *quando você vier* e não *se você vier*. Ela esperou enquanto ele tomava coragem.

— Quando eu era mais jovem — tinha cerca de treze anos — meu amigo e eu fomos contratados por um vizinho para realizar alguns trabalhos na fazenda dele. Ele tinha um trator novinho em folha, um dos primeiros de nossa região. Era um veículo pesado e enorme, e ele pagou uma pequena fortuna pelo trator. O rapaz ia deixar um de nós dirigir o trator enquanto o outro trabalhava ao lado do fazendeiro. A verdade é que, até hoje, nem sei direito o que aconteceu. Não sei se alguém estava pregando uma peça no fazendeiro ou o quê. Mas o motor parou quando o ligamos de novo depois do almoço, e encontramos um grande pedaço de metal preso nas engrenagens abertas da máquina recém-comprada. Não poderia ter ido parar ali por algum evento natural, alguém tinha que ter prendido ali de propósito. De qualquer forma, causou muitos danos. E então parece que toda a comunidade se envolveu — todos tentando julgar se tinha sido meu amigo ou eu quem tinha feito aquilo.

“Eu fiquei arrasado. Esperava que minha mãe e meu pai me defendessem, porque eles me conheciam bem o suficiente. Suponho que eles me viram falhar muitas vezes também, o que, sem dúvida, afetou a reação deles. Mas no final, acho que eles não tinham certeza de que podiam confiar na minha versão da verdade. Claro, o outro menino foi irredutível, dizendo que ele não tinha feito isso, e o filho do fazendeiro apoiou a história de que o outro menino nunca saiu de sua vista, enquanto eu tinha usado o banheiro externo sem ter mais ninguém por perto. Então meu pai acabou pagando a maior parte dos custos para fazer os reparos, dinheiro que como família de pastor, não tínhamos para gastar assim. De vez em quando alguém em casa traz à tona essa história outra vez — como se fosse uma piada. Mas nunca foi engraçado para mim. Ainda é muito arrasador, até hoje. Odiei ver a rapidez com que minha reputação poderia ser destruída, e há muitas pessoas na cidade que nunca me deixaram esquecer também.”

— As pessoas podem ser tão imprudentes, até cruéis.

Beth sentiu pena dele.

— Até hoje, continuo me perguntando se devo pagar ao meu pai pelos custos de reparo, é o que quero fazer. Não era justo que ele tivesse que suportar as consequências. E então entra em ação o outro lado da discussão. Ele disse que acreditava em mim, mas deve ter duvidado — ou pelo menos não tinha certeza se eu estava dizendo a verdade, considerando que ele foi em frente e pagou os danos. Se eu pagasse de volta agora, poderia dar a impressão de que eu tinha finalmente dado atenção à minha consciência pesada. Eu

simplesmente não consigo pensar em perder o último fragmento de fé que meu pai tem em mim. Pode parecer... como se eu ainda fosse criança, mas a confiança dos meus pais em mim ainda é importante.

“Então acho que isso é parte da razão pela qual eu fui para a área de aplicação da lei. Quero ser uma pessoa que garanta que a parte de fato culpada seja encontrada o mais rápido possível — e que o julgamento seja justo. Sem bodes expiatórios, sem cortes na justiça. Sei que não posso estar certo o tempo todo, mas levo isso muito a sério. E eu nunca quero ver os inocentes punidos.

Beth balançou a cabeça, embora ela soubesse que ele não podia vê-lo.

— Isso é terrível. Lamento muito que tenha acontecido com você.

— Bem, como eu disse, ninguém tem uma história perfeita. Nenhum de nós passa a vida sem ganhar algumas cicatrizes. Mas essa foi uma grande para mim, e acho que Deus usou essa situação para me ensinar muito. Então, suponho que deste lado do céu, é o máximo que se pode pedir.

— Não — Beth disse com gentileza —, isso não é *tudo*. Porque Ele também traz pessoas para sua vida que querem compartilhar essas memórias dolorosas e, com sorte, ajudarão na cura. Você não está sozinho, Jarrick. — Ela fechou os olhos e imaginou seu rosto diante dela. — Eu acredito no homem que você é.

Um longo suspiro.

— Queria que você estivesse aqui, Beth. Receio que você tenha se tornado *aquela algo especial* na minha vida que torna difícil pensar em qualquer outra coisa. E eu quero alguma evidência de um futuro juntos para nós — uma expectativa. Estou fazendo tudo o que posso para conquistá-la, e você nem sequer está aqui. — Ele se apressou em acrescentar: — Não estou tentando apressar você, Beth. Só estou sendo honesto. Está tudo bem?

Ele nunca tinha sido tão sincero antes. Agora era a chance de Beth responder. Ela sabia que ele estava esperando, em silêncio até que ela ousasse ser tão ousada com suas palavras. Muito lentamente, ela formulou sua resposta cuidadosa.

— Jarrick, ainda sou responsável perante meu pai. Não quero dizer isso de uma maneira terrível e antiquada, mas porque ele é meu guardião e me ama. Quero honrá-lo da melhor maneira que puder.

— Claro, Beth. Eu também quero isso.

— Estou bem ciente de como seria difícil para minha família se eu me afastasse deles — para sempre. — O pulso dela estava acelerado. — Mas estou confiante de que Deus está trabalhando em minha vida, me dirigindo. E sei que Ele me trouxe para Coal Valley por uma razão — muitas razões, de fato. Sou uma pessoa diferente agora do que era quando saí de casa no ano passado. Mais confiante em Deus, mais disposta a deixá-Lo ser o Líder, o Guia em minha vida. Eu confio que Ele tem um plano nisso também. E estou orando para que Ele o revele. — Lágrimas inundaram os olhos de Beth. — Mas se eu falar do meu coração, então sim — sim, estou completamente certa de que quero compartilhar sua vida. Se Deus quiser, ser sua esposa.

Suas últimas palavras mal foram audíveis através dos estalos da linha telefônica.

Uma longa pausa. Ela pôde ouvir o sorriso na voz dele quando ele disse:

— Sua resposta é tão bem estruturada, tão diferente da maneira como eu penso. Nunca conheci ninguém como você. De alguma forma, apenas nesta conversa você conseguiu me fazer querê-la ainda mais. Eu não achava que isso fosse possível.

Beth riu mesmo entre lágrimas felizes.

— Que coisa terrível fazer um ao outro, com semanas de ausência ainda entre nós — talvez até mais.

— Você está certa. Mas estou decidido a ser paciente, embora não seja fácil. Sinto mais sua falta a cada dia. Fico lembrando a mim mesmo de que devo confiar que logo você estará de volta. Ou então talvez eu vá apenas tentar uma vaga de trabalho para servir no leste.

— Não, não, Jarrick, não há necessidade de forçar as coisas. Deus fará Sua vontade acontecer se Ele estiver nisso. E acho que Ele provavelmente está. Mas esperar ainda é a única opção verdadeira. — Ela podia sentir suas bochechas ardendo, seu coração transbordando de emoção. — Sinto que combinamos muito, que podemos realizar muitas coisas juntos, já que compartilhamos uma missão semelhante na vida. Você precisa de alguém que possa cuidar de todos os detalhes não planejados enquanto estiver pegando a manopla e perseguindo seus dragões. Eu ficarei muito honrada se puder ser sua companheiro ajudante.

Ele exalou devagar.

— Vai ser um verão *terrivelmente* longo.

— Sim — ela ecoou —, vai mesmo.

As últimas palavras que Beth ouviu antes do clique do receptor desconectando fizeram seu pulso disparar mais uma vez.

— Eu amo você, Beth. Adeus.

Ela colocou o telefone de volta no lugar devagar. *Será que havia ainda alguma hesitação? Como Deus poderia não estar guiando tudo isso?* Ela então ficou sóbria. Perguntou-se como responderia se Deus a levasse para outro lugar. Será que ela conseguiria realmente se afastar de Jarrick agora? Beth deixou a pergunta de lado.



Beth correu de volta para o quarto de hotel que compartilhava com Julie. A irmã ainda estava na mesma posição, dando os retoques finais no farol brilhante listrado que estava pintando. *Será que ela reparou na minha ausência?*

— Julie — disse Beth, quebrando o silêncio —, eu finalmente consegui falar com Jarrick.

— Isso é bom.

Ela esfregou o pincel na mancha vermelha em sua paleta de madeira e acrescentou mais cor à listra.

Beth tentou outra vez.

— Querida, disse que falei com Jarrick por telefone agora. Você me ouviu, Julie? — A irmã largou o pincel, sorriu para o trabalho e olhou para cima. — Acabei de passar um tempo com Jarrick por telefone. Finalmente consegui conversar com ele.

— Oh, que bom. Correu tudo bem?

— Muito bem.

Julie deu apenas um olhar para o brilho nas bochechas de Beth se aproximou. Ela estava dando toda a sua atenção para Beth agora.

— Quão bem? Como correu tudo bem?

— Muito, muito bem.

Julie pegou as mãos de Beth e riu, expressando sua alegria.

— Eu sabia! Eu sabia! — As irmãs jogaram os braços uma ao redor da outra e riram. — Conte mais — exigiu Julie.

Beth corou, olhou para as mãos apertadas.

— Parece que estamos na mesma sintonia.

— Oh, Bethie, não seja tão enigmática. Ele ama você ou não?

— Beth assentiu com a cabeça e Julie explodiu em gritos alegres. — Estou muito feliz por você, minha querida irmã. — Julie viu seu reflexo no espelho do quarto do hotel. Ela chamou a atenção de Beth para o espelho e sussurrou:

— Olhe para você! Você será uma noiva tão bonita. A cabeça de Julie veio descansar contra a de Beth, seus braços ainda ao redor uma da outra. Cachos curtos e apertados emolduravam o rosto animado de Julie. O rosto de Beth, muito mais sereno, ainda estava corado de alegria. Por um momento, elas olharam juntos para a imagem de si mesmas, tão próximas, tão diferentes. Então o deleite no reflexo de Julie diminuiu. — Mas, Bethie, como posso deixar você partir? Vou sentir tanto sua falta. — Ela pareceu ponderar por um momento e depois sorriu outra vez. — Suponho que terei que segui-la.

Capítulo 19

— Madame, eu insisto veementemente que permaneçamos juntos.

A Sra. Montclair se manteve irredutível.

— *Sr. Lorant*, se as mães das meninas se sentem confortáveis em permitir que façam uma curta excursão por conta própria, então não vejo que motivos o senhor tem para resistir. Afinal, somos as *mães* e *guardiãs* delas.

Com igual obstinação, embora mais controlado, o Monsieur respondeu:

— E eu, madame, sou o guia contratado pelos *pais* das meninas para manter todas vocês em segurança. Fui escolhido para esta posição porque tenho um amplo conhecimento sobre as viagens nessas áreas. Um conhecimento que, devo salientar com relutância, a senhora não tem, apesar de sua maternidade. Eu não assumi esta confiança de forma leviana, e não tenho intenção de me esquivar da responsabilidade agora.

— Não faz diferença para mim como o senhor resolve o problema em sua própria mente. Independentemente de suas convicções, estou dando meu consentimento a Victoria para que ela possa ir com um grupo de colegas a este concerto no parque. Não vejo nada de errado com minha decisão e, portanto, não serei persuadida. Pelo amor de Deus, é apenas um concerto! Victoria participou de muitos deles. Ela vai ouvir gaitas de foles, junto com violinos celtas, além de outras coisas. Não vou negar a ela essa experiência. É precisamente o tipo de coisa que eu esperava que ela encontrasse nessas férias.

Fazia algum tempo que Beth não observava a Sra. Montclair tão aborrecida. Beth ficou encarando o prato.

— Priscilla — disse a Sra. Montclair, pedindo apoio à mamãe —, o que você diz sobre isso?

De onde estava sentada ao lado da mãe, Beth podia vê-la segurando as mãos firme em seu colo.

— Não tenho certeza, Edith. Quem disse que as supervisionaria?

— Três funcionários do navio vão estar presentes. Eles estarão com as crianças em todos os instantes — não poderia ser mais seguro.

— Eu não sou mais criança — murmurou Victoria.

Beth vislumbrou o rosto de Julie a tempo de vê-la revirando os olhos e tentou não sorrir. Era um momento inadequado para elas se divertirem.

— Você pode fazer o que quiser, Priscilla. Quanto a mim, vou permitir que Victoria vá junto, e essa é a minha última palavra sobre o assunto.

Beth podia sentir a tensão da mãe com facilidade. Os segundos passaram. Beth expressou seu grande interesse em ir, enquanto Julie praticamente bateu um pé e insistiu em ir ao concerto. A Sra. Montclair e a mamãe deviam participar de um almoço relacionado a negócios em nome de seus maridos. Beth lembrou-se da expressão de gratidão demonstrada pelo pai, ao ver que a mãe estava disposta a intervir. Monsieur Laurent tinha seu próprio compromisso, o que significava que as três mais jovens estariam no concerto por conta própria, pois Margret declinara o convite.

Por fim, a mãe perguntou com calma:

— O que você acha, Beth? Você já viajou sozinha.

Beth parou de comer e olhou ao redor da mesa. Ela engoliu seco. *Será que isso era um teste? Será que a mamãe está mesmo buscando minha opinião?*

— Não tenho certeza, mamãe. — Ela sabia sem olhar que Julie estava desesperada por uma resposta positiva. — O papai escolheu o Monsieur Laurent para ser nosso guia — ela começou a dizer com calma. — Por outro lado, estaríamos andando em um ônibus oferecido pelo navio, e só ficaríamos no parque o tempo suficiente para o concerto. Não consigo pensar que mal poderia nos acontecer. Não poderia ser *tão* perigoso. — Ela assentiu ligeiramente. — Se dependesse inteiramente de mim, eu diria que sim e me colocaria no papel de acompanhante. Suponho que isso signifique que tenho que acompanhar a mim mesma — acrescentou Beth com um pequeno sorriso, na esperança de suavizar o momento.

— Entendo — cedeu o guia sem um sorriso de retorno. — Muito bem. — Ele limpou a boca, dobrou o guardanapo e o colocou ao lado do prato, onde ainda se encontrava a maior parte do café da

manhã. — Então eu as deixarei livres para serem responsáveis por si mesmas — disse o Monsieur, se levantou e saiu caminhando.

— Aha! Exclamou a Sra. Montclair. — Finalmente o superamos.

— Oh, Edith! Não era essa a intenção. — Os olhos de Priscilla seguiram o homem que saía do salão. — E estou um pouco preocupada com as consequências...

— Que possamos ir ao show, é claro — Julie interrompeu muito animada. Ela largou o guardanapo sobre o que restava em seu prato. — Vou contar para a Penny e a Jan.



A colina ampla e gramada do Parque da cidade estava cheia de gente espalhada em colchas, sentados em cadeiras dobráveis ou caminhando e conversando em pequenos grupos, esperando pelo concerto. Beth e Victoria percorreram a multidão para encontrar um local grande o suficiente para espalhar um cobertor, enquanto Julie seguia a certa distância com as amigas.

Ao ouvir o primeiro som distinto das gaitas de foles, Beth ficou hipnotizada. Ela tinha visto muitos instrumentos em concertos, mas nada a havia preparado para este instrumento único — como algum tipo de criatura enfiada debaixo de um braço e espremida com impiedade até produzir seu canto triste. Ela fechou os olhos e se perdeu nos sons surpreendentes e magníficos.

Quando a peça chegou ao fim e aplausos irromperam, Beth olhou em volta. Victoria estava sentada ao lado dela, mas Julie não estava à vista.

Beth agitou a mão.

— Onde está a Julie, Victoria?

— Ela não chegou a sentar-se aqui, saiu com as amigas — disse ela alçando a voz alta acima do som dos aplausos.

— Onde elas estão?

— Eu não sei. Ouvi a Jannis dizer que iam se aproximar do palco.

— O quê? — Beth se esforçou para entender a resposta da garota. — *Elas estão sentadas mais perto!*

As pessoas estavam se acomodando de volta em seus lugares, e Beth rapidamente observou ao seu redor. Ela se levantou para olhar com mais atenção, lembrando-se de que Julie era adulta e nunca se aventuraria além de onde estava a multidão no concerto.

A música começou de novo, e um solista tomou seu lugar no centro do coreto para cantar uma linda balada que Beth já tinha ouvido antes. Ela conseguiu se juntar ao público ao cantar o refrão.

“Oh, você vai pegar a estrada alta, e eu vou pegar a estrada baixa, e eu vou chegar à Escócia antes de você. Mas eu e meu verdadeiro amor nunca mais nos encontraremos nas belas, belas margens do Loch Lomond.”

Beth não tinha percebido que era uma canção triste — de amor arruinado pela discórdia. Ela ouviu mais de perto as palavras de cada verso antes de se juntar outra vez ao coro.

Assim que as últimas notas da música morreram, aplausos calorosos rolaram mais uma vez pelo parque. O solista acenou e fez uma mesura ao público apreciativo enquanto saía do palco, e o homem com a gaita de foles entrou novamente do outro lado com um quarteto de violinos. Beth decidiu que esperaria para encontrar Julie depois da próxima peça. Lançou um olhar para Victoria, com os olhos abertos com prazer ao ouvir um novo estilo de violino. Beth estava certa de que a mocinha tentaria imitá-lo em seu quarto à noite.

Foi um choque para Beth quando a última apresentação foi anunciada. Já passava da hora de encontrar sua irmã.

— Victoria, vou procurar pela Julie.

— Está quase no fim da apresentação. Ela vai voltar quando acabar.

— Assim que a multidão se levantar ao mesmo tempo, nunca nos encontraremos.

— É, pode ser — a garota resmungou. — Vou com você.

Elas começaram a procurar um caminho entre os espectadores, incapazes de chamar o nome de Julie, mas muitas vezes ouvindo exigências irritadas de “sente-se!” “Saíam do caminho!” “Saíam!”.

Por fim, Victoria acenou para a atenção de Beth. Julie estava de pé ao lado dela, a poucos metros de distância. Beth sentiu o alívio encher todo o seu ser. As três voltaram para o cobertor.

— Não sei por que você está tão preocupada — Julie resmungou. — Como se eu não soubesse onde encontrar o ônibus, ou

que as garotas e Nick não estivessem indo para o mesmo lugar.

— O Nick estava com vocês?

— Claro, ele está meio caidinho por mim, eu acho. — Julie riu para si mesma. — Ele é meu romancinho a bordo.

Beth agarrou o ombro de sua irmã.

— Isso não é engraçado, Julie. Você não está encorajando ele, né?

— Claro que não, Bethie. Bem, talvez um pouco. Mas é tudo de brincadeira, prometo.

— Julie, não. Isso não é algo para brincar. Se o papai estivesse aqui, você não ficaria tão indiferente sobre esse assunto. Você sabe que ele não aprovaria.

Julie assentiu devagar.

— Você está certa... como sempre. — Ela fez um de seus gestos eloquentes. — Mas, pelo amor de Deus, eu nunca levei nada disso a sério de qualquer maneira. E nem o Nick. Ele é só um grande brincalhão.

Durante a viagem de ônibus de volta ao hotel, Beth se sentiu calada e arrependida, em um turbilhão de “e ses”. Julie estava de fato segura, mas Beth não pôde deixar de se lembrar de sua promessa de ser “acompanhante” e de como havia falhado. Era uma linha tão tênue, manter a irmã por perto sem parecer sufocá-la.



No jantar, o Monsieur Laurent pareceu disposto como sempre a participar da conversa, mas Beth sentiu uma nova reserva em seu comportamento. Beth sentia-se um pouco tímida sob o escrutínio dos claros olhos azuis, como se os dois estivessem cientes de que a confiança havia sido quebrada. No entanto, Beth não conseguia se arrepender de ter assistido ao concerto — uma experiência verdadeiramente maravilhosa com música incrível. *E sem resultados negativos*, ela pensou, mas teve que agregar, *embora pudesse ter havido*.

— Monsieur Laurent, o que podemos esperar para amanhã? — perguntou a mãe.

Ele devolveu um sorriso fácil.

— Vamos precisar embarcar cedo. O navio parte às dez horas

e devemos estar nas docas às oito e meia. Eu organizei para o café da manhã em seus quartos amanhã de manhã, a fim de economizar tempo.

— Isso é muito atencioso de sua parte, monsieur, obrigada.

— Por nada, Sra. Thatcher.

Após a refeição, Monsieur Laurent se aproximou de Beth com um sorriso. Ela hesitou, pensando sobre o que dizer, ainda sentindo uma sensação de tê-lo decepcionado, de ser leniente com suas responsabilidades. Ele colocou a mão dentro da jaqueta e retirou um envelope.

— Você recebeu outra carta, Srta. Thatcher.

— Oh, obrigada, monsieur — disse ela, sentindo que agora poderia virar a página de sua negligência.

Quando Beth recebeu a entrega, ele piscou e se virou, assobiando uma melodia conhecida. Sua mente acrescentou as palavras que o acompanham, *“Tomareis o caminho alto, e vou pela estrada baixa...”*

Beth parou, suspirando de leve. *A balada escocesa cantada no parque — será que o Monsieur Laurent estava no concerto, afinal de contas? Será que ele cancelou seu compromisso para estar lá para cumprir as funções que lhe foram atribuídas? E será possível que ele tenha observado a longa ausência de Julie?*

Capítulo 20

Beth decidiu terminar de ler Redburn, mesmo que a viagem para casa fosse tão sombria e deprimente quanto o retrato de Melville da Inglaterra durante aquele período. Ela levantou a mão contra o sol brilhante para proteger a página do forte brilho do sol. Se eu tivesse escolhido o chapéu de abas mais largas...

— Onde está o JW? — ela perguntou enfim, procurando por uma boa distração com seu amado sobrinho.

A mãe pareceu um pouco defensiva.

— Ele está com a babá. Margret, é claro, ainda não está se sentindo bem pela manhã.

— Eu estava só perguntando — disse Beth. — Gosto de vê-lo brincando com seus brinquedos.

— Bem, o sol está muito forte para ele de qualquer maneira. Precisamos ter cuidado com a pele delicada. Tanto a Srta. Bernard como eu concordamos, assim como a mãe dele.

— Victoria — a Sra. Montclair criou caso com a filha, sentada duas cadeiras depois — cubra os braços ou você vai queimar. Não vou avisá-la outra vez. Faça o que eu digo, por favor.

Beth balançou a cabeça de leve e suspirou. *A mulher vai continuar a incomodar Victoria por causa da pele enquanto o sol estiver no céu. Sua declaração “eu não vou avisar outra vez” de fato vai acontecer novamente. Talvez ela acredite que a pele clara é a qualificação mais importante para garantir um marido.*

Victoria apenas suspirou.

— Mãe, não há outra praia nas próximas paradas? Eu gostaria de nadar no oceano de novo. Não é tão refrescante na piscina do navio. Essa água é... ora, na verdade é quente.

Beth decidiu seguir o padrão da conversa, mas não conseguia se concentrar. *O livro é desagradável, os dias passam em ócio perpétuo...*

um desperdício de tempo precioso. Ela colocou o livro de lado e virou-se para a mulher sentada ao seu lado, aquela por quem suas emoções corriam fundo, do amor eterno à exasperação ocasional.

— Mamãe, eu gostaria de conversar com a senhora. Pode ser? Este é um bom momento? Podemos conversar um pouco?

A mãe fez um gesto com a boca em surpresa, e ela encarou Beth com olhar cheio de perguntas silenciosas, mas respondeu:

— Sim, é claro.

Ela deixou a revista de lado.

Mãe e filha se levantaram juntas e iniciaram a caminhada ao lado da balaustrada. Beth tentou colocar em palavras a ideia que havia permanecido em sua mente durante a viagem, embora não tivesse certeza de que queria ouvir a resposta da mãe.

— Tenho pensado muito sobre o futuro, sobre o potencial do casamento. Não digo apenas sobre Jarrick, mas sobre o conceito como um todo.

Os olhos da mãe se fixaram com mais cuidado no rosto de Beth.

— A senhora me conhece tão bem, mamãe. Fiquei pensando se poderia haver alguns pontos que você gostaria de compartilhar.

Aí estava. A pergunta está feita e não pode ser revogada agora.

Mãe se endireitou, parecendo intrigada.

— Eu não tinha certeza de que você *queria* meu conselho não solicitado.

— Estou solicitando agora.

Beth conseguiu sorrir.

— Então...

A mãe parecia reunir seus pensamentos. Beth sentiu os segundos passarem lentamente.

— Como disse antes, o casamento nunca é fácil — começou a mãe, olhando diretamente para Beth. — Uma mulher, de certa forma, carece das vantagens oferecidas aos homens. Ela nunca tem o controle total das coisas, sempre será dependente de quem ela se casa para cuidar dela e suprir suas necessidades. Devo confessar que tenho mais consciência disso em relação às minhas filhas do que tive para mim. É

um fardo pesado para uma mãe ter essas preocupações.

Beth não estivera ciente de tal peso sobre os ombros de sua mãe.

— E eu percebi, querida, que corujei muito vocês — talvez até demais. Mas vocês três foram meu mundo, focos da minha maior devoção e cuidado desde o momento em que foram colocadas em meus braços, e por todos os anos depois. Cada decisão, cada escolha, tendo apenas o benefício de vocês em mente. Só posso dizer que fiz o meu melhor. Acredite em mim, Beth, não de forma perfeita, mas foi o meu melhor.

— A senhora é uma mãe maravilhosa. De verdade. Você sabe que nós a amamos muito, todos nós três.

Beth pegou a mão da mãe, que a apertou de volta.

— E então chega a hora em que se deve se afastar — lentamente a princípio, mas sempre sentindo que é cedo demais, para permitir que a filha avance sozinha. Não sei dizer quanto sono perdi depois da festa de apresentação de Margret à sociedade, quando os rapazes começaram a visitar nossa casa. Nunca passei tanto tempo em oração na minha vida. Parecia que todos os meus dias passados com ela haviam levado àquela decisão — e esse para sempre, depois de toda a vida dela, ia depender daquela decisão. Graças a Deus pelo John, que tem sido uma bênção para todos nós.

Ela enxugou os olhos antes de continuar com delicadeza:

— E então você escolheu uma faculdade em vez de namoro. Nenhuma das mulheres de nossa família — na verdade, nenhuma das mulheres que já conheci — já havia considerado tal coisa. Eu não fazia ideia... nenhuma forma de julgar a sensatez nessa mudança das minhas expectativas. Nenhuma maneira de saber o que isso pode implicar. O mundo mudou tão rápido. A gente mal podia imaginar. Por gerações, mães e filhas se vestiram da mesma forma, pensaram da mesma forma e esperavam os mesmos padrões familiares na vida. Mas a sua geração, Beth! Sua geração virou as costas para tudo isso. Não consigo expressar como tem sido desalentador de assistir. Não, como está sendo absolutamente assustador.

— Suponho que eu *não* consiga de fato compreender, mamãe. Foi só o que eu conheci na vida.

— E não é que eu queira sufocá-la, impedir que você cresça. Tentei prever o que poderia acontecer, onde o perigo poderia estar, se é para sua vida seguir um caminho tão diferente do meu. Você está caminhando por lugares onde nunca passei, nunca poderia ter

sonhado em ir. Como posso confiar em meu próprio julgamento sobre o que pode acontecer a seguir? Eu só posso entregá-la a Deus uma e outra vez, e fazer o meu melhor para guiá-la. Sendo solicitada ou não. — Priscilla balançou a cabeça e sorriu. — Você foi abençoada com tantos dons, querida. Sua inteligência e habilidades musicais, sua coragem e convicções. Eu nunca quis nutrir o orgulho que sinto por você, mas tive que me conter às vezes. Tem sido uma verdadeira bênção vê-la amadurecer e se tornar uma moça tão elegante.

— Oh, mamãe querida...

Agora era Beth que estava enxugando lágrimas.

Elas desceram um vão de degraus juntas antes que a mãe continuasse.

— O único obstáculo é a sua saúde, querida. E eu nunca de fato me perdoei por esse fracasso. Quando o bebê William adoeceu, devia ter mandado você para a casa da vovó na mesma hora. Mas dei lugar ao medo e a mantive em casa. Se eu tivesse confiado que Deus era seu guardião em vez de mim, isso nunca teria acontecido. Esse é um pensamento tão terrível.

Suas palavras eram surpreendentes. Beth jamais imaginara que a mãe se sentisse responsável por sua crise de coqueluche na infância.

— Sei como cada uma das minhas filhas é preciosa e aprendi ao longo dos anos que os filhos são um tesouro emprestado... por um tempo tão curto. Orei para ser fiel e sábia em como ainda posso influenciá-la, embora eu talvez não tenha sido muito popular nem apreciada. Mas decidi continuar a fazer o meu melhor por causa de vocês. Caminhando fielmente diante do meu Deus. Espero que entenda, querida.

— Eu entendo, mamãe. Melhor agora do que antes.

— Então você será cautelosa e fervorosa em oração, Beth? E paciente também?

— Sim, mamãe, serei. Prometo que serei. — Ela se aproximou mais uma vez para agarrar a mão da mãe e falou em voz baixa. — Mãe, só mais uma coisa... obrigada pelas perguntas sobre o Jarrick. No começo, me senti desencorajada por elas — provavelmente sentindo que você não confiava no meu julgamento, e talvez que estava julgando Jarrick sem nem mesmo tê-lo conhecido. Mas pouco a pouco percebi que você levantara alguns “fatos” importantes da vida dele que precisavam ser abordados, não apenas por sua causa, mas também por mim. Pude conversar com ele sobre esses questionamentos durante nossa última conversa, que foi bastante demorada, posso

acrescentar — e espero que não tenha sido muito caro para ele. Além dos itens que a senhora levantou, fomos capazes de discutir muitos outros assuntos, e gostaria de compartilhá-los com você... pelo menos alguns deles.

Ela sorriu para a mãe, e recebeu outro sorriso suave enquanto olhavam uma para a outra.

As companheiras de convés estavam juntando suas coisas para irem almoçar quando Beth e a mãe retornaram, tendo compartilhado uma conversa preciosa e íntima.



No meio da tarde, Beth escapou para dar uma caminhada sozinha. O passeio do convés ficava em sua maior parte abandonado no calor do dia. Beth respirou profundamente e começou um primeiro circuito apressada. *O papai com certeza tem sido muito mais perspicaz a respeito da mamãe do que eu. Ela tem muito mais sabedoria do que pensei que ela tivesse.* Enquanto Beth continuava a andar pelo convés, gotas de suor surgiam em seu pescoço e escorriam pelas costas, ela se sentia energizada em vez de cansada.

— Sua mãe sabe que você está aqui? — A proximidade da voz assustou Beth. A reação dela foi recebida com risos. — Você devia ver seu rosto!

— Oh, é você, Nick.

Beth enxugou a transpiração da testa.

— Você deu um pulo de dois metros. — Os olhos dele estavam brincalhões. — De quem você está fugindo?

— Como assim?

— Você está caminhando tão rápido. Está todo mundo descansando lá embaixo na sombra. Por que você está aqui em cima, correndo como se o navio estivesse pegando fogo?

Beth parou num espacinho onde tinha sombra.

— Só queria esticar as pernas. Estou acostumada a andar muito mais.

Nick parecia pronto para lançar uma réplica, mas hesitou.

— Porque não descemos lá para baixo — há uma fonte de refrigerante e muito ar fresco. Você parece estar pronta para um

descanso.

Beth sorriu.

— Acho que tem razão certo. Estou pronta para me refrescar.

O rapaz a seguiu pelo lance mais próximo de escadas até um pátio amplo, coberto com ondas de uma fina tela branca, como um teto suspenso flutuando na brisa. Caminhando para uma mesa perto da grade, ele puxou para trás uma cadeira para Beth e empurrou-a com cuidado sob ela.

— Obrigada, Nick.

— Imagina, não é nada.

Beth pensou que o sorriso dele estava um pouco travesso.

Ventiladores soprando de todas as direções criaram um ambiente adorável e fresco. Beth pegou um guardanapo e enxugou o pescoço.

— Estou *bastante* acalorada — admitiu. — Ainda bem que minha mãe não me viu em tal estado.

— Sim, moças de família de seu naipe nunca devem transpirar, certo? Jamais teria pensado que era possível até vê-la com meus próprios olhos.

Nick parecia sentir grande prazer em perturbá-la.

Ela optou por ignorar o comentário um pouco ousado, e perguntou:

— E que naipe é esse, Nick?

A pergunta parece tê-lo pegado desprevenido, e Nick ficou um pouco tímido ao perceber que Beth tinha virado o jogo.

— O naipe dos muito ricos, suponho — ele respondeu, olhando para longe.

— O que faz você pensar que somos ricos?

Ele forçou uma risada.

— Bem, suas roupas caras, as cabines extravagantes — até mesmo seus ares de importância. Bem, talvez você não tenha, mas sua irmã com certeza. Caramba, a Julie não se contém ao dizer como seu pai é rico.

Beth estremeceu.

— Tenho a impressão de que Julie exagerou um pouco as

coisas. De qualquer forma, meu pai trabalhou muito para construir seu negócio. Ele na verdade passou anos trabalhando como marinheiro no início — muito antes de conseguir abrir sua própria empresa de navegação. Meu pai de fato não nasceu rico. Embora agora vivamos de forma confortável, duvido que sejamos de qualquer ‘naipe’ especial.

Nick estava observando o rosto de Beth, deixando escapar a fachada de humor que ele normalmente usava.

— Eu não sabia que um cara ainda conseguia fazer isso — trabalhar para melhorar de vida e construir um império, mesmo que seja modesto. Ele deve ser um velho durão... bem, sabe, um *cara de resposta**.

— Meu pai é um homem maravilhoso. — Beth ignorou a avaliação bastante grosseira feita pelo Nick. — Esperamos nos encontrar com ele assim que o navio chegar à Flórida.

— Onde está ele agora?

— Na América do Sul. — Beth riu. — Julie já não contou isso, junto com todo o resto?

— Ora, Beth, não quero você pensando que quando estamos juntos eu fico interrogando a Julie sobre sua família.

Beth fez uma pausa e o encarou com cuidado.

— O que é que você está fazendo quando está junto com ela?

— Como assim?

— Não é sobre... — Beth pigarreou e lembrou-se de que tinha todo o direito de fazer a pergunta — que sua irmã mais nova era, de fato, preocupação sua. — Não se trata de *romance*, sim?

Nick riu, então olhou para Beth de soslaio, e riu outra vez.

— Você acha que tenho uma queda pela sua irmã? Acha que sou algum tipo de conquistador?

— Não, mas você é um homem solteiro viajando sozinho. E suponho que isso é razão suficiente para perguntar, não acha?

Ele se recostou na cadeira e cruzou os braços, abrindo um sorriso devagar.

— Eu não vou cortejar a Julie, se é isso que quer dizer. Não é esse meu próximo passo — uma corrida pelo meio do corredor da igreja e felicidade conjugal. Estou apenas passando tempo, reunindo alguns contatos comerciais num lugar onde parece que posso encontrar alguns investidores substanciais.

— Você está dizendo então que estaria na verdade passando tempo com meu pai — se ele estivesse aqui em vez da Julie.

Nick desviou o olhar, o mesmo sorriso torto que parecia indicar travessuras estampado em seu rosto.

— É assim que você me vê? Um cara com algum tipo de intenção dissimulada? Sou apenas alguém resolvendo as coisas para avançar. Estamos todos fazendo isso — de uma forma ou de outra, certo?

Beth observou o rosto dele. Nick a encarou, sorrindo com confiança. Beth detestava admitir que, quase contra sua própria vontade, ela o achava encantador.

— Olha — continuou ele, balançando a cabeça como se fosse reconhecer —, eu gosto de sua irmã. Ela é uma boa garota. Mas sei que não há futuro possível para nós dois. Então é puramente platônico, por assim dizer. E acho que ela não leva isso mais a sério do que eu. Somos apenas amigos. Eu jamais faria alguma coisa para machucar a Julie...

— Então era para cá que estava vindo, Bethie! — A voz de Julie veio de trás deles. — Você devia ter me convidado.

Ela puxou uma cadeira e sentou-se, parecendo um pouco incomodada.

— Saí para um caminhada... e então o Nick apareceu — explicou Beth. — Ele sugeriu algo gelado para beber na sombra.

Julie olhou a mesa vazia.

Nick sentou-se empertigado.

— Ora, você está certa! Onde está aquele garçom? A gente tem de ir buscar as próprias bebidas por aqui? — Ele se levantou. — O que vocês vão beber?

— Refrigerante de cereja para mim.

Julie sorriu para ele.

— Eu só quero água... com gelo, por favor. Obrigada.

O rapaz se apressou e Julie no mesmo instante se inclinou para a frente.

— Estou muito surpresa por encontrá-la aqui a sós com Nick. Isso pode significar que você está conhecendo ele, o que seria bom— ou significa que veio questioná-lo. E isso seria um pouco decepcionante.

— Nem uma coisa, nem outra — prometeu Beth. — Eu estava apenas andando, nos cruzamos. Teria sido rude não aceitar a oferta dele para buscar uma sombra e beber algo refrescante.

— Hum.

Julie a olhou pensativa, sem parecer estar convencida.

— E onde *você* esteve?

A expressão de Julie ficou austera.

— Pintando outra de suas pinturas bobas. E depois fui à procura das garotas.

— Você não as encontrou?

— Sim, mas...

Beth também se inclinou.

— Mas o quê?

— Bem, elas estavam no convés de recreação, conversando com alguns de nossos amigos. Bethie, não quero que fique zangada quando contar isto, promete?

Beth sentiu-se já eriçada.

— Contar o quê?

Julie suspirou pesadamente e deixou escapar:

— Acho que vi a Jannis com o binóculos da Victoria.

— *Como é?*

— Pode ser de outra pessoa. Mas parecia exatamente com o binóculos que a Victoria estava usando.

Beth se permitiu digerir a possibilidade devagar. *Elas pararam de nos visitar no dia em que o binóculos desapareceu. Na verdade, elas até se sentaram por alguns momentos na espreguiçadeira da Victoria. Claro, também é verdade que elas poderiam ter comprado um na lojinha a bordo. Há a possibilidade de serem idênticos àqueles pertencentes qualquer outro passageiro...*

— Seria fácil confirmar, a Victoria escreveu o nome dela na alça — Beth por fim recordou.

— Não sei se conseguiria chegar perto o suficiente. Tenho certeza de que Jannis não os trouxe em qualquer outro momento em que *eu* estive com elas.

— Será que ela não pegou emprestado?

— De quem?

— Não sei, de um de seus outros amigos?

Julie balançou a cabeça.

— Eu duvido. A maior parte deles não têm interesse em algo que nessas atividades de “velhos”.

Nick voltou com as três bebidas e as colocou na mesa com um pouco de esforço. Julie e Beth esperaram em silêncio.

— O que aconteceu? — ele perguntou, olhando de uma para a outra. — O gato comeu a língua de vocês?

Julie olhou sem palavras para Nick, então de volta para Beth.

Havia uma pergunta em seu semblante, que Beth entendeu instantaneamente. Beth assentiu e Julie começou a explicar:

— Não posso dizer com certeza, mas acho que pode ter sido a Jannis que pegou o binóculos da Victoria. Lembra, eu contei a você sobre isso no dia seguinte ao ocorrido. Acabei de vê-la segurando um binóculos que parecia com o da Victoria.

Nick parecia estranhamente perturbado.

— Você viu a Jannis... com o binóculos na mão?

Julie assentiu com semblante sisudo.

Ele se sentou na cadeira e tomou um gole longo e lento de sua limonada.

— Tudo bem — ele disse por fim —, olha o que eu vou fazer. Deixe-me investigar.

— Você? Não, Nick. Esse não é um problema seu. Posso falar com Jannis sobre isso...

— Não, você sabe como são as garotas — ele disse rapidamente. — Se *you* mencionar o assunto, as duas vão ficar bravas com você... vão passar muitos dias sem falar uma com a outra. Isso vai ser um balde de água fria em tudo o que íamos fazer nos próximos dias. E estamos quase chegando nos EUA. Esse é o *meu* parquinho de diversões. Eu ia passear com vocês quatro mulheres em Boston daqui a uns dias. Não quero que tudo seja transtornado por uma briga estúpida. Não, eu vou falar com a Jannis e descobrir com certeza. Se o binóculos é da Vickie, talvez tudo se acerte se ela apenas se animar e devolvê-los. O que *you* acham?

Beth franziu o cenho, mas Julie explodiu em alívio.

— Claro, tudo bem. Se a Victoria recuperar o binóculos dela, vai ficar tudo bem outra vez.

Beth não tinha tanta certeza. *Nada pode ser decidido agora sem saber se uma das meninas o pegou. E se assim for, isso não pode ser varrido para debaixo do tapete.*

— Não há necessidade de contar à sua mãe sobre isso, não é?
— Nick estava observando a reação de Beth em vez da de Julie.

Por que ele está protegendo as meninas? Por que ele iria se preocupar com as pessoas que acabou de conhecer num cruzeiro?

Julie continuou:

— Vamos, Bethie. Não faz sentido fazer uma tempestade em copo d'água. É o suficiente apenas corrigir o erro.

— Mas a Sra. Montclair já comprou outro binóculos. Elas já gastaram um dinheiro extra de qualquer maneira.

— Não, você não soube? Victoria também o perdeu — o binóculos caiu na água enquanto estávamos em Halifax. Então você vê, seria de fato acertar as coisas outra vez.

Beth abaixou a cabeça por um momento para pensar.

— Você vai perguntar à Jannis como ela conseguiu o binóculos, Nick, para que então saibamos a verdade?

— É claro. Vou até o fim disso para você. E vou contar a vocês tudo o que ela me disser. Podem confiar em mim. De verdade.



Houve grande ansiedade e comoção sobre o traje necessário para a excursão de caça aos mariscos na Baía de Fundy.

Beth e Julie procuravam nos armários pelas roupas mais simples, sobre as quais deveriam vestir um macacão de pesca emborrachado, bem como pesadas galochas. Elas iam sair para uma paisagem lamacenta, que, dependendo das marés, passava metade do tempo coberta pela água do mar.

Priscilla não estava convencida.

— Não é que eu não entenda a funcionalidade, meninas. Só estou tentando pensar no que o seu pai diria.

— Mas não podemos voltar atrás agora, mãe. Já dissemos a todos que vamos!

— Sinto muito, Julie querida. Mas devo decidir com base no meu próprio julgamento, não em promessas que você fez aos outros.

Julie saiu tempestuosamente do quarto e a mãe deixou que ela saísse sem repreendê-la pelo comportamento desrespeitoso. Era tão incomum que ela tolerasse a insolência.

A surpresa de Beth deve ter se mostrado em seu rosto.

A mãe confidenciou a Beth:

— Julie está se tornando cada vez mais temperamental nos últimos tempos. Estou ficando quase doida, sem saber o que fazer. Quem me dera seu pai estivesse aqui. Ele ligeirinho daria um fim a tudo isso. Seu pai tem uma maneira de lidar com a Julie que parece muito mais eficaz do que a minha.

Beth colocou a mão no braço da mãe com carinho. Ela parecia terrivelmente esgotada para uma mulher que estava de férias num cruzeiro. Seus olhos expressavam melancólica decepção.

— Talvez seja uma viagem muito longa para fazer de uma única vez. Acho que todas nós estamos nos sentindo um pouco cansadas umas das outras agora.

Beth reuniu as roupas que Julie havia largado na cama.

— Logo, logo ela voltará a ser a Julie de sempre, mamãe. Apenas dê a ela um tempinho.

— E as roupas hediondas *feitas para homens* que vocês tem que usar? O que devo dizer sobre isso?

Beth riu com uma expressão engraçada.

— Bem, nós com certeza estaremos *cobertas*. E mesmo que seja uma calça, creio que não podemos considerar que seja indecente. Ninguém será capaz de distinguir os homens das mulheres, já que todos estaremos igualmente tolos e sem forma.

A mãe se permitiu sorrir da descrição de Beth.

— Essa é a primeira vez que concordo que qualquer uma das minhas filhas usem calças. E detesto fazer isso sem a concordância do seu pai. — Ela hesitou mais um momento. — Mas creio que você esteja certa, ele iria concordar se estivesse aqui.

— Margret decidiu se irá participar?

— Duvido que ela vá. Pode ser muito arriscado na condição dela.

Beth esperava que todas as irmãs pudessem compartilhar a experiência. Ela comentou, passando por cima da decepção:

— Bem, acho que não vou querer que a Emma tire fotos nossas!

Elas riram outra vez, e depois a mãe acrescentou:

— Agora, Victoria, por outro lado, estará em seu elemento. Espero que fique de olho nela. Ela é bastante impulsiva às vezes.



Apesar de toda a conversa prática sobre o traje para pegar mariscos, Beth não pôde deixar de resmungar quando viu pela primeira vez o macacão amarelo brilhante, que o atendente segurava.

— Desculpe-me — disse ela —, mas o senhor não teria algo menor?

O rapaz deu um passo para trás e olhou para ela.

— Tem razão, senhora. Não dá para *enrolá até* aí em cima. Ei, Joe! — ele exclamou por cima do ombro. — *Cê* tem mais algum pra criança?

Beth ficou envergonhada, mas conseguiu aceitar graciosamente a roupa menor, e logo os turistas vestidos de amarelo estavam descendo as escadas íngremes e saindo para o chão enlameado da enseada. A cada passo, as botas grandes ameaçavam escorregar dos pés pequenos de Beth, e ela não podia deixar de rir enquanto lutava para evitar um passo em falso e talvez acabar caindo de costas.

Garfos especiais para escavação foram distribuídos para puxar os mexilhões de seus buracos. O guia demonstrou como deveriam fazer e mandou que fossem em todas as direções, procurando buracos de tamanho adequado, que indicassem que havia um molusco escondido ali. A mãe estava certa — Victoria não perdeu tempo mergulhando sua ferramenta no subsolo, embora a princípio parecesse quase um esforço inútil. Ninguém foi capaz de arrastar uma das criaturas de casca dura de seu esconderijo.

Julie se juntou aos amigos em um pequeno grupo, embora Jannis e Penny não estivessem entre elas. Nick, contudo, servia como

líder, e parecia haver mais conversa e risos do que escavação. Beth suspirou, afastando suas preocupações e obedientemente seguiu atrás de Victoria.

Finalmente, a garota soltou um alegre “peguei um!” Logo havia vários mexilhões no fundo do balde que compartilhavam, e Victoria estava ensinando à Beth qual a técnica adequada.

— Você tem que colocar debaixo do mexilhão, assim. E então você tira como uma concha.

Depois de muitas tentativas fracassadas, Beth também conseguiu extrair um molusco. Ela riu de seu entusiasmo após um feito tão humilde.

Quando terminaram, o rapaz que recebeu de volta o macacão disse:

— Ouvi dizer que *cê* foi muito bem, senhora. Você e aquela *otra* garota *feiz melhó* que muitos dos *homi*.

— Obrigada — disse Beth rindo.

É uma história deliciosa para contar aos meus alunos. Por fim, teria sido uma boa ideia eu ter deixado Emma tirar uma foto minha na minha preparação.

Capítulo 21

Longo e grave clangor da campainha do navio sinalizou outra partida quando Beth vestia o vestido de gala de seda sobre a cabeça e deixava as dobras caírem ao seu redor. O vestido malva pálido era seu favorito, era macio, frisado e cobria os ombros de forma atraente. Ela já tinha usado duas vezes e sabia que Julie iria desaprovar a escolha de usá-lo outra vez. Mas Beth gostava de como se sentia neste vestido em particular — certamente um contraste com macacões e botas até o joelho.

Beth ainda estava sorrindo para a imagem mental quando ouviu, vindo do corredor:

— Elizabeth! Elizabeth!

Ela rapidamente saiu para a sala de estar e abriu a porta.

— Eu o consegui de volta! Veja! — Victoria ergueu o binóculos perdido, levantando a alça para mostrar onde seu nome estava escrito em letras borradas. — Um dos carregadores acabou de me entregar. Contou-me que foram encontrados em algum lugar no convés, e alguém os entregou nos achados e perdidos. Acredita? Quando você me levou ao escritório do navio e não estava lá, anotaram o número do meu quarto. Mas nunca imaginei que o binóculos ia aparecer outra vez!

— Que maravilha, Victoria. Tenho certeza de que você está feliz em ter conseguido de volta. — Beth olhou para o vestido simples da moça. — Você não vai se vestir para o jantar?

— Não, mamãe disse que não precisava ir esta noite. Vou assistir o navio saindo do porto da nossa varanda. Prefiro isso a sentar na sala de jantar esperando todos os outros terminarem de comer — em especial agora que tenho isso de novo. Você pode pegar emprestado quando quiser.

Beth concordou com a cabeça.

— Obrigada, Victoria, por me contar. Estou muito feliz por

você.

— Bem, Elizabeth, só pensei que você gostaria de saber.

Victoria desapareceu. *Que bom que ela esteja tão feliz em compartilhar suas boas novas. Talvez uma amizade esteja surgindo, afinal.*

— Quem era? — Julie perguntou quando saiu do quarto, franzindo o cenho ao ver o vestido de Beth. — Parecia a Victoria.

— E era. O binóculos dela foi encontrado e devolvido.

— Ah, sério? — Julie olhou para a mãe, que tirou a atenção da carta que estava escrevendo.

— Eles disseram onde estava o binóculos esse tempo todo? — ela perguntou. — Com certeza alguém deve ter pegado, para ter ficado tanto tempo sumido e agora ter aparecido.

Beth queria dizer que não sabia, mas não seria verdade.

— Victoria não me contou — ela conseguiu dizer.

— Entendo. Disseram à Victoria quem o entregou?

— Acho que não.

Beth pôde sentir que suas bochechas estavam enrubescendo. Sabia que estava prestes a mentir. A sensação era dolorosa e desagradável.

— Sim, entendo. — A mãe levantou-se da mesa, dobrando a missiva e colocando-a num envelope. — Então talvez nunca saibamos. — Ela segurou o rosto de Julie com a mão e sorriu para Beth. Beth tinha certeza de que a mãe conseguira perceber sua ansiedade. — Francamente, é incrível que tenha sido devolvido intacto

Quando a mãe se dirigiu para o quarto, Julie encarou Beth.

— Bem, que ótimo — murmurou Beth. — Agora estamos enganando a mamãe!

Julie agarrou a mão de Beth e a levou de volta ao quarto delas.

— Bem, não estamos... não de fato. Porque a Jannis não pegou essa porcaria.

— O quê? — Beth balançou a cabeça.

— Nick me contou tudo. Ela disse que o encontrou ao lado da piscina. Quem sabe como o binóculos chegou lá. E naquele momento, o nome de Victoria estava quase apagando, então a Jannis não

percebeu que era o dela. Um monte de gente têm binóculos igual — todas compraram aqui no navio. Nick disse que ela ficou tão envergonhada por estar com o negócio todo esse tempo que não conseguia parar de chorar. Ele disse que provavelmente é melhor que eu não mencione nada disso com ela — então, não vou fazê-la se sentir mal de novo.

— E você *acredita* nele?

Os olhos de Julie eram límpidos, demonstrando inocência.

— O Nick não tem razão nenhuma para mentir para mim, Bethie. E por que ele se importaria com a Jannis? Eles não se conheciam antes de se encontrarem aqui. Os dois quase não se falam. Nick disse que se fosse ele, só ia buscar um novo amigo, mas eu disse a importância que essas meninas passaram a ter para mim, e que não dava bola para nada disso. A Victoria está com o binóculos de volta, então está tudo resolvido.

— Tudo bem, Julie, então vá explicar tudo isso para a mamãe.

Julie recuou rapidamente.

— Você sabe que ela não entenderia. Acho que a mamãe nunca deu às meninas uma chance justa de se apresentarem — por causa da maneira como elas se vestem, como elas falam. Guarde esse segredo comigo, sim, Bethie? Não faz mal a ninguém, agora que a Victoria está feliz.

Beth franziu a testa. *O Nick parece muito mais familiarizado com as moças do que recém conhecidos deviam ser. Entretanto, ele se tornou bastante familiarizado com a Julie também. Mas por que ele assumiu a responsabilidade de conversar com a Jannis, fazer essa tentativa de encontrar a verdade e consertar as coisas?*

Beth suspirou sua concordância contra seu bom senso. As súplicas lamentosas de Julie a conquistaram mais uma vez.



— Vamos, dorminhoca. Nós já atracamos, e está quase hora do café da manhã.

Beth rolou e olhou para o quarto ainda na penumbra, tentando discernir o rosto de Julie.

— Que horas são? — murmurou Beth. — Por que estamos acordando tão cedo?

— Chegamos em Bar Harbor hoje, lembra? E quero estar em terra o mais rápido possível... sabe, para darmos uma boa olhada ao redor. — Julie estendeu um robe para Beth. — Vamos, querida.

Beth sentou-se, estendeu a mão para pegar o robe e o colocou ao redor dos ombros.

— A mamãe já está acordada?

— É claro. Ela acorda todos os dias antes de todo mundo.

Beth a encarou.

— Como é que você poderia *saber* isso, tolinha? Você é quase sempre a *última* a...

— Bem, ela é a primeira quando estamos em casa. De qualquer forma, estamos em *Bar Harbor*, nossa primeira cidade americana! E se tivermos sorte, veremos alguém famoso — talvez até um milionário. Pode imaginar isso?

Beth foi para o banheiro.

— Julie, como você distinguiria um milionário se o visse passasse na rua?

Julie riu.

— Oh, Bethie, como a gente deixaria de *ver* um?

Beth por um momento se perguntou o que havia dado à Julie uma perspectiva tão alegre tão cedo.

Parecia que a mãe estava com o mesmo estado de espírito de Julie. Seja qual fosse o plano, ele não incluía as Montclairs, que resolveram não participar da excursão matinal do dia. Como se apressaram no café da manhã e deixaram Margret a bordo com o filho e a babá, mãe e as duas filhas estavam nas docas antes que a maioria das lojas estivesse aberta. Monsieur Laurent saiu para encontrar um táxi enquanto Julie andava de um lado para o outro impaciente.

— Eles vendem mapas — disse ela. — Entãaaooo — acrescentou ela em tom dramático —, podemos encontrar onde a maioria das pessoas realmente importantes se hospedam quando estão de férias, como Coco Chanel, John Astor e a nova mulher, e estrelas de cinema como Mary Pickford. Não vai *ser o máximo*?

Beth olhou para a mãe, tentando imaginar como ela se sentia sobre o último jargão de Julie. Julie suspirou. *É assim que vamos passar a manhã? Será essa a causa de toda a confusão e a pressa?*

— Faz dias que ela está animada por causa disso — murmurou

a mãe como resposta para a pergunta tácita de Beth. — Acho que não vai fazer mal dar uma olhada por aí.

Beth piscou e suspirou de novo. O dado foi lançado.

— Além disso, a Penny e a Jannis a convidaram andarem de carro junto com *elas* hoje. Quando vi como a Julie ficou desapontada porque eu queria que ficássemos juntas, não consegui dizer não. Você não se importa, não é, Beth?

Beth levantou um ombro.

— Não, acho que pode ser interessante.



O mapa que Julie comprou foi entregue ao motorista. Beth supôs que o rapaz teria sido capaz de encontrar todas as casas de celebridades se tivessem apenas perguntado. Ele entrou no trânsito matinal, com o Monsieur Laurent sentado ao lado já absorto em seu jornal, deixando todos os comentários para o taxista.

— Aquela é a propriedade dos Rockefeller. Eles chamam de ‘The Eyrie’ — o homem explicou, apontando através das árvores a alguma distância. — A melhor maneira de ver a casa é da água, se quer saber — é difícil de obter uma boa visão daqui. Dá pra comprar um cartão postal na cidade, desses que vendem por todo o lado. Conheço um cara que pode conseguir uma boa pintura em aquarela, se quiserem.

De repente, Julie estava dizendo a ele para encostar.

— Por favor! — ela insistiu.

Todos ficaram olhando para ela enquanto o motorista saía para o acostamento. Julie abriu a porta com a câmera na mão, mas a entregou para Beth enquanto saía do carro.

— Tire uma foto minha, Bethie. Faço questão que pegue a mansão atrás — ela instruiu.

— Oh, Julie, mal dá para ver qualquer coisa. Está tão longe...

— Por favor, tente. Isso mesmo.

Beth sentou-se na beira do assento na porta aberta, ajustando a lente para que Julie estivesse em primeiro plano, a distante mansão Rockefeller focalizada atrás.

— Não sei se isso vai dar certo. Não tem como focar em você e

na casa também.

— Então tire outra foto da casa sozinha. Talvez eu possa cortá-la e colar as fotos juntas. Ou — ela disse com certa emoção —, posso apenas pintá-la... algo para *mim* desta vez!

Julie estava certa — ela com certeza deveria ser capaz de capturar suas próprias memórias da viagem. Mas Beth não pôde deixar de se perguntar quantas das pinturas já iniciadas para seus alunos seriam de fato concluídas.

De volta ao táxi, elas estavam indo para a próxima localização, mas todos os eventos seguintes foram um borrão para Beth, já que ela mal conhecia as pessoas famosas que tanto encantavam Julie.

— Oh — ela exclamou ao ver a mansão de John Jacob Astor —, *é tão romântico!* Você sabia que ele foi um bebê sobrevivente do ‘*Titanic*’ querida? A mãe dele sobreviveu, mas o pai afundou com o navio.

Todos olharam para as janelas da bela habitação com passado triste enquanto passavam devagar.

— Se apenas Jan e eu estivéssemos vendo as casas juntas — murmurou Julie.

Ao meio-dia elas estavam de volta a bordo. A mãe insistiu que elas almoçassem com Margret e as Montclairs. Enquanto se levantavam das cadeiras, mamãe sugeriu:

— E nós podemos ir às compras agora, se quiserem.

Julie estremeceu, demonstrando sua empolgação.

— Talvez eu possa finalmente comprar uma bolsa Chanel.

— Aqui você vai pagar mais caro pela bolsa do que em qualquer outro lugar — Margret advertiu.

Mas Julie não foi dissuadida.

— Não me importo, vale a pena a qualquer preço.

— Bem, pode ser que o papai não concorde com você — respondeu Margret um pouco ríspida, depois ergueu JW no colo e pegou a bolsa de itens infantis.

Ela parecia cansada. Beth estava surpresa, pois Margret ainda insistia que o garotinho as acompanhasse.

Ela já não estava muito animada para as coisas, e não havia nada de particular interesse para o JW. Será que era só para deixar claro para a

Srta. Bernard — e para a mamãe — quem estava no comando? Erguendo os braços para o garotinho, Beth sorriu para a irmã. Tomando a sugestão de Beth, Julie estendeu a mão para pegar a bolsa pesada.

— Titi Bet — JW sorriu feliz —, *tô ino* — disse o menino, e Margret suspirou sua gratidão.

Beth preferia permanecer a bordo, mas não queria mesmo perder esses momentos com a família. Ela percebera no almoço que a viagem estava quase pela metade, e queria passar cada minuto possível com elas.

Quem sabe quando estaremos juntas assim outra vez, em especial com o novo pequenino de Margret a caminho e as incertezas sobre meu futuro?



Depois das compras concluídas, Beth permaneceu nas docas até que as outras subissem a passarela, seguidas por dois carregadores trazendo ainda mais pacotes e sacolas.

— Alguma carta hoje? — ela perguntou para o Monsieur Laurent um pouco tímida enquanto o guia se juntava a ela na espera.

— Lamento, senhorita. Havia uma carta para sua mãe e uma para sua irmã, a Sra. Bryce, mas nada para você hoje. Talvez chegue amanhã quando atracarmos em Portland.

— Obrigada.

Ela tentou não demonstrar sua decepção.

Julie e Margret compraram um vestido novo para o jantar. Queriam que Beth comprasse um também, mas ainda havia dois que trouxera e que ainda não tinha usado.

Priscilla fora convencida por um ávido vendedor a comprar um elegante colar de pérolas. Ela estava agora sentada na penteadeira, olhando para o espelho e contemplando o belíssimo resplendor, com os detalhes em diamante, e parecendo estar arrependida da compra.

— Ele é tão extravagante — ela resmungou, balançando a cabeça. — Não sei *o que* seu pai vai dizer.

Julie se inclinou nas costas da mãe, com as mãos apoiadas nos ombros dela e sorriu para reflexo das duas.

— Ele mesmo teria comprado o colar para a senhora, mãe.

Sabe que é isso que ele teria feito. E ia adorar vê-la usando o colar agora.

Julie deu um beijo na bochecha macia da mãe, que balançou a cabeça e deslizou os dedos sobre as gemas no pingente, dizendo:

— Teria sido muito melhor. Sinto que não devia ter comprado para mim mesma.

— Essa é a primeira compra cara que a senhora fez na viagem — Beth afirmou enquanto vestia a luva. — Contanto que não isso não se torne um hábito, estou certa de que o papai vai ficar feliz por você. E o que a Julie disse é verdade — ele parece gostar de mimar todas nós, nem que seja de vez em quando.

— Acho que você tem razão — disse a mãe. — No entanto, não é boa ideia gastar muito, a apenas alguns dias de nossa chegada à cidade de Nova York. Vou ter que ser muito prudente lá. — Ela passou os dedos mais uma vez sobre o fio de pérola. Mas acho que essa é a joia mais fina que já possuí.

Julie deu um giro pela sala usando o novo vestido, e as franjas do vestido tremularam ao seu redor.

— Queria que o papai estivesse aqui. Ele ia gostar de nos ver tão felizes.



Julie entrou na suíte, enxugando as lágrimas.

— O que foi? — Beth agarrou as mãos da irmã e a levou para o sofá. Julie tinha saído com as amigas depois do jantar. — O que aconteceu? O que você tem?

— É a Jannis. Ela é está... tão zangada comigo — disse arfando entre soluços.

— E por quê?

Julie reclinou-se contra o peito de Beth, estremecendo.

— Por causa de... Bar Harbor. Porque eu... não saí com *elas*.

— *Como é que é?* — Era estranho demais para ser verdade. Julie devia ter entendido mal. — Como é que ela pode ter ficado chateada com isso? Ela não sabe que a mamãe queria que ficássemos juntas, que insistiu que fosse assim?

Julie assoou o nariz em seu lenço, afastando-se de Beth com

aparência desamparada*.

— Não sei, Bethie. Elas só... só queriam que eu tivesse ido com elas.

— Sem levar em consideração o que a mamãe disse?

Algo sobre aquele comentário fez que Julie endurecesse, e seu tom ficou amargo.

— É exatamente isso. Elas acham que eu não deveria *ter* que fazer o que a mamãe diz. Afinal, eu não sou criança. As garotas acham que sou absurdamente dependente da mamãe, e que preciso aprender a tomar minhas próprias decisões!

— Ora, isso é ridículo! — Beth na mesma hora desejou não ter soado tão desdenhosa, e tentou de novo. — Julie, uma pessoa não demonstra independência ao se rebelar. A gente faz isso assumindo responsabilidades, tomando decisões sábias e ponderadas. Você sabe disso.

Naquele mesmo instante, Julie ficou de pé.

— O que *você* sabe sobre isso? Tudo o que faz é se curvar a todos os desejos da mamãe. E tudo bem, se eu quisesse todas as mesmas coisas que *você* quer, que ela quer. *Mas eu não quero!*

Beth recuou, com a respiração presa na garganta.

— Por favor, Julie, a mamãe está dormindo — advertiu Beth juntando as mãos em angústia.

Julie passou os dedos pelos cachos curtos.

— Eu não me importo! Não me interessa se ela pode me ouvir. É até bom que ela saiba.

— Querida, você não é assim. Não consigo entender, nunca a vi tão chateada.

O rosto de Julie se contorceu, escorrendo mais lágrimas.

— Não quero que me chamem de menininha da mamãe. Também quero minha independência. Não posso viver num mundo com tantas regras. Não é justo.

Julie se jogou no banquinho, cobrindo o rosto com as mãos.

— Ela sempre foi assim, Bethie. — De repente, ela se sentou ereta, com a voz estridente mais uma vez. — Ela me observa o tempo todo, julga todos os meus movimentos. Não posso mais *suportar* isso. Parece que a única maneira de me libertar é se eu me casar — e então,

vou só trocar as regras da mamãe pelas de algum homem. Por que uma mulher não pode apenas escolher seu próprio caminho?

O tom severo usado por Julie era totalmente diferente de tudo que Beth já tinha ouvido.

Julie está repetindo frases que ouviu das amigas? Beth estudou a expressão furiosa da irmã, tentando transformar seus pensamentos cambaleantes em algo que pudesse dizer e orando com fervor para que Deus lhe munisse com sabedoria que Julie iria compreender.

Beth puxou uma cadeira para mais perto do banquinho e se sentou, deslizando a mão nas costas de Julie.

— Não é bem assim como você está imaginando as coisas, querida. Não fomos feitas para voar como pássaros, livres e por conta própria. Cada um de nós foi colocado em uma família, cada um de nós indispensável ao todo. Como uma engrenagem de um relógio. Se fosse para exigirmos ser livres, o que aconteceria com o resto? A engrenagem em si não teria mais um propósito.

— Como é fácil para você falar isso! Você vai sair pela porta assim que chegarmos em casa.

— Tudo bem — Beth começou de novo. — Então não é apenas um relógio. Nosso Criador faz as coisas crescerem e mudarem, como uma célula viva. Já leu alguma coisa sobre isso?

— Não — Julie murmurou, e Beth estava grata porque ela estava pelo menos respondendo.

— Células são coisas maravilhosas. Estamos apenas começando a entendê-las melhor. Li a respeito delas quando estava na faculdade. Células são tão complexas — tantas partes, cada uma realizando sua própria tarefa. E se uma pequena parte falhar, toda a célula morre.

— O que isso tem a ver comigo?

Era evidente que Julie tinha perdido a paciência com a metáfora.

— Apenas ouça, estou quase terminando. Nossa família é como uma dessas células. Algum dia nos vamos nos dividir em novas famílias, como uma célula cresce e se divide, como Margret e John fizeram. Mas até lá, precisamos uns dos outros. E nenhuma parte sobrevive sozinha. Não é para ser assim. — Beth orou para que Julie ouvisse o que ela tentava de forma desesperada expressar em palavras. — E, além disso, ainda somos parte do corpo como um todo, indissociáveis e ligados entre si. E isso não muda quando começamos

nossas próprias famílias. — Beth apertou os ombros de Julie. — Eu sei que não é uma imagem perfeita, mas espero que pelo menos contradiga a mentira de que poderíamos ser felizes se pudéssemos ser livres. Não estaríamos felizes. Fomos feitos para amar, apoiar e proteger uns aos outros. — Beth pôde sentir suas próprias lágrimas brotando. — Você não vê? Amo vocês. Assim como a mamãe, o papai e o restante da família. Nenhum de nós quer que você queira se afastar.

Julie virou-se para Beth e sussurrou:

— Às vezes me fazem sentir tão... tão infantil... as meninas. Não sei o que dizer a elas, como defender a mim e a nossa família.

— Lamento que elas não tenham sido criadas por uma família. Não sabem que há coisas maravilhosas sobre as famílias, sobre mães e pais, que nos ajudam com nossas decisões, com a experiência e a sabedoria deles. É provável que as garotas só vejam o que percebem como restrições à “liberdade” — que, por fim, pode não ser liberdade de verdade.

Por longas horas da noite, as irmãs sussurraram juntas. Elas concordaram em ouvir com mais atenção as tristezas umas das outras, em serem mais francas. E também discernir com sabedoria quando submeterem-se à autoridade dos pais e quando assumirem a responsabilidade por si mesmas, como mulheres.

Quando a manhã chegou, Beth tinha a esperança de que a tempestade emocional havia passado — que a inquietação de Julie haviam sido tranquilizadas.

Capítulo 22

O Monsieur Laurent deslizou um pequeno pacote pela mesa em direção a Beth.

— Viu — disse ele com um sorrisinho —, o rapaz não se esqueceu de você.

Beth puxou o pacote de debaixo da mão do Monsieur e o agradeceu. *Se correspondência pudesse ser entregue diretamente no quarto*, ela pensou. Estava ficando um pouco cansativo ver a mesma expressão significativa no rosto cada vez que ele bancava o entregador.

Mas é bem possível que eu recebesse os mesmos olhares da mamãe ou de Julie, lembrou-se.

Correndo para seu lugar favorito no átrio do navio, Beth logo deixou de lado seu aborrecimento quando abriu o primeiro envelope e retirou seu conteúdo. Leu a carta devagar, saboreando a forte conexão que sentia. Mas mesmo sendo essa sua a quinta carta que recebia de Jarrick, ele ainda não havia recebido nenhuma carta dela. Ela estava feliz, pois pelo menos eles tiveram a oportunidade de conversar por telefone. Pensou mais um vez no momento em que a carta fora escrita tantos dias antes.

Parecia que todos estavam se saindo bem. Jarrick tinha desfrutado de uma refeição com Edward e Kate. Parece que ele gostou da moça, mas deu poucos detalhes. *Típico dos homens*, ela pensou com um sorriso irônico.

Molly e Frank se estabeleceram na vida juntos. Abigail estava bem adiantada no processo de montar seu próprio negócio na antiga taberna dos Grants. Havia a promessa de um novo grupo de mineiros, e a empresa estava abrindo caminho para uma série de casas adicionais de frente à pequena estrada de chão onde ficavam as casas atuais. Em breve, as três primeiras casas estariam abrigando novas famílias. *As novas crianças provavelmente vão estar na escola no outono, se Deus quiser* — Jarrick escreveu.

Ela dobrou a carta e a guardou, olhando para o relógio de bolso antes de pegar a próxima carta. O passeio pelas docas de Portland só ia começar depois do almoço. Por enquanto, ainda havia tempo para saborear a segunda carta.

Minha querida Beth,

Tenho certeza de que você partilha dos meus sentimentos, que embora tenha sido uma bênção falar com você hoje, também foi uma decepção. Lamento não ter conseguido coordenar melhor o nosso telefonema — que tivemos tão pouco tempo. Os homens com quem trabalho sugeriram que as dificuldades de ontem podem ter sido apenas um problema com as linhas. Podem estar certos. Por certo existem muitos, muitos quilômetros de fios que se estendem pelo Canadá de leste a oeste. No entanto, ter conhecimento a respeito disso não torna minha frustração mais fácil de suportar.

Jarrick escreveu que pouco havia mudado nos poucos dias desde a última carta que escrevera, exceto pela visita do conselho escolar, como já mencionara por telefone, e também que agora finalmente havia recebido uma carta dela. Expressou mais uma vez a esperança de que logo Beth poderia ensinar seus alunos sobre os lugares por onde tinha viajado e o que tinha visto. Ele tinha certeza de que as descrições que ela faria abririam horizontes inimagináveis para as crianças da cidade.

Beth suspirou, sentindo o coração ser preenchido pela conhecida dor da saudade, e olhou mais uma vez para o relógio. Ela cobriu um bocejo e se lembrou que sua noite tinha sido muito curta. Julie ainda estava dormindo, negando-se a fazer qualquer coisa com um gemido. Como Margret estava ausente no início do dia e Victoria de vez em quando escolhia tomar café da manhã sozinha no quarto, a mesa parecia vazia pela manhã — embora a Sra. Montclair fizesse questão de manter a conversa.

Beth juntou as cartas e as guardou dentro da bolsa. Ainda faltava bastante tempo para que se reunissem, mas pensou que seria uma boa ideia verificar se Julie já estava acordada. Enquanto caminhava em direção à porta do convés, ela ouviu vozes furiosas do lado de fora, e não ousou prosseguir.

Erguendo-se na ponta dos pés, olhou pela janela em forma de claraboia. Em choque, Beth viu Penny e Jannis, com os cabelos voando de forma descontrolada, paradas ao lado da balaustrada, e era evidente que estavam tendo uma discussão acalorada. Ela hesitou, sentindo que era falta de educação escutar conversa alheia, e ainda assim, também sentia que devia saber se a discussão tinha algo a ver

com Julie. Beth abriu a porta.

— Você nunca me *ouve*, Jan! — exclamou Penny. — Não era para você *usar* o negócio, e com certeza poderíamos ter usado o dinheiro da venda.

— Já *disse* para você não falar mais sobre isso! — Jannis começou a se afastar, e, com um puxão no braço, foi trazida de volta. Ela empurrou a mão que a agarrou e gritou: — Ela tá com o negócio de volta agora! Por que você continua jogando isso na minha cara?

Jannis recuou, mas Penny agarrou o braço dela mais uma vez e o balançou com grosseria.

— Não me importo se você acha que não estava errada. O fato é que você estragou tudo! E quanto à outra coisa, eu avisei como é que tinha que ser, e você não prestou atenção. Então agora você *tem me que ouvir*.

— Você não pode colocar a culpa em mim, Penny! Foi você mesma que disse que se vamos nos dar mal, é melhor botar pra quebrar*. Ora, eu também penso assim, à minha maneira. — Mais uma vez, Jannis puxou o braço para fora do alcance de Penny e balançou a cabeça de forma desafiadora. — De qualquer forma, não foi minha culpa. Você não ia conseguir fazer melhor.

As vozes se afastaram quando Penny saiu atrás de Jannis. Beth fechou a porta devagar e se apressou. *Elas devem estar falando do binóculos da Victoria... mas não tenho certeza. E qual era a outra coisa?* O coração de Beth estava acelerado.



— Julie, que tal ficar comigo esta noite? Faz séculos que não jogamos um jogo.

A expressão no rosto de Julie era de verdadeira perplexidade.

— Um jogo? Você não está mesmo falando sério, Bethie! Prometi às meninas que ia acompanhá-las ao show. Vai ter um quarteto esta noite, além de um festival de sorvete. — Julie parou e olhou para Beth pensativa. — Talvez você queira ir também?

Beth suspirou. Ela tinha dormido muito pouco na noite anterior por causa de Julie, e precisava dormir cedo. Mas depois do que ouviu, Beth não estava disposta a deixar a irmã fora de vista.

— Obrigada, Julie! Acho que vai ser divertido.

Mas Julie exclamou:

— Oh, querida, acha mesmo? Ah, isso é esplêndido! Mas você não pode usar esse velho vestido malva de novo. Vai ter que pegar um meu emprestado. Não vamos andar com a turma da mamãe esta noite, sabe.

Julie tirou do armário um de seus vestidos curtos com franjas e o entregou para Beth. Era um vestido de cetim cinza brilhante com uma faixa branca de acabamento no corpete e espiral de contas brancas que brilhavam à medida que a roupa se movia.

— Esse é perfeito. Ainda não o usei. Você pode usar minhas longas pérolas com ele. Oh! Tenho uma pena vermelha que ficaria perfeita se você colocasse na parte de trás do seu cabelo.

— Não, obrigada. — Beth foi firme. — Nada de pena.

Julie deu de ombros.

— Como queira. Só pensei que um bom acessório tiraria a atenção desse corte de cabelo antiquado. Mas faça o que quiser. — A expressão brincalhona no rosto de Julie suavizou suas palavras. — Oh, tenho uma ideia: você pode usar o cabelo solto, sabe, puxado para trás nas laterais... — Julie se calou quando olhou para a expressão de Beth. — Tudo bem, pode usar meus brincos de rubi. Ele vai trazer um pouco de cor dramática.

Quando elas saíram da cabine, Beth sentiu que havia sido enfeitada e preparada, ficando irreconhecível. Julie parecia ter ficado totalmente energizada por seus esforços no traje e na maquiagem de Beth. Ela mesma estava estonteante, vestida em cetim roxo profundo com uma faixa larga nos quadris e uma faixa correspondente na testa.

— A Jan está sempre lamentando que tenha apenas três ou quatro bons vestidos. Mas costumo dizer a ela: ‘querida, não é *o que* está usando; é como você usa’.

— Oh, Julie, quando olhamos para o seu guarda-roupa, fica difícil acreditar *nisso*.

A irmã deu uma risadinha.

— Não deixa de ser verdade. — Julie uniu o braço ao de Beth. Não consigo expressar o quanto estou feliz por você estar vindo. Pode ser que você de fato desfrute da noite. E, claro, a mamãe ficará feliz por você estar lá para acompanhar.

Então, é para isso que sirvo. Mas então Beth lembrou que era por isso que estava indo junto, e por fim, acabou de fato gostando do

quarteto. Os homens estavam juntos num canto do convés de recreação, vestindo paletós listradas de vermelho, com as vozes se misturando em extraordinária harmonia. A lua cheia brilhante no céu atrás deles e dezenas de lanternas de papel penduradas por todo o ambiente criavam um cenário mágico.

Compartilhando uma mesa com um grupo de moças, Beth pôde observar mais de perto outras amigas que Julie havia feito além de Jannis e Penny — principalmente debutantes, confortáveis em seus papéis e desfrutando de bom grado das atividades sociais que acompanhavam sua posição social. Elas falavam de lugares onde estiveram e pessoas famosas que conheceram, exalando confiança e charme. Apenas Penny e Jannis pareciam diferentes. Elas eram as únicas mordazes — falando um pouco mais alto e usando termos que não seriam utilizados na companhia dos pais. Mas aqui as duas eram consideradas modernas e estilosas por essas meninas da sociedade.

Jannis parecia ter recuperado sua costumeira atitude efervescente, mas Beth detectou em Penny um fervoroso ressentimento. Beth fez um esforço para envolvê-la na conversa.

— Você gostou de conhecer Portland hoje, Penny? Gostei em especial dos veleiros. Fiquei feliz por tomarmos tempo para caminhar pelas docas. Você e a Jannis conseguiram conhecer o porto?

— Nós ficamos no navio. Foi fácil ver as velas daqui mesmo.

Parecia que Penny estava ao menos fazendo um esforço para ser sociável.

— Eu mesma prefiro ambientes silenciosos às multidões.

— Não, isso não me incomoda. Mas vimos barcos todos os dias desde que começamos este cruzeiro, só achei que não era mais necessário ver outros.

— Sim, tem razão — Beth sorriu. — Que bonito esse vestido que você está usando. Esse tom de azul-petróleo combina com a cor dos seus olhos.

— Obrigada — Penny respondeu e se afastou.

— Ora, ora, o que temos aqui! — Beth reconheceu a voz de Nick e se virou com as outras moças. — Que bela turma de brotos!

— Oi, Nicky — o rapaz recebeu como resposta em coro.

— Olá pra vocês também! — Nick olhou para todas as moças na mesa e encarou Beth. — Ora, ora, alguém está invadindo nossa festa. Jamais imaginei que veria *você* na rua passadas as onze horas.

Beth balançou a cabeça.

— Oh Deus, já é tão tarde? A Julie deve ter escondido o meu relógio esta noite.

— Fico feliz em tê-la a bordo, Srta. Thatcher. Como disse antes, você e sua irmã formam um belo par-de-vasos — um elegante par de vasos de porcelana. Pelo menos formavam, antes que as meninas transformassem a nossa Julie aqui em mais uma modernete — e tirem todo aquele belíssimo cabelo escuro. Que desperdício.

Nick estendeu a mão para pegar e beijar a mão de Julie.

— Ora, Nicky, porque não nos traz um pouco de sorvete — disse Jannis. — É para ser um festival de sorvete, não é?

Nick deu um sorriso torto e disse:

— Eu pareço um garçom para você? — E então riu. — Está bem, mas não vou tomar pedidos. Você vai ter que ficar com o que eu trouxer.

— Claro, e obrigada, Nicky. Ele desapareceu a caminho do local onde serviam o sorvete.

Uma das moças se inclinou em direção ao centro da mesa.

— Ele está muito na sua, Julie. Você sabe disso, não sabe?

— Ah, Sophie, ele age assim com todo mundo.

— Isso lá é verdade, mas você é a orgulhosa dono da única mão que ele *beijou*.

Alguém deixou escapar:

— *Esta noite!* A única mão que ele beijou esta noite!

O riso explodiu ao redor da mesa, mas Beth notou que Jannis não se juntou às gargalhadas.

A lua passou devagar mais alto no céu noturno enquanto o riso girava ao redor de Beth. Ela ouviu muito pouco da brincadeira. Olhou para o céu salpicado de estrelas acima, pensando em Coal Valley e na infinidade de diamantes brilhantes visíveis na escuridão. Beth cobriu um bocejo, imaginando se Jarrick estava vendo a lua junto com ela.

— O que está pensando?

Como antes, a pergunta de Nick pegou Beth de surpresa. Ela sentou-se mais ereta.

— Só estou tentando ficar desperta. Não estou muito habituada a esta vida noturna.

— Creio que leve um certo tempo. Quando estava na faculdade aprendi a dormir pouco.

— Talvez isso tenha contribuído para que você não terminasse.

Ela tentou dar uma risadinha enquanto dizia as palavras — como Julie fazia —, mas parecia que Beth não havia dominado a técnica. O rosto do Nick se retorceu um pouco.

— Tenho certeza de que você está certa. Devia ter me esforçado mais.

Beth se desvencilhou, pois desejava que ele tivesse visto a observação como brincadeira, ou não ter falado nada.

— Não foi minha intenção criticá-lo, Nick. Desculpe-me. Estava apenas brincando.

— Está tudo bem. Você está certa, é claro. Havia tanta coisa acontecendo — eu detestava ficar de fora.

Eu não posso evitar, Beth pensou, sentindo surgir a professora que tinha em si. Ela inclinou os cotovelos sobre a mesa para falar em um tom mais baixo.

— Você poderia voltar para a faculdade.

— Não, imagina. Esse navio partiu, por assim dizer. — Ele tentou dar uma de indiferente. — Foi difícil demais entrar quando entrei. A minha família não é tão estruturada como as outras. Não temos conhecidos, não temos riqueza tradicional (dinheiro antigo). Mas tudo bem. Eu vou me dar bem de qualquer maneira.

— De onde você é, Nick?

Ele pareceu um pouco alarmado.

— Oh, eu não disse isso antes? Sou de... New England. Sim, estamos chegando muito perto de casa agora.

— E o que seu pai faz?

Por um momento, Nick encarou Beth indeciso. Então a expressão dele suavizou, como se estivesse renunciando à ousada pretensão.

— Não tenho pai. Nunca tive. Somos só minha mãe e eu — e um monte de tias, tios e primos. Foi muito difícil assim. Nunca senti

que era tão bom quanto os outros. Mas logo poderei cuidar dela, e não vamos mais precisar viver com a família. Minha mãe é tudo que tenho nesse mundo. — Nick franziu a testa e olhou para baixo. — Não sei por que contei isso. Acho que por um minuto pensei que alguém talvez se importasse.

Beth ficou impressionada com a quantidade de vulnerabilidade que Nick expusera.

— Eu me importo, Nick, me importo *mesmo*. E se tiver uma maneira de ajudar, ficaria feliz em fazê-lo. O nosso pai *sim* tem conexões, como Julie disse. Não sei se algum deles se alinharia com os empreendimentos comerciais que você tem em mente, mas tenho certeza de que meu pai ficaria feliz em conversar com você assim que chegarmos à Flórida.

Beth soube, no momento em que dizia as palavras, que elas soassem eram fracas e vazias, sem fundamento no mundo real.

— Obrigado — ele respondeu devagar. — É muito gentil de sua parte... que você até mesmo diga isso.

A expressão triste nos olhos de Nick partiu o coração de Beth. A imagem de Nick a assombrou quando Beth deitou a cabeça no travesseiro, e suspirou uma oração de bênçãos pelo rapaz e sua mãe.

Capítulo 23

— Boston — Beth sussurrou enquanto descia o passadiço atrás Monsieur Laurent.

Olhou acima da área do cais para vislumbrar a famosa cidade, cuja história rica Beth sempre gostou. Sementes de independência germinaram e cresceram aqui. Aquelas infames arcas de chá foram abandonadas no porto de Boston por rebeldes disfarçados de nativos. Lanternas balançando na histórica torre da igreja sinalizavam que os britânicos estavam chegando.

Beth sorriu. Seus ancestrais eram britânicos — a família da mãe descendia de uma boa linhagem galesa e a do pai do norte da Inglaterra. Na verdade, havia uma linha da árvore genealógica que vivia nas colônias americanas naquela época. Mas a história conta que, quando eclodiu a rebelião, as casas deles foram apreendidas, os homens cobertos de alcatrão e plumas. Todos haviam escapado para as propriedades britânicas mais ao norte.

— Começaremos no bairro histórico da cidade velha — disse o Monsieur Laurent. — Tem dois táxis esperando pouco depois desses edifícios. A bagagem será enviada para o hotel enquanto vocês fazem a excursão.

Ele havia contratado um guia local, e Beth ficou encantada, porque o rapaz incluiu muitas anedotas pitorescas relacionadas aos edifícios antigos por onde passavam. Pararam na Old North Church para dar uma olhada por dentro e também no Faneuil Hall, o local onde ocorreram muitos dos grandes discursos da época da revolução. Enquanto o táxi passava pelo trânsito no caminho para o hotel e um almoço muito tarde, Beth estava satisfeita e exausta.

— Há um concerto de música clássica hoje à noite no Symphony Hall — disse o Monsieur Laurent enquanto desembarcavam dos táxis. — Se quiserem participar, eu ainda consigo entradas com o concierge do hotel, mas preciso confirmar o mais rápido possível.

— Ah, sim — exclamou a Sra. Montclair. — Victoria e eu estamos interessadas. Por favor, assegure lugares pelo menos para nós

duas.

— Acho que não vou — disse Margret. — Prefiro ficar aqui com meu bebezinho J. Mas obrigada, Monsieur Laurent.

— E as moças? — Monsieur Laurent perguntou com um sorriso dirigido às irmãs Thatcher.

Julie respondeu rapidamente pelas duas.

— Creio que preferimos não ir. Vamos encontrar outra maneira de preencher nosso tempo. Mas a senhora pode acompanhar as Montclairs, mãe. Não há razão para se preocuparem conosco. Vamos encontrar algo para nos divertirmos, tenho certeza.

Beth observou o rosto de Julie enquanto ela falava com confiança, como se tivessem feito outros planos. Julie lhe deu um sorriso significativo e uma piscadela quase imperceptível, indicando que explicaria mais tarde.



— O que, em nome de Deus, você tem em mente? — Beth perguntou. — Ela e Julie esperaram enquanto Margret comprava sais de Epsom na lojinha do hotel, para pôr de molho os pés doloridos. A mãe e as Montclairs estavam terminando o almoço na adorável sala de jantar. Os diversos hotéis elegantes em que haviam ficado hospedadas já se tornavam a mesma coisa para Beth. — Sei que você está armando alguma coisa, Julie. Não acreditaria que você queria simplesmente ficar aqui esta noite nem que a declaração fosse assinada pelo próprio Rei George.

Julie deu uma risadinha nervosa e chamou Beth para um canto, certificando-se de que Margret não podia ouvir.

— A verdade é que — ela confessou —, de fato *temos* algo esta noite. Algo que eu esperava fazer há algum tempo.

— Pelo amor de Deus, apenas me diga.

Julie agarrou a mão de Beth com as mãos dela.

— Há uma exposição do trabalho de Georgia O'Keeffe aqui em Boston. Eu vi algumas peças dela ao longo dos anos em Toronto, e gostaria muito de ver mais. O museu não fica longe do hotel. Poderíamos pegar um táxi e chegarmos lá em alguns minutos. O que você acha?

— Mas por que não contar para a mamãe? É bem provável que

ela concordaria com esse tipo de passeio cultural, e pode ser que até quisesse ir também...

— A mamãe não... ela não *observa as obras muito tempo*. Quando ela vê uma peça de arte, olha uma vez e logo pensa que já a viu. Eu quero *estudar* a obra. Quero perceber as pinceladas e a técnica de O'Keeffe, sua escolha de cores. Você com certeza entende isso, Bethie.

Beth sorriu.

— O que a faz pensar que eu seria uma companheira mais disposta, Julie querida? Quando você já me viu 'observar por mais tempo' uma obra de arte, como você diz?

— Você ficaria neste caso. Você devia apenas *ver* algumas das pinturas da O'Keef — a *escala* absoluta delas. São de tirar o fôlego.

Margret se juntou às irmãs, e elas não disseram mais nada sobre o assunto. Ao longo da tarde, Beth se debateu com o pequeno *dilema*. Devo apoiar o subterfúgio de Julie e participar da exposição de arte? *Talvez possa ser adiada até amanhã*. Temos bastante tempo.

Quando a mãe vestiu o vestido e colocou o novo colar de pérolas no pescoço, Beth se aproximou para prender o fecho. Esperava que a mãe não lhe fizesse uma pergunta direta sobre os planos para a noite, e logo se perguntou se não era essa justamente a razão por que ficara por perto da mãe — para que ela pudesse descobrir e pôr fim à aventura sem qualquer ajuda dela. No entanto, parecia não haver a menor suspeita.

— Tentem não ficar acordadas até tarde demais, queridas — disse a mãe ao fazer uma pausa na porta. — Vocês tem ficado acordadas até tarde nos últimos dias. Faria bem para as duas terem uma boa noite de descanso. Amo vocês. Boa noite.

Assim que a mãe partiu, Julie saltou da cama onde estivera reclinada sem preocupação.

— Vamos nos vestir, Bethie. Você pode usar o meu risca verde. Vou usar o casaco cor-de-rosa sobre o vestido com estampa paisley.

— Eu tenho minhas próprias roupas, Julie. Não preciso sempre pegar emprestado os seus, muitíssimo obrigada.

— Como queira. — Os olhos de Julie brilharam, encantados com seu próprio trocadilho. — Poderia ajudá-la a escolher... — mas Beth já estava balançando a cabeça.

Em pouco tempo, a irmã estava pronta para o passeio da noite, mas Beth ainda estava enrolando, fazendo perguntas que ela esperava fariam Julie tropeçar e colocar um fim ao esquema.

— Como você vai pagar o taxista?

— Juntei um pouco de dinheiro que recebi de volta ao fazer compras. Monsieur Laurent nem sempre pede o troco. Tenho o suficiente para ter uma grande noite — pelo menos para o que pretendemos fazer com o nosso tempo — disse ela distraída. — Não me importo de usar esse dinheiro agora. Sempre posso conseguir um pouco mais para quando chegarmos em Nova York. E o que isso importa? O papai teria nos dado dinheiro de qualquer maneira.

— Oh, Julie. Você não consegue ver como uma má decisão leva a outra? Não devíamos fazer isso. Deveríamos ter explicado nossos planos para a mamãe, ou pelo menos para a Margret. Eu posso ir até o quarto e contar a ela... — Julie a fez parar com um forte gesto com a cabeça. — Para ser sincera, não consigo entender por que você sente a necessidade de tanto sigilo.

— Você não acha divertido? — Julie perguntou, com os olhos arregalados, demonstrando seu deleite. Não pedir permissão, para variar? Apenas tomar nossas próprias decisões — como as adultas que somos?

— Não — respondeu Beth categoricamente. — Não acho. Eu preferiria não andar me esgueirando por aí.

— Não sei, querida. — O rosto da irmã estava iluminado, em capciosa antecipação. — ‘Esgueirar-me’ soa bastante empolgante para mim.

— Julie!

Elas caminharam juntas para o elevador, e o atendente fechou os portões. Beth ainda estava discutindo em voz baixa.

— Vamos ter que pedir um táxi.

— Já cuidei disso, Bethie querida — disse Julie. — Você precisa confiar em mim. Já pensei em tudo.

Quando os portões se abriram para o saguão, Julie se virou com uma expressão severa.

— Agora me ouça, Bethie, essa é a última observação depreciativa que vou ouvir sobre nossa noite. Nós estamos indo. Está decidido. Então quero que você *se divirta*. Se não para o seu bem, então para o meu. Estou apenas extasiada por estar na cidade, e estou

feliz por estar indo com você — isto é, se melhorar sua atitude. Não há ninguém com quem eu prefira sair, acredite, se você parar de ser tão tola a respeito do passeio.

Beth suspirou e olhou para os olhos encantadores.

— Eu disse que iria. Mas estou indo contra o meu bom senso.

— Você deixou isso perfeitamente claro. Então, não vamos continuar insistindo nesse ponto, vamos?

Beth só assentiu e saiu, deparando-se com multidões da noite em frente ao hotel, saindo de debaixo da marquise. Uma massa de pedestres passava apressada em várias direções, e os carros buzonavam e passavam acelerando a poucos passos de onde estavam. Beth respirou fundo e olhou ao redor buscando o táxi à espera.

— Não vi o nosso táxi, Julie.

Ela se virou para o espaço vazio ao seu lado, atordoada ao ver que estava sozinha.

— Oi! Aqui! A voz de Julie exclamou a certa alguma distância.

Quando finalmente viu a cabeça de Julie balançando, Beth percebeu que a saudação não fora para ela. A irmã estava saltando depressa pela calçada, acenando para outra pessoa. E então Beth viu um homem de terno preto se movendo de forma propositada em direção a Julie. Beth foi tomada pelo pânico, e lançou-se para frente para ir atrás da irmã.

Beth sentiu-se inundada pelo alívio quando percebeu que era apenas o Nick. *Mas o que ele está fazendo no nosso hotel? E por que parece que a Julie está esperando por ele?*

— Julie, para! Espera por mim. Beth teceu seu caminho obstinado pelas multidões até que alcançou a irmã. Sem fôlego, disse indignada: — Era esse o seu plano o tempo todo? Encontrar-se com o Nick?

Julie riu e estendeu a mão para agarrar o braço de Beth.

— Não é uma ótima surpresa? Vamos ter a melhor das companhias, você vai ver.

— Não, não vou ver. Beth olhou para o rosto de Julie, desta vez imune ao seu charme. Nick parecia surpreso, mas ele já estava alcançando a porta de um táxi parado e abriu-o com exagerada gentileza. — Julie, eu disse *não*.

A irmã se aproximou da porta aberta, desafiando-a com todo o

prazer.

— Oh, Bethie — disse ela com um gesto da mão — foi o Nick que me falou sobre a exposição da O'Keeffe. Eu não saberia de nada se não fosse ele, portanto, é justo que ele nos acompanhe. Além disso, não é mais apropriado do que sair *desacompanhadas*? Certamente você concordaria...

— Não — repetiu Beth, a palavra foi acentuada pela raiva. — Não vou permitir que você faça isso!

Julie já estava sentando-se no banco do táxi.

Nick parou entre as irmãs.

— Vamos, Beth, seja boazinha. Estamos apenas saindo para uma boa noite numa exposição de arte. E o que poderia ser mais seguro do que um *museu*? Não deixam nem a gente *falar* muito alto. — Ele tentou sorrir enquanto mantinha Beth longe da porta com seu corpo largo. Beth lutou contra ele, empurrando para trás com todas as suas forças, mas Nick era muito forte para que ela conseguisse fazer qualquer progresso. A pontada de medo diante de tal demonstração de poder a deixou ainda mais zangada. — Voltaremos antes que sua mãe esteja em casa — assegurou ele, segurando-a com um braço. — Por Favor, Beth. Você sabe que pode confiar sua irmã a mim. — Nick abriu aquele sorriso carismático.

Julie exclamou animada de dentro do carro:

— Oh, Nick, mas ela vai vir conosco! Vamos, Bethie. Não me obrigue a ir sozinha. O que a mamãe diria?

Julie deslizou ainda mais no banco de trás para abrir espaço para a irmã.

— Não! Julie, desce desse táxi *agora*. Eu insisto.

Beth estendeu a mão em direção ao braço com que Julie acenava, mas Nick rapidamente entrou no carro e bateu a porta.

Beth se lançou na janela aberta do carro.

— Julie Camille, já chega!

A risada de Julie foi o último som que Beth ouviu antes que o táxi disparasse para longe do meio-fio e se perdesse no movimento do trânsito. Beth ficou por vários momentos olhando para o carro, fervendo de raiva e mágoa, o medo que a acompanhava fazendo enfraquecer seus joelhos. Beth não conseguia compreender o que acabara de ocorrer quando se virou horrorizada na calçada, com um mar de gente fluindo ao seu redor.

Por fim, ela correu de volta para o hotel, e então, parou como pedra no saguão. *O que devo fazer? Preciso contar a alguém. O Monsieur Laurent está na sinfonia. Talvez a Margret, ela é a única que está por perto...* Beth correu em direção ao elevador.

Margret estava dormindo na cama ao lado de JW. O pulso da Beth estava acelerado. E, no entanto, parecia que não havia nada a ser feito. Ela fechou os olhos e orou enquanto caminhava em silêncio pelo quarto.

Capítulo 24

— Gostaria de chamar um táxi para mim, por favor.

De volta ao saguão do hotel, Beth esperou impaciente na recepção. Ela não tinha formulado um plano, e ideias aleatórias rolavam em sua cabeça dolorida. Ela ia seguir Julie e Nick até o museu, e então... bem, ela não tinha certeza. Talvez fizesse um escândalo até que Julie se rendesse às suas ordens. Poderia até convocar um policial, se necessário. De qualquer forma, Beth logo decidiu que não ia conseguir simplesmente esperar ociosa até que Julie retornasse. Devia ir buscar a irmã.

— O táxi vai esperá-la no meio-fio, senhorita.

— Obrigada.

Beth saiu apressada do hotel, e o porteiro a indicou um veículo esperando e abriu a porta. Ela estava dentro do carro e indicando o Museu de Belas Artes para o taxista antes que a porta se fechasse atrás dela. Se não fosse pelos lampejos de fúria que lhe assomavam, Beth sabia que teria se rendido às lágrimas.

Apenas alguns minutos depois Beth estava colocando suas moedas na mão do taxista, embora durante todo o caminho ela o tivesse apressado sentada na borda do assento. Ela esperava conseguir localizar Julie antes que a irmã gastasse o resto do dinheiro roubado do Monsieur Laurent, pois iam precisar de dinheiro para o táxi de retorno.

Beth subiu correndo os poucos degraus da frente e foi até o mezanino mais adiante.

— Desculpe-me, senhor, é possível chamarmos alguém pelo alto-falante?

O homem da recepção respondeu em tom agradável:

— Sim, senhorita. Sabe onde podem estar localizados no Museu?

Beth deu um pequeno suspiro de alívio.

— Sim. O nome dela é Julie Thatcher. Ela vai estar na exposição da O'Keeffe.

O rapaz hesitou.

— Sinto muito, mas fechamos essa exposição no mês passado. Mudou-se para Washington, eu acredito.

Outra onda de alarme passou pelo corpo de Beth. Ela gaguejou:

— É... é possível que esteja em outro museu, aqui em Boston? Posso ter entendido o local errado.

— Não, senhorita. Tenho certeza de que mudou-se para Washington. Mas vou me certificar para ter certeza.

Beth podia sentir as mãos apertando do lado do corpo, o coração batendo furiosamente.

— Não importa, senhor. Tenho certeza de que ela disse que estavam vindo aqui. Talvez eles estivessem enganados a respeito da exposição. Posso apenas entrar e ver se consigo encontrá-la? Você tem um mapa?

— Claro, senhorita. Mas você terá que pagar a taxa de entrada.

Não ia conseguir entrar sem pagar, então Beth procurou moedas na bolsa.

— Obrigada. Beth agarrou o diagrama impresso e começou uma busca metódica do edifício. A tensão aumentava com cada salão que ela verificava na folha. *Onde eles foram? O que a mamãe vai dizer?* Beth voltou a sentir raiva. *Tenho certeza de que haverá palavras escolhidas para Julie... e até mesmo para mim.*

Mas logo a raiva se dissipou e transformou-se em um pavor que Beth nunca havia sentido antes. *Não vou encontrar a Julie aqui. Querido Pai, ajuda-me... ajude a Julie...*

— Com licença, senhor — disse Beth quando voltou à mesa da recepção tremendo. — É possível chamar um táxi... para me levar ao Hotel Century? Mas eu não tenho dinheiro suficiente para a tarifa.

Lágrimas a ameaçaram, e Beth sabia que parecia patética, mas isso não tinha importância agora.

— E a senhorita está hospedada lá?

— Sim, senhor.

— Qual é o nome e o número do quarto, por favor? Vou ver o que posso fazer.

Mais uma vez, Beth esperou na mesa, observando aqueles que passavam — por via das dúvidas.

— Senhorita, entrei em contato com a recepção do hotel. Eles sabem que a senhorita está indo, e vão cuidar da tarifa para você. A cobrança irá para o seu quarto. O táxi estará aqui daqui um instante.

— Oh, obrigada! — Beth disse ofegante. — Eu... estava com medo de ter de caminhar até lá.

— Ora, não íamos fazer isso, senhorita. Não sozinha na cidade e à noite.

As palavras que ele usou na intenção de tranquilizá-la torceram como uma faca no coração de Beth. *A Julie está lá fora. É como se estivesse sozinha... na escuridão.* Beth tentou formular o discurso que gostaria de fazer para o Nick quando o visse novamente, mas estava tão tomada pela ansiedade que não conseguia completar uma frase. Tentou agradecer mais uma vez ao rapaz, mas percebeu que a boca estava seca.

Por fim Beth estava de volta à entrada do hotel e correndo pelo saguão em direção ao elevador. Estava certa de que agora o ascensorista já percebera sua angústia. Ela olhou para baixo, orando com fervor mais uma vez. Desta vez, estava implorando para que Julie já estivesse no quarto, ou que a mãe e o Monsieur Laurent já tivessem retornado.



— Margret — sussurrou Beth, dando tapinhas no ombro da irmã. — Margret, por favor. Preciso de falar com você.

Por fim, a irmã mais velha se mexeu.

— O que foi? Já é de manhã? Por que está tão escuro?

— A mamãe e a Sra. Montclair ainda não voltaram — disse Beth. — Mas preciso falar com você. É sobre a Julie... ela desapareceu.

— Desapareceu? Foi para onde? — Margret levantou-se sobre o cotovelo.

Lágrimas estavam escorrendo pelas bochechas de Beth.

— Em um táxi. Nick ia levá-la a uma exposição de arte... — A

voz de Beth ficou presa num soluço. — Mas fui ao museu e não consegui encontrá-la. Eu acho que eles podem ter... talvez tenham se perdido.

— Com *quem* ela estava? — Os pés de Margret já estavam no chão e ela afastou Beth do bebê adormecido. Depois de acender a luz no banheiro, as irmãs entraram.

— Você está chorando. Beth, não chore. Diga-me outra vez onde ela está.

Margret estendeu os braços para a irmã, mas Beth a afastou com impaciência.

— Ouça-me — disse Beth, enxugando os olhos. — Nós íamos sair juntas. A Julie me convenceu a ir. Mas quando chegamos no táxi, o Nick estava lá. Eu fiquei dizendo para a Julie não ir com ele... mas ela não quis ouvir. E agora não consigo encontrá-los.

Beth se dissolveu em soluços. Margret pegou as mãos de Beth.

— Que horas eles deviam estar de volta? Antes da mamãe chegar?

— Sim. O que é que a mamãe vai dizer?

— Provavelmente coisas que deveria ter dito muito antes disso.

Margret dirigiu Beth para fora do banheiro e abriu a porta para o corredor.

— Vou colocar o bebê no berço e avisar a Srta. Bernard que eu saí, para que ela fique com ele. Vou demorar uns minutos. Você vai até a recepção e espera por mim lá. No mínimo, veremos a Julie assim que ela voltar... ou a mamãe, quem chegar primeiro.

Beth assentiu e correu pelo corredor que parecia ter se alongado por conta própria. Desta vez, ela decidiu que ia descer pelas escadas, contornando o elevador.

Ela ficou andando de um lado para o outro no saguão, olhando para cada janela por sua vez. A escuridão parecia ainda mais profunda além das luzes da cidade. Margret enfim apareceu, e as irmãs foram para um canto do saguão onde havia dois sofás de frente um para o outro, e de onde podiam ver todos os que entravam e saíam do prédio. Elas fixaram os olhos na porta e começaram a conferenciar em voz baixa.

— Diga-me outra vez, Beth. Qual era o plano para a noite?

Os ombros de Beth caíram na derrota. Já era doloroso contar a história.

— Julie queria ver a exposição da O'Keeffe no Museu de Belas Artes. Pensei que íamos juntas — só nós duas.

Margret se aproximou, perguntando em voz baixa:

— Vocês estavam saindo sem contar para a mamãe?

Margret estava intrigada. Beth deixou cair o rosto nas mãos.

— Foi ideia da Julie. Ela queria que eu fosse junto... para uma exposição de arte. Julie parecia estar tão encantada com a artista, e... ora, eu não devia ter concordado, Margret. Mas eu não sabia que o Nick estaria lá. Fui pega totalmente de surpresa.

— Sim, entendo.

Nessas duas simples palavras, Margret conseguiu soar exatamente como mãe. Beth ficou ainda mais desanimada. Ela se apressou em dizer:

— Eu mesma fui lá para tentar encontrar a Julie. Andei por todos os salões, mas não os vi. Não tenho a menor ideia para *onde* eles foram.

— Você foi sozinha?

— O que mais poderia fazer? — Beth estava erguendo a voz, implorando para que Margret entendesse. — Eu vi ela ir embora, Margret. Ela estava *rindo* — pensando que tudo não passava de uma grande piada. Eu *tinha* que ir atrás dela.

Margret suspirou.

— Oh meu Deus... oh, Julie.

Lágrimas também estavam se formando nos olhos de Margret.

O tempo se arrastou até que a mamãe e a Sra. Montclair por fim se materializaram pela porta, parecendo satisfeitas com a noite enquanto entravam no saguão, e Victoria caminhava em seu próprio ritmo. Seguindo atrás das mulheres, o Monsieur Laurent foi o primeiro a notar Beth e Margret levantando-se.

— O que foi? É muito tarde para vocês ainda estarem acordadas, não é? Sra. Bryce, aconteceu alguma coisa?

A mamãe se virou para elas enquanto Beth e Margret moviam-se devagar, temendo o que sabiam que estava por vir.

— O que foi, meninas?

Beth engoliu seco.

— A Julie está desaparecida.

— *O quê?!*

As palavras de Beth, assim que começaram a sair, não saíram rápido o bastante enquanto contava os eventos assustadores. O rosto da mãe ficou pálido, depois cinza.

— Há quanto tempo?

Margret pegou o braço da mãe para firmá-la, e Beth disse:

— Pelo menos três horas atrás. Ela disse que ia voltar antes de você chegar — Beth afirmou, agarrando-se ao próprio pescoço. — Fui procurá-la, mas eles não estavam no museu onde disseram que estariam. — As palavras ficaram presas na garganta seca. — Me perdoa, mãe — ela engasgou.

— Vou chamar a polícia agora mesmo — anunciou o Monsieur Laurent em tom solene, virando-se para a recepção.

Beth olhou para as portas da frente desesperada, ansiando ver Julie passando por elas a qualquer momento, satisfeita com sua própria emancipação, pondo fim a essa terrível incerteza.

Mas Julie não entrou. Em vez disso, depois do que pareceu uma eternidade discutindo a situação, Monsieur Laurent voltou.

— Eles não podem enviar um oficial até de manhã, embora eu tenha tentado convencê-los da urgência. Vamos ter que esperar. Srta. Thatcher, pode explicar mais uma vez o que aconteceu, da forma mais completa que conseguir?

Beth repetiu sua história em agonizantes detalhes, afundada no sofá, tendo o apoio do braço de Margret. A mãe agora estava andando entre as janelas, ouvindo a descrição mais detalhada do ocorrido, observando as ruas escuras do lado de fora. Pediram que Beth desse mais detalhes — a hora o mais exata possível, uma descrição do táxi, do motorista, a direção em que saiu, o que fora dito por cada um, enquanto o Monsieur Laurent tomava notas meticulosas. Com cada resposta, aumentava a gravidade da situação. Beth estava vagamente ciente de uma agitação geral ao redor do saguão, aqueles que trabalham na mesa e que ainda estavam nos escritórios nesta hora tardia, comentando sobre o dilema deles. Tudo parecia irreal e impossível. *Julie, onde você está?* Mas cada vez que Beth erguia o olhar em direção à porta, seu coração desanimava ainda mais.

De canto do olho, Beth viu a figura da mãe cair no chão. Ela

tinha desmaiado. Com o choque, o espartilho apertado, a respiração restrita, não era de se admirar.

Todos foram até ela imediatamente. Mamãe foi levada para outro sofá e reanimada com sais aromáticos. Beth e Margret se agacharam ao lado dela, segurando as mãos uma da outra e a da mãe. Mais uma vez Beth levantou o olhar em vão para a porta, implorando por Julie, por todos eles.

Capítulo 25

Beth se ergueu o bastante para perceber que havia adormecido com a cabeça apoiada no ombro de Margret. Raios de luz da manhã entravam pelas cortinas de renda sobre as grandes janelas. Muitos funcionários e hóspedes do hotel estavam andando de um lado para o outro, com os saltos dos sapatos clicando animados no chão de mármore. O canto do saguão com os sofás havia sido entregue à família — e aos três policiais cuja chegada, ao que parecia, havia despertado Beth. Ela estremeceu ao perceber que ainda não havia terminado, que a Julie não tinha voltado. Lágrimas mais uma vez escorriam de seus olhos inchados e pelo rosto.

No meio da noite, eles tinham sido convidados a desocupar o saguão e ofereceram um escritório no piso principal do hotel. Mas a mãe se recusou a deixar o lugar onde esperava ser a primeira a ver de volta uma Julie envergonhada e profundamente arrependida depois de uma noite de imprudência. As mulheres ainda tinham esperança, orando para que fosse verdade. Elas não ousaram considerar nenhuma resposta alternativa. Mas com cada virada do ponteiro do minuto em torno do relógio do hotel, tornava-se cada vez mais evidente que algo mais obscuro estava acontecendo.

De seu assento em uma mesa redonda colocada na grande janela saliente, Monsieur Laurent pareceu notar que Beth havia despertado.

— Srta. Thatcher — ele chamou em voz baixa. — Poderia se juntar a nós, por favor?

Ela saiu do lugar onde estava ao lado de Margret e passou com cuidado pela mãe.

— Sim, Monsieur Laurent?

— Gostaríamos que nos contasse o que sabe sobre esse rapaz. Qualquer informação que tiver.

Monsieur e o oficial que estava com ele trouxeram uma

cadeira para Beth, e ela buscou na memória, tentando lembrar e relatar o que podia.

Parecia haver muito pouco.

— Ele alegou ser da Pensilvânia... mas falou de forma tão evasiva. Acho que ele disse que era uma pequena cidade fora da Filadélfia, mas não tenho certeza sobre esse detalhe. Contou que frequentou a Universidade da Pensilvânia, mas não concluiu os estudos. Ele jogava tênis, parecia se vestir bem como alguém da classe alta. Mas, por fim, disse que era filho de uma mãe solteira, vivendo com uma grande família. E depois disse que era de New England. Pensilvânia fica em New England? Eu não sei ao certo.

Mas o oficial estava ocupado anotando no bloco e não deu atenção.

— É tão difícil acreditar que ele possa fazer parte... parte de alguma coisa... — Beth não conseguia continuar. Depois que lhe deram alguns instantes, ela prosseguiu: — Ele parecia um jovem tão comum, era até uma pessoa bem legal. — Então, lhe sobreveio outro pensamento. — Penny e Jannis... pode ser que elas tenham mais informações sobre ele — Beth sugeriu esperançosa. — Elas passaram mais tempo com Nick e Julie do que eu.

Sim, veja bem — disse Monsieur Laurent em voz baixa —, eu já tentei entrar em contato com elas. Fui ao navio durante a noite e falei com o oficial de segurança a bordo. Parece que o quarto delas está vazio — todas as coisas que possuíam desapareceram, assim como as do rapaz.

— O quê?

— Elas desapareceram, Srta. Thatcher.

Beth procurou o significado daquela declaração. *Será que os três têm algo a ver com o desaparecimento da Julie? Será que estão trabalhando juntos? Mas as meninas alegaram não conhecerem bem o Nick. Não faz sentido...*

— Quero que pense com cuidado, senhorita — disse o policial. — Essas moças já haviam tentado afastar sua irmã da família antes?

A lembrança acendeu um farol na mente nebulosa de Beth. Ela respirou fundo.

— Sim, creio que sim, em Bar Harbor. Elas ficaram muito zangadas quando Julie passou o dia conosco em vez de sair com elas. Não conseguimos entender o porquê. Talvez estivessem tentando...

Mas Beth não conseguia expressar em palavras um objetivo tão malévolo.

— É provável que isso tenha sido planejado há algum tempo, com certa premeditação.

A noção era inconcebível para Beth, e ela se reclinou contra a cadeira enquanto o oficial se levantava com um aceno de agradecimento em direção a ela, e depois foi para onde os parceiros estavam conversando.

Beth encarou o olhar do Monsieur Laurent.

— Estou grata que os policiais não demoraram para vir.

Ele assentiu com expressão solene.

— Sim, com dinheiro na mão, a gente consegue até animar os serviços da polícia local nos dias de hoje.

Beth ficou assustada por um momento, depois suspirou. Ela nunca tinha ficado mais agradecida pelo dinheiro do pai.

— Temos que levar a Sra. Bryce até o quarto dela — anunciou o Monsieur Laurent quando Margret e a mãe começaram a se mexer. — Na verdade, é hora de todas vocês se retirarem dos olhares curiosos.

— Mas a Julie...? — Margret gemeu. — E se ela chegar?

— Ela não vai... — Monsieur Laurent parou e começou de novo. — Se ela chegar agora, será recebida pelos oficiais e funcionários do hotel, que nos notificarão imediatamente. Mas temos de nos retirar do átrio. A equipe não vão conseguir manter os repórteres de fora por certo tempo. E eles precisam que seu espaço de trabalho volte ao normal.

Beth estava certa de que a família se sentia como ela — que irem descansar era admitir que não havia esperança de que Julie iria voltar sozinha. Elas hesitaram e permaneceram, lançando olhares melancólicos em direção à porta. Por fim, as Thatchers entraram no elevador juntas. Beth fechou os olhos e mais uma vez deixou as lágrimas correrem como queriam. *A culpa é minha. Não consegui proteger a minha irmã. Sou tão culpada quanto a Julie de me rebelar contra a tutela da mamãe... e os custos são mais altos do que eu podia imaginar.* As próprias acusações foram esculpidas com ponta de faca em sua consciência ferida.

Beth deitou-se na cama ao lado de Margret, mas mesmo em exausta, sua mente se recusou a parar. *Onde está a Julie? Onde é que*

Nick a levou? Como ele pode ter feito algo tão horrível? Nick prometera, em suas últimas palavras, que ele era confiável. Fortes soluções começaram a sacudi-la enquanto se perguntava: *Será que Julie está muito assustada? Será que está lutando contra ele? Será que o Nick está tratando ela com crueldade?* E a mais assustadora de todas as perguntas, as palavras que ela não podia expressar: *Será que ela ainda está viva?* Ondas implacáveis de medo a atormentavam e Beth sabia que não ia dormir. Ela se levantou para tomar um banho. Abaixando-se na água, ela chorou mais uma vez, até que lhe sobreveio um estupefato silêncio.



A água esfriou, e logo soou uma forte batida na porta do quarto. Beth saiu da banheira e jogou um pesado robe ao redor do corpo tremente. Ela abriu a porta o suficiente para ouvir, mas não ser vista.

A voz de Monsieur Laurent estava dizendo:

— ... a nota dizia que estão exigindo um resgate. Vamos informá-la assim que tivermos mais informações. Mas esta é uma notícia muito boa — insistiu o Monsieur com firmeza. — Ela está viva. Ele não vai machucá-la, desde que seja dinheiro que ele procura. Vamos agora mesmo enviar outro telegrama para o seu pai. Estou certo de que ele chegará o mais rápido possível.

A porta se fechou.

Dinheiro? O dinheiro do papai é a causa do... rapto de Julie?

Ela mal conseguia reconhecer a palavra. Beth prosseguiu meditando na cruel ironia. A cobiça do dinheiro do papai tinha feito a irmã ser sequestrada. O uso do dinheiro trouxe a polícia tão rapidamente. E esse mesmo dinheiro traria Julie de volta. Ela se sentou na beirada da banheira, cobrindo o rosto com as mãos. *Como é que o Nick foi capaz de uma coisa dessas? Este era o “negócio” ao qual se referiu com tanta tranquilidade? Que tipo de homem ele é?*

Mas, por enquanto, era o bastante agarrar-se a um pensamento mencionado no relatório do Monsieur Laurent. *Ele não vai machucá-la. Ele não vai machucá-la. Ele não vai machucá-la.* Beth correu para se vestir.

Havia uma bandeja de comida disposta na mesa de canto. Os pratos pareciam não ter sido tocados. A irmã estava de pé na janela.

— Margret, você precisa comer.

— Você também.

— Mas você está grávida.

Margret a encarou com o rosto torturado.

— Vou comer se você comer.

Beth pegou um pedaço de torrada de um dos pratos. Parecia serragem em sua boca.

— Onde está a mamãe?

— No quarto ao lado. A Emma está com ela.

— Ela está dormindo?

— Imagino que não.

— E o Monsieur Laurent?

— Acho que está lá embaixo com os policiais.

Ele não vai machucá-la. Ele não vai machucá-la.

Beth tirou um lenço da gaveta da cômoda e assoou o nariz.

— O Monsieur disse o quanto estão pedindo para o resgate?

— Eu não ouvi. — A voz de Margret ficou fria e áspera. Ela soltou: — Não quero saber.

Enquanto se forçavam a comer, Beth perguntou:

— Onde está o JW?

— Com a Srta. Bernard. — Margret contraiu o rosto. — Disse que eu estava assustando ele... com meu choro.

— Oh, querida!

Beth estendeu os braços para Margret e as irmãs se abraçaram na beira da cama.



As irmãs ouviram uma batida suave na porta, e uma voz perguntou se estavam acordadas. Beth correu para abri-la, e a mãe entrou — bem-vestida, com o cabelo arrumado como sempre. Apenas seus olhos avermelhados expressavam a profunda turbulência emocional pela qual estava passando.

— Estou contente em ver que vocês comeram. Estava preocupada com vocês, meninas.

Beth a conduziu pelo quarto, onde a mãe se sentou na cama, e Margret perguntou:

— O que mais disseram, mamãe?

Beth passou a mão com carinho pelas costas da mãe e se sentou entre as duas.

— Não disseram muito — respondeu — ela. Acho que a principal discussão neste momento é a fonte do documento que recebemos esta manhã. Foi entregue por um mensageiro, então foram falar com a empresa que executou o serviço.

Beth perguntou:

— Descobriram mais alguma coisa sobre Penny e Jannis?

A mãe balançou a cabeça.

— Vamos continuar orando para que elas sejam localizadas em breve, a fim de descobrirmos que parte elas desempenharam, se tiveram participação, o que elas podem saber...

— O Nick não vai machucar a Julie — repetiu Beth em voz alta, tentando soar confiante — se é dinheiro que ele quer.

— É o que parece. No entanto, pode ser que o rapaz não esteja no comando. Parece que ele está trabalhando com os outros — além daquelas moças.

O lábio de Beth começou a tremer.

— Sinto muito, mamãe. Eu...

Imediatamente Beth sentiu os braços da mãe aproximando-a.

— Você não deve se culpar, Beth. Cada um de nós toma centenas decisões por dia que podem nos colocar em perigo. Ninguém acha que você poderia deixar algo de mal acontecer com sua irmã, se houvesse algo que pudesse fazer para impedir. Esta foi uma conspiração maligna perpetrada contra nós, você não precipitou nada.

— Mas tomei decisões tão ruins — chorou Beth, com a cabeça no ombro da mãe.

Beth sentiu uma mão suave acariciar o cabelo amarrotado.

— Sim, querida. Você fez más escolhas. E em outro momento eu poderia ter repreendido você por isso. Mas você *não* é responsável pelas consequências causadas pela escolha de outra pessoa. Lembre-se,

papai e eu permitimos que a Julie viajasse sozinha para o oeste quando ela visitou você. Este... este evento poderia ter acontecido naquela época com a mesma facilidade — na verdade, até com mais facilidade mais.

Beth queria de todo o coração agarrar-se àquelas palavras de misericórdia. No entanto, era muito mais difícil conseguir se perdoar. *Talvez seja possível quando Julie estiver de volta segura mais uma vez. Sim, ela vai voltar, não vai, Senhor?*

A mãe continuou:

— Da mesma forma, não podemos ficar com raiva da Julie. Ela é jovem e impulsiva — mas *não* causou isso a si mesma. E não vou permitir que uma palavra seja dita contra ela na minha presença.

— Claro que não, mamãe — Margret e Beth disseram em uníssono.

— O que faremos a seguir? — Beth conseguiu perguntar.

— Eu de fato não sei, minhas queridas. — A mãe soltou Beth e começou a endireitar a colcha com cuidado enquanto Beth e Margret observavam. — Enviamos um telegrama para o seu pai. Disseram-me que vai demorar vários dias para ele chegar aqui em Boston.

— Vários dias? — Margret suspirou.

— A não ser que ele consiga garantir um assento em um avião — não tenho ideia de quanto tempo levaria se conseguir o lugar. Mas não saberemos nada até termos notícias dele. Espero que isso aconteça hoje. — A mãe pigarreou e começou a raspar e empilhar pratos na bandeja. — Além disso, a Sra. Montclair enviou uma mensagem para o Edward. Ela pediu para ele usar todas as conexões que ele achar que podem ajudar com o que for possível.

Beth comentou rapidamente:

— Jarrick me disse que ele é um excelente investigador. Você acha que Edward pode mesmo vir?

O pensamento era, ao mesmo tempo, reconfortante e aterrorizante para Beth. A ideia de que o trabalho de Edward poderia ser necessário era mais uma prova da natureza terrível da situação.

— Disseram que ele não teria jurisdição — disse a mãe —, mas que poderia fazer a investigação em particular. Vamos ver. Por enquanto, vamos passar por mais um dia — orando sempre para que essa provação termine tão abruptamente quanto começou.

— Oh, sim, mãe. Essa é nossa oração.

— Agora, por favor, vocês devem se recompor. Gostaria de vê-las bem-vestidas. Vou mandar a Emma ajudá-las com o cabelo. O que quer que venha a seguir, estaremos prontas para enfrentar o desafio com dignidade, com a nossa fé fortalecida.

— Sim, mãe.

— Ah, sim, só mais uma coisa — acrescentou ela com um sorriso um tanto forçado. De dentro do casaco a mãe tirou um envelope. — Isso é para você, Beth.

A carta não era de Jarrick.

— O que é isso? — ela perguntou, embora já estivesse na mão e estivesse olhando para o envelope.

— Parece que é do conselho escolar. Pode ser a oferta para você lecionar.

— Sim... obrigada.

Beth a colocou em cima da cômoda para ler mais tarde... em algum momento.



Durante o longo dia, elas se revezaram distraindo JW, mantendo-o longe do quarto de Priscilla, onde as atualizações estavam sendo transmitidas. Beth o abraçava enquanto o garotinho tolerava, até que ele se afastou e reclamou:

— Chão, titi Bet... chão.

Ela sabia que as expressões de ternura eram mais para ela do que para o bebê.

O pai recebeu o telegrama e enviou uma resposta. Edward também respondeu. Beth optou por não ouvir nenhum de seus telegramas serem lidos em voz alta. Não suportava saber qual tinha sido a reação do pai.

No final da tarde, os oficiais na sala designada acreditavam ter descoberto uma pista, apenas para descartá-la como errônea depois de uma hora. Todos estavam observando o relógio. O dinheiro deveria ser entregue ao meio-dia do dia seguinte. As instruções alegavam que Julie seria devolvida assim que o dinheiro fosse retirado com segurança pelos sequestradores. Monsieur Laurent estava ocupado fazendo os arranjos, embora Beth tenha ouvido ele dizer que estava trabalhando para prorrogar o prazo. O coração de Beth desanimou

mais uma vez. *Estendido? Mas isso só faz a espera mais longa.*

O navio de cruzeiro, programado para partir durante o início da noite, foi instruído pela polícia a permanecer. Beth só podia imaginar o que os outros passageiros estavam discutindo e pensando sobre a situação. Ela olhou pela janela do quarto e sussurrou sua oração interminável:

— Oh, Deus... minha querida irmã, guarde-a, por favor. Pai, ela é Tua... muito mais Tua do que nossa. Dê a ela coragem. Mantenha-a segura...

Uma tempestade chegou na cidade, e a noite foi pontuada por relâmpagos e estrondos de trovões, e parecia combinar com a confusão de pensamentos e sentimentos de Beth. *Será que ela está escondida em algum lugar perto o bastante para ouvir a tempestade rugir? Ou já foi levada para mais longe? Ela está protegida, abrigada do frio? Oh, onde você está, Julie?*

A mãe estava vasculhando a bagagem, tirando alguns itens e colocando-os na cama. Beth notou que muitos eram acessórios.

— O que está fazendo, mãe?

— Oh, estou apenas separando — murmurou.

Beth se moveu em direção à cama e levantou a caixa contendo o novo colar de pérolas. Sob ele estava a estola de pele da mãe e várias outras peças de joias.

— O que você está fazendo? — Beth repetiu.

A mãe suspirou, e disse, tentando soar pragmática:

— Vou dar estes para o Monsieur Laurent. Talvez consigamos parte do dinheiro se vendermos essas peças.

— Oh, mamãe, não.

— É só o que consigo pensar em fazer — disse ela, com a voz contraída. — E são apenas coisas. Não tem a menor importância.

— Eu entendo.

Beth resolveu fazer o mesmo, embora seus bens não valessem nada em comparação aos da mãe. Ela contribuiria com o que pudesse ter valor.

— Quando você vai levá-los para Monsieur Laurent?

— De manhã, eu suponho.

— Vou voltar para o meu quarto — disse Beth. — Vou ler

minha Bíblia por uns minutos. Posso tentar descansar, se conseguir aguentar.

— É uma boa ideia, querida. Nós com certeza vamos chamar assim que tivermos qualquer novidade.

— Obrigada.

Sozinha, Beth separou itens que em sua opinião poderiam ter algum valor. Ela os colocou na mesa de cabeceira, mas era de fato muito pouco. Depois de pensar melhor, ela não teve coragem de entregá-los para a mãe e, em vez disso, tirou a Bíblia da bolsa. Ela não tinha lido de manhã, como era seu hábito — nem conseguia pensar em apenas prosseguir de onde havia parado. Puxando a corrente no abajur ao lado da cama, ela se encolheu sob a colcha e abriu as primeiras páginas dos Salmos, sabendo que as verdades poéticas sempre ofereciam encorajamento em momentos difíceis. Parecia que quase todo salmo continha um pensamento reconfortante. Beth os inspirou, lendo um após o outro rapidamente.

"Porque o Senhor conhece o caminho dos justos; mas o caminho dos ímpios perecerá^[3]... Com a minha voz clamo ao Senhor , e ele do seu santo monte me responde.

Eu me deito e pego no sono; acordo, porque o Senhor me sustenta^[4].

... Pois tu não és Deus que se agrada com a iniquidade, e contigo não subsiste o mal. Os insensatos não permanecerão na tua presença; odeias todos os que praticam a iniquidade^[5]... Deus é justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias.

Se alguém não se converter, Deus afiará a sua espada; já armou e deixou pronto o seu arco.^[6]"

Beth apreciava saber que Deus naquele momento também estava zangado — mas a fúria dEle não era ignorante e impotente como era sua. Cada detalhe do que estava acontecendo estava descoberto diante dEle. Beth se apegou à promessa de que chegará o dia certo de julgamento, e não haverá lugar para se esconder. Enquanto contemplava as palavras, Beth desejou veementemente que esse dia chegasse para Nick, Penny e Jannis e a quem mais pudesse estar envolvido na ação horrenda.

Afastou as lágrimas e leu no Salmo 10.

"Por que, Senhor , te conservas longe? Por que te escondes nas horas de angústia?

Com arrogância, os ímpios perseguem os pobres; que eles sejam apanhados nas ciladas que armaram!^[7]" Essas palavras nunca tiveram tanto significado para Beth. *"Em sua soberba, o perverso não investiga; tudo o que ele pensa é que Deus não existe^[8].*

... A sua boca está cheia de maldição, enganos e opressão; debaixo da língua ele tem insulto e maldade^[9].”

— Esse é o Nick, Senhor Deus — ela sussurrou em voz alta. — Tanto engano e orgulho. Duvido que ele tenha dito uma única palavra verdadeira com qualquer uma de nós.

Beth se perguntou como ela tinha sido enganada com tanta facilidade. Como pode ela já ter sentido empatia por um mentiroso?

“Quebra o braço do perverso e do malvado; pede contas da sua maldade, até que a descubras de todo.”^[10]

— Sim, Pai. Quebre o braço dele, no mesmo momento em que conspira contra minha irmã e minha família. Faça esse esquema maligno cair na cabeça dele.

Mas Beth sabia que isso não seria suficiente. Beth preferiu o sentimento do Salmo 11.

“Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do cálice deles.”^[11]

— Oh, sim, Senhor. É isso que quero. Quero que ele pague pelo que está fazendo.

Fechando os olhos com força e espremendo lágrimas de raiva, Beth ouviu o som da chuva batendo contra as janelas.

— Chove sua ira sobre ele, Senhor — com fogo e enxofre.

Beth estremeceu com a emoção de suas palavras e, no entanto, o conhecimento de que havia um Deus grande e aterrorizante, que poderia exigir tal justiça a todos os envolvidos no desaparecimento de Julie, veio como um conforto esmagador — o único pensamento em que ela poderia se refugiar neste momento.

Capítulo 26

Beth teve um sono agitado, assediada por pesadelos, até que acordou e viu a mãe ao lado da cama.

— Eles entraram em contato conosco. Pensei que gostaria de saber — ela sussurrou.

— O que disseram? — Beth sentiu o estômago revirar.

— Eles não vão protelar o pagamento. Querem o dinheiro hoje. — Priscilla parou, esperando a resposta de Beth. — Vamos nos reunir para orar.

Beth empurrou a colcha de lado.

— Que bom que a senhora me acordou. Me dê um minuto para me arrumar.

— É claro, Beth.

Mas em vez de sair apressada, a mãe estendeu a mão para outro abraço consolador.

Priscilla esperou enquanto Beth endireitava o cabelo, prendendo-o em vários lugares, e alisava algumas rugas do vestido. Mas em vez de virar o corredor em direção ao quarto, a mãe foi para o elevador.

— Para onde vamos? — Beth piscou contra as luzes brilhantes do corredor.

— Há uma pequena capela no segundo andar. Vamos nos encontrar lá. Um capelão local vai liderar o culto de oração. Hoje é domingo.

— Que horas são?

— É quase de manhã.

Beth queria mesmo que elas ficassem sozinhas juntas — e ainda mais quando chegou à sala mal iluminada e encontrou estranhos

já sentados, e todos olharam para elas quando entraram.

Ela hesitou.

— Quem são essas pessoas? — ela sussurrou.

— Eles vieram para orar — respondeu a mãe. — Alguns vieram com o capelão, e alguns são da equipe do hotel.

Beth seguiu a mãe até o banco onde estavam Emma e a Sra. Montclair. Beth ouviu pouquíssimas orações feitas na capela. Ela mordeu com força o lábio e repetiu mais uma vez seus apelos silenciosos pela ira de Deus. Sabia que não ousava dizer esses pensamentos em voz alta. E como não podia declarar com franqueza o que estava em seu coração, não participou da oração em grupo.

Ela lançou um olhar para a mãe, e então pegou a mão dela. As palavras de um versículo do livro de Romanos lhe vieram de repente à mente: “Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem^[12]”. *Pai Celestial, não deixe o mal vencer. Mas em vez disso, ajude-me a confiar em Sua grande bondade.*



Beth caminhou da janela do quarto da mãe até a porta do corredor meio aberta e voltou. Parecia que havia passado muito tempo desde que Monsieur Laurent prometera retornar com qualquer nova informação.

— Você acha que nos darão outro dia, que possam ter reconsiderado a data? — Beth fez a pergunta pela enésima vez, depois de compreender a necessidade de tempo adicional para coletar o dinheiro.

— Vamos ver. — A resposta da mãe foi paciente e composta. — O Monsieur Laurent explicou no bilhete que eles tem que entender, estamos em um país estrangeiro, e tudo leva tempo.

— Se ao menos o papai estivesse aqui — disse Beth, repetindo em voz alta o pensamento recorrente. *Por que não tinha acontecido nada ainda? Será que os raptos desapareceram com a Julie? Será que já descumpriram o combinado?* Beth tomou a cadeira ao lado da mãe e ergueu os olhos.

— Não sei como a senhora pode estar tão calma, mamãe. Estou quase perdendo minha cabeça. Faz um dia e meio que ela desapareceu!

A mãe colocou a xícara de chá na mesa ao lado e suspirou, inclinando-se para segurar a mão de Beth.

— Não estou calma, querida. Eu poderia muito bem me render aos sentimentos frenéticos, se me permitisse. Mas há muito tempo aprendi a descansar ativamente na minha fé em Deus. É só nessa fé que posso me agarrar em momentos como estes. Estaria perdida sem isso.

Quando houve outro momento como este?

— Isso é tão difícil, mãe.

— Eu sei, Beth. E pode não servir de nada eu dizer isso para você agora. É algo tão pessoal que talvez apenas o Espírito de Deus possa falar ao seu coração do jeito dEle. Mas tento me lembrar que não há momento na vida em que somos mais capazes de mostrar ao nosso Pai o quanto *confiamos* nEle como quando a vida nos joga na pior. Com todas as coisas que entendi sobre a fidelidade dEle ao longo dos anos, estou determinada a não vacilar.

— Que situações a senhora está falando, mamãe? — Beth não conseguia acreditar. Ela sempre teve a impressão de que a família sempre fora feliz, bem cuidada pelo papai, que as supria com todas as coisas que precisavam e queriam.

Lágrimas brilhavam nos olhos da mãe, mas ela prosseguiu, com franqueza e honestidade.

— Creio que comecei essa jornada, para aprender a confiar em Deus, há muito tempo... quando perdemos o bebê William para a coqueluche. Pensei que o meu coração partido jamais seria curado. E então você passou tanto tempo doente depois de sua luta com a doença. Além disso, sempre que seu pai demorava a voltar para casa de uma das viagens, e eu era tentada a ceder à preocupação, pensando que ele não voltaria — que minhas vãs imaginações do que aconteceria conosco, se tudo se tornasse realidade. Escolhi acreditar que Deus é absolutamente confiável, apesar dos meus medos. No entanto, garanto que nada disso significa que não farei tudo ao meu alcance para *agir* e fazer tudo pela Julie — ela acrescentou de forma enfática.

Beth abaixou a cabeça.

— Temo que eu esteja perdendo a esperança, mãe.

A testa da mãe chegou perto o suficiente para repousar na de Beth, uma mão apertando na parte de trás do pescoço da filha para mantê-las ainda mais perto.

— Você nunca fica sem esperança, minha querida. Você tem um Deus que é sua esperança, em uma Pessoa de verdade. Então, quando você é filha dEle, essa é uma coisa que você *nunca* vai ter falta. Você pode não sentir isso agora, mas não se permita acreditar nos seus *sentimentos*. Perder a esperança é afastar-se de Deus.

Uma batida rápida na porta aberta interrompeu o momento. Monsieur Laurent entrou no quarto e não perdeu tempo.

— Eles não vão ceder sobre o prazo, mas nós conseguimos juntar o dinheiro. E não tive de vender nenhum dos seus bens, Sra. Thatcher. — Monsieur olhou para mãe e filha. — No entanto, a polícia ainda discorda sobre como devemos lidar com a entrega — se devem permitir que a bolsa seja retirada no local marcado para a entrega, ou se devem atacar a quem vier receber o valor.

Priscilla arfou e se levantou.

— Deixe que eles *fiquem* com o dinheiro! Se isso for trazer minha filha de volta, deixe que eles fiquem com tudo e que fujam além disso. Não vou permitir que uma tentativa de emboscada para os ladrões possa colocar a vida de Julie em perigo. Diga isso a eles, Monsieur Laurent. Diga a eles que essa é minha última palavra.

— Sim, madame. Eu direi.



Beth sabia que jamais deixariam, mas ela nutria um desejo secreto de estar por perto quando o dinheiro foi coletado do container designado próximo as docas. Ela queria ver os bandidos que sequestraram a irmã, para ter uma imagem do rosto deles enquanto clamava que o santo julgamento de Deus caísse sobre eles. Mas permaneceu no quarto e tentou comer um pouco de sopa.

Sua mente trabalhou duro para se concentrar, como a mãe descrevera, na confiabilidade de Deus e em seu grande poder. *E, ela se lembrou, o papai está a caminho. O dinheiro está pronto.*

— Oh, Deus — ela recitou uma e outra vez — traga a Julie de volta hoje... nesta mesma hora.

Enfim, ouviram passos no corredor. Beth, Margret e a mãe voaram em direção à porta. O Monsieur Laurent apareceu, estranhamente ofegante.

— Eles pegaram o dinheiro. Mas não foram vistos! Parece que cortaram um fundo falso da caixa na qual o resgate deveria ser

colocado. De alguma forma, conseguiram acessá-lo de uma adega embaixo e fugir pelo porão, de modo que não foram vistos!

Beth ficou horrorizada.

— Eles fugiram?

Monsieur parou para recuperar o fôlego. Por um momento Beth pôde ver sua idade revelada.

— Não vamos esquecer que foi nosso acordo expresso, *deixar* que eles fugissem. Nossos oficiais esperavam poder segui-los sem serem vistos. Mas parece que foram enganados.

— E a Julie? — Margret implorou.

— Ainda não há sinal dela. Mas ela devia ser liberada dentro de uma hora. Há policiais ao redor das docas, estão todos procurando por sua irmã. Ela será vista no mesmo instante se e quando for devolvida.

Beth podia sentir um grito de angústia borbulhando em sua garganta. Ela se virou e agarrou a cômoda.

— Ajude-me a confiar em Ti — ela implorou. — Oh, Pai, ajude a nós todos!

Capítulo 27

— Eu quero ir lá — insistiu Beth. — Quero ir eu mesma procurá-la. E se eu puder encontrá-la, mãe? E se eles não olharem com tanto cuidado quanto nós... ou não a reconhecerem?

Beth sabia, no momento em que dizia as palavras, que estava sendo tola, mas sentia-se tão *indefesa*, tão *frustrada* com a espera.

— Tenho certeza de que estão procurando em todos os lugares, querida. Eles tem treinamento justamente para esse tipo de busca. — Priscilla enxugou uma lágrima da bochecha. — E por favor, Beth, você tem que parar de pedir. Há repórteres. Há... há... *espectadores*. Não vou permitir que você seja vista, para ser abordada, para ser *fotografada*.

O rosto da Beth contorceu-se. Ela colocou um braço sobre o topo da cabeça e segurou-o no lugar com o outro braço, como se ainda acalmar a cabeça latejando se fizesse bastante pressão.

— O médico ofereceu um sedativo... se quisermos.

— Não... não, eu não posso. Não.

— Talvez esta noite.

— *Esta noite* mamãe? — A expressão de Margret estava cheia de horror. — Você acha que ela ainda vai desaparecida *esta noite*?

— Eu não sei, querida.

A mãe levantou-se e atravessou a sala. Ela parou na janela e olhou em direção do porto, embora não pudesse ser visto de onde estava. Beth observou em silêncio quando a mãe se virou, pôs os olhos em sua mala e colocou-a em cima da cama. Estoicamente, Priscilla começou a reembalar os pertences que havia removido antes.

Então, colocou a mala de lado e se virou no lugar, como se estivesse procurando outra coisa para fazer. Beth tinha total empatia pelos sentimentos da mãe.

Os olhos de Priscilla recaíram sobre a carta que ainda não fora

aberta.

— Beth, por que você não lê para nós o que o conselho escolar tem a dizer? Gostaria de ouvir. Acho que seria um suspiro de ar fresco.

— Oh, não vamos nos preocupar agora.

— Acho que todas nós poderíamos ser beneficiadas com um pouco de boas notícias. Algo mais para pensar — acrescentou Priscilla com um sorriso cansado.

A obediente Beth foi até a cômoda e ergueu o envelope. Depois de abri-lo, ela percorreu os olhos pela carta e leu em voz alta:

— “O conselho tem o prazer de oferecer a posição de diretora da nova escola provincial de Coal Valley, Alberta, para a senhorita...” Foi a única frase registrada no cérebro confuso de Beth. *Voltarei a Coal Valley — se algum dia encontrarmos a nossa Julie.* Era estranho perceber como essa notícia parecia insignificante naquele momento.

Outra batida na porta fez que as três mulheres arfassem.

Mas era apenas o garçom, trazendo o chá da tarde.

— Obrigada — murmurou Beth enquanto o rapaz se afastava apressado.

O segundo dia se arrastava em ritmo ainda mais lento que o primeiro. Beth estremeceu. *É possível que ainda estejamos esperando amanhã... e no dia seguinte?*

— Oh, Pai Celestial, dá-nos força. Dê forças à Julie — ela sussurrou mais uma vez.



De onde Beth estava do outro lado do quarto, uma breve contração no rosto da irmã lhe chamou atenção.

— Você está bem?

Margret balançou a cabeça, com os olhos arregalados com um medo repentino. Ela apertou a mão contra o estômago.

— Não tenho certeza. Acho que não.

A mãe estava ao lado de Margret em um instante.

— O que é, querida?

— Uma dor — disse ela. — Não é a primeira. Mas essa foi

muito mais forte.

O rosto dela ficou pálido.

A mãe rapidamente a levou para a cama, tirou-lhe os sapatos dos pés e a cobriu.

Agora mesmo Beth, vá em busca do Monsieur Laurent. Peça-lhe que mande um médico agora.

Oh, meu Deus, não! Não isso! Beth correu para o corredor e foi em direção ao elevador. Ela não tinha certeza nem de onde encontrar o quarto do Monsieur Laurent. O portão do elevador se abriu e Beth correu em direção a ele, quase batendo no Monsieur Laurent que saía do quarto. Ela agarrou-lhe o braço.

— Margret precisa de um médico! — disse ofegante.

Ele não esperou mais explicações.

— Vou mandar que busquem um médico agora mesmo.

Ele retornou para o elevador e o portão de ferro se fechou. Beth ficou por um momento olhando para ele, então se apressou de volta para o quarto delas.

— Encontrou o Monsieur Laurent? — perguntou Priscilla, parecendo tão frenética quanto Beth se sentia.

— Encontrei, mamãe. Ele estava no corredor e saiu na mesma hora para chamar.

As luzes da sala já estavam esmaecidas, as cortinas fechadas. Beth podia ouvir Margret fungando baixinho. A mãe aplicou um pano frio na testa de Margret, esfregando o pescoço e as bochechas da filha. Beth rastejou pela cama e deitou-se ao lado de Margret, apoiando a mão no ombro da irmã. O silêncio pairava sobre o quarto. Beth tinha certeza de que estavam todas perdidas em suas próprias orações.

O médico chegou em seguida, e Beth recuou para o corredor enquanto Margret era examinada.

— Oh, Pai, minhas duas irmãs... Por favor, mostre-nos Sua grande misericórdia. Precisamos tanto de Ti.

Ela caminhou de uma extremidade do corredor até a outra. Beth pensou em bater na porta da Sra. Montclair, mas achou que era melhor não. Mãe e filha estavam mantendo distância. Beth não tinha certeza do porquê, se por preferência delas ou por algum pedido de sua mãe, mas queria respeitar o limite. Ela também estava com medo de se arrepender de qualquer coisa que a Sra. Montclair pudesse dizer.

Quando Beth voltou para o quarto, depois que o médico partiu, Margret estava descansando confortavelmente. A mãe levou um dedo aos lábios, e Beth sentou-se em silêncio na cadeira ao lado da janela. Ela inclinou a cabeça para trás e, por fim, o cansaço do corpo e da alma a atingiu e Beth pegou no sono.

Capítulo 28

— Como está se sentindo hoje, Margret? — mãe fez a pergunta com cautelosa animação.

Beth prendeu a respiração esperando a resposta de Margret.

— Muito melhor. Mas, acho que vou ficar na cama o máximo possível.

— Isso é muito sábio, querida.

— Que dia é hoje, mãe?

— Creio que seja segunda-feira.

— Só segunda-feira? É tão difícil de acreditar.

A Srta. Bernard trouxe o JW para visitar Margret assim que terminaram o café da manhã. O menino, que parecia sentir que a mãe precisava de paz, brincou tranquilo ao lado de Margret na cama.

Quando Monsieur Laurent chegou para falar com as Thatchers, JW saltou da cama e foi direto para aos braços dele, feliz pela possibilidade de alguma brincadeira mais brusca.

— Ça va, mon petit ami? — disse o guia com um sorriso, jogando JW para o ar.

— Za va — JW respondeu rindo nos braços do homem. — Za va, mixur.

A voz de Priscilla parecia tensa.

— O que veio nos informar, Monsieur Laurent?

Ele colocou o menino de volta no chão, endireitou a jaqueta e a gravata e explicou com calma:

— Houve uma reunião nesta manhã e gostaria que a senhora soubesse. A polícia local entrou em contato com outros distritos. Eles estão ampliando as buscas. Pode haver informações obtidas a respeito de crimes semelhantes — talvez realizados pelos mesmos bandidos que estão com a Srta. Thatcher. Eles podem interrogar alguns

suspeitos de regiões mais distantes.

— Oh? E você está dizendo que eles já interrogaram suspeitos desta região?

— Sim, madame. Muitos suspeitos foram presos e levados para interrogatório.

— Entendo. Não sabíamos dessas atividades. No futuro, Monsieur Laurent, gostaríamos de saber esse tipo de detalhe imediatamente.

— Sim, madame. É claro. — O Monsieur olhou para JW brincando com os cadarços nos sapatos. — Posso levar o pequeno para passear no corredor?

— Isso seria uma grande gentileza — respondeu Margret sem pestanejar. — Sei que ele está se sentindo confinado, e ficaria muito feliz em passar um tempinho com o senhor.

Monsieur o pegou no colo.

— E eu com ele, posso garantir.

— Obrigada.

— O prazer é meu, Sra. Bryce.

Ele e JW saíram do quarto.

Margret falou mais uma vez com gentileza:

— Mãe, você foi um pouco dura com ele.

A princípio, o rosto da mãe virou-se surpreso em direção à Margret, na certa espantada com a inesperada repreensão, mas abrandou quase instantaneamente.

— Eu sei, querida. Você tem razão. Terei de me desculpar mais tarde. É que eu quero tanto ouvir qualquer notícia — e sinto que ele não está nos contando tudo o que há para saber.

— É provável que ele esteja filtrando para o nosso próprio bem.

— Sim, querida, mas *o que* ele está deixando de contar? Não seria melhor saber tudo?

Beth concordou.

— Eu quero saber tudo. Não quero ficar às escuras, mesmo que...

Mas Beth não conseguiu terminar a frase.



Outra hora longa e lenta passou, seguida por ruídos de movimentação do lado de fora da porta. Priscilla levou a mão à boca e ficou paralisada no lugar. Uma batida rápida e a porta se abriu para enquadrar na porta um rapaz alto, e com o olhar ele observou o quarto com uma expressão que indicava profunda preocupação. Elas levaram vários minutos para que registrassem o rosto — que parecia estranho no pesadelo em que viviam.

— Edward! — Priscilla se adiantou para abraçá-lo. — Estamos muito gratas por você ter vindo. A voz dela tremia. — Veio de tão longe para nos ajudar...

— Sra. Thatcher, não posso nem começar a expressar o quanto lamento. — Ele olhou para Margret repousando na cama, Beth de pé ao lado dela. — Margret, Elizabeth. Sinto muito.

Beth se aproximou, e ele estendeu os braços. Apesar dos eventos mais recentes, que poderiam ter tornado aquele encontro embaraçoso, ela não conseguiu se conter e entrou no círculo do seu abraço. Os ombros de Beth tremiam e ela sentiu os braços de Edward a apertarem para confortá-la.

— Vamos encontrá-la, Elizabeth — ele disse, embora Beth soubesse que a promessa era apenas uma esperança. — Vamos encontrá-la em breve. Você precisa confiar em nós.

Se ao menos pudessem ter enviado o Jarrick. No entanto, ela sabia que não era razoável de sua parte nem mesmo querer tal coisa.



— Por que não *soltaram* ela? Eles já *tem* o dinheiro.

A frustração de Beth refletia a da mãe e da irmã, mas ela já sabia que sua expressão não ajudara a ninguém, em especial ela mesma.

Edward sentou-se em uma cadeira ao lado de Priscilla, Margret estava na beira da cama, enquanto Beth estava distante, com uma mão apoiada na cômoda. Ele explicou:

— Não é raro, na verdade. Toda esse negócio sórdido é muito mais difícil de controlar do que podemos imaginar. Às vezes, os planos mais bem traçados se desfazem para os perpetradores de maneiras

inesperadas. Às vezes não pensaram com muita antecedência. Mas — acrescentou com firmeza —, a verdade animadora é que eles querem o mesmo que nós queremos neste momento, que tudo isso acabe, para que possam fugir com o dinheiro. Eles não vão se preocupar em levar um refém para conseguir isso.

Refém. A palavra encheu Beth de renovado pavor.

— Eles não vão... eles não vão machucá-la?

Todos os olhos se voltaram para Margret, que ousou dar voz ao imaginável.

Edward tentou assegurá-las com uma resposta tranquilizadora.

— Se fosse plano deles machucá-la, eles sabem que isso só serviria para aumentar nossos esforços para encontrá-los e puni-los com toda a gravidade da lei. Se a libertarem em segurança, eles podem escapar com mais rapidez. E podem chegar à conclusão de que haveria menos determinação para persegui-los. Entendem?

As palavras de Edward soaram reconfortantes, mas Beth sabia que a verdade também deveria incluir a pior possibilidade — que eles simplesmente se livrassem de Julie. Ela balançou a cabeça e agarrou a borda da cômoda. Por amor à mãe — e à Margret — Beth fingiu acreditar nele.

— Quais são os próximos passos? — ela conseguiu dizer por entre lábios rígidos.

— É evidente que não posso interferir na investigação deles. É por isso que eu não estou no meu uniforme Policial. Mas me disseram que posso dar uma procurada por aí.

— O que *eles* estão fazendo? Não parece ser muito.

— Oh sim, estão observando cada navio que sai do porto, uma tarefa enorme, e olhando para cada manifesto de carga, para certificarem-se de que a história é crível. Eles estão embarcando e fazendo buscas em muitos navios menores e independentes e cercaram a área das docas. Nunca vi tanta atenção dada a uma investigação. Estão sendo muito metódicos e abrangentes. É bem provável que os sequestradores jamais tenham imaginado que teria tanta cobertura — e por isso, deve estar dificultando os movimentos deles e, portanto, o retorno de Julie. Talvez já pudessem tê-la libertado por agora, se conseguissem encontrar um caminho seguro para escapar. E pelo que soube, eles podem ter planejado levá-la em ocasião anterior, portanto foram forçados a mudar os planos, improvisar, o que também pode causar atrasos depois.

A mãe sugeriu em voz quase inaudível:

— Talvez os policiais devam sair do caminho...

Mas Edward estava balançando a cabeça.

— Não, essa não é uma opção. Eles têm que se manter pressionando. Confie em mim, isso é melhor. Manda aos sequestradores a mensagem correta. E você tem que ter em mente que os culpados estão observando tudo isso também — determinando suas ações com base no que os oficiais estão fazendo. É uma batalha de gênios, e temos que ser os que tem vantagem para conseguirmos vencer.

Beth perguntou:

— Como você chegou aqui tão rápido, Edward?

— Contratei um avião — na verdade, mais de um —, cada um me levando por um pedaço da viagem.

Priscilla estendeu a mão para apertar a mão do rapaz.

— Foi muito gentil da sua parte.

Ele fixou o olhar em Beth.

— Não poderia fazer nada menos que isso, mas queria poder contribuir com mais alguma coisa.

— Você vai ajudar enquanto eles investigam nas docas também?

A pergunta da mãe pareceu impelir a saída de Edward, que se levantou.

— Sim — respondeu ele —, vou trabalhar com um dos oficiais locais para ver se deixaram passar alguma coisa. Vou parar um instante para cumprimentar minha mãe e a Victoria. Vim aqui direto para vê-las, pois sabia que vocês iam gostar de saber que estou aqui. — Ele deu alguns passos e depois parou. — Já tiveram alguma notícia do Sr. Thatcher?

Priscilla balançou a cabeça.

— Disseram-me que ele estava a caminho, sem dúvida enfrentando os mesmos obstáculos de transporte que você teve.

Edward sorriu de forma encorajadora.

— Ele certamente estará aqui em breve também.

Priscilla o acompanhou até a porta.

— Obrigada, Edward. Muito obrigada.

Assim que ele saiu, o quarto pareceu se concentrar outra vez em si mesmo. Beth foi ao banheiro para tomar banho. Não era necessário, mas parecia a maneira mais simples de passar algum tempo sozinha. Ela não suportava mais a solenidade. Com o máximo de silêncio que conseguia, Beth chorou sozinha. *Como podemos suportar isso por mais tempo? Somos todos reféns!*

Mas Beth se arrependeu do pensamento no mesmo instante em que pensou. *Julie está entre estranhos bárbaros. Está com certeza aterrorizada... talvez até machucada.*

— Oh, Deus — sussurrou enquanto a banheira enchia —, me perdoe. A culpa é toda minha. Nunca a devia tê-la deixado sair no táxi. Devia ter ido com ela. Devia ter me agarrado à porta até ser arrastada. Se voltar a ver a minha irmã, Pai, jamais sairei de perto dela!



A mãe insistiu que elas se reunissem e compartilhassem a refeição servido no quarto num carrinho coberto no final da tarde. Beth sabia que estava com fome, mas ainda assim, foi difícil engolir a comida.

A Sra. Montclair se juntou a elas agora, enquanto Victoria preferiu permanecer em seu quarto. Estranhamente, a amiga da mãe parecia estar tendo muita dificuldade em encontrar tópicos de conversa. Com um suspiro, que pareceu liberar sua língua, Edith disse por fim:

— Tem sido uma bênção para o meu espírito ter Edward perto. Sinto como se ele pudesse fazer a diferença na investigação, e tudo isso terminará em breve.

Priscilla deu um sorriso amarelo.

— Isso seria muito bom, Edith.

— Ouvi dizer que ele é muito bom em seu trabalho. Ele pensará em coisas que os outros negligenciaram, tenho certeza.

— Pode ser que pense mesmo.

— Você sabe que o navio de cruzeiro prosseguiu viagem hoje.

O rosto de Priscilla indicava que ela não tinha ouvido falar. Beth trocou olhares com Margret.

— Claro, isso era necessário para eles — a Sra. Montclair apressou-se em explicar. — Os outros passageiros a bordo não têm nada a ver com este fato terrível. Eles pagaram para tirar férias, e de nada serviria eles ficarem aqui. E, de qualquer forma, é improvável que nos juntemos a eles.

Beth não havia se questionado o que aconteceria se Julie fosse libertada de repente. No que dizia respeito a ela, seria muito fácil renunciar ao restante da viagem e passar alguns dias de paz em casa, e tinha certeza de que a mãe e as irmãs sentiriam o mesmo.

Apenas devolva a Julie para nós, Pai — e nada tão irrelevante quanto uma viagem jamais terá importância. Pelo olhar no rosto de Margret, Beth se perguntou se os pensamentos dela estavam tomando um rumo semelhante.

A Sra. Montclair seguiu falando, como se isso ajudasse a aliviar os medos de todas elas.

— O *Sr. Lorant* retirou a nossa bagagem do navio. Mandeí que minha Lise fosse ajudar a arrumar as malas, e duas ou três das empregadas no navio a ajudaram também. Não queríamos incomodá-la com essas coisas, Priscilla. Nossa bagagem foi colocada num depósito por enquanto. — Ela respirou fundo, sem dúvida recarregando para outro solilóquio. — Eu teria gostado de visitar a Flórida. Vi muitas cidades ao longo do caminho, mas teria gostado das palmeiras — e assim ela prosseguiu.

Beth podia ver a tensão escrita no rosto da mãe, o cansaço em seus ombros encurvados, e desejou que a Sra. Montclair tivesse permanecido no próprio quarto. Mas Edith estava tomando seu tempo durante a refeição, falando entre garfadas de comida, colocando e tirando os óculos uma e outra vez.

— Talvez possamos nos juntar mais uma vez no próximo verão, para uma viagem mais longa. Gostaria de conhecer a América do Sul. Se viajássemos para lá, pode ser que nossos maridos nos acompanhassem — a negócios e por diversão — matando dois coelhos com uma cajadada só, por assim dizer. Mamãe assentiu e deu um sorriso forçado. Beth quase gemeu, ao ouvir a frase inadequada. — Ouvi dizer que a flora e a fauna da América do Sul são fascinantes, tão diferente da nossa. Gostaria de conhecer o Nilo e os Andes...

— O Nilo fica no Egito. É o rio Amazonas que fica na América do Sul.

A correção de Beth havia escapado antes que ela pudesse considerar as consequências.

— Oh? O que foi que eu disse?

— A senhora disse que gostaria de conhecer o Nilo.

— Não — argumentou a Sra. Montclair. — Creio que eu disse a Amazonas. Eu *de fato sei* geografia, Elizabeth.

— Talvez eu tenha ouvido errado.

Beth pôde sentir Margret cutucando sua perna debaixo da mesa e rapidamente encheu a boca para esconder um sorriso.

— De qualquer forma, logo veremos o fim de nossos problemas, garanto-lhe. Com Edward aqui, e nossos maridos a caminho, estou convencida de que teremos Julie de volta entre nós daqui uns dias. — Ela deu um tapinha na mão de Priscilla. — E então você vai querer ficar com suas filhas em casa por algum tempo, eu imagino.

Mamãe olhou para a cômoda, onde ainda estava o convite do conselho escolar. Beth implorou em silêncio, *não fale da carta. Por favor, não fale da carta.*

Mas foi a Sra. Montclair que falou outra vez, com a voz um pouco hesitante.

— Sinto muito, Priscilla. Receio ter monopolizado a conversa, e tinha vindo na intenção de dedicar-me a ouvir.

Havia um remorso genuíno em seus olhos.

— Não, Edith, não precisa pedir desculpas. É só esta situação... esta terrível espera.

A Sra. Montclair enxugou os olhos com o lenço. Beth ficou surpresa com a compaixão sincera que viu no rosto da mulher.

— Eu não sei o que dizer a vocês... mas eu orei. — Ela levantou o olhar perturbados, olhando para cada uma das Thatchers. — Estamos tão preocupadas com ela, com a nossa querida Julie. Se houver alguma coisa — qualquer coisa que eu possa fazer...

Priscilla segurou a mão da amiga.

— Nós sabemos, Edith. Mas você mandou chamar o Edward, e desistiu de seus planos e ficou aqui conosco, passando por este pesadelo. Nós sabemos.

O brilho nos olhos da mãe dizia mais do que suas palavras.

— Como está a Victoria? — perguntou Priscilla.

— Ela está um pouco entediada, é claro. Mas ela se entregou

ao violino. Receio que o barulho tenha incomodado outros hóspedes, mas os quartos foram prontamente alterados e uma crise foi evitada. Ela está praticando agora no telhado. Há um pequeno pátio lá em cima, e ela me disse que o som é adorável quando não está muito ventoso. Não a repreendi — como você me aconselhou, Priscilla. Eu tentei permitir esse meio que ela tem de se expressar.

— Sinto muito que tudo isso seja tão difícil, Edith, para você também — disse Priscilla. — Estamos gratas pelo seu incentivo.

— Não é nada — foi a resposta enfática. — Vocês são tão querido para nós quanto família. O que quer que vocês passem, passaremos todos juntos.

— Obrigada, minha amiga. Isso significa o mundo para mim agora.

Capítulo 29

Assim que a Sra. Montclair voltou para o próprio quarto, o espectro sombrio de dúvida e medo pareceu descer sobre elas mais uma vez. Margret foi para a cama mais uma vez, e a mãe voltou para sua arrumação sem sentido disso e daquilo. Beth tentou ler, mas só conseguiu fingir que estava lendo.

A luz através das janelas começou a escurecer, marcando a passagem de outro dia longo e doloroso. Edward passara ali duas vezes, mas tinha muito poucas novidades para oferecer. Mesmo o Monsieur Laurent parecia ter sumido, sem dúvida sentindo o constrangimento de não ter nada de substancial para contar a elas.

Beth estava impressionada em ver como a mãe estava se mantendo firme, considerando toda a situação. Havia uma força nela que nunca percebera. Beth estava bem ciente da verdade, de que a mãe lidara com suas emoções de forma muito mais digna.

Então ouviram o som de uma chave na porta. *Quem poderia ter uma chave?* Priscilla paralisou no lugar, e Beth se levantou. E foi o pai que entrou no quarto.

— Oh, William! Até que enfim! — Priscilla mãe caiu nos braços dele, chorando copiosamente agora.

Beth e Margret correram para se juntar ao abraço. Momentos se passaram antes que qualquer um deles pudesse falar.

— Eu vim o mais rápido que pude, queridas, só pensava em ver o rosto de vocês.

Ele olhou de uma para a outra, uma e outra vez.

Margret inclinou a cabeça no ombro dele.

— Você também, pai. Só queríamos tê-lo aqui conosco.

— Você já falou com a polícia, pai?

— Não, minha querida Beth. Vim direto ver vocês. Emile —

Monsieur Laurent — me encontrou no campo de aviação e me deu todas as informações a que teve acesso. Pobre homem, ele sente que isso tudo é culpa dele, está fora de si, tamanha sua preocupação.

Beth abaixou a cabeça.

— Não, pai, a culpa é *minha*. Eu jamais deveria ter considerado sair com a Julie assim. Eu devia ter...

— Nada disso — o pai disse, encarando os olhos de Beth e segurando-a pelos ombros. — Independente disso, os canalhas teriam criado uma oportunidade em algum momento. — O pai lançou os pensamentos perturbados de Beth para longe. — Não vamos falar mais de culpa. A culpa só pode ser colocada de forma justa em cima daqueles que perpetraram esse crime. Foi o mesmo o que eu disse ao Emile. Vamos nos concentrar em garantir a libertação de Julie.

— Sim, papai. Obrigada — sussurrou Beth.

— Agora, acho que vou falar com a polícia, e gostaria muito de ver vocês descansando. Vocês três parecem exaustas. Ofereceram alguma coisa para ajudá-la a dormir, Priscilla querida?

A mãe assentiu.

— Então me parece que esta é uma boa noite para tomar essa ajuda. Vou ficar vigiando. Não precisa mais se preocupar.

— Mas a Margret não pode... ela está... — Beth arregalou os olhos. Ela quase deixou escapar a novidade de Margret.

— Grávida? Sim, eu sei. A mamãe me informou por telefone há um tempo. — Ele abraçou Margret. — Estou tão feliz por você, minha doce Margret. Você é uma mãe maravilhosa, tenho certeza de que John está muito satisfeito.

— Ele queria estar em casa com ele — disse Margret.

— Sim, tenho certeza de que ele está fora de si com preocupação. Disse a ele para não vir, mas jamais pensei que ainda estaríamos... — O pai se inclinou mais perto com um sorriso. — Ele está a caminho agora, minha querida, nada poderia detê-lo. Mas isso não nos surpreende, não é mesmo?

O rosto de Margret se encheu de alegria e alívio.

O pai saiu para conversar com as autoridades, mas tudo havia mudado. Não havia mais necessidade de vigília constante. Ele estaria de guarda, como sempre fazia. Beth vestiu a camisola pela primeira vez em três dias e rastejou entre os lençóis macios. Não havia necessidade de um sedativo. O sono finalmente veio com facilidade.

Beth acordou cedo, sua mente debatendo-se para entender as coisas.

Sim, a Julie ainda estava desaparecida. Então, por que estamos dormindo profundamente na cama? Ah, sim, o pai havia chegado. Ele está no comando agora — esse papel ele faz tão bem.

Levantando-se devagar para não despertar Margret, Beth ficou surpresa ao descobrir que a irmã já não estava na cama. Ela correu para o banheiro para se lavar e se vestir para o dia, escovando o cabelo com cuidado e prendendo-o no lugar. Ela estava negligenciando sua aparência, e foi bom se sentir fresca e apresentável outra vez. Tendo ignorado seu pequeno ritual desde que Julie havia desaparecido, ela escolheu uma pétala de rosa do pacote na mala e dobrou o canto de seu lenço em torno dela.

Assim que saiu do banheiro, Beth ouviu uma batida na porta e a abriu para encontrar o pai, parecendo um pouco agitado e taciturno.

— Você está acordada?

— Sim, pai.

— Venha comigo.

Beth correu atrás dele, esforçando-se para igualar seus longos passos.

— Onde está a Margret?

Ele respondeu sem parar:

— O John chegou tarde da noite, então eles pegaram um quarto mais adiante no corredor.

— Oh, estou tão feliz.

Mas o pai, levando-a para adiante com passos rápidos, não estava prestando atenção.

Ele bateu na porta e foi atendido no mesmo instante. A mãe já estava vestida, parecendo fresca também.

Beth seguiu-o para dentro do quarto. O pai aproximou da mãe. Beth prendeu a respiração. *O que...? Oh não, por favor, Deus, não!*

— Quero que fique calma, Priscilla. Você consegue?

Priscilla engoliu seco.

Vou fazer o meu melhor, William.

As mãos dela estavam agarradas à lapela do marido. As próprias mãos trêmulas de Beth se levantaram para cobrir a boca enquanto lutava contra as lágrimas.

Edward descobriu para onde aquelas duas moças foram depois de deixar o navio.

— Mas isso é bom — sussurrou Beth —, não é, pai?

— Talvez. Mas também é decepcionante. — O pai inclinou o rosto para mais perto da mãe, deixando a voz mais suave. — Elas foram para o oeste — extremo oeste. Compraram bilhetes de trem para a costa. Se não forem presas antes de chegarem à Califórnia, é provável que não sejam vistas novamente.

— Oh não! E a Julie? Ela está... a Julie está com as moças? — Beth viu a mão da mãe apertar mais a lapela do pai.

— É bem improvável, mas não sabemos. É *sim* possível, é claro. Apenas improvável. E mais... — ele se inclinou para observar o rosto de Priscilla — as duas têm antecedentes criminais. Elas foram presos antes, várias vezes, em geral por pequenos furtos. Parece que costumam atacar os turistas, se aproveitando das pessoas quando estão mais vulneráveis. Os policiais não têm certeza de quando as moças se envolveram com o rapaz, mas foi, sem dúvida, foi algo recente. As moças estavam operando muito mais ao sul, apenas alguns meses atrás.

Nossa família foi enganada! Beth queria gritar em voz alta — para soltar o frágil domínio que tinha em seu autocontrole e gritar até que seus pulmões não produzissem mais som.

A mãe estava agarrada ao pai, e ele a segurava em um forte abraço. Beth tentou reconstituir o que o pai estava dizendo.

“... dois bilhetes comprados... o trem partiu sábado... oficiais locais estavam se comunicando com delegacias de polícia nos locais das paradas programadas... pode ser interceptado em Missouri esta manhã... as moças, se presas, podem nos dar mais informações.

— Foi o Edward que descobriu isso? — Beth conseguiu soltar.

— Sim, querida. Ele tem trabalhado incansavelmente. Edward levou as fotografias que a Emma havia tirado ao longo do caminho. E pelas fotos o Emile identificou as duas moças... — a voz de William ficou embargada — e também uma da Julie. Edward levou as fotos enquanto fazia as inquiries, para ver se alguém reconhecia o rosto delas, e alguém na estação de trem reconheceu, pelo menos as fotos

das moças. Foi muita esperteza ter pensado nisso.

— Quero agradecer a ele — disse Beth.

— Isso seria muito apropriado. Aí está a minha menina corajosa.

O pai estendeu um dos braços ao redor dos ombros de Beth, para trazê-la para perto.

Beth não se sentia corajosa, apenas sufocada, a ponto de incompreensão. Lentamente, Beth de fato passara a compreender que Julie poderia de fato ter desaparecido e estava perdida para sempre.

Capítulo 30

Beth só conseguiu beliscar o almoço, movendo a salada de macarrão pelo prato, na esperança de que parecesse que ela tinha comido. Na verdade, ela já decidira que comer seria impossível.

— Por que não temos notícias? — Margret disse preocupada.
— Quando foi que papai disse que Jannis e Penny chegariam à próxima estação? Estamos esperando há horas.

— Não me lembro...

— E onde estão todos agora?

— Lá naquele pequeno escritório.

— Devíamos estar lá, Beth. Vamos lá embaixo para ouvir o que está sendo dito.

— Lembra-se, Margret? Disseram para ficarmos aqui. O quarto está lotado, e é menos estressante...

Beth engoliu as palavras *para você mesma, Margret. Não querem que você fique chateada. John, em particular, quer você protegida de...*

— Não podemos abrir outra janela? — Margret balançou um lenço em frente ao rosto. — Está tão quente hoje. Até mesmo a brisa do oceano parece estar cheia de vapor.

— Não sei. Vou olhar.

Beth levantou-se da cadeira, grata por conseguir escapar da necessidade de fingir estar comento. Ela puxou as cortinas e verificou se os painéis adicionais de vidro eram removíveis. Por fim, ela descobriu que a janela menor abria e permitia que entrasse uma leve brisa.

— Está melhor, Margret?

— Creio que sim... vou me sentar bem na frente da janela. — Margret sentou-se na poltrona e desabou, balançando o lenço o máximo que conseguia. — Obrigada, Beth — ela conseguiu dizer.

Beth queria simpatizar com a irmã, indisposta como Margret estava, mas havia perdido todo o interesse pela ato de conversar. Ela saiu em direção ao banheiro.

— Você não vai tomar banho de novo, vai?

Beth parou. *Seria um absurdo desperdício de água.* Voltando, ela raspou o resto de comida em um dos pratos e juntou os utensílios na bandeja.

— Queria que tivessem trazido chá.

— Em um dia quente como este? Não consigo nem pensar nisso.

Beth respirou fundo, esperou o máximo que pôde antes de tentar um novo assunto.

— Onde está o JW?

— Com a Srta. Bernard.

— Podemos brincar com ele?

— Ele está dormindo.

— Oh, isso não é nada bom.

Beth pensou o quanto deveriam ser gratos por ter a Srta. Bernard para cuidar do bebê, mas optou por não expressar o pensamento em voz alta. Em vez disso, Beth deu uma volta lentamente. Não havia de fato nada com que pudesse se distrair. As camas estavam arrumadas, os pratos empilhados, as malas embaladas e guardadas na estante. Ela podia ler, mas seriam apenas palavras sem sentido.

— Onde está o John? — Margret se perguntou agitada.

— Oh, Deus! Eu recém respondi a você. Ele está no escritório com os policiais e todos os outros.

— Ah, sim, você está certa. Eu esqueci. Me perdoe.

— Sim, me perdoe também. Devia ser mais paciente. Você precisa de alguma coisa, Margret?

— Não... agora não.

— Como está se sentindo?

— Bem. Apenas cansada. Quem me dera poder dormir.

Beth sentou-se na beira da cama e esticou os braços.

— Eu também.

— Por que não tenta dormir um pouquinho?

Beth gemeu.

— Vou tentar, mas duvido que faça algum bem.

Ela pensou rapidamente em transferir um de seus esboços para uma tela... e depois lembrou-se que era da Julie...

Antes que cedesse às lágrimas, Beth deitou-se na cama, pedindo a Deus que o sono caísse sobre ela. Ela sentiu o colchão se mover enquanto Margret se deitava em silêncio ao lado dela.

A porta abriu devagar e a mãe apareceu.

— Minhas queridas, estão aqui?

Onde mais poderíamos estar?

— Sim, mamãe. Estamos as duas aqui, tentando descansar.

— Beth — disse ela, entrando com cautela —, tem alguém que está aqui para vê-la. É uma bom momento?

Ela deslizou os pés rapidamente para o chão e endireitou o vestido.

— Quem é, mãe? Ela se forçou a mover-se para frente.

Jarrick entrou pela porta, seus olhos azuis analisando o rosto de Beth como se não houvesse mais ninguém no quarto, com a testa franzida com sua profunda preocupação.

— Beth?

Como é possível?

Lançando um olhar confuso para Beth, que estava paralisada, Margret levantou-se e estendeu a mão em direção a Jarrick.

— Meu nome é Margret, sou irmã da Beth.

Ele sorriu educadamente.

— É um prazer conhecê-la. Sou o Jack Thornton. A Beth me chama de Jarrick.

— É um prazer conhecê-lo.

Sem mais comentários, Margret passou pela mãe e as duas saíram, deixando a porta aberta.

— Beth?

Ela sentiu a sala começar a girar e decidiu-se sentar-se na borda da cadeira mais próxima. Levantou as mãos para o rosto. *Jarrick? Ele está aqui?* Beth sentia o corpo tremendo.

Jarrick cruzou a sala em silêncio, abaixando-se de joelhos no tapete na frente dela.

— Beth — ele sussurrou.

Por alguns minutos, Beth só conseguiu vislumbrá-lo através dos dedos, incapaz de articular o que era mais urgente em seu coração. Ele esperou em silêncio. Por fim, ela abaixou um pouco as mãos.

— Julie...

— Eu sei. — Jarrick tropeçou nas palavras. — Eu... Eu fiquei muito relutante, pensando se deveria em me intrometer assim. Não queria ser uma distração ou atrapalhar alguma coisa, mas simplesmente não consegui deixar de vir vê-la — de ver por mim mesmo como você está.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Beth.

— Eles contaram... ?

— Sim, acho que me contaram tudo o que sabem.

Ela engoliu seco.

— Mas contaram que a culpa é toda minha?

— Não, Beth. — Ela podia ouvir a tristeza sufocando a voz de Jarrick. Ele tocou o braço dela com carinho. — Não, não contaram, porque a culpa *não* é sua.

— É o que todos dizem, mas não é verdade. Eu sei. Eu deveria ter impedido que ela...

— Eu conheço sua irmã, Beth. — Ele se inclinou para mais perto, sussurrando, mas falando com firme convicção. — Quando a Julie decide tomar uma decisão, é provável que não ouvisse mais ninguém. E ela com certeza não tinha ideia do que ia acontecer.

Beth por fim ergueu os olhos lacrimosos para olhar para os dele, implorando:

— Você *acredita* nisso? Não me diga o que acha que quero ouvir. Diga-me a *verdade*.

— Sim, Beth, é nisso que eu acredito. Claro que sim.

Beth recostou a cabeça no ombro de Jarrick. Ele estendeu os braços ao redor dela, uma mão apoiada na parte de trás da cabeça, segurando-a mais perto.

— Jarrick — ela soluçou —, eu não sei o que fazer. Estamos presos aqui há dias. Eu quero *fazer* alguma coisa.

— Você tem feito tudo o que pode. Na verdade, a coisa que ninguém pode fazer tão bem quanto a família de Julie, é a coisa mais importante. Você está orando.

Beth sentiu os soluços abalarem seu corpo.

— Não desista, Beth. Deus está vigiando. Ele sabe onde ela está.

— Oh, Pai — ela sussurrou —, por favor, permita que o Jarrick esteja certo.



Não havia assentos suficientes em um dos quartos de hotel para congregarem toda a família e amigos. O pai tinha acertado para usarem a capela do hotel. Jarrick seguiu Beth através dos portões rangentes do elevador, até o segundo andar, e os dois entraram no simples salão. Margret e John já estavam sentados, ele estava com o braço ao redor do corpo da esposa, e ela apoiava a cabeça no ombro dele.

Beth e Jarrick sentaram-se na fileira detrás, e Beth tocou o ombro de Margret enquanto se instalavam em seus lugares. Ela queria que Jarrick pudesse aproximar-se dela de forma tão reconfortante, mas era suficiente agora apenas tê-lo ao lado dela. O Sr. e a Sra. Montclair, além de Victoria se juntaram a eles, bem como Lise, Emma e o Monsieur Laurent.

O pai levantou-se, foi até a frente do salão e pigarreou.

— Bem, quase todos vocês já souberam das informações mais recentes. Mas quero saber se vocês tem alguma dúvida — e também queremos orar juntos. Alguém tem alguma pergunta antes da oração?

— Que horas o trem está programado para chegar? — A voz de John foi a primeira a ser ouvida.

— Acreditamos que deve chegar na estação dentro de meia hora. Esperamos um telefonema que vai nos informar o que vai acontecer, de uma forma ou de outra. Claro, estamos orando para que

as moças sejam detidas e que rapidamente possamos coletar as informações delas.

Beth soltou uma respiração curta e virou o rosto para Jarrick.

— Eles deviam interrogá-las separadas — ela sussurrou. — Acho que Penny pode falar se Jannis não estiver por perto.

Jarrick concordou com a cabeça.

— Você deveria dizer isso a ele.

— Pai? Beth se esforçou a falar. — Pai, é possível dizer às autoridades que talvez Penny e Jannis devessem ser separadas na hora em que forem detidas? Acho que se forem mantidas juntas, elas ganharão força uma da outra e estarão menos dispostas a cooperar.

— Os policiais devem receber essa informação. Obrigado, Beth. — Ele olhou ao redor da sala. — Emile, você poderia mandar o recado?

O Monsieur Laurent se levantou na mesma hora e partiu.

As mãos de Beth tremiam no colo. Ela fechou os olhos e tentou não imaginar a cena, mas os rostos estavam flutuando diante de seus olhos. Primeiro Penny e Jannis, depois Julie. *Por favor, Deus, faça que aquelas duas sintam alguma compaixão pela Julie. Faça que elas estejam dispostos a colaborar com o que sabem.* Beth sentiu uma mão cobrir a sua. Os dedos apertaram ligeiramente, afrouxaram, mas continuaram a segurar os dela.

A Sra. Montclair falou do lado oposto da sala.

— Encontraram alguma coisa a respeito do rapaz? Faz tempo que não ouvimos falar dele.

William balançou a cabeça.

— Até agora nada. Ele parece ter escapado.

— Meu filho Edward, sabem, não conseguiu encontrar uma única foto dele. O rapaz foi esperto o bastante para não deixar que fosse fotografado.

— Sim, Edith, parece que foi isso mesmo. Portanto, não temos nenhuma notícia do paradeiro dele neste momento.

— Será que Jannis e Penny eram os nomes verdadeiros dessas moças? — A voz de Margret soou quase baixa demais para ser ouvida.

— Não sabemos. As passagens não foram compradas com esses nomes, mas não há como saber quais podem ser os corretos, ou há

quanto tempo elas escondem suas verdadeiras identidades.

Será que a história do nome vergonhoso de Penny é uma invenção? Mas por que alguém inventaria tal mentira? Para que a Julie fosse empática, e visse as moças como vítimas? Então Beth se lembrou da briga que ouvira entre as duas.

— Pai — ela falou em voz alta —, uma vez, quando pensaram que estavam sozinhas, eu as ouvi chamando uma à outra por esses mesmos nomes.

— Isso é útil, Beth. Obrigado.

O pai esperou mais um momento, passando os olhos por todos os presentes na pequena sala.

— Se não houver mais perguntas, acho que devemos orar agora.

Uma agitação geral se seguiu quando todos mudaram de posição juntos. Ao lado de Beth, Jarrick se inclinou para a frente e inclinou a cabeça. Beth sentia-se grata por Jarrick não ter lhe soltado a mão. Eles clamaram fervorosamente pedindo misericórdia, para que a verdade prevalecesse. As orações de Beth estavam focadas em Nick. *O Senhor sabe onde ele está, meu Deus. Ele não pode se esconder de Ti. Fale ao coração dele. Que o Nick se arrependa agora mesmo. Que ele seja esmagado pelo enorme peso desses atos...* Então o som de um homem pigarreando na parte de trás do salão encerrou o momento de oração. Os presentes na capela foram atingidos por um silêncio cortante, enquanto o policial caminhava para a frente. Ele se inclinou para sussurrar no ouvido de William.

— Está tudo bem, oficial. Estamos preparados para ouvir o que o senhor descobriu.

O homem limpou a garganta mais uma vez.

— As mulheres não estavam no trem — ele anunciou. — É possível que nem tenham embarcado no trem. Mas pode ser também, e eu acho mais provável, que desceram em algum lugar ao longo do caminho e trocaram de trem. Ou se encontraram com outra pessoa, alguém que já planejavam encontrar. Mas, de qualquer forma, elas não estavam a bordo.

Beth fechou os olhos e soltou a respiração devagar. Ela sentiu a mão de Jarrick apertar a sua mais uma vez. Não havia lágrimas. *Talvez o reservatório esteja completamente esgotado*, ela pensou.

— Daria praticamente qualquer coisa por uma caminhada.

Jarrick suspirou com ela.

— Tenho certeza que sim. Creio que tenha ficado aqui confinada durante todo esse tempo. Não podemos sair ao ar livre, mas com certeza deve ter uma varanda, um deck na cobertura ou algo assim — ele agregou.

Beth lembrou-se de que Victoria estava tocando violino em uma espécie de pátio. Ela percorreu o quarto lotado com o olhar e sussurrou:

— Daqui a pouco estamos de volta.

A mãe a encarou curiosa, mas o pai apenas assentiu. Jarrick seguiu Beth para o corredor.

— Acho que pode haver um pátio no telhado — ela explicou. — Não tinha pensado nisso antes. Mas é certo que podemos encontrá-lo.

Beth escolheu as escadas e começou sua jornada para cima, sentindo logo em seguida o alívio por estar longe da atmosfera sufocante e sombria.

A tensão nos músculos enquanto subiam foi muito bem-vinda, depois de tanta inatividade. Depois que passaram por lances de escada, Jarrick perguntou:

— Como você está, Beth? De verdade?

Beth se deteve e se virou para ele, na esperança de que Jarrick estivesse preparado para a honestidade.

— Estou sentindo tudo ao mesmo tempo, eu acho. Estou com raiva, triste e assustada, e tudo mais forte do que já senti antes. Mas estou *tentando* ser forte... pela minha família. Pela Julie. Mas me sinto tão... tão perdida. Tão impotente.

Jarrick apontou para os degraus e Beth sentou-se ali mesmo. Ele se sentou ao lado dela, esticando as pernas e inclinando um cotovelo contra o corrimão, o outro em um degrau atrás deles.

— Não consigo nem imaginar. Queria que houvesse algo que eu pudesse dizer, mas...

— Não há nada — ela exclamou balançando a cabeça e

esperando que ele entendesse.

— Eu posso ouvir, Beth.

Aquelas palavras foram ditas com tanta gentileza que ela soube que ele estava sendo sincero.

— Não quero falar sobre isso agora. É coisa demais — ela conseguiu. Eles ficaram sentados em silêncio, e vários minutos se passaram. Por fim, Beth perguntou: — Como você conseguiu vir, Jarrick? E o seu trabalho? E a longa distância... ?

Ele sorriu.

— Essa é uma história até que divertida, Beth. Falei com Lester Carothers, o senhor com quem conversei da igreja. Contei a ele o que estava acontecendo, e jamais me esquecerei qual foi a resposta dele. — Beth virou-se para olhar para Jarrick enquanto ele continuava, um brilho gracioso em seus olhos. O Lester disse: — ‘Sei que considera seu trabalho importante, filho... e é mesmo. Mas tem um monte de homem que pode preencher seu lugar. Deixar um emprego para trás é como tirar um punho de um balde de água^[13]. Você não deixa uma lacuna de verdade. Mas uma família — bem, isso é completamente diferente. Quando está distante daqueles que mais precisam de você, isso deixa uma lacuna que ninguém mais pode preencher’. — Beth não pôde deixar de sorrir ao vê-lo retratar o sotaque de seu amigo. — Então disse aos meus superiores que era uma emergência familiar, e peguei o primeiro trem expresso que pude encontrar vindo para essa direção. — Ele riu. — Eu ia vir de avião com o Edward, mas o avião que ele conseguiu localizar tinha apenas de dois lugares, e nós concordamos que era melhor se um dos lugares fosse deixado para o piloto.

Com a garganta contraída com risos e lágrimas ao mesmo tempo, Beth reclinou-se para o lado dele. *Jarrick está me incluindo na família dele. Ele veio para preencher a cratera deixada pela ausência dele.*

— Obrigada — ela sussurrou. Ele tem razão. O Sr. Carothers tem razão. Ainda bem que você está aqui, Jarrick.

Jarrick a abraçou. Eles ficaram sentados em silêncio confortador. Naquele momento, não havia outro lugar que ela preferisse estar que naquela escada quente e empoeirada... com Jarrick.

Capítulo 31

— Edward entregou o restante das fotografias — disse a mãe. — Estão naquela caixa na mesa, se quiser olhar.

— Não, obrigada, mamãe. Quem sabe depois.

Beth estava ciente de que haveria fotos de Julie — de todas elas juntas. Ver os sorrisos, lembrar das experiências felizes e compartilhadas era muito doloroso.

JW entrou exuberante pela porta, arrastando o pai pela mão, e Margret logo atrás.

— *Fofó!* — o garotinho exclamou — *O papá chegou.*

— Eu vi, querido. Estou tão feliz.

— *Nós tamo mincano cos carro.*

Beth entendeu os sentimentos conflitantes de John enquanto seguia mais contido o filho saltitante para o quarto — o comportamento animado, sem se deixar perturbar pela emoção que pairava no aposento.

Priscilla passou a mão sobre a cabeça do menino.

— É muito bom vê-lo tão feliz. Você é o nosso pequeno raio de sol.

JW olhou para a avó intrigado. Ele tentou:

— *Bajur, titi Bet. Papá táqui.*

— Posso ver seus carrinhos? — Jarrick saiu da cadeira e foi até o chão. — Você vai mostrá-los para mim?

As mãozinhas gorduchas ergueram o par de veículos minúsculos.

— Viu. *Malelo e vede.*

— Você falou ao contrário, filho. — John agachou-se. — Este é o amarelo e este é verde.

— Tá bom — o garotinho concordou com tranquilidade, segurando os carros mais uma vez para mostrá-los exatamente como antes. — Malelo e vede.

Jarrick riu.

— Não são bonitos? Novinhos e brilhantes. Pode me mostrar como funcionam?

Sem precisar de maiores incentivos, JW deitou-se de bruços no chão e começou a empurrá-los sobre o tapete.

— Brrrrr — ele soltou.

Margret parou na caixa de fotos por um instante, pegou uma ou duas do topo da pilha. No entanto, logo as abandonou. Beth tinha certeza de que neste momento, Margret sentia o mesmo que ela a respeito de tais reminiscências. O único som era JW brincando com o pai e Jarrick no centro da sala.

Por fim, Beth se rendeu à ideia de tentar outra noite de sono adequado. Ela reuniu seus poucos pertences e foi em direção à porta. Jarrick correu para acompanhá-la pelo corredor, hesitando enquanto destrancava a porta do quarto que agora compartilhava com Emma e Miss Bernard. Ela trocara de quarto para que Margret, John e JW pudessem ficar com ele. Jarrick tinha ficado numa cama extra no quarto do Monsieur Laurent. Beth se questionava por quanto tempo eles poderiam manter a harmonia, hospedados em quartos lotados.

— Eu gostaria de ter visto as fotos — ele admitiu lentamente. — Entendo que você ainda não esteja pronta, mas talvez, quando a Julie retornar... talvez possamos achar um momento para que você me mostre, para me contar tudo sobre a viagem.

— Você ainda acha que ela vai ser encontrada?

— Claro que sim.

A voz de Jarrick parecia confiante, mais confiante do que Beth poderia aguentar.

Ela se encostou no batente da porta.

— Não consigo deixar de pensar no que está acontecendo com ela. E mesmo enquanto estou desejando o melhor, parece improvável que ela não esteja... não esteja machucada uma hora dessas.

Os lábios de Beth tremiam.

— Você não sabe, Beth. Precisamos esperar pelo melhor.

Jarrick se aproximou dela, mas Beth se afastou.

— Já se passaram quatro longos dias, Jarrick, e *parece* que foi muito mais. Deve ser uma eternidade para a pobre Julie. — A voz dela estava tensa, suas palavras pontuadas com agonia. — E eles já têm o dinheiro. Se fossem entregá-la isso já teria acontecido. Posso entender muito sem que ninguém diga em voz alta. — Beth olhou para baixo, derramando mais perguntas. — Diga-me a verdade, Jarrick, por que estariam mantendo ela presa? Será que ela já está *morta*? O que eles *querem* com ela?

Beth sabia que sua voz ficara de repente mais alta no final de sua explosão.

Ela observou Jarrick ficar mais tenso com a gravidade de sua emoção perturbada, e ele contraiu a mandíbula enquanto pensava no que dizer. *O que ele vai dizer? Será que vai responder minhas perguntas com franqueza? Posso confiar na resposta dele?*

— Beth... — Ele olhou nos olhos dela. — Duvido que eles tenham matado a Julie. Ela tem mais valor para eles se estiver viva. — Pigarreando, ele acrescentou: Eles podem mantê-la prisioneira para seus próprios propósitos... ou quem sabe vendê-la para obter mais lucro.

— *Vendê-la?* — As palavras vieram sem nenhum fôlego. — Vendê-la? Uma mulher, um *ser humano*? Quem faria — *poderia* — fazer uma coisa dessas?

— É escravidão, Beth. É tão antigo quanto a civilização, eu acho.

Beth sentiu seu rosto contrair com o pensamento.

— É terrível.

— Sim, é. — Ele se aproximou, abaixando a cabeça. — O que posso fazer, Beth? Diga-me o que fazer. Quero tornar as coisas mais fáceis, e temo que possa ter aumentado sua dor.

Beth se ergueu e levantou a mão, com a palma para fora.

— Não, não é nada que você disse. São coisas que já tinham me ocorrido, que já estava imaginando. — Ela se afastou de Jarrick e sentiu o batente frio contra as costas. — Eu preciso ficar sozinha, Jarrick. — Beth prendeu a respiração. — Ao mesmo tempo, tenho tanto medo de ficar sozinha, nada parece certo, nada ajuda.

— Você nunca está sozinha — ele sussurrou. — *Eu* não posso ser o que você precisa agora, mas Deus pode. Estou orando por você, Beth. Em quase todos os momentos. Pela Julie também, mas estou pensando em você o tempo todo. Sei que a sombra pela qual caminha

agora a está levando para onde eu não posso seguir. Só Deus é o suficiente para você agora.

Balançando a cabeça, Beth recuou para dentro do quarto. Os olhos dele estavam bem fechados quando Beth fechou a porta, deixando-o de fora. A tristeza que viu no rosto dele queimaram em sua memória. Era o que ela merecia — ficar sozinha, sem ser confortada — as palavras acusadoras girando em sua mente.

— Oh, Deus — ela sussurrou. — Por favor, me castigue. — A conhecida ladainha era tudo o que ela podia pensar em dizer. — Por favor, poupe a Julie e deixe as consequências caírem sobre mim. Eu devia tê-la impedido, por que não a detive? Faça o que quiser comigo, mas por favor traga a minha irmã para casa. O mundo era de fato mal e Beth entendia isso agora. Tão mal quanto os contos da história de Melville.

Beth enfiou-se debaixo das cobertas sem se despir e chorou — sentindo-se totalmente devastada. Em algum momento, ela percebeu que Emma e a Srta. Bernard haviam entrado no quarto. Mas ela ficou quieta, sem reconhecer a presença delas.



Beth acordou ao som de ruídos no corredor — passos e sussurros enquanto passavam pela porta. Ela ficou parada, quase sem respirar na escuridão, lágrimas descendo pelo rosto.

Um vislumbre de esperança começou a agitar seu coração. Ela se viu recitando vez após vez o Salmo conhecido. *O Senhor é meu pastor... o Senhor é meu pastor... Jarrick tem razão.* Beth nunca havia entendido isso antes, que nenhum homem, nem *pessoa*, poderia ser o suficiente. Somente Deus poderia conduzi-la em meio a tanta dor, mesmo a dor final que ela não se atrevia a colocar em palavras.

Não terei necessidades... ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum.

— Meu Deus, estou com tanto medo. *Faça-me* confiar em Ti, se for preciso. Ajude-me a saber com todo o meu coração que não preciso viver com medo. Não tenho que ceder aos meus piores medos.

Porque Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me consolam.

Preparas-me uma mesa na presença dos meus inimigos.

— Senhor Deus, por favor, faça isso pela Julie. É ela que está na presença dos inimigos. Cuide dela lá — se ela for forçada a ficar.

Unges a minha cabeça com óleo; o meu cálice transborda. Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.

— Este não é o fim, Pai — ela sussurrou no travesseiro. Sustente-nos em tudo isso. Não podemos carregar um fardo tão grande sem o Senhor. Sei que não posso suportar isso sozinha. Mas por favor, por favor, leve-me a um lugar onde eu possa louvá-Lo mais uma vez. Eu sei — tenho certeza — que é para esse lugar que essa situação me levará, se apenas eu conseguir ser fiel, confiar em Ti, não desistir. O Senhor prometeu. Ajude-me a confiar em Ti através *de qualquer situação*.

As orações mais sombrias que fizera nos últimos dias tentaram penetrar as margens de sua consciência. O Senhor não odeia Nick, não é, Senhor? Ou as moças. O pecado deles não define quem o Senhor os criou para ser. Para ser franca, não sei como me sentir a respeito de pessoas tão nocivas. Ela viu mais uma vez o rosto de Davie Grant, de Coal Valley. Lembrou-se que havia orado por ele quando soube, pela carta de Jarrick, sobre o julgamento dele — ficou aliviada ao lembrar que a justiça ia ser feita... mas que Jesus seria o Advogado de Davie, se ele apenas se rendesse à misericórdia de Deus. *Será que poderia ocorrer o mesmo com o Nick — com a Penny e a Jannis?*

— O Senhor entende minha raiva, Pai. Mas Tu não és um Deus de ódio. Por favor, perdoa-me. Não importa o que aconteça, quero segui-Lo com todas as minhas ações e todo o meu coração. Mas não posso fazer isso sem Tua ajuda. Por favor, coloque Seu amor em meu coração, o Seu desejo de misericórdia, que está acima da vingança. O rosto perturbado de Jarrick encheu sua mente. A luta que enfrentara com todas as emoções confusas fez que Beth se afastasse dele também — alguém tão importante para ela, alguém tão ansioso por demonstrar graça.

— Eu vou falar com ele, e dizer o quanto lamento. Tenho certeza de que ele também está se sentindo muito infeliz. Mas Jarrick estava disposto a ser honesto comigo, Pai. Dolorosamente honesto — mesmo em um momento tão difícil, e isso é muito importante para mim. Sou grata por isso.

Antes que o sol nascesse, uma batida brusca na porta fez Beth sentar-se na cama. Ela ouviu quando Emma abriu a porta, e a luz do corredor entrou pelo chão. Beth apertou os olhos e levantou a mão para protegê-los da claridade.

— Beth? — O pai chamou passando pela Emma. — Estamos

precisando de você. Por favor, venha agora.

Como já estava vestida com roupas de ontem, ela correu atrás do pai. Ele estava batendo na porta de Margret e instando-os a virem.

Reunindo-se no quarto da mãe, Beth esperou com impaciência pela chegada de Margret e John, com robes jogados em volta dos ombros. O pai entrou e assumiu uma posição no centro, aproximando a mãe ao lado.

— Receberam um telefonema hoje de manhã cedo na recepção do hotel. Um oficial estava à disposição, monitorando apenas essas chamadas — explicou William.

Beth e Margret arfaram e disseram em uníssono:

— O que disseram?

O pai respirou devagar.

— Parece que foi o rapaz, aquele que fez amizade com a Julie, embora ele não tenha se identificado pelo nome. — Beth tinha medo de respirar. Percebeu que estava começando a tremer. *Nick*. — Ele admitiu que fez parte da armação do sequestro — conspirou com as duas meninas desde o início para entregar Julie para homens da região da Filadélfia.

— Por que, pai? Por que a *Julie*?

— Presumo que procuravam um alvo fácil, uma moça jovem, abastada... desprotegida.

A expressão no olhar do pai apunhalou o coração de Beth. *O papai está se culpando, triste por não estar presente.*

Beth pensou no comportamento de Julie e até no seu. Como foi fácil ela ter se tornado um alvo. O primeiro dia no mercado foi apenas o esforço de Nick para identificar perspectivas. Talvez as pílulas administradas no início tenham sido na verdade um teste para confiança cega e ingenuidade, ou algum tipo de medicamento que não funcionou como planejado. E a farta generosidade de Julie, sem dúvida, aumentou seu desejo por mais... o binóculos roubados apenas mais uma tentativa de lucrar com sua amizade. É provável que Beth nunca saberia, jamais teria a oportunidade de fazer as muitas perguntas. Mas em seu coração reconheceu que sua própria credulidade, bem como a de Julie, havia deixado as duas numa situação de terrível vulnerabilidade. Aquela era uma realização esmagadora.

A voz do pai invadiu os pensamentos de Beth.

— O rapaz disse que, pelo que havia entendido, Julie ia ser devolvida assim que o dinheiro fosse recebido, que antes mesmo de saírem de New England para seguir cada um seu caminho, ele foi informado de que Julie estaria segura em casa novamente. Também acusou as moças, a quem admitiu ter sido apresentado apenas para este trabalho.

Beth pôde ouvir o suspiro da mãe.

— Ele nos deu algumas boas informações também — pai prosseguiu resolutamente. Ele afirmou que ela foi levada para mais longe pelos outros envolvidos, que Julie foi levada para outro estado em um caminhão de leite.

— Oh!

O gemido da mãe ecoou pela sala. O pai a pegou pelo braço e a levou para uma cadeira.

— Mas o rapaz disse que ia dar uma descrição do lugar para onde provavelmente estavam levando nossa Julie — continuou William. — Ele disse que não podia ter certeza, mas esperava que estivesse correto.

Beth implorou:

— Ele disse à polícia onde ela está?

— É possível que tenha dito. Enviaram carros e telefonaram para a polícia da área. Todos eles devem estar indo para a fazenda em breve.

— Ela está em uma fazenda?

— Estamos esperançosos. É a melhor pista que tiveram até hoje.

O que será que levou o Nick a fazer o telefonema? Será que se arrependeu de suas ações anteriores? Será que se lembrou da conversa que tivemos? Beth sentia a cabeça zunindo com tantas perguntas enquanto esperava que o pai continuasse. Em vez de prosseguir com o relatório, ele fechou os olhos e começou a orar em voz alta pela intervenção de Deus neste momento. Beth se rendeu às lágrimas que escorriam pelo seu rosto, e que agora admitiam certa esperança.



Saber que a polícia logo estaria na fazenda indicada, que iriam descobrir e recuperar Julie, ou que ela não seria encontrada, fazia o

tempo praticamente parar. Beth olhava para o telefone, forçando-o com sua mente a tocar.

Uma hora se passou, depois duas. Era incomum, mas comovente, ver a mãe no colo do pai, com a cabeça apoiada no ombro dele. Beth estava ao lado deles na segunda cadeira. Jarrick e Monsieur Laurent também foram convocados no meio do sono. Eles esperavam juntos do outro lado da sala. Beth decidiu que conversaria com Jarrick em breve — mas neste momento só conseguia orar pela Julie. Margret e John estavam amontoados no canto.

À medida que cada hora passava, parecia cada vez menos provável que houvesse um resultado positivo. *Será que a Julie desapareceu para sempre?... será que houve algum impasse cercaram a casa... e houve um furiosa troca de tiros?... Edward estava com eles, com a pistola engatilhada... Mas se os captores fossem mortos, quem poderia informar onde Julie estava?* A mente de Beth era uma apavorante espiral de imagens assustadoras e conflitantes. Parecia haver tão pouca possibilidade de que ocorresse um fim pacífico.

O pai orou:

— Faça-se a Tua vontade. — Beth repetiu as palavras inúmeras vezes. — Tua vontade, Deus. A Tua vontade. Eu escolho confiar na Tua vontade. Ajude-me a confiar em Ti até mesmo nisso — em especial nesse caso.

O ruído do telefone soou pela sala. O pai estendeu a mão e o levou ao ouvido.

— Sim, aqui quem fala é William Thatcher. — Uma pausa. — Sim, entendo. — Outra pausa. Beth apertou as mãos em agitação, cravando as unhas nas palmas das mãos. Papai deu um rápido aceno para a mãe. — Sim, senhor. Obrigado, senhor.

Ele colocou o receptor de volta no suporte, exclamando:

— Eles a encontraram. Ela está viva, em segurança. Louvado seja Deus!

Capítulo 32

Uma grande comoção cercou a família enquanto juntavam seus pertences e carregavam para os táxis que iam para a estação de trem. Embora tenham sido rápidos para organizar as coisas após o telefonema, Beth sentia que não era rápido o suficiente. Julie fora levada para um hospital numa pequena cidade no estado de Nova York, perto da fazenda onde havia sido descoberta. Beth e a família foram instruídos a irem de forma imediata, resultando em uma agitação alegre e frenética. Por baixo de tudo isso, Beth não conseguiu abandonar o medo do que poderiam encontrar.

— Não temerei mal algum — ela orou. — Não temerei o mal. Meu Deus, só quero abraçar a minha irmã outra vez.

O Monsieur Laurent estava enviando a família primeiro, ficando responsável por cuidar de todos os detalhes restantes. Jarrick optou por ficar para trás para oferecer qualquer assistência que pudesse no processo. Beth se perguntou se também poderia estar se escusando para que a família pudesse ter esse momento sem a presença dele, que era ainda um estranho para a maioria. Os Montclairs planejavam retornar a Toronto, junto com Emma e Lise.

Beth não pôde embarcar no trem rápido o bastante. Ela se apressou para encontrar seu banco, abrindo espaço para Margret e John. Apenas o bebê parecia não estar sendo afetado por todo a confusão e antecipação.

Julie está viva, mas será que vai ficar bem? E como seria sua cura emocional? Isso pode levar muitos meses...

JW bateu na janela de vidro, acenando adeus aos estranhos de pé na plataforma abaixo. Ele tentou usar a nova saudação, “*bojur*”, com quem quisesse ouvir.

Virando os olhos para a janela enquanto se retiravam, Beth viu a estação desaparecer e, em seguida, os postes do telefone passando, fazendo seus olhos fecharem. Ela só despertou quando o condutor gritou que haveria uma parada e a mãe deu um tapinha em seu braço.

— Beth, estamos chegando. Você dormiu o caminho todo.

Beth sentou-se ereta e observou o pequeno compartimento, grata por ver todos os rostos familiares juntos. Apenas Julie estava ausente entre eles — *Julie e Jarrick*, ela pensou.

— Sei que precisava do descanso, querida, mas você acabou perdendo o almoço — disse a mãe.

— Tudo bem, não estou com fome.

— Não, querida, mas você vai desaparecer se não começar a comer mais.

Beth sorriu para o conhecido sermão da mãe. Foi um alívio sentir que as coisas já estavam começando a voltar ao normal. O pai tinha razão. A agitação da mãe em cima das filhas era apenas sua forma de amar.

Edward estava esperando na plataforma enquanto os Thatchers desciam os degraus.

— Julie já está se sentindo muito melhor! — ele anunciou. — Só está, é claro, muito ansiosa para ver todos vocês.

Dois táxis à espera os levaram para o hospital, e em apenas alguns minutos, cruzaram a pequena cidade. Beth seguiu os passos da família atrás de uma enfermeira vestida de branco, saltos rangendo a cada passo que dava por uma série de corredores até o quarto de Julie.

A mãe desapareceu pela porta primeiro. Beth pôde ouvir Julie exclamando:

— Oh, mamãe! Você está aqui!

Havia muitas lágrimas e um emaranhado de braços ao redor daquela filha e irmã. Ninguém fez perguntas ou comentou sobre os eventos recentes. Haveria muito tempo depois para conversa. Era suficiente, por enquanto, apenas cercar a cama de Julie e agradecer fervorosamente a Deus.



Na manhã seguinte, enquanto os pais conversavam com o médico, Beth ajudou Julie a vestir as roupas que trouxeram.

Beth se esforçava, seus dedos pareciam desajeitados e ineptos enquanto ela erguia a abertura sobre a cabeça de Julie, para passar o

braço enfaixado pelas tiras do vestido, fingindo não perceber os hematomas no outro pulso de Julie. *O que aconteceu com a nossa querida Julie?* Beth estava com muito medo da resposta para ousar fazer uma pergunta — qualquer pergunta.

— Eu estou bem, de verdade — Julie murmurou afinal, sua voz se contraindo enquanto sussurrava. — Não há nada de errado comigo, Bethie... nem nada de que não vá me recuperar.

Beth franziu o rosto de leve, embora ela tentasse falar com calma.

— Eles *machucaram* você?

Antes de responder, Beth pôde perceber que Julie também estava se esforçando para se compor.

— Eu não estou tão mal quanto achava que estava. — Julie parou mais uma vez com o semblante aflito. — Os homens... bem, eles eram muito brutos. Creio que o grandalhão careca não teria dificuldade nenhuma em ser cruel. Mas o mais baixo ficava lembrando o outro de que eu era o “ganha pão” deles — e se quisessem pagar as dívidas, teriam que me entregar sã e salva.

As palavras eram terríveis e desprezíveis. Beth enxugou as lágrimas no rosto de Julie com o lenço. *O que devo dizer. Será que há algum conforto para oferecer?*

— Você está segura agora, querida. Nunca mais deixaremos que você seja levada.

Mas as palavras soaram vazias.

— Eu devia ter escutado você, Bethie.

Julie disse aquelas palavras em tom quase inaudível.

— Você não é a culpada de nada disso. Foram esses criminosos... e o Nick. Onde ele estava enquanto tudo isso estava acontecendo?

Julie se sentou na cama, abaixando-se com cuidado para calçar as meias enquanto falava. A ação parecia ajudar as palavras a saírem com mais facilidade.

— Ele era o responsável, isso é certo, mesmo que toda a ação não tenha sido ideia dele. — Julie pigarreou. Beth teve a impressão de que havia coisas que Julie precisava falar em voz alta... para alguém. — Pelo que entendi, foi ele que orquestrou os detalhes do meu sequestro, e parece que, ao fazer as coisas como fez, o Nick de certa maneira traiu a Penny e a Jannis. A ação devia ter acontecido em Bar

Harbor, mas ele tramou o segundo plano em Boston, para me entregar sem a participação das garotas. Então elas não receberam nada do dinheiro que esperavam.

Beth estremeceu, mas estava contente porque as moças não lucraram com sua parte no esquema.

Julie fungava, mantendo as mãos ocupadas com o curativo, evitando olhar para Beth.

— O motorista de táxi era um dos homens envolvidos. Eu percebi quase na mesma hora, quando não nos dirigimos ao Museu. O Nick levou-me direto para um armazém.

— Oh, Julie! Você não teve medo?

— Estava aterrorizada — em quase todos os momentos. Mas então consegui orar. Nunca orei tanto na minha vida! Ajudou muito. Mesmo que eu não tenha prestado muita atenção a Deus, parece que Ele está sempre prestando atenção em mim — disse Julie com o sorriso sem graça.

— Eles alimentaram você, cuidaram de suas necessidades?

— Um pouco. — Julie sorriu timidamente. — Não muito. Mas recusei a maior parte do que me ofereceram de qualquer maneira. Estava morrendo de medo de que pudessem me dar drogas ou algo assim, colocar algo na minha comida. Isso não teria me ocorrido, mas ficava me perguntando sobre aquelas pílulas que a Jannis deu a você.

Beth balançou a cabeça.

— Eu não consigo imaginar como Nick pôde ser tão impiedoso, como ele conquistou sua amizade e depois agir de forma tão bruta.

Julie fez uma pausa e observou as mãos pensativa.

— Você não vai querer ouvir isso, Bethie, mas ele não é tão ruim quanto você pensa.

— Oh, Julie!

— O Nick estava muito triste com as atitudes dele... no final. — Ela ergueu o rosto e suas palavras soaram ásperas como a lixa. — Pelo que ouvi, ele se meteu numa enorme enrascada, trabalhou para esses caras antes, roubando coisas que passava para outros criminosos venderem. De alguma forma, ele justificava todos esses erros por ter sido expulso da faculdade. — Julie balançou a cabeça lentamente. — Ele nunca superou essa suposta ofensa contra seu caráter. Creio que não ajudou o fato de ter crescido numa família que sentia que a mãe

dele tinha envergonhado a todos. — Julie enxugou os olhos frustrada. — Eu não sei... é evidente que o Nick não tem bússola moral. Tem um senso muito diferente do que é certo ou errado. Ele falou comigo em algumas ocasiões e na verdade, tentou justificar o que tinha feito.

— Oh, não, ele não fez isso!

— Suponho que, de certa forma, seu senso distorcido de justiça o levou a racionalizar a maior parte de suas ações, como se fosse justo ele tomar o que deveria ter tido, que a vida deveria recompensá-lo pelo futuro do qual havia sido retirado. E então, às vezes, ele parava de falar e apenas olhava para mim — que estava amarrada a um palete de madeira —, e eu podia ler no rosto dele a turbulência que vivia em seu interior. Havia lágrimas nos olhos dele. Nick era um homem devastado... no final. — Julie parou, se aventurando um olhar para Beth, mas suas lágrimas começaram de novo. Por fim, ela sussurrou: — Eu disse o perdoava, Bethie.

Beth arfou e cobriu a boca. *Como é que a Julie fez isso? Como ela havia dito essas palavras para quem a havia ameaçado? E enquanto ainda estava em perigo?* Beth pegou a blusa de Julie da cama e sacudiu, dando a si mesma um momento para recuperar a compostura. Então Beth deslizou a manga com cuidado sobre o pulso ferido da irmã e puxou a blusa para a posição para que Julie pudesse deslizar o braço descoberto pelo outro lado. Por fim, Beth disse:

— Estou... Estou muito orgulhosa de você, querida. E acho que Deus também está.

Julie começou o lento processo de abotoar a blusa.

— Estou feliz por ter dito isso naquele momento. Mais tarde, parece que Nick ficou arrependido o suficiente para entregar os parceiros, e não acho que os caras vão perdoá-lo por isso. Mas — Julie se forçou falar —, eu não sou mais a mesma pessoa, Bethie. Sinto-me muito mais velha... um pouco esgotada. É quase pior agora que acabou. Não sei se algum dia vou *confiar* em alguém de novo, como confiei no Nick — e na Jannis e na Penny. Não sei se alguma vez serei capaz.

Os braços de Beth abraçaram a irmã, agarraram-se a ela.

— Você não estava errada em gostar deles, Julie. Você não sabe a obra que Deus pode ter feito e ainda pode estar fazendo por causa de sua amizade com eles. Pode levar algum tempo até que você consiga se abrir e se sentir livre, mas creio que Deus a ajudará a confiar mais uma vez. E quanto ao Nick, só posso imaginar que ele será transformado para sempre por isso — por ter conhecido você e

recebido seu perdão.

Finalmente Julie estava vestida. Beth tentou dar um sorriso para o bem da irmã.

— Você está muito bem.

Julie se inclinou para a frente contra o ombro de Beth, com a boca perto do ouvido de Beth, e então ela sussurrou:

— Eu quase parti para sempre... é até difícil falar sobre isso... e não conte à mamãe. Os sequestradores iam me mandar para o sul em algum lugar, e duvido que vocês tivessem qualquer outra notícia minha.

Beth a apertou.

— Não, Julie, não. Se aprendi alguma coisa, é que os planos malignos nunca poderiam ter prevalecido contra um Deus que ama e mantém você.

— Amém — sussurrou Julie, mas ela estava tremendo nos braços de Beth.



Beth esfregou a cabeça dolorida. Com tudo o que tinha ocorrido, não tinha percebido o costumeiro latejar. Ela estava sentada em um canto da estação de trem, observando a família reunida ao seu redor. Por um momento, Beth considerou pedir uma aspirina para a mãe, mas decidiu não iniciar a habitual série de perguntas sobre como estava se sentindo. Era provável que eles dormissem no trem de qualquer maneira.

O pai tinha reservado compartimentos para dormir. O que era ainda melhor, o trem era expresso, o que significava que eles chegariam a Toronto pela manhã e em breve estariam na segurança de casa.

Beth ergueu o olhar para observar a pequena sala de espera. Havia poucas evidências do que havia acontecido recentemente. Era quase como se os últimos dias estivessem sendo colocados de lado de forma deliberada — pelo menos por agora. Mamãe e Margret estavam sentadas, tomando chá quente. Papai e John conversavam em tons baixos.

Beth pensou sobre Victoria, que já estava em casa com a mãe, e se perguntou se tinha conseguido incentivar a menina de alguma

forma. Beth conhecia suas próprias irmãs muito melhor agora. Estava certa de que o objetivo havia sido alcançado — embora não como ela imaginava. E a mamãe... Beth jamais se sentiria da mesma maneira a respeito dela. Ela tinha visto tamanha reserva de força, uma fé tão obstinada. Beth sorriu ao perceber o quanto queria carregar consigo essas características e valores.

Aparecendo contra as grandes janelas da estação, JW estava tagarelando e rindo, saltando dos braços do pai para os de Monsieur Laurent, encantado com toda a atenção.

Até Jarrick se juntou ao grupo de homens ao redor do garotinho, rindo das tentativas do menino de falar francês. JW e Monsieur Laurent eram os melhores amigos. Beth esperava que o monsieur pudesse manter contato com a família nos próximos anos, que JW pudesse ser uma espécie de neto que o Monsieur Laurent não conhecia antes.

Margret apoiou o braço nos ombros de Julie enquanto viam as fotos que estavam na caixa, lembrando-se das memórias mais felizes das viagens. O pai atravessou a sala e colocou uma mão no ombro de Beth.

— Você não está olhando as fotos com suas irmãs. Pode ser algo bom vocês partilharem juntas.

— Em breve — ela respondeu em tom baixo. — Muito em breve, pai.

— Você terminou meu livro? — ele perguntou, sentando-se no banco ao lado dela.

— Terminei. Mas quase desisti, é uma história tão sombria. Mas cheguei num ponto em que queria ver onde Melville estava indo com a história e onde iria terminar.

— Você está certa, é bem sombrio. Eu estava relutante em recomendá-lo — é muito triste. Mas agora, ao observar suas irmãs, acabei pensando no último capítulo, as palavras que senti que valeram a pena ler o romance. Eu memorizei essas palavras há muito tempo e pensava nelas com frequência enquanto estava longe de todas vocês. — O pai se recostou e começou: ‘Pois a cena do sofrimento é uma cena de alegria quando o sofrimento é passado; e a reminiscência silenciosa das dificuldades que partiram é mais doce do que a presença do leite’. Minha querida, talvez não tenhamos percorrido uma grande distância no caminho da recuperação, mas este é um começo considerável.

Ele apontou em direção à família — todos juntos e todos

estimados.

Beth concordou, uma dor que ela tentara ignorar tomando seu coração. *Será que era possível deixar todos eles? Viajar para o oeste a tempo de iniciar o ano letivo no outono? Parecia impensável no momento.*

Mas a carta finalmente chegou. Beth sentiu que essa poderia ser a peça do quebra-cabeça que revelaria a vontade de Deus, e ela iria embora para sempre — viajar de volta para Coal Valley e para o Jarrick.

O pai lhe acariciou o joelho e se levantou, deixando-a sozinha com seus pensamentos.

Com cautela, Jarrick se aproximou, e ficou de pé observando-a sem dizer nada. Beth tentou um sorriso sem graça. *O que ela iria dizer? O que será que ele pensa de mim? Ainda não me desculpei pela minha frieza em relação a ele. Jarrick me viu desmoronar enquanto o tempo todo ele permanecia forte.*

— Você gostaria de dar uma caminhada? — ele ofereceu-lhe a mão.

Beth estendeu a mão para tomá-la na sua. Os dedos dele se entrelaçaram com os dela enquanto a levantava com gentileza.

— Não podemos ir longe — murmurou ela. — Minha mãe... bem, ela fica preocupada.

— Eu entendo.

Jarrick assentiu e a levou adiante. Eles caminharam de mãos dadas pela fileira de portas mais próxima e saíram para a plataforma da estação, onde de repente se viram sozinhos.

Ele riu.

— Algo me parece estranhamente familiar. Esta é uma situação semelhante de quando me despedi de você — a pouco mais de um mês atrás. Será possível?

— Mas eu estava partindo sem você daquela vez. Desta vez você está vindo comigo.

Ele parou de caminhar e se virou para ela.

— Estou, Beth? Eu estou *com* você?

Beth olhou para as mãos deles. Os pequenos dedos dela estavam quase perdidos entre os dele.

— Eu não mereço você, Jarrick. Estou embaraçada e

envergonhada.

— Por que razão? Você ainda acredita que isso foi de alguma forma sua culpa?

— Não... bem, eu de fato não sei. Mas eu não suportei tudo como devia. Lamento muito pela forma como tratei você. Por quão ansiosa e... e...

— Quem poderia ter feito melhor? — Ele abaixou a cabeça e deu um passo adiante. — Você não tem que lidar com a vida sozinha. Não percebe isso? Em especial quando a vida dá uma reviravolta como esta. — Jarrick pegou a outra mão dela. — Tudo o que podemos fazer é continuar apontando a verdade uns para os outros — apontando para um Deus que nos ama e cuida de nós. Talvez seja isso que eu tenha buscado fazer por você desta vez, mas da próxima, eu posso precisar que você faça o mesmo por mim. Se tivéssemos que ganhar o favor de Deus sempre agindo com perfeição, todos sofreríamos como fracassados solitários.

Beth recostou a cabeça contra o peito de Jarrick, respirando o cheiro da loção de barbear que ele usara, enquanto processava aquelas palavras. Ela queria acreditar. *Seria um conforto confiar no amor dele, apesar de tudo.*

— Você tem uma família incrível, Beth. Eu entendo que você não queira deixá-los, pelo menos não agora. Então eu não acho que você deva se sentir pressionada pela oferta de emprego para este outono. Você deve tomar todo o tempo que precise com seus entes queridos — um tempo para buscarem a cura juntos. Isso é o mais importante agora. Todos vão entender. Seu pai até ofereceu para que eu ficasse em Toronto com vocês por algum tempo. Mas...

Fungando, Beth o instou bem baixinho:

— Mas o quê?

— Mas eu não sei em que pé *nós* estamos.

Por impulso, ela pegou a pétala de rosa que havia guardado no lenço aquela manhã. Lentamente, ela o desdobrou para que Jarrick pudesse ver o que havia ali.

— Jarrick — ela sussurrou, levantando a pétala —, você se lembra disso?

— É uma pétala de flores?

— Sim, de uma das rosas que você me deu.

— Você guardou, Beth?

— Eu guardei todas elas. — *É algo tão pequeno. No entanto, talvez expresse melhor o quanto Jarrick se tornou querido para mim.* — Carreguei uma delas comigo todos os dias... bem, quase todos. Fazia-me sentir como se você estivesse comigo... um pouco. Na verdade, receio não vou aguentar ficar sem você.

— Estou tão feliz em ouvir isso. — Ele pigarreou. Pegando a pétala seca da mão de Beth, ele a guardou com cuidado no bolso da camisa. A voz de Jarrick ficou embargada. — Uma pobre substituta por não estar aqui em pessoa quando você precisava de mim.

Beth soltou uma mão para enxugar as lágrimas que escorriam pelo seu rosto. Ela agarrou a camisa de Jarrick com a outra, aproximando-se dele.

— Você é tão gentil comigo, Jarrick. Eu não mereço...

Mas ele havia tocado um dedo nos lábios dela.

— Eu te amo, Beth — ele sussurrou com a voz rouca. — Não posso decidir quem vou amar?

Por alguns minutos, Beth não conseguiu falar. Por fim, ela soltou:

— Mas se eu disser sim, e depois? Como posso ter a certeza? Será que essa é a vontade de Deus, afinal?

Ele pigarreou mais uma vez, e respondeu com suavidade:

— Isso só Deus sabe. Mas não podemos deixar que a busca pela vontade dEle nos paralise. Creio que Ele nos uniu, então sei que posso confiar nEle. Estou disposto a deixar de lado meu medo do desconhecido em nosso futuro e tomar cada dia como vier. A Bíblia diz: “Reconheça o Senhor em todos os seus caminhos, e Ele endireitará suas veredas^[14]”. É a promessa de Deus. Você pode fazer isso junto comigo? Vamos deixar Deus dirigir nossos passos — mesmo que não vejamos para onde está nos levando? Pois creio que o que quer que Ele já tenha nos permitido passar juntos está apenas nos preparando para o que Ele tem reservado para nós a seguir. E sei que preciso de você ao meu lado para isso.

Beth se distanciou um pouco, e olhou nos olhos de Jarrick. A realidade do que ele dizia recaiu sobre ela, enchendo-lhe o coração. *Ele ainda me ama... me ama profundamente. Ele quer um futuro comigo, mesmo que não saibamos o que isso implicará... ou quando. E ele tem razão. Certamente parece que podemos confiar que a mão de Deus nos trouxe a este momento.*

Beth sabia, sem dúvida, de todo o coração, que também queria

Jarrick ao seu lado. Será que conseguiria comunicar que tudo o que mais queria naquele momento era ser abraçada? E ser beijada pela primeira vez — para sempre?

Ela nunca conseguiria dizer as palavras em voz alta. Havia alguma maneira de expressar tal pedido com o olhar? Ele estava olhando para ela de forma tão intensa. Lendo seu rosto. *Por favor, Jarrick, se você se aproximar de mim agora... é o que eu quero também.*

Jarrick se inclinou, pedindo silenciosa permissão a ela com sua hesitação. Beth inclinou o rosto e fechou os olhos. Ele a beijou devagar, suavemente, com os lábios persistentes. Por fim, ele sussurrou contra o rosto de Beth:

— Eu amo você, Beth. Nunca mais quero que me deixe.

Sobre as autoras

Autora de best-seller **Janette Oke** é celebrada por sua contribuição significativa para a indústria da ficção cristã. Seus romances venderam mais de 30 milhões de cópias, e ela recebeu o Prêmio do Presidente da ECPA, o Prêmio CBA Life Impact, o Medalhão de ouro e o Prêmio Christy. Seu romance *Quando chama o coração*, que apresenta Elizabeth Thatcher e Wynn Delaney, foi a base para uma série de filmes e televisão da Hallmark Channel de mesmo nome, e *Onde a coragem te chamar* conta ainda mais a história da família Thatcher. Janette e seu marido, Edward, vivem em Alberta, Canadá.

Laurel Oke Logan, filha de Edward e Janette Oke, é a autora de *Janette Oke: um coração para a pradaria*, assim como o romance *Dan's Valley*, que co-escreveu com sua mãe. Laurel e seu marido têm seis filhos e dois genros e moram perto de Indianápolis, Indiana.

[1] N.T. A CP Ship foi uma grande empresa de navegação canadense fundada no século XIX. Do final da década de 1880 até depois da Segunda Guerra Mundial, a empresa foi a maior operadora de navios a vapor do Atlântico e Pacífico no Canadá. [2] N.T. *voyageurs* eram comerciantes de peles que atuavam principalmente no Canadá e norte dos EUA. [3] Salmo 1:6 NAA [4] Salmo 3:4-5 NAA [5] Salmo 5:4-5 NAA [6] Salmo 7:11-12 NAA [7] Salmo 10:1-2 NAA [8] Salmo 10:4 NAA [9] Salmo 10:7 NAA [10] Salmo 10:15 NAA [11] Salmo 11:6 NAA [12] Romanos 12:21 NAA [13] N.T. A autora fez referência ao poema “There is no indisposable man” (*Não existe homem insubstituível*) de William M. Hurst. [14] Provérbios 3:6 NAA